



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

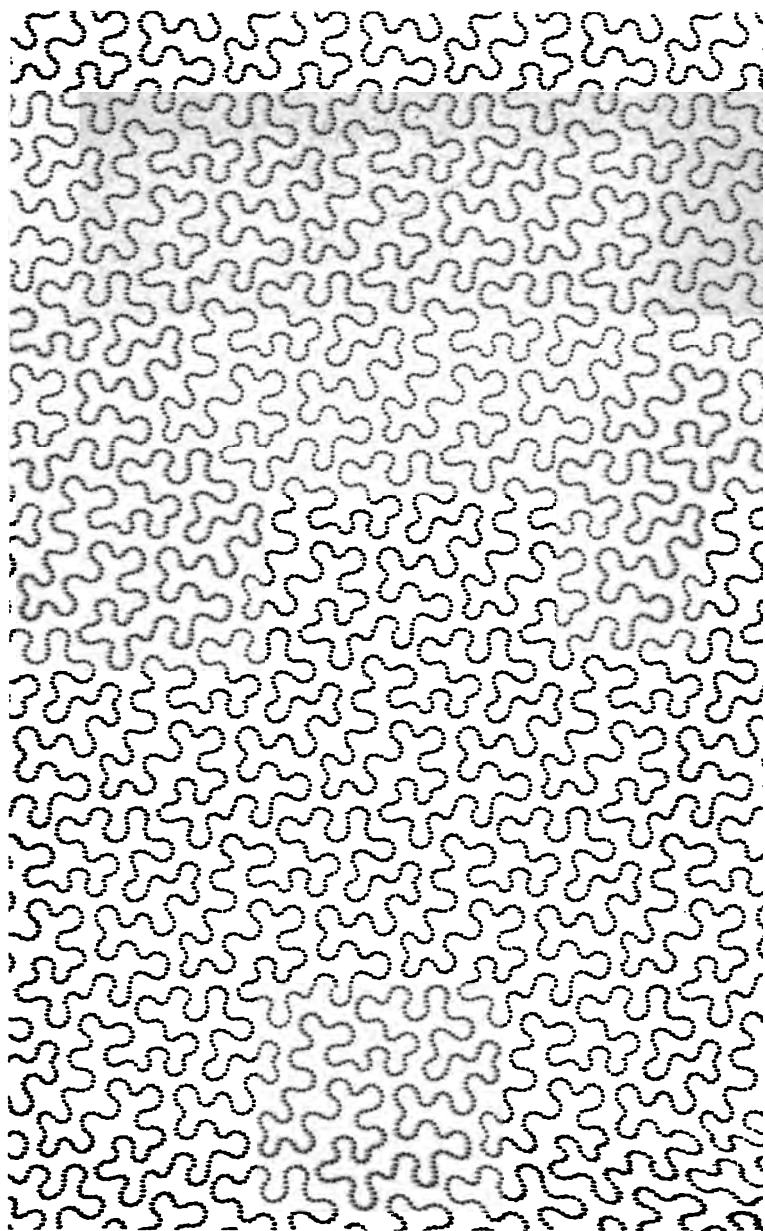
A 474005 DUPL

PROPERTY OF  
*University of  
Michigan  
Libraries*

1987

ARTES · SCIENTIA · VERITAS







1304/10

M.

J. R.

CAMÕES  
OS LUSIADAS

E A

RENASCENÇA EM PORTUGAL

# J. P. OLIVEIRA MARTINS

## OBRAS COMPLETAS

### I. HISTORIA NACIONAL:

- Historia da civilização ibérica**, 3.<sup>a</sup> ed. (1886). 1 vol.  
**Historia de Portugal**, 4.<sup>a</sup> ed. (1888). 2 vol.  
**O Brazil e as colonias portuguezas**, 3.<sup>a</sup> ed. (1888). 1 vol.  
**Portugal contemporaneo**, 2.<sup>a</sup> ed. (1883). 2 vol.  
**Portugal nos mares**, (1889). 1 vol.  
**Os filhos de D. João I**, (1891). 1 vol.  
**Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal**, (1891). 1 vol.

### II. HISTORIA GERAL:

- Elementos de anthropologia**, 3.<sup>a</sup> ed. (1885). 1 vol.  
**As raças humanas e a civilização primitiva**, (1881). 2 vol.  
**Systema dos mythos religiosos**, (1882). 1 vol.  
**Quadro das instituições primitivas**, (1883). 1 vol.  
**O regime das riquezas**, (1883). 1 vol.  
**Historia da republica romana**, (1885). 2 vol.  
**O Hellenismo e a civilização christian**, (1878). 1 vol.  
**Taboas de chronol. e geographia historica**, (1884). 1 vol.

### III. VARIA:

- A circulação fiduciaria**, *Memoria premiada com a medalha de ouro no concurso de 1878 pela Academia real das sciencias de Lisboa*, (1883). 1 vol.  
**A reorganisação do banco de Portugal**, *opusculo*, (1877).  
**O artigo «Banco»**, no *Dicc. Univ. portuguez*, (1887). 1 vol.  
**Politica e economia nacional**, (1885). 1 vol.  
**Projecto de lei de fomento rural**, *apresentado á Camara dos deputados na sessão de 1887*. 1 vol.  
**Elogio historico de Anselmo José Braamcamp**, *edição particular*, (1886). 1 vol.  
**Th. Braga e o Cancioneiro**, *opusculo*, (1869).  
**O Socialismo**, (1872-3). 2 vol.  
**As eleições**, *opusculo*, (1878).

CAMÕES  
OS LUSIADAS

E A

RENASCENÇA EM PORTUGAL

POR

J. P. OLIVEIRA MARTINS



PORTO  
Livraria Internacional de Ernesto Chardon  
CASA EDITORA  
LUGAN & GENELIOUX, SUCCESSORES  
1891  
Todos os direitos reservados.



869.8  
C180  
048

---

Porto — Typ. de A. F. Vaseoncellos — Sá Noronha, 51

---

63-197792

## PROLOGO

---

Ha bons vinte annos — mais de metade do tempo que ao homem é dado para andar por seu pé no mundo — achava-me eu fóra de Portugal, insulado em meio das charnecas bravias da Mancha, quasi sem mais livros do que as obras de Camões, na edição da *Bibliotheca portugueza*, e um Virgilio por onde aprendêra na escola.

O enthusiasmo que desde a infancia me produziam os *Lusiadas*, a inclinação espontanea do meu genio para as letras, a distancia da patria, as evocações inseparaveis da soledade, excitadas pelos aspectos de uma natureza agreste, e, por sobre tudo isso, a temeridade propria dos annos, levaram-me a escrever um livro, <sup>1</sup> de que a obra de hoje é directamente filha.

<sup>1</sup> *Os Lusiadas: ensaio sobre Camões e a sua obra, em relação á sociedade portugueza e ao movimento da Renascença.* — Porto, 1872.

Discutido, criticado, defendido, com vivacidade e até com acrimonia, esse volume desapareceu rapidamente das estantes dos livreiros; e d'então até agora não o quiz reimprimir, por entender que, na sua primitiva fôrma, ficava demasiadamente abaixo das exigencias do assumpto. Estava inçado de erros, continha puerilidades, carecia de ser refundido para não ser de todo indigno, nem do publico, nem, sobretudo, do culto que toda a minha vida tributei a Camões, e se acrisola tantò mais, quanto mais vou, ao descer para a velhice, vendo como desgraçadamente os tempos se repetem, e estes fins do seculo XIX se parecem com o acabar soturno do nosso seculo de ouro.

\*

Annos depois, em 1880, já regresso á patria, e assistindo ao Centenario de Camões, tornou-me o desejo de refazer a obra de 1872; porém as labutações da vida não me deixaram aquelle remanso e quietação de animo indispensaveis para o trabalho critico.

Dir-se-hia então que Portugal inteiro acordava para o arrependimento, e que o verbo camoneano, descendo em lagrimas de fogo, incendiava as almas portuguezas n'um d'esses renascimentos que ás vezes as nações experimentam, sacudidas pelas lembranças da historia. O tempo chamava-nos, pois, a todos, velhos e moços, para o campo da acção; e o melhor modo de prestar culto a Camões era, em vez de lhe commentar as obras, seguir-lhe os conselhos, levantando em pé, gloriosamente, a patria que elle tanto amou.

Para o verdadeiro diluvio das expansões d'esse

tempo, contribui eu tambem com o meu voto,<sup>1</sup> e ao publico peço desculpa de o inserir n'este logar como documento da genuinidade d'estas considerações retrospectivas.

Alegrem as festas de hoje, porque exprimem a alegria do povo. Ainda que elle apenas trate de se divertir nas funcções com que o Centenario se celebra, ainda assim é bom. Os mortos não dançam, nem cantam. Ainda que se diga *santanario*, ou *septenario*, e Camões se arrisque a uma canonisação á velha moda: ainda assim é bom. Se toda a gente fosse critico, friamente capaz de julgar e distinguir, todos seriam scepticos. E é indispensavel que ao lado do juiz se ouça o advogado, ao lado da critica a eloquencia. Nem faz mal um tudo nada de rhetorica. Os enthusiasmos e as illusões teem um nobre papel no concerto harmonico dos córos civicos. Uns teem a bossa da veneração admirativa, outros a bossa da independencia irreverente: cada qual, no seu logar, uma parte na orchestra.

E', porém, muito maior o numero dos primeiros do que o dos segundos, pela razão simples de que para admirar basta ter o coração aberto ás bellas impressões espontaneas. Para julgar e ser irreverente, é porém necessario ter nascido mais forte, ás vezes mais secco, e sempre susceptivel de governar o sentimento proprio — cousa rara. O povo, quando se extasia admirativamente, é incapaz de dar a razão do seu acto, porque é a si proprio que, por uma illusão subjectiva, se consagra no symbolo que venera. No dia de hoje Camões é ao mesmo tempo uma infinidade de typos para a infinidade de creaturas arrastadas pelo enthusiasmo do Centenario.

Para o atheu, é o atheu; para o republicano, é uma especie de Catão. O proprio petroleiro será capaz de achar no poeta um precursor; da mesma fórma que o erudito descobre um Camões *scholar*, e o reaccionario se acha retratado no amor do throno e do altar. O estouvado cria um Camões brigão; e o pacato e honrado mercador descrevel-o-ha homem de sereno porte, gestos medidos, bom filho, bom esposo, bom pae, economico, sabendo governar a vida,

<sup>1</sup> No jornal *O Commercio Portuguez*. — Pôrto, 10 de junho de 1880.

e capaz de ganhar dinheiro : um genio ! bem diverso d'estes poetas de agora.

Tal é a sorte de todos os homens eminentes que o povo ergue á altura de symbolos.

Ao lado do povo estão, porém, os que se dizem seus interpretes. Esses asseguram-nos hoje que o enthusiasmo do Centenario accusa, acima de tudo, como synthese, a profunda vitalidade do nosso patriotismo.

Deve ser assim. A sociedade *Primeiro de Dezembro* affirma annualmente a mesma cousa ; e todos os annos pelos fins de julho se ouvem foguetes e hymnos a proclamar o nosso amor pelo feliz systema que nos rege. Patria, Independencia e Carta são — ao que nos asseveram — veneradas com intimo fervor ; e o calendario romano está a pouto de ceder o logar ao nosso calendario politico.

Será, porém, louco atrevimento lembrar agora, no delirio da festa, que amanhã, quando se dissipar a fumarada das salvas, e os eccos dos hymnos se tiverem irradiado e perdido, voltará a repetir-se a palavra de hontem, a triste opinião arraigada da desordem da nossa vida, dos perigos creados pelos nossos erros ? O papel de cardeal-diabo, ou do escravo dos cortejos nos triumphadores na velha Roma, não é decerto brilhante, nem seductor, sem deixar por isso de ter sua nobreza.

As salvas, os hymnos, as procissões, os espectaculos, as luminarias, os foguetes, são cousas inoffensivas em si. A força dos sentimentos pôde tornal-as excellentes ; mas a tonta illusão de um povo desvairado pôde fazel-as perigosas. Os tiros ensurdecem, e o fumo cega. Estrondos e nuvens dissipam-se breve ; e para além, fica o silencio e o vazio. Quando os tiros teem pontaria e balas o canhão, o resultado é mais seguro. Cáem os baluartes por terra, e das ruinas surgem cidades novas.

O nosso pensamento é porém inteiramente pacifico. Quereriamos que as salvas do Centenario ferissem para deitar por terra o miseravel casebre de intrigas, de miserias, de cobiças, de insensatez, em que habitamos. Quereriamos que os hymnos fossem leis sábias, para restaurar a nossa anemias intellectual e economica. Quereriamos ouvir os côros de um povo eloquente e audaz, conscio dos seus direitos, fiel aos seus deveres, paciente para o trabalho, virtuoso para comsigo, nobre para com todos. Quereriamos vêr banida a mediocridade insulsa, a petulancia arrogante e chocha, a simonia, a abjecção — e azorragados todos os vendilhões.



Depois d'isso, as festas. O domingo vem no fim de seis dias de trabalho. Se este trabalho está feito, ainda bem! Folguem os que assim julgam, e bom proveito lhes faça.

Nós teimamos em acreditar que não está; e apesar do 9 de julho, apesar do 1.º de dezembro, apesar do dia de hoje, appellamos para uma prova mais segura, mais séria, mais difficil, embora menos espaventosa e brilhante do que os cirios e as luminarias. Camões escreveu um poema que foi um epitaphio, porque a sociedade que cantou acabou com elle. Os *Lusiadas* consagram as obras dos heroes. Pensamos nós acaso repetir-lhes as façanhas com o facil e commodo endeusamento do poeta?

Perigosa illusão que póde levar a suppôr-nos felizes e meritorios! Quando os *Lusiadas* se leram ao rei, tudo eram festas e esperanças no reino. Preparava-se Alcacerquibir. E todos acreditavam — incluindo o poeta em pessoa — que se ia conquistar Marrocos com a setta que o Papa mandára a D. Sebastião...

O melhor modo de consagrar os heroes é repetir-lhes as façanhas. Decerto os tempos mudaram, e ninguem pensa hoje em redimir o sepulcro santo. Com os tempos vieram ambições, desejos, idéas novas; mas os meios com que as idéas vingam, foram sempre, serão sempre os mesmos. São o character, a virtude, o heroismo, que valem decerto mais do que todas as luminarias. Nunca as festas de Athenas foram maiores do que depois de tutelada, por incapaz, pelos romanos. A Grecia, porém, nos bellos tempos de Eschylo, repartia as suas forças entre as pelejas e os debates; e terminada a guerra, votada a lei, solemnisava as grandes cousas que fazia.

Nós, que abusamos demais das glorias conquistadas por nossos avós, suppondo que ellas bastam para nos justificarem a fraqueza e os vícios, devemos considerar o Centenario como um incitamento a melhor vida: um *Confiteor* e não um *Gloria*. Penitenciemo-nos, pois.

Sa o Centenario ficar como expressão nova de uma basofia velha, melhor fôra não se ter feito.

\*

Infelizmente, doze annos de factos mostraram que o enthusiasmo de 1880 ardeu como a palha,

produzindo um clarão ephemero, por não se alimentar a chamma com a lenha de sacrificio, abnegação e arrependimento, sem as quaes as nações podem agitar-se em accessos de epilepsia mais ou menos mansa, mas não podem restaurar a severa e serena consciencia da força.

Os *Lusiadas*, portanto, voltavam a ser uma saudade, dissipada a esperanza de um momento. A critica tornava a exercer o seu papel de consoladora e mitigante, nas horas de desalento em que sentimos os braços quebrados para a acção. Camões tornava a pertencer á historia de um passado extincto, desde que o bafo morno da impenitencia lhe varria para longe a imagem desenhada nos horisontes luminosos de um dia.

Muitas e muito boas obras, aqui e lá por fóra, vieram remoçar a litteratura camoneana. Aos trabalhos do visconde de Juromenha e do snr. Theophilo Braga, succederam-se as traducções de Storck e a sua vida do poeta; a de Burton, com os preciosos commentarios que a acompanham; a edição do Garcia da Orta, do snr. conde de Ficalho, e a sua vida do author dos *Simplex e Drogas*; a edição verdadeiramente magistral de Sá de Miranda, da snr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaélis de Vasconcellos; para não fallar no sem numero de opusculos e monographias, entre os quaes alguns de superior merecimento, como, por exemplo, a *Flora dos Lusíadas*, do snr. conde de Ficalho, e o *Escholiaste* do snr. Vasconcellos Abreu.

Haverá tres annos, pois, vindo para mim dias, senão de mais descanso, pelo menos de maior socego de animo, entendi ser chegada a occasião de refundir este livro da minha mocidade, e a que por isso talvez ligava um carinho particular. Para nós, os es-

criptores, os livros são como filhos : carne da nossa carne, sangue do nosso sangue.

Puz mãos, portanto, á obra que agora se apresenta a publico, e a que não quiz alterar, nem os lineamentos primitivos, nem o tom juvenilmente exuberante que lhe encontrava no estylo.

E succedendo que, pelo tempo em que terminava este trabalho, a Academia Real das Sciencias de Lisboa abria o seu concurso annual para o premio d'el-rei D. Luiz I, enviei o manuscrito ao certamen. Depois de ter deixado fazer a obra por dous annos nas carteiras da Academia, entendi não me convir demorar por mais tempo a publicação que hoje faço.

\*

Não deixa de ser melancolicamente doce olhar agora, transcorridos vinte annos, para o renascimento de uma obra da mocidade. Quando a vida vae descendo, succede como de tarde, ao cair do sol : acodem á mente impressões de uma serenidade suave. São o prenuncio do acabamento placido. Só quando o remorso morde, ou o gôso estúpido nos agita : só então a morte é dolorosa.

Voltando, porém, os olhos ao passado, examinando e julgando, a sós comnosco, o decurso da existencia e a successão dos actos, quando mais não seja, ha um ineffavel prazer esthetico ao reconhecer na vida uma unidade de acção, e nos actos, ainda os menos pensados, a obediencia a um impulso constante de idéas permanentes. De tal modo reconhecemos o que é verdade : que somos os agentes ou vehiculos de um pensamento latente nas obscuras cellulas da nossa criação. Germinam como se-

mentes, crescem como arvores, desabrocham como flôres, amadurecem como fructos — vergam e caêm para o chão, desmanchando-se em pó, e confundindo-se com a terra, para regressarem ao seio do Inconsciente indefinível.

Voltando, pois, os olhos ao passado, é com um certo desvanecimento que registo a circumstancia de a obra de hoje não differir da de ha vinte annos, nem no seu pensamento inicial, nem nas linhas fundamentaes da sua estructura. Era um esboço lavrado com traço por vezes incerto: agora, procurei esbater os contornos, accentuar as tintas, rectificar o desenho. Os leitores dirão se o consegui.

N'este acabar de seculo, repito, por tantos lados semelhante ao fim funebre do seculo XVI, quando morreram Camões e Portugal, o vivo desejo da minha alma é que, se effectivamente está morta a esperanza inteira e temos de abandonar a idéa de voltarmos a ser alguem digno de nome vivo sobre a terra, este livro seja como um ramo de goivos deposto no altar do poeta que, morrendo com a patria, lhe cantou o glorioso passado, legando-nos o testamento de um futuro não cumprido.

Mais, 1891.

*O. M.*

## CAPITULO PRIMEIRO

### As epopeias

---

#### I

Chama-se intuição a faculdade pela qual se nos representam imaginativamente situações ou estados typicos da natureza; e chama-se artista aquelle homem que, dotado sobretudo de intuição, possui o necessario para traduzir symbolicamente, pela musica ou pela palavra, com o pincel ou com o buril, as imagens da sua mente, de modo que provoquem na mente de quem vê, ou ouve, sensações egualmente syntheticas ou typicas.

A arte portanto, não copia, inventa; não reproduz, cria. Não procede segundo a razão, analysando e abstrahindo: vae aos saltos, guiada por illuminações subitas, obedecendo ao genio que a inspira, e lhe patenteia francos os horisontes da verdade, a qual não é o aspecto material e exterior das cousas, mas sim a substancia d'essas mesmas cousas — aquillo a que se chama o Ideal. Não ha, pois, arte fóra da realidade; mas não basta repro-



duzir os aspectos reaes, para se crear uma obra d'arte.

A arte, é o symbolismo da natureza.

Por isso mesmo a arte é, das faculdades humanas, a mais viva, a mais forte, a mais gloriosa: aquella que mais perto nos colloca, e em maior intimidade, com as penumbras vagas do mysterio em que nos agitamos—crepusculo indefinido que se prolata sem se extinguir, alargando-se, pelo contrario, á medida que o robustecimento da nossa razão e a quantidade dos nossos conhecimentos cresce, ampliando a peripheria do espaço claro e nitido para o nosso espirito pensante.

Para além d'essa peripheria que limita o imperio seguro da razão dos homens, forte pela experiencia e pela sciencia, senhora de si propria, livre, ou sabendo a quê e como obedece, o que significa o mesmo: reina para além d'ella o instincto. E para o instincto toda a vontade é sentimental, todo o pensamento imaginativo, e a vida inteira do homem uma symphonia ou um canto indefinido, vago, crepuscular.

A vontade e o pensamento, essas duas fibras parallelamente contorcidas, são a verdadeira argilla vermelha de que se fez o homem; e instigadas pelo instincto, ou pelo Inconsciente, agitando-se na penumbra do entendimento, produzem os heroes e os artistas, que, em actos e em symbolos, nos revelam o proprio segredo da existencia, arrastando consigo, em delirios de enthusiasmo, povos ainda susceptiveis da virtude de crêr, e da virtude maior ainda de amar.

Incontestavelmente, pelo que vêmos até hoje, o homem valia mais como animal capaz de heroismo e arte, do que como olympico vehiculo da razão,

recheado de sabedoria; embora incontestavelmente também a philosophia e a sciencia sejam o destino luminoso, porventura fatal e martyrisante, da nossa apparição na sequencia epica dos tempos.

O mundo entristece, envelhecendo. O seu ultimo dia de gloria, de contentamento, de enthusiasmo, de fervor em crêr, de ancia em amar, de furia em viver, foi esse clarão esplendido da Renascença que faz uma auréola a Camões: o que mais firmemente creu no seu Deus, na sua Patria e em si proprio; o que mais arrebatadamente amou com os sentidos, com a imaginação, em corpo e em alma, a belleza e a virtude, as mulheres, os deuses, o Homem e a Terra: desde o chão que o viu nascer, pelo mundo quasi inteiro que percorreu, até ás espheras concentricas de Ptolomeu, em que a imaginação lhe apparecia o Universo abraçado pela sua immensa alma de poeta, n'um fervor de enthusiasmo optimista.

Renascia com effeito a alegria ingenua dos antigos tempos classicos: a alegria de viver á lei da natureza, sem raciocinar nem pensar a vida, sentindo-a apenas. Resurgia o optimismo palpitante nas edades hellenicas, epicamente forte em Eschylo, docemente humano em Sophocles; e a virilidade romana que termina em Lucrecio a philosophar um naturalismo até alli instinctivo, e que se apagou quando, na limpidez do azul, Virgilio pôz a mancha ainda tenue, ainda leve, das suas *lachrymae rerum*.

A tristeza das cousas avultou, cresceu, tornou-se em nevoeiro espesso, incendiado pelos clarões da fé mystica, rasgado pelos raios da condemnação e da penitencia, nos tempos obscuros da Edade-média, quando a vida se transforma n'uma phantasmagoria.

Serenaram os ares: renascia com effeito a clari-

dade dos dias classicos; mas já então os europetis tinham, como Daniel, atravessado a fornalha ardente da fé; já lhes era impossivel a ingenuidade antiga; já os seus cerebros estavam mordidos pela sede do saber, e não do saber simples, mas daancia de apprehender o segredo intimo das cousas, a verdade dos mysterios, o enyigma dos raios e deslumbramentos, visões arrebatadoras que durante a noute os tinham enchido de pavores.

Depois, cançaram-se a descobrir e conquistar o mundo, interrogaram os céos e desvendaram o segredo das espheras, como tinham desvendado o dos mares tenebrosos e dos continentes longinquos. Palparam as forças da natureza e escravisaram-n'as ao seu serviço; e quando tinham, pôde dizer-se, conquistado o mundo physico, voltaram-se, no seculo xviii, para o mundo social que até ahí germinára espontaneamente, obscuramente, entregue a si, desenvolvendo-se como uma planta, sem consciencia da propria vida, sem philosophos nem doutores que lhe dictassem as leis.

Esse era o symptoma da tristeza do mundo. O heroismo acaba; acaba para a acção util o reinado do instincto, repellido para as espheras tenebrosas do crime. O mundo envaidece-se com a embriaguez do saber; os homens orgulham-se por se vêrem elevados á condição de machinas pensantes; supprime-se toda a invenção, abole-se toda a iniciativa, substitue-se ao genio a arithmetica, á intuição o numero, ao individuo activo e pensante o elemento chamado collectividade; e attinge-se a pretensão de affirmar dogmaticamente que a piedade e a arte morreram, por isso que á myopia moral das gentes cada vez se tornam mais inacessiveis os horisontes longinquos do sentimento e da intuição.

O seculo XIX, que foi o seculo de Goethe, é a idade da musica: basta isto para mostrar, com um facto simples, que se não dissipou ainda, e não se dissipará nunca, essa nuvem de mysterio divino em que se nos agita o drama tumultuoso da existencia. A arte é tão eterna como o mysterio do mundo; a arte é tão eterna como o homem, em quem a lucidez da razão e as descobertas da sciencia nunca poderão supprimir o logar abscondito, o recesso sagrado d'onde brotam as ondas suaves da piedade, ungingo-nos nas horas de agonia cruel, e os vãos agudos da intuição, soltando-se como setas nos momentos de duvida lancinante.

Para que esse glorioso symbolismo da natureza, chamado arte, houvesse de banir-se do systema do pensamento humano, seria mister que todo o homem e toda a vida podessem caber no quadro nitido de abstracções deduzidas racionalmente das descobertas scientificas. Esta pretensão é absurda. Tudo podemos comprehender e dominar, menos o proprio instrumento de comprehensão e dominio, isto é, o nosso proprio pensamento, que nunca prescindirá d'essas ficções fundamentaes, symbolos que são como pyramides argamassadas pelo tempo infinito, e cujas bases se alastram pelo chão com as dôres, as angustias, as crises da vida corrente, e cujo vertice vae topetar com as nuvens em agulhas ethereas de piedade dulcissima, ou em dardos flammejantes que a espaços largam sobre a terra as descargas de electricidade do genio.

Nada ha mais verdadeiro, porém, quando se olha para o passado, do que o afastamento progressivo d'essa periphèria crepuscular onde a imaginação reina e d'onde tira os symbolos syntheticos da existencia. Nos periodos nebulosos da inconsciencia pri-

mitiva tudo era arte. Ignorava-se tudo, e por isso mesmo a sciencia não nos ensinára ainda o exercicio da razão. A vida era completamente um sonho, a realidade uma visão, e não havia para o pensamento humano representações que não fossem symbolicas, ou artisticas. O poeta era um *vate*, um adivinho: aquelle que conhecia o sobrenatural, e tinha em si um deus, uma illuminação, uma *segunda vista*. A musica, a dança, eram allucinações sagradas; a eloquencia uma *lues deifica*, e os primeiros esboços da estatuaria e da pintura creações fetichistas. Deus, ou uma nuvem de sombra illuminada de raios, envolviam todo o pensamento humano.

Nada ha tambem mais falso, do que a pretensão do saber, quando julga ter exgotado os campos do pensamento, por ter construido, á força de engenho, mosaicos de metaphysicas; dando n'isso mesmo a prova da constancia da arte, pois as metaphysicas não são mais do que poemas formados pela imaginação especulativa. Todo o poeta epico é um metaphysico (veremos como Camões o era); e não ha author de systemas, dignos de tal nome, em quem a faculdade creadora da arte, a intuição, não tenha um papel mais ou menos preponderante.

E' que as palavras de Hamlet

There are more things in heaven and earth, Horatio,  
Than are dreamt of in your vain philosophy,

são propheticas, isto é, eternamente verdadeiras, e dignas de emparelhar com a exclamação salomonica — *vanitas, vanitatum!*

Essa vaidade dos meios, dos processos, das faculdades scientificas, accessiveis ao commum, e que havemos de negar sob pena de despedaçarmos as



lages de granito com que está calçado o caminho da nossa vida terrestre: essa vaidade, porém, é que o poeta sente no alto do seu Sinai, quando, banhado em luz, observa desdenhoso e olympico o andar positivo, miudo, pratico, o andar terra-a-terra com que o investigador e o sabio vão laboriosamente construindo, outras formigas, os seus palacios. Elle, como poeta, sente, adivinha, prevê; o seu saber não é feito de provas, nem de experiencias: vem-lhe de uma revelação intima, inconsciente muitas vezes, e sempre dolorosa, porque é feita de extasis e de lagrimas.

Esta é a faculdade quasi divina do sentimento; e é por isso que, de todas as obras reveladoras, nenhuma alongam mais a vista pela intimidade do espirito humano, do que os livros allucinados dos mysticos e as odes entusiasticas dos prophetas. Nunca a intuição psychologica penetrou mais fundo do que na litteratura prophetica de Israel, ou na litteratura mystica dos povos germanicos: esses herdeiros dos gregos, que na Renascença teem em Shakespeare o maior perscrutador dos instinctos e sentimentos do animal-homem.

\*

Pela primeira vez transcrevemos para aqui o verbo camoneano; e fazemol-o com o respeito e quasi temor que os pygmeus temos pelos gigantes. Entramos no adito do seu maravilhoso templo, pasmados e absortos, como dentro do recinto ogival da Batalha, da floresta marmorea de Cordova, ou antes, melhor ainda, dentro d'essa grande nau de pedra, os Jeronymos, que tambem canta a grandeza da nossa façanha historica.

Camões encontra no Amor o principio fundamental da existencia.

Amor é um brando affeito  
Que Deus no mundo poz e a natureza  
Para augmentar as cousas que creou.  
De amor está sujeito  
Tudo quanto possui a redondeza.

Nada sem este effeito se gerou.

O poeta denomina amor aquillo que o philosopho chama vontade, e o sabio força. Força, vontade, amor, o motivo da existencia: qual das expressões diz mais e é mais verdadeira, ou mais comprehensiva? A força não excede os limites da physica, nem a vontade os da psychologia: o amor, sendo força e sendo vontade, abrange tambem o dominio da moral. Pelo amor, o Universo, activo e voluntario, é essencialmente bom.

Entre as plantas do prado  
Não ha machos e femeas conhecidos,  
Que junto uma da outra permanece?  
Se vós fostes creadas na espessura  
Onde não houve cousa que se achasse,  
Agoa, pedra, arbor, flor, ave, alma dura  
Que em seu passado tempo não amasse,  
Nem a quem a affeição suave e pura  
N'essa forma presente não mudasse... <sup>1</sup>

Eis-ahi quanto póde a imaginação: adivinha.

«Agoa, pedra, arbor, flor, ave, alma»: tudo creou o amor, uma força unica, uma vontade permanente; tudo por elle se transforma, tudo n'elle se agita e vive. Pois não é isto o que nos dizem hoje accor-

<sup>1</sup> Egloga VII (Coll. do V. de Juromenha).

des, a tres seculos de distancia, a philosophia e a sciencia?

Os esqueletos das montanhas parecem-nos inertes, porque os nossos olhos estão habituados á vegetação mobil das planicies, escreve Taine; mas a natureza é eternamente viva, e as suas forças combatem nos sepulchros de granito e neve, tanto como nos formigueiros humanos, ou nas florestas mais possantes. Cada parcella de rocha comprime ou repelle a visinha: a immobilidade apparente é um equilibrio de esforços: tudo lucha e trabalha, cousa alguma vive inerte e massiça. Esses penedos que á vista parecem uniformes são aggregados de atomos distinctos, solicitados por attracções innumeradas e oppostas; são labyrinthos invisiveis, onde se elaboram transformações incessantes, onde circulam fluidos poderosos, onde fermenta a vida mineral, tão activa e mais grandiosa do que outra qualquer.

Esses esqueletos das montanhas são o primeiro pensamento, e o mais vasto, do desenvolvimento da natureza. Existem da mesma fôrma que nós, e nós devemos reconhecer n'elles os nossos paes e os nossos maiores. Entre as obras da natureza, o homem e o seu pensamento são as derradeiras: ahi vem terminar o systema da criação. Ahi attinge o ponto indivisivel em que se concentra e se acaba; em que a natureza se reconhece a si propria, penetrando o segredo da sua estructura, affirmando o principio da sua unidade, sentindo a sua magnificencia e a sua duração.

«Agoa, pedra, arbor, flor, ave, alma» tudo vive e se agita impellido pela mesma força, que para o poeta é um immenso amor: a definitiva expressão moral da criação, chegando ao seu derradeiro termo e reconhecendo-se a si propria.

Essa faculdade divinatória que faz os poetas, será porém, constante, egual, em todos os tempos e em todos os logares? Se o saber humano tem uma historia, e a razão uma evolução em que progressivamente se vae afinando e esclarecendo, não terá a imaginação poetica um movimento analogo? Será tão particular, tão pessoal, tão exclusiva do individuo em que habita, que viva fóra do mundo e fóra da realidade sempre diversa? Não, decerto.

A' imaginação deve traçar-se uma historia.

No mundo europeu, a que pertencemos, a imaginação começa por tirar do cáhos da natureza os mythos dos elementos: Glauco das profundidades do mar, Athenea do azul do firmamento, Aphrodite do ondular feminino das aguas, Ares do fragor das tempestades, Zeus do clarão olympico do sol; e successivamente os deuses que, pouco a pouco, depois de ganharem fôrma humana, são animados com os sentimentos e caracteres divinizados pela consciencia incipiente dos homens.

E' ella, a imaginação que, tendo construido o Olympo á imagem da sociedade heroica, espiritualizando a força humana, como humanisára as forças naturaes, funde as individualidades olympicas n'uma entidade transcendente de que os deuses passam a ser hypostases, ou attributos.

Sentiu primeiro as forças elementares da natureza inanimada, e representou-as em mythos; depois animou esses mythos humanizando-os; descobriu n'este ponto a vastidão do céo por sobre os tectos do Olympo, e a construcção heroica, a religião ingenua da belleza e da força, esses symbolos de uma idade transacta, dissiparam-se esvaídos na vastidão do espaço.

Hesiodo, Homero, perdidos em passados remotos,

tinham cedido o logar a Eschylo, o primeiro theologo, a Sophocles o moralista suave, a Euripides que sobre as ruinas do systema dos velhos symbolos vinha lançar uma semente de idéas novas. Acabára idealmente o mundo antigo. Circumstancias varias determinavam que a passagem para o moderno fosse caracterizada por uma crise tenebrosa, a que se chamou Edade-média.

Na Edade-média a imaginação epica orienta-se por um rumo diverso: á natureza, á vida, á realidade, que até ahí eram o campo aberto da arte, vem substituir-se a condemnação de tudo quanto possa distrahir o homem do sonho absorvente da salvação eterna. A reacção é completa e formal. Amaldiçoa-se a natureza, e todos os antigos deuses e genios dos elementos se fundem no grande symbolo pessimista da allucinação religiosa, o Diabo, que se representa com os traços physionomicos do velho Pan. A força e a belleza plastica, adoradas como divinas na fórma humana, e que tinham creado a escultura incomparavel, são condemnadas como um peccado de orgulho; e a iconoclastia leva até ao rito as proporções d'esta condemnação. Viver é um erro, amar é um crime. A Europa inteira prostrada, beijando o pó acre de um chão unicamente bom para sepultura, bate no peito, penitente, chorosa, afflicta, pedindo a Deus que a redima, concedendo-lhe a Morte e a Salvação.

Atravessou então a Europa um d'esses periodos conhecidos nas civilisações, em que, depois da duvida no exito das proprias obras, os povos se encontram assaltados pelo espirito de negação pessimista. A curiosidade volta-se para a observação interior, analysando com subtilidade e requinte, castigando, triturando pacientemente; e como as mós de um

moinho trabalhando sem grão, produzem um pó acre de substancia que não alimenta: assim as almas, remoendo-se na penitencia contemplativa da vida ascetica, produziam de si apenas uma poeira feita de lagrimas e gemidos estereis. A imaginação allucinada por tal fórma desvia a arte do campo fecundo da natureza para o da phantasmagoria, creando visões, pintando, com o resto de tintas que ficára dos tempos antigos, os circulos phantasticos da *Comedia* dantesca; levantando aos ares, com os destroços dos templos classicos, onde os novos deuses se tinham albergado, essas comedias divinas de pedra, cujas agulhas e ogivas, cuja instabilidade e confusão reproduzem ainda a allucinação mystica dos espiritos, soluçando pelo céo, mas já nos asseguram que o Millenio passou, e novo ar e nova luz beijam os fustes esguios e as laçarias frondosas das florestas de pedra sorrindo ao sol e cantando com o vento.

Pela nave escura, este regresso á natureza acorda logo um regresso á arte: os canticos em latim barbaro, acompanhados ao som do orgão, são uma poesia nova; e as lampadas nos altares illuminam as figuras de uma pintura ingenua, infantil, onde a perspectiva falta, onde o desenho erra, mas em que transparece uma expressão de carinho e uma candura divina, desconhecidas outr'ora. Excavando na alma humana, retirára-se de lá uma intuição nova d'onde estavam brotando duas fórmas tambem novas de arte: a pintura, a musica. E ao mesmo tempo, fóra da cathedral, pelos castellos e pelos campos, rimava-se em linguagens egualmente novas, egualmente feitas com os destroços do antigo latim: na falla romance das cantigas amorosas dos trovadores e das historias de façanhas e emprezas, novas *Illiadas*, com que os heroes de agora repetiam fei-

tos eguaes aos dos companheiros de Achilles. Terminára a noute: começava-se outro cyclo.

Era a Renascença.

O espirito europeu que na Antiguidade sentira o mundo objectivo, commungando vivamente com a natureza; que na Edade-média dissecára a alma mystica, allucinado pelas visões da ultra-vida, ia agora, retemperado por esse duplo conhecimento, indagar mais funda, mais comprehensivamente, a razão das cousas. Ao mesmo tempo que a arte, com a poesia nova de um Camões e de um Shakespeare; com a pintura, incomparavelmente mais expressiva do que a estatuaría; e com o balbuciar da musica, revelava os campos novos, mais distantes e mais enneoados, abertos á lavra da imaginação creadora e do symbolismo natural: ao mesmo tempo, a ancia de saber positivo, a sêde de explicações racionalmente satisfactorias, parecia que arrebatavam o homem com tanta energia, como a furia de viver e de gosar de que se sentia possuido depois do longo jejum e do torpôr funebre da Edade-média.

Condennava a arte esta ancia de saber, esta como religião da sciencia e da philosophia, caracteristica fundamental da epocha de Galileu, que progressivamente tem avultado até aos nossos dias? Basta o nome de Camões, para responder negativamente. Basta o seu nome, para mostrar com o de Shakespeare, de Cervantes e de Miguel Angelo, quanto a experiencia, o conhecimento pratico das cousas e as cogitações sobre a sua essencia, em vez de deprimirem a faculdade da arte que é a intuição, a alimentam desde que se lhe subordinam. O *D. Quijote* é um tratado de escolastica e casuistica, um curso de litteratura cavalheiresca e os primeiros principios de uma philosophia do bom senso.

S. Pedro de Roma é um prodigio da arte de construcção. O theatro de Shakespeare é um monumento de saber historico. E os *Lusiadas* são a propria epopeia da sciencia, cosmographica, geographica e lendaria, uma Biblia da civilisação e o symbolo artistico da Renascença politica.

A arte, pois, não se extingue, embora o campo da sua lavra se afaste. Não se extinguiu na Edade-média. Quando o espirito allucinado repellia a natureza e condemnava a realidade, fez-se phantastica. Hymnos como o *Dies irae* tinham o poder de acordar no espirito dos fieis o pasmo da morte e o horror pelo Juizo tremendo. O artista anonymo encontrára na palavra e no canto o symbolo adequado para transportar á imaginação do ouvinte o estado psychico da sua propria intuição. Não se extinguiu na Edade-média e não se extinguiu depois da Renascença, quando a sciencia tomou no espirito humano um predominio até ahi desconhecido.

Não ha talvez periodo de mais pujante efflorescencia artistica do que esse em que desabrocham opulentamente em ramos e fôres os dous germens que vimos nascer dentro e fóra da cathedral christian: a pintura e a nova poesia epica.

Das virgens hieraticas dos trypticos byzantinos saém as madonas da Renascença, em que pela maternidade o mysticismo aspero da Edade-média se reconcilia com a natureza; e dos *fabliaux* e das canções de gesta, folhas soltas da alma epica dos povos, sae tambem a epopeia moderna dos *Lusiadas*, vasada no molde virgiliano, e que parallelamente solda os élos da cadeia dos tempos. A arte foi, será sempre a grande medianeira, porque é a expressão mais synthetica e mais plastica do espirito.



Mas se, como constitucional é eterna, não é só na área ou nos limites do campo franco á imaginação que os aspectos da arte variam no tempo. Variam de outra fôrma ainda. A' medida que o campo da imaginação se afasta, a intuição individualisa-se. Quanto tudo era artistico ou imaginativo, as obras d'arte eram anonymas: nasciam espontaneamente como fructos do Inconsciente; tinham a fôrma, a côr, o paladar commum, filhos do ambiente natural. D'ahi vem o encanto, a ingenuidade como que infantil de todas as creações populares primitivas. Umas teem os caracteres sombrios dos céos do norte: são tragicas como as cavernas, os temporaes, e os ventos frigidoss vindos do polo; ou são candidas e meigas como a açucena virginal não crestada pelo sol, ou como o lyrio azul que reflecte na côr o azul do firmamento. Outras são negras e formosas como a Sulamite, ardendo no amor fulvo do deserto, sobre o qual passa ás rajadas, em ondas de arcia revolta e incendiada, galopando no Simún, Adonai, Sabbaoth, Baal, o deus dos desertos, o sol omnipotentemente esmagador.

A' medida que o espirito humano se desengasta do Inconsciente, como as nevoas que o calor do dia vae levantando do fundo dos valles; á medida que o mundo ganha nitidez no aspecto, consciencia no pensamento e liberdade na acção, as faculdades creadoras da arte individualisam-se. Os artistas ganham um nome, porque as suas intuições differenciam-se. Quem fez o *Edda*? Um povo. Quem escreveu a *Biblia*? Outro povo. Duvida-se da existencia de Homero, e sabe-se que os inventores da *Illiada* foram legiões.

Mas foi um Virgilio que fez a *Encida*, um Camões que fez os *Lusiadas*, poemas ambos tão cycli-

cos, isto é, tão representativos do crêr, do sentir e amar de um povo, como essas folhas soltas brotadas anonymamente da imaginação collectiva, á maneira das folhas que brotam nas arvores e a-travez das quaes o vento, passando, murmura ou canta.

E' que a arte, medianeira e consacrante da natureza, só na consciencia de um homem póde attin-gir a sua expressão cabal. As creações do Incon-sciente são como as fórmãs, os perfumes, os aspe-ctos, destituídas de significação ou sanção moral. Para que a percepção intuitiva se desdobre, trans-formando em fructo tudo quanto tem em germen, é mister que passe a-travez de uma consciencia de homem: é mister que a arte se realise no artista. E sem perder a belleza e o encanto proprios das efflorescencias espontaneas do Inconsciente, a intui-ção, quando o creador se chama Camões ou Sha-kespeare, coando-se a-travez de um determinado ce-rebro, adquire aquelle valor moral que só na con-scencia humana se define claramente *pari passu* com a intelligencia racional.

E' por isso que a Camões na Renascença, e a Goethe no seculo XIX, a philosophia e o saber não-fizeram senão augmentar a intensidade das intui-ções e garantir a genuinidade das sentenças. E' por isso que a philosophia e a arte não são inimi-gas, embora lavrem com faculdades diversas, zonas differentes: a uma as campinas illuminadas pelo-saber exacto feito de observação e experiencia; a outra os horisontes vagos do desconhecivel que nun-ca o espirito humano poderá apprehender senão por-symbolos sentimentaes.

Encontrem-se em equilibrio a sciencia e a arte, a philosophia e a piedade— e a vida correrá forte e feliz. Pretenda, porém, a intuição pervertida impôr

symbolos que contrastem com o que se supõe serem verdades e luz do saber; ou, pelo contrario, pretenda a philosophia negar o que não póde, ou não sabe conceber, nem definir—e a vida, agitando-se n'um supplicio, expirará soluçante.

N'uma crise d'estas expirou o pensamento antigo: oxalá que sorte diversa esteja reservada ao moderno!

## II

Entre as fórmãs de traducção symbolica das intuições imaginativas, ou por outra, entre as artes, a poesia é incontestavelmente a mais geral, a mais expressiva e a mais constante.

Nasce com a palavra humana, isto é, surge com o proprio homem, cujo primeiro balbuciar se compõe de symbolos verbaes. A metaphora é um dos elementos geradores das linguas. Ainda as fórmãs se apresentam indeterminadas, ainda as côres, ainda os sons musicaes são indistinctos para a vista e para o ouvido, quando a palavra tem já a propriedade de symbolisar as impressões que ferem a imaginação plastica do homem primitivo.

Alguns pretendem que no tempo de Homero não tinham ainda os gregos uma noção completa das côres do espectro; e basta vêr os monumentos da polychromia classica, basta reparar nos progressos recentes da harmonia, para se reconhecer quanto foram rudimentares n'outras éras os recursos da pintura e da musica, artes proprias da madureza das civilisações. A poesia, ao contrario, é a arte de todos os tempos, de todas as edades, desde

a infancia até á velhice; desde os annos em que nos ferem as impressões ingenuas do mundo exterior, até áquelles em que principalmente ouvimos as vozes acordadas em nosso espirito pelos episodios occorridos na longa e aspera carreira da vida.

A fôrma é o que primeiro impressiona o pensamento do philosopho e a imaginação do artista. Quando se repara nos systemas da philosophia grega, vê-se logo o estado correspondente do espirito que produziu a architectura e a estatuaría. Os fragmentos que nos restam de Xenophanes teem o aspecto de ruínas: columnas partidas, frisos desconjuntados, de um d'esses templos erguidos no alto de alguma collina, e que, destacando-se no azul do céu, illuminados em cheio pelo sol, pareciam sair do chão, vegetalmente, completando a paisagem, em vez de a esmagar como as cathedraes que são montanhas de pedra aninhadas no fundo dos valles. O Parthenon é perfeito, ordenado, harmonico e nitido como o systema de Pythagoras.

D'esse mesmo estado simples e energico nasce a esculptura, que é a arte adequada á gente optimista. A belleza na fôrma não é suggestiva senão do enthusiasmo necessario ao athleta no ágora e no campo; não lhe acorda impressões que diminuem a sua confiança e a sua heroicidade. A força para a acção, a nitidez para a idéa, eis-ahi as intuições geradoras dos artistas, e que elles sabem incomparavelmente transmittir á alma do publico. A estatua é tão absolutamente bella, como a idéa que se fôrma do olympico. As suas linhas serenas e simples recortam-se no fundo azul do ar com a nitidez com que no fundo do pensamento ingenuo da adolescencia crente se recorta a physionomia ideal do Zeus de Eschylo.

Quando a imagem apparece contorcida e dolorosa, quando a imaginação carece já do agrupamento para traduzir as intuições, quando não basta ao pensamento mais exigente a expressão que a fórma em si é capaz de dar, reclamando-se do mármore que ria ou chore, e se anime ou se espiritalise: é evidente que a escultura deixou de ser o typo da arte, porque a sua capacidade de expressão fica para áquem dos limites da intuição dos artistas e da sociedade cujos sentimentos ella ha de traduzir.

Em auxilio da fórma vem a côr, e não é difficil affirmar que, qualquer que tivesse sido o motivo da polychromia primitiva da estaturia grega, as imagens coloridas da escultura byzantina são o primeiro passo da pintura moderna, porque a antiga fôra unicamente accessoria e ornamental na architectura.

Na Renascença, porém, a pintura é independente e autonoma. Um quadro é em si uma obra d'arte: não é o accessorio destinado a cobrir a monotonia das faces muraes lisas da cella, entre o socco firme e massiço e o friso que vae correndo como a phantasia pelo alto, junto ao céo.

Uma attitude, eis-ahi a definição synthetica da escultura, cujo typo é a estatua; um sentimento, eis-ahi a definição correspondente da pintura, cujo typo é tambem o retrato, a face humana, tabernaculo e espelho da alma. Tudo o mais são accessorios; e por isso o prodigio da pintura moderna é, no consenso unanime, esse retrato enygmaticamente maravilhoso da Joconda, em que o pincel magico de Leonardo soube fazer viver o mysterio indefinido da alma da Renascença.

Desde logo, a pintura deu o pleno fructo do seu

germen. Ficou exgotada a capacidade expressiva da fôrma espiritualisada pela côr. O anthropomorphismo pôde dizer-se que acabou n'esse momento, por isso mesmo que attingia a sua definição ideal. E' na Renascença, com effeito, que termina a adolescencia do homem, durante a qual elle refere tudo a si, e, fazendo a terra centro do Universo, se faz a si proprio centro do mundo e dos céos, motivo da criação, e tão exclusivo objecto dos cuidados divinos, que frequentemente se confunde com os proprios deuses por elle inventados.

Por isso, com a Renascença termina o heroismo classico, espiritualisado pela Edade-média. Já a fôrma humana não é objecto de um culto; nem a expressão da physionomia, traduzindo as commoções da alma, se considera tão digna de paixão exclusiva. Galileu desloca o centro do mundo; toda a sciencia concorda em dizer que o homem é um accidente minusculo na ordem da criação, um ephemero dos tempos. A summa sabedoria obriga-nos, pois, a mergulhar de novo, como durante as edades genesiacas, no vasto pelago do Inconsciente, onde as noções são indistinctas e o viver confuso e emmaranhado como os interiores palpitanes de côr, de sons, de movimentos mysteriosos, n'uma floresta dos tropicos.

Eis-ahi o que a intuição diz hoje, desde que a mathematica desflorou os mysterios da fôrma e a physica os da côr; desde que a historia e a critica, de mãos dadas, mostraram a infantilidade da arte, quando em outras éras ella pretendia esclarecer a obscuridade universal do mysterio, apresentando os typos da belleza plastica, ou os symbolos expressivos da idéa. Dissipou-se a illusão forte que, fazendo dos homens o centro e o objecto da crea-

ção, os enchia de orgulho, tornando-os heroes. Removeram-se muito mais para longe os horisontes da razão; e as fronteiras da arte delimitam, como no principio das cousas, as regiões nebulosas do Inconsciente vago e indeterminado.

E' por isso que, embora se pintem retratos, como sempre se farão estatuas, a pintura nova do nosso tempo é a paisagem que, na Renascença, apesar de ter ganho a perspectiva, não saíra ainda da esphera ornamental. Tambem então a natureza, que chamamos inanimada, não tinha outro valor mais do que o de um scenario, onde se desenrolava a acção do drama humano, perdidas como estavam as lembranças dos tempos primitivos em que nas florestas germanicas, nas campinas do Lacio, ou nos golphos e bahias do Archipelago, os elementos palpitantes de vida produziam para a imaginação plastica dos homens enxames de sylphos, gnomos e ondinas, espiritos e proto-deuses.

São essas lembranças da Inconsciencia primitiva que hoje, terminado o curso da educação, voltam a accender as intuições da arte; e pela arte, a provocar em nós as impressões do innominado, do indefinivel, que sentimos perante o *Fausto* de Goethe, perante uma paisagem de Corot, perante uma symphonia de Beethoven.

Porque a pintura moderna, a paisagem, é, como a harmonia, uma ode symphonica em que as notas são côres; e como os sons teem um poder commovente e uma expressão pathetica incomparavelmente superior ás côres, por isso a musica, essa invenção do nosso seculo a que preside a figura genial de Beethoven, é a fôrma de arte mais adequada, por ser a mais religiosa. Com ella as intuições se refugiam nos horisontes crepusculares da esperança

mystica, da piedade etherea, do amor indeterminado: regiões do Inconsciente para sempre inexploráveis, recesso intimo da substancia e mar tenebroso e illuminado, ao mesmo tempo que nenhuma descobertas desflorarão, como as descobertas que successivamente foram desfolhando petala a petala as efflorescencias espessas do naturalismo primitivo.

Teve o seu dia a esculptura, quando uma intuição precoce julgou estar na fórma a chave de todos os mysterios; teve-o a pintura quando, ao depois, pensou encontra-la na expressão da face humana; tem o seu dia hoje a musica, buscando os symbolos expressivos no que a natureza inclue de mais vago e indeterminavel, o som, para definir tambem o estado crepuscular da consciencia e dos sentimentos do homem contemporaneo.

Mas desde o primeiro até ao ultimo dia, sempre, em todos os tempos e acompanhando todas as fórmas da intuição artistica, a poesia conservou o caracter de constancia e eminencia que lhe dava o facto de ter a palavra como fórma expressiva. Era a poesia que em Homero traduzia com palavras o pensamento da esculptura grega; em Camões, e mais ainda em Shakespeare, era ella que traduzia no verso os enygmas da pintura psychologica contemporanea; e hoje, nas estrophes do *Fausto* ou nas canções de Heine, traduz ainda o mesmo symbolismo vago que se encontra na ironia suave de Mozart, ou nos dramas musicaes de Beethoven. Hoje tambem os poetas procuram achar no estylo effeitos sonoros, reclamando das syllabas um poder de expressão que auxilie a significação ideal das palavras. Hoje tambem o estylo se fez musica, sacrificando muitas vezes aos effeitos acusticos o poder de expressão logica.



Assim, as artes, brotando de seio da Inconsciência primitiva, expandindo-se e florescendo, á medida que a civilização caminhava, vieram, terminado o currículo, acolher-se de novo ao berço d'onde nasceram, soltando agora, em vez dos vagidos de mêdo infantil, cheios de esperanças, um côro de soluços afflictos e grossas lagrimas de dôr inenarrável.

A poesia, a musica, symbolos artisticos do nosso seculo, traduzem a sua tristeza constitucional e a sua desesperança chronica. A arte é para nós um gemido epico!

\*

A epopeia da Renascença é outra. Não se confunda o desespero com a tristeza, nem as desillusões com o chôro. Embora chorem, na Renascença os homens crêem, vivem, amam, odeiam, esperam. A reunião de todos estes sentimentos que animam os povos inspira os poetas.

As epopeias são a historia do sentir dos povos, artistica ou poeticamente representada: são o paralelo da chronica. Uma conta, a outra canta; uma relata as cousas que vê; outra fixa os symbolos do que se sente e se crê, nas lendas e historias das façanhas e dos amores. Por isso as epopeias litterarias, creadas pelo genio individual de um poeta, embora esse poeta se chame Virgilio ou Camões, isto é, embora encarne completamente em si a alma de um povo, nunca podem ter a genuinidade, o encanto, a verdade, das epopeias anonymas que são fructos espontaneos da intuição de toda a gente, quando em todos a imaginação plastica desentranha do seio da propria alma as mesmas vegetações symbolicas.

Individualisando-se e encarnando no espirito de um interprete, os sentimentos collectivos perdem o quer que seja d'aquelle encanto que sómente a espontaneidade contém; e tornando-se pensados na mente de um poeta, os symbolos jámais adquirem a energia representativa que os distingue quando saem da nebulose do Inconsciente. Dobrandó o extremo da Africa, os marinheiros portuguezes viram o Adamastor pelos olhos de Camões, nos rochedos do Cabo; navegando até aos confins do Mediterraneo occidental, o phenicio viu Herakles nas penhas do Calpe. Herakles ficou sendo um deus e adorado como tal; Adamastor, inventado por imitação litteraria, nunca saíu dos dominios da ficção poetica. Se nos tempos das navegações portuguezas quizermos indagar os elementos espontaneos da epopeia popular inconsciente, encontramol-os nas narrativas dos naufragios, tão ingenuas como dramaticas, colligidas pela *Historia Tragico-maritima*. E' ahi que, nos stratos inferiores da sociedade, conservados sempre em estados archaicos, se vê a espontaneidade de sentir, a facilidade de symbolisar, a plasticidade que nas velhas edades foi commum a todas as camadas sociaes ainda não differenciadas pela individualisação do pensamento.

Esses monumentos cyclopicos da imaginação primitiva dos povos, theogonias, cosmogonias, em que elles representam ingenuamente o poema extraordinario dos céos, são a propria base sobre a qual assenta o desenvolvimento inteiro da sua civilisação ulterior. Os poemas sagrados da India, entoados nas vertentes do Himalaya, são a propria fonte da historia epica dos aryanos conquistadores do mundo, da mesma fôrma que o Himalaya é o coração da terra e a ossatura do seu continente central.

Transportados nas migrações, como as sementes que vêem no vento, ou os bandos de aves que as monções trazem errantes sobre as terras, os arianos vieram acampar na Europa, repellindo e exterminando os seus obscuros habitantes, gente bravia, de sangue menos nobre, que, vivendo silvestre nas suas tocas de ramaria ou nas suas covas de trogloditas, continuava com face humana uma existência de brutos.

A familia ariana ramificou-se, acampando para um lado o ramo wendo-slavo, cuja estirpe nos dá hoje os russos e os polacos, os tcheques e os lithuanios, os dalmatas, os croatas, os esclavões, os servios, os bulgaros, e essa gente que, sob o dominio turco, se ficou chamando rumes ou rumelios.

Para outro lado, desde os confins das regiões septentrionaes, acampou o ramo scandinavo da gente teutonica, representado agora pelos suecos, dinamarquezes e noruegueses; e junto d'elle, ao sul, o ramo germanico, hoje quasi inteiramente congregado n'um Imperio, mas que no decurso dos seculos compôz numerosos estados: os frankos, que deram o nome actual á França, alastrando-se sobre os gallo-romanos; os wisigodos, ostrogodos, vandalos e gepidos, que, conquistando o imperio romano occidental, se fundiram, dissolvendo-se em imperios e correrias alongadas pela Italia, pela Provença, pela Hespanha, até á Africa; os burgundios, que, assentando n'uma das actuaes provincias da França, a Borgonha, *Burgundia*, lhe deram o nome; os lombardos, que fizeram outro tanto á Gallia antiga cisalpina; os anglos e saxões, que construíram a Inglaterra; os jutes e frisios da Hollanda; e finalmente os suabios, bavaros e thuringios, que con-

stituem com os saxonios do continente o nucleo ethnico do imperio germanico.

A oriente, avassallando as regiões mediterraneas, os italo-gregos, porventura saídos todos da estirpe iapygia e skipetar, apparecem na historia repartidos em albanes e hellenos (doricos, jonios, eolios, achaios), por um lado, e pelo outro em etruscos, rhetos e italos (umbrios e latinos). E' conhecida a historia d'estes povos que hoje teem na Italia e na Grecia a sua representação nacional. E' sabido como a Grecia estendeu o seu imperio atravez do Egypto e da Asia-menor até á India, e como, extincta a successão de Alexandre, os romanos, herdando-a, herdaram tambem de Carthago a Africa e a Hespanha, estendendo as suas conquistas por toda a área celta, ou gauleza, até ás fronteiras das áreas germanica e slava.

A occidente, porém, muito antes que a civilização dos italos se tornasse conquistadora e absorvente, assentára o ramo celta da familia aryana, completando os grupos destacados primitivamente do berço commum. Os celtas, segundo as melhores authoridades n'esta materia controvertida, dividiam-se em tres grupos: os picts e scots, que na Gran-Bretanha tiveram de repartir o espaço com os invasores anglo-saxões do ramo germanico; os liguros que, povoando as ilhas mediterraneas da Sardenha, da Corsega, das Baleares, occuparam a costa desde as boccas de Rhodano até ás do Arno; e os celtas propriamente ditos, repartidos em varios povos. Na Pannonia os celto-illyrios, na Asia-menor os galatas, ficaram envolvidos na área slavo-turca; os celto-etruscos do valle do Pó, ou Gallia cisalpina, ficaram para sempre encorporados na área italiana, da mesma fórma que os celto-liguros. Nação

celta ou celto-germanica é a Belgica, e os belgas occupavam outr'ora toda a zona que vae do Sena até ao Rheno; nação celto-itala, ou gallo-romana pela conquista, bordada pelas zonas periphericas germanicas aggregadas na sua expansão historica, é a França, gauleza sempre, apesar de serem os frankos quem lhe deu o seu nome moderno.

Na Hespanha, finalmente, os celtas, occupando a zona occidental da Lusitania e da Gallecia, cruzaram no interior com os indigenas, produzindo os chamados celtiberos. D'esta fórma as migrações aryanas avassallaram a Europa inteira, imprimindo o caracter da sua civilisação.

Mas de todos esses braços destacados da grande arvore oriental, apenas dous trouxeram até nós em monumentos escriptos as epopeias religiosas das suas edades inconscientes: foram o scandinavo e o helleno, cujos annaes sagrados se chamam o *Edda* e a *Illiada*. A materia prima das epopeias, o estado plastico da imaginação era commum, nem podia deixar de o ser; mas nem os celtas, nem os slavos, nem os italos, nem os germanos, deixaram de si monumentos epicos, deixando, porém, os materiaes dispersos do edificio por construir, nas sagas, nas tradições, nos ritos, nas credences, nos usos do povo, recolhidas hoje piedosamente pela erudição.

Os latinos e os celtas, comtudo, uns pela bocca de Virgilio, outros pela de Camões, vieram depois, em epochas de civilisação clara, definir litterariamente, individualmente, esse pensamento dos povos que não tinha sido codificado nas edades de creação espontanea. A *Eneida* é tão itala na sombria magestade da intuição divina, na grandeza humana do imperio, na tristeza placida das cousas, como os *Lusiadas* são celtas no amor infinito dos céos, na

candura ingenua das almas, na curiosidade febril de conhecer, no encanto magico da vida, na meiguice da natureza, na humanidade do character.

Romanisada como a Hespanha foi, depois que saiu do dominio carthaginez, a sua alma celtica affeçoou-se ao genio latino; e se as epopeias religiosas e heroicas dos italo-gregos constituiam para ella o manancial commum da vida do espirito, Virgilio veio accentuar mais particularmente o seu credo, como terceiro propheta, depois de Hesiodo e Homero, mais proximo nos tempos, mais familiar no pensamento. O baptismo moral da Hespanha estava consummado; a construcção epica das suas crenças, das suas esperanças, dos seus desejos e dos seus pensamentos estava feita. A Hespanha era romana; e Roma inteira, ampliada á extensão completa do mundo occidental, vivia palpitante no verbo virgiliano.

Os tempos antigos acabavam, porém, victimas dos proprios symptomas que Virgilio traduzia. A tristeza das cousas avassallava o mundo, extinguindo-o n'um soluço gigantesco; e a onda dos barbaros, que já desde os tempos de Mario bramia para além do Rheno e do Danubio, espiava tenazmente o desfalecimento progressivo da sociedade, outr'ora forte e crente em si propria. Todos sabem o que foi a queda do Imperio e que tempos se lhe seguiram.

Parecia que voltavam, e voltavam até certo ponto, com effeito, os periodos de plasticidade epica primitiva. Revolidos os elementos sociaes por uma crise medonha, não só vinham sobrenadar, ao de cima dos campos alastrados pelas ruinas da cultura antiga, os stratos inferiores da sociedade conservados no estado ingenuo primitivo, como os povos que agora impunham o seu dominio ferreo chegavam

n'um estado analogo áquelle em que os dominadores antigos se tinham encontrado quando em volta de Troia debatiam as pelepas cantadas na *Illiada*. Eram barbaros.

Da barbarie em que a sociedade se viu lançada brotavam espontaneamente efflorescencias epicas, e o alvorecer das litteraturas romanicas apresentava os mesmos caracteres que em remotas edades apresentára o primordio das litteraturas classicas. O romanceiro do Cid é, para nós, como as historias dos *Nibelungen* para a Allemanha; e para toda a Europa christan as vidas dos santos constituem uma epopeia do mesmo genero que as lendas sagradas dos eponymos da Antiguidade classica.

N'esta fermentação tumultuosa dos pensamentos espontaneos affloravam os germens de indigenato, as sementes genuinas de herança ethnica, cellulas atrophizadas até então, no organismo mental do povo, por uma civilisação que reduzira a idéas e systemas, a canons e a preceitos, os elementos primordiacs sobre que se elaborára. No tumulto da Edade-média peninsular ou hespanhola, veio á superficie o genio celtico: é o que revela toda a litteratura popular profana e sagrada, mystica e ecclesiastica, lyrica e epica.

A' medida, porém, que a tempestade serena, e nos espiritos e nas instituições se restabelece a ordem, apparecem as reminiscencias de um passado nunca de todo esquecido; e em parte por attracção propria dos modêlos classicos, em parte por tendencia constitucional de espiritos ethnicamente affins, succede que o renascimento das lettras se caracteriza por uma imitação, mais formal sem duvida do que essencial, dos modêlos antigos. O lyrismo classico renasce nos poetas novos, e todos reconhecem como

patriarcha a Virgilio: esse precursor do homem moderno, tão *vate* quando o concebia, que a Edade-média inteira fez d'elle o nuncio de Christo, e Dante, guiado pela sua mão, foi visitar os circulos terribes do Inferno.

N'este sentido, pois, é que os *Lusiadas*, tecnicamente vasados nos moldes virgilianos, são uma nova *Eneida*; e tambem d'este modo affirmam o sentir da Renascença. Quererá dizer isto que os *Lusiadas* tenham como idéa-mãe o naturalismo olympico? Não; já a propria *Eneida* o não tinha. Entre a epocha de Homero e a de Augusto ha um lapso de tempo e uma distancia de idéas tão grande, ou maior ainda, do que entre a Renascença e as edades virgilianas.

Virgilio não crê já, nem no heroismo dos homens, nem no optimismo da vida, nem na divindade dos olympicos. O mundo transformou-se para elle n'uma comedia divina, quasi dantesca, em que as cousas são apenas os aspectos da transcendencia. Quasi dantesca, medieval ou christan: quasi, porque o mundo não é ainda uma phantasmagoria como depois foi, mas sim a representação harmonica, equilibrada, que tem por base os sentimentos abstractos de justiça, sabedoria, ordem e amor. Passada a crise medieval, a Renascença apresenta uma situação identica.

Dante escondia-se já, n'um passado tenebroso, e Goethe não se descortinava ainda no futuro: o ideal transcendente da Edade-média apagára-se nas consciencias, e o dos tempos modernos só tres seculos depois appareceria na figura do *Fausto* pantheista, expressão outra vez indefinida da natureza, cujo seio profundo absorve todos os sêres. Milton, Tasso, Camões, os epicos da Renascença, procuravam



n'essa epocha ainda heroica a ordem na harmonia do pensamento e da acção. Milton retemperava o homem na chamma delirante do livre-arbitrio; Tasso resuscitava a republica platonica; só Camões vibrava a nota fecunda da paixão contemporanea do mundo: a paixão de o conquistar e explorar em toda a sua redondeza, dominando-o com a força e o pensamento.

Esta idéa é genuinamente latina: é classica por todos os lados, classica pelo Imperio, classica pela Ordem. Augusto, no seculo xvi, seria como um monarcha lusitano; e Virgilio, em vez de cantar a immensa magestade da paz romana, cantaria a immensa vastidão do imperio portuguez. O que Virgilio, porém, não cantaria com o primor e certeza da voz camoneana, era a derrota dos navios, as paisagens dos oceanos, as danças das ondinas agitando-se nos coruchéos de espuma da vaga, nem as seducções do mar, os encantos mysteriosos das ilhas e bahias ignotas. Esses segredos que enlevavam a imaginação celtica de D. João de Castro; esses murmurios que davam á voz de Camões as notas das sereias enygmaticas, são diversos da voz de Virgilio, para quem o mar era um lago romano; embora á sombra da sua ramada o mantuano, que tambem era celta, sentisse borbulhar-lhe no intimo peito o mysticismo da natureza rural.

O que Virgilio tambem não cantaria, n'esta linguagem camoneana que, tendo a pureza immarcescivel da sua, lhe accrescenta a ingenuidade homerica sublime e etherea, e a imaginação luxuriante da Renascença, peculiar do Tasso; o que elle não cantaria tambem era o Commercio, esse composto de Pensamento e Imperio, que na Renascença vem tornar-se o que já remotamente fôra nas mãos dos

phenicios, quando Carthago chegou a avassallar a Africa, a Italia e a Hespanha.

Tendo como alma-mater a Piedade, que o é tambem na epopeia virgiliana, os *Lusiadas* teem com ella um Terror differente da serenidade olympica do Imperio antigo. Alliado ao Commercio, o Terror compõe as physionomias conhecidas dos homens da India, soldados e mercadores a um tempo, com a espada n'uma das mãos, a balança na outra, parecendo destacar-se de algum baixo-relêvo retirado das ruinas perdidas de Ninive, ou de Assur.

Traduzirá esta physionomia da historia do imperio portuguez no Oriente, fidelissimamente retratada nos *Lusiadas* a influencia das origens do nosso sangue ibero, porventura affin do sangue africano? Veremos tambem n'isto um traço genealogico, segundo vimos que existe na physionomia celtica do character nacional? Ou será o Terror camoneano, esse Terror portuguez dominador da India, apenas um phenomeno natural do tempo, e condição necessaria da empreza que reunia o Occidente e o Oriente, fundindo-os, como nos *Lusiadas* se acham, sobre a redondeza da terra subjugada pela energia da vontade heroica?

As descobertas maritimas foram incontestavelmente o facto culminante da historia da civilisação na Renascença. O poeta que as canta, e o povo que n'essa obra desempenhou o primeiro papel, tem o seu logar marcado entre os rarissimos prophetas da humanidade. A epopeia celebra um estado actual da alma collectiva e um acto da sociedade contemporanea: esse estado é nos *Lusiadas* o do optimismo idealista conforme o exprimia o character nacional; esse acto são as descobertas geographicas dos portuguezes.

A chronica conta: o poema canta e glorifica. Uma registra, a outra consagra. N'isto a epopeia se distingue da historia; mas o character historico é inseparavel da epopeia, por dous motivos: porque a authoridade da tradição é porventura a mais fundamental e a mais espontanea do espirito humano; e porque elle carece de ir procurar a passados remotos, tão remotos que se percam nas nuvens da phantasia, a imagem de estados afortunados que o presente contradiz sempre.

Quando os livros sagrados contam a genealogia dos deuses, fazem-n'a invariavelmente provir de um principio mythico; da mesma fórma, quando o rapsoda narra a historia do heroe, transmittida oralmente no decurso das gerações, essa historia entronca-se na dos deuses, perdendo-se no crepusculo do passado indefinido.

Camões, portanto, canta e celebra a historia do povo author da façanha, inspiradô por um patriotismo quente, que não deve confundir-se com o applauso aos seus contemporaneos. Com os fastos d'este povo vae formando o quadro da sua vida inteira. Nas suas mãos a historia é uma evocação. O sentimento da realidade inspira-o na escolha dos episodios caracteristicos, e a physionomia nacional apparece nitida na sua pureza. Essa verdade exacta, psychologica e historica, eis-ahi finalmente o que, juntando-se ao character scientifico da paixão universal do tempo, constitue o traço verdadeiramente epico dos *Lusiadas*, como expressão da physionomia real e actual da nação portugueza.

Hymno de gloria de um povo, quando esse povo preside á civilisação europeia, os *Lusiadas* são o symbolo synthetico do momento mais glorioso dos tempos modernos da Europa.

## III

Agora, que já classificamos o poema, depois de discorrermos sobre a natureza da arte e o caracter d'essa fôrma especial d'ella, chamada poesia, é tempo de vêrmos os dotes do poeta, que para si tomou a gloriosa empreza de cantar um povo heroico em uma epocha de heroes.

A qualidade essencial nos poetas é a sensibilidade. A alma ha de vibrar-lhes com energia e persistencia ao mais leve sopro da intuição. Nas artes que produzem symbolos representativos materiaes, como as chamadas artes plasticas, comprehende-se que uma tensão excepcional da intelligencia possa produzir resultados confundiveis com os que saem dos estados patheticos da alma. Mas na poesia não, nem na musica: embora n'esta ultima o caracter vago e indefinido do symbolo sonoro possa originar, em quem ouve, um estado pathetico differente ou opposto ao da intuição do artista, e até variavel no ouvinte conforme o estado de espirito em que se encontra. E' esse o limite, mas é tambem o condão excepcional da musica.

A palavra, porém, é mais nitida e expressiva, embora a poesia partilhe, até certo ponto, as propriedades da musica, no rithmo do verso e na onomatopea. O musico e o poeta, porém (e o poeta principalissimamente), cujos estados mentaes são os symbolos commoventes de quem os escuta, hão de ter a alma afinada como harpa eolia, que, suspensa nos ramos da arvore da vida, vibre cantando hymnos e elegias ao sopro das virações do senti-

mento. E' por isso, pois que a vida se compõe mais de amarguras do que de alegrias; é porque as sensações violentas do proprio enthusiasmo consomem tanto ou mais do que os collapsos da desesperança, ou as crises da afflicção; é porque o poeta vive pela imaginação, n'um instante, a vida de muitos homens: que a sua existencia, em regra, é um tecido de infortunios e um longo soluço abafado cruelmente pela morte. Delicioso infortunio, porém, o d'estas victimas da humanidade! Pagamos-lhes todos em amor a paixão que soffreram por nós, para nos revelarem, como é seu destino, alguns raios da luz que rebrilha nos horisontes crepusculares do sentimento, inapercebiveis á vista simples.

Póde estabelecer-se como regra que um poeta valeu tanto mais, quanto mais desgraçado foi na sua vida. A idéa de um poeta feliz, farto e satisfeito, é antipathica ao instincto popular, sempre seguro. Um poeta é uma paixão que encarnou em figura humana; e o proprio de todas as paixões é o infortunio, por isso mesmo que, na vida, a fortuna provém da ponderação, do equilibrio, do juizo, contrario a toda a especie de cogitações enthusiasmas.

Antes de proseguirmos convem portanto deixar assente que o infortunio da vida de Camões, os seus tormentos e a sua brevidade, não são cousas que devam commover os juizos do critico; embora possam e devam recordar-nos a imperfeição constitucional da existencia humana. Não se concebe um Camões feliz no meio da sociedade desvairada do tempo de D. João III, ou de D. Sebastião, e mais ainda no meio da chatinagem e da orgia da India. Póde affirmar-se que o poeta não teria sido quem foi, se, em vez de partilhar a sorte de outros poetas-heroes que cantou — de Duarte Pacheco, o que es-

creveu com fogo a ode homérica de Cambalaan; de Albuquerque, o que escreveu com raios a epopeia de um imperio alongado desde a Arabia até á China — tivesse deixado numerosa prole, aconchegada de meios, ennobrecida, ainda que não attingisse a grandeza dos aventureiros sem escrupulos, pelo menos na mediocridade dourada que Horacio, no tempo de Augusto, e no nosso seculo classico João de Barros, gosavam contentes, esfregando as mãos n'uma satisfação egoistamente quieta.

A vida do heroe e a vida do poeta são um martyrio permanente: um pelos impulsos da ambição activa, outro pela vehemencia das intuições devorantes. E quando a *vis* poetica toma, como em Camões, o character epico, a sua alma vibrante estremece a um tempo com as crises do sentimento e com as crises igualmente commoventes do patriotismo, da philantropia e da religião. Deus, os homens, a patria, a sociedade e a historia, o passado, o presente e o futuro, a terra e os céos infinitos, agitam-se-lhe na imaginação candente, revolvendo-se em torno d'esse problema nodal da affectividade humana, da affinidade electiva, do amor pessoal, do eterno feminino, da mulher, emfim, que, sendo o proprio coração de tudo, se torna o symbolo por excellencia poetico da existencia.

Quem quizer medir o grau de capacidade intuitiva de um poeta, estude-lhe as mulheres: está ahí a prova da sua sensibilidade—da sensibilidade que é a faculdade primaria, fonte, berço, ou nucleo de todas as outras.

Nos *Lusiadas* ha tres mulheres: Venus, Maria *a formosissima*, e a linda Ignez. Em todas ellas se vê o traço fundamental do character feminino: a meiguice. São todas tres medianeiras; e os tres episo-

dios femininos formam porventura os melhores, e, decerto, dos dez ou doze melhores episodios da epopeia. São todas tres submissas, mas activas; e o feminino eterno do poeta vae crescendo, desde o amor naturalista de Venus, cinzelada com um buril cellinesco, até ao martyrio augusto de Ignez, tendo de permeio a voz eloquente de Maria, quando implora de seu pae a salvação da familia querida. N'estas tres figuras está a mulher inteira, completamente feita de abnegação. Amante, esposa e martyr: n'estas tres palavras se resume a essencia d'aquellas que, junto de nós, são até certo ponto o symbolo real da existencia, porque são a poesia da especie.

O poeta que, na Renascença, tambem possuiu mais funda a intuição da alma natural do homem, Shakespeare, fez das *suas* mulheres, Ophelia, Desdemona, Julietta, um ramalhete de açucenas mysticas, em que a alvura virginal, a pureza immarcessivel, a abnegação e o martyrio, compõem o quadro completo do eterno feminino. A intuição historica, levando-o a desenhar Cleopatra com os proprios tons d'essa aberração desnatural, não pervertia, porém, a sua intuição psychologica; porque as suas mulheres typicas, de invenção propria, creadas pela imaginação do poeta, essas, fazia-as como as fez a alma tambem celtica de Camões.

E se o character psychologico da intuição shakespeareana leva principalmente o poeta para a dissecação dos estados da alma individual, analysando os sentimentos e as paixões, e sendo por ali conduzido ao pessimismo espontaneo que o exame do homem interior provoca sempre: o seu lyrismo satisfaz-se colhendo no vasto matagal das paixões esses lyricos de candidez feminina, tão puros, tão ethereos e lu-

minosos, como as mulheres de Camões, o grande poeta lyrico, o grande poeta epico, para quem por seu lado basta a dissecção da propria alma, uma vez que o genio o chama de preferencia a cantar e applaudir a grandeza de um povo, o heroismo de uma façanha e a magnificencia optima do Universo !

O primeiro momento de revelação feminina em Camões, é Venus. A *fabula* dá-lhe as tintas para essa encantadora pintura, que se destaca, dourada pelo sol, voando em ondas de um azul purissimo. A Venus meiga e amorosa da mythologia grega, havia de transformar-se, com effeito, na esposa classica, e bater as suas azas para o ideal da martyr-christan: de Venus vão sair Maria e Ignez.

Em protecção dos novos argonautas, Venus vae implorar o pae omnipotente:

E, como hia afrontada do caminho,  
Tão fermosa no gesto se mostrava  
Que as Estrellas e o Ceo e o Ar vizinho  
E tudo quanto a via namorava ;  
.....

Os crespos fios douro se esparzião  
Pelo colo, que a neve escurecia ;  
Andando, as lacteas tetas lhe tremião,  
Com quem Amor brincava e não se via ;  
Da alva petrina flammæ lhe saião,  
Onde o minino as almas acendia ;  
Pelas lisas colunas lhe trepavão  
Desejos, que como Era se enrolavão.

Com delgado cendal as partes cobre  
De quem vergonha he natural reparo ;  
Porem nem tudo esconde, nem descobre  
O veo, dos roxos lirios pouco avaro,



Mas, pera que o desejo acenda e dobre,  
Lhe poem diante aquelle objecto raro.  
Já se sentem no Ceo, por toda a parte,  
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte.

E, mostrando no angelico sembrante  
Co riso hũa tristeza misturada,  
Como dama que foi do incauto amante  
Em brincos amorosos mal tratada,  
Que se aqueixa, e se ri num mesmo instãte,  
E se torna entre alegr'e magoada,  
Desta arte a Deosa, a quem nenhũa iguala,  
Mais mimosa que triste ao Padre fala :

«Sempre eu cuidey, ó Padre poderoso,  
Que pera as cousas que eu do peito amasse  
Te achasse brando, affabil e amoroso,  
Posto que a algum contrairo lhe pesasse ;  
Mas, pois que contra my te vejo yroso,  
Sem qu'eu t'ó merecesse nẽm te errasse,  
Faça-se como Baco determina :  
Assentarey em fim que fuy mofina.

Este povo que he meu, por quem derramo  
As lagrimas que em vão caidas vejo,  
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,  
Sendo tu tanto contra meu desejo.  
Por elle a ti rogando choro e bramo,  
E contra minha dita em fim pelejo,  
Ora, pois porque o amo he mal tratado  
Quero lhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fuy...» e nisto de mimosa  
O rosto banha em lagrimas ardentes,  
Como co orvalho fica a fresca rosa ;  
Calada hum pouco como se entre os dentes  
Lhe impedira a falla piedosa ;

..... 1

<sup>1</sup> C. II, 34-41. As transcripções dos *Lusíadas* reproduzem o texto da segunda edição (1572).

Como resistiria o *grão Tonante* ao encanto, á graça, aos movimentos quasi infantis que estão exprimindo, pelo modo mais artistico, essa primeira revelação da mulher, ainda apenas *pagan*, em que não desabrochou a flôr mystica da expressão moral ou espirital? A causa dos portuguezes ficou desde logo vencedora.

Mas a Renascença, cujo pincel creou a Joconda e as Madonas raphaelescas, póde acaso vêr sómente na mulher este sêr fagaz e ephemero, feito de um beijo do sol na espuma aérea da onda, um encanto da vista e um estonteamento dos sentidos? Não; a Virgem, amamentando no collo o seu divino filho, tem retratada na face a paixão suave que lhe aquece brandamente o peito, dando-lhe a mansidão de todos os dias e a força placida para arrostar com perigos e trabalhos, fugindo para o Egypto, quando Herodes, o desalmado, ameaça a vida do Redemptor.

Herodes é o mouro merinide que passou o estreito, tomou Gibraltar (1332) e está cercando Tarifa, com o seu exercito medonho. Maria vem de Hespanha a este Egypto de Portugal implorar o pae, Affonso iv, que a salve, concorrendo com os principes christãos á batalha do Salado (1340), cujas aguas, outr'ora tintas no sangue dos godos d'el-rei Rodrigo, se tingirão agora no sangue dos merinitas.

Entrava a fermosissima Maria  
 Polos paternais paços sublimados,  
 Lindo o gesto, mas fora de alegria,  
 E seus olhos em lagrimas banhados;  
 Os cabellos Angelicos trazia  
 Pelos eburneos hombros espalhados;  
 Diante do Pay ledo, que a agasalha,  
 Estas palavras tais chorando espalha:

«Quantos povos a terra produzio  
De Africa toda, gente fera e estranha,  
O grão Rei de Marrocos conduzio  
Pera vir possuir a nobre Espanha.  
Poder tamanho junto não se vio,  
Despois que o salso Mar a terra banha ;  
Trazem ferocidade e furor tanto  
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

Aquelle que me deste por marido,  
Por defender sua terra amedrontada,  
Co pequeno poder, offerecido  
Ao duro golpe está da Maura espada ;  
E, se não for contigo socorrido,  
Ver-me-ás delle e do Reino ser privada ;  
Viuva e triste e posta em vida escura,  
Sem marido, sem Reino e sem ventura.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo  
O corrente Muluca se congella,  
Rompe toda a tardança, acude cedo  
A' miseranda gente de Castella.  
Se esse gesto, que mostras claro e ledó,  
De pay o verdadeiro amor assella,  
Acude e corre pay, que se não corres  
Pode ser que não aches quem socorres». <sup>1</sup>

Proseguimos na definição da mulher: não a terminamos. O amor fez-se maternidade; falta o martyrio. A mulher carece ainda da apothese pelo sacrificio. Se a Madona fita o seu olhar meigo sobre o filho pendente do seio, e se o sorriso da ironia, que é a graça consciente, treme nos labios da Jonconda: Desdemona morre suffocada, como um cordeiro, sem um balido, ás mãos do amante louco de ciumes. E além d'este martyrio profano, não estão as cathedraes cheias de retabulos em que as

<sup>1</sup> C. III, 102-105.

martyres, com os olhos no céo, recebem a morte da mão dos algozes, voando mysticamente para essa região etherea dos sonhos da sua alma?

A martyr, momento supremo da definição da mulher, é Ignez de Castro. Era feliz, porque era amada.

Estavas linda Ines, posta em sosego,  
De teus annos colhendo doce fruto  
Naquelle engano da alma ledo e cego  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos saudosos campos do Mondego  
De teus fermosos olhos nunca enxuito  
Aos montes insinando e ás ervinhas  
O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe ali te respondião  
As lembranças que na alma lhe moravão;  
Que sempre ante seus olhos te trazião,  
Quando dos teus fermosos se apartavão;  
De noite em doces sonhos que mentião,  
De dia em pensamentos que voavão;  
E quanto em fim cuidava e quanto via  
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras e Princesas  
Os desejados talamos engeita;  
Que tudo em fim tu, puro amor, desprezas  
Quando hum gesto suave te sogeita. <sup>1</sup>

### O drama precipita-se:

Vendo estas namoradas estranhezas  
O velho pay sesudo, que respeita  
O murmurar do povo e a fantasia  
Do filho, que casar-se não queria.

<sup>1</sup> C. III, 120-122.

Tirar Ines ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo co sangue so da morte indina  
Matar do firme amor o fogo aceso ;  
Que furor consentio que a espada fina,  
Que pode sustentar o grande peso.  
Do furor Mauro, fosse alevantada  
Contra hũa fraca dama delicada ? <sup>1</sup>

O momento culminante está na prece de Ignez de Castro, porventura o mais extraordinario milagre de pathetico expresso em linguagem humana.

Trazião-a os horrificos algozes  
Ante o Rei, já movido a piedade ;  
Mas o povo com falsas e ferozes  
Razões á morte crua o persuade ;  
Ella com tristes e piedosas vozes,  
Saidas so da magoa e saudade  
Do seu Principe e filhos, que deixava,  
Que mais que a propria morte a magoava ;

Para o Ceo cristalino alevantando  
Com lagrimas os olhos piedosos ;  
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
Hum dos duros ministros rigurosos ;  
E depois nos mininos atentando,  
Que tam queridos tinha e tam mimosos,  
Cuja orfindade como mãy temia,  
Pera o avô cruel assi dizia :

«Se ja nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento,  
E nas aves agrestes, que somente  
Nas rapinas aerias tem o intento,

<sup>1</sup> 122-123.

Com pequenas crianças vio a gente  
Terem tam piadoso sentimento,  
Como co a mãy de Nino ja mostrarão  
E cos yrmãos que Roma edificarão ;

Ó tu, que tês de humano o gesto e o peito  
(Se de humano he matar hũa donzella,  
Fraca e sem força, so por ter subjeito  
O coração a quem soube vencella)  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tês á morte escura della :  
Mova-te a piedade, sua e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha.

E se, vencendo a Maura resistencia,  
A morte sabes dar com fogo e ferro,  
Sabe tambem dar vida com clemencia  
A quem pera perdela não fez erro ;  
Mas, se t'o assi merece esta iuocencia,  
Poem-me em perpetuo e misero desterro,  
Na Scitia fria ou la na Lybia ardente,  
Onde em lagrimas viva eternamente.

Poem-me onde se use toda a feridade,  
Entre Liões e Tigres, e verey  
Se nelles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achey.  
Ali, co amor intrinseco e vontade  
Naquelle por quem mouro, criarey  
Estas reliquias suas, que aqui viste,  
Que refrigerio sejam da mãy triste». <sup>1</sup>

Depois, segue-se a consummação do martyrio e o canto do poeta, reproduzindo o côro commentador da tragedia antiga.

Queria perdoar-lhe o Rei benigno,  
Movido das palavras que o magoão ;  
Mas o pertinaz povo e seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoão.

<sup>1</sup> 121-129.

Arrancão das espadas de aço fino  
Os que por bom tal feito ali apregoão.  
Contra hũa dama, ó peitos carnicheiros,  
Feros vos amostrais e cavalleiros ?

Qual contra a linda moça Policena,  
Consolação extrema da mãy velha,  
Porque a sombra de Achilles a condena,  
Co ferro o duro Pirro se aparelha ;  
Mas ella os olhos com que o ar serena  
(Bem como paciente e mansa ovelha)  
Na misera mãy postos, que endoudece,  
Ao duro sacrificio se offerece :

Tais contra Inès os brutos matadores,  
No colo de alabastro, que sostinha  
As obras com que amor matou de amores  
Aquelle que depois a fez Rainha,  
As espadas banhando e as brancas flores  
Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavão, fervidos e yrosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.

Bem podéras, ó Sol, da vista destes  
Teus rayos apartar aquelle dia,  
Como da seva mesa de Tyestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comia !  
Vós, ó concavos vales, que podestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,  
O nome de seu Pedro que lhe ouvistes  
Por muito grande espaço repetistes !

Assi como a bonina que cortada  
Antes do tempo foy, candida e bella,  
Sendo das mãos lacivas mal tratada  
Da minina que a trouxe na capella,  
O cheiro traz perdido e a cor murchada :  
Tal está morta a palida donzella,  
Secas do rosto as rosas e perdida  
A branca e viva cor, co a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura  
 Longo tempo chorando memorarão ;  
 E, por memoria eterna, em fonte pura  
 As lagrimas choradas transformarão.  
 O nome lhe poserão, que inda dura,  
 Dos amores de Ines que ali passarão.  
 Vede que fresca fonte rega as flores,  
 Que lagrimas sam a agoa e o nome amores ! <sup>1</sup>

O crescendo é bello. Venus, ralha, queixa-se, ri ao mesmo tempo e chora, inconsciente, encantadora, como um sêr natural apenas: uma flôr, ou uma estrella, um raio de sol, um floco de nuvem suspenso no azul do céo, ou um botão de espuma vogando tontamente sobre a onda.

Maria é mulher. Inspira-a e move-a o sentimento de um dever, não vae guiada por um simples capricho; por isso a sua physionomia é sobria n'uma angustia que sabe conter-se. Chora no seio paterno, e com a voz trémula, o peito em ancia, *espalha*, não coordena, nem deduz os seus rogos. Vê-se alguém que sabe o que faz, e porque o faz: e o motivo é justo e adequado á natureza feminina, feita para chorar, pedir... e alcançar.

Ignez de Castro, finalmente, corôa o quadro com a auréola que a imaginação ingenua dos velhos pintores punha sobre a cabeça dos santos. Ignez de Castro, tão seductora como Venus, tão senhora e tanto mãe como Maria, sobre amante e esposa, é martyr.

\*

A sensibilidade camoneana vê-se no modo com que sente o character meigo e bom do genio portu-

<sup>1</sup> 130-135.



guez, manifesto ainda nos momentos em que a imaginação acorda enfurecida pelas evocações tragicas dos combates :

Deu sinal a trombeta Castelhana  
Horrendo, fero, ingente e temeroso ;  
Ouvio-o o monte Artabro e Guadiana  
Atras tornou as ondas, de medroso ;  
Ouvio o Douro e a terra Transtagana ;  
Correo ao mar o Tejo duvidoso ;  
E as mãis, que o som terribil escutárão,  
Aos peitos os filhinhos apertárão. <sup>1</sup>

E' Aljubarrota (1385). E' a guerra. Toda a natureza pasma e treme, e, no meio d'este susto immenso, as mães apertam os filhos contra o seio. Na tela epica onde se desenrola o fragor e a commoção esmagando o mundo, o primeiro logar é o das pobres mães. A natureza inteira está suspensa d'esse seio turgido do amor, que é a propria fonte da vida universal.

N'outro ponto é D. Francisco de Almeida que parte a vingar a morte do filho trucidado no morticínio de Chaul (1508):

Eis vem o pay com animo estupendo,  
Trazendo furia e magoa por antolhos,  
Com que o paterno amor lhe está movendo  
Fogo no coração, agoa nos olhos ;  
A nobre yra lhe vinha prometendo  
Que o sangue fará dar pellos giolhos  
Nas inimigas naos ; sentilo-ha o Nilo  
Podelo-ha o Indo ver e o Gange ouvilo. <sup>2</sup>

O odio e a colera confundem-se com a dôr. Qual

<sup>1</sup> C. IV, 28. — <sup>2</sup> C. X, 33.

é maior: a furia do capitão, ou a angustia do pae? No coração tem fogo, mas nos olhos tem agua. A morte do filho e o desastre das suas armas enchem-n'o de desespero, mas tambem de dôr. Não é um olympico, é um homem, e um homem dominado por sentimentos graves, piedosos, como os de Eneas. Não ha aqui imitação virgiliana. O caracter nacional, exactamente sentido por Camões, compõe-se de gravidade quasi romana, aquecida, como no mantuano, pela sentimentalidade naturalista; e d'essa furia tragica, terrivel, quasi carthagineza, que imprime ao poema um caracter obscuramente fatidico.

Não é o desespero e a violencia dos homens barbaros de Shakespeare, estudados e pintados como nunca ninguem pintou a natureza na sua crueldade humana. Os homens de Camões só por momentos, excepcionalmente, apparecem animados pela furia e pela força portugueza. Não é isso que lhes imprime caracter, pelo contrario: são os traços de gravidade classica e de sentimentalidade celtica. Mas com as erupções occasionaes da furia succede como nas regiões vulcanicas. Basta o borbulhar das fontes de agua em ebulição, o rebentar aqui ou além de um pennacho de fumo; basta a côr metallica dos arroyos e as nodoas sulfurosas da terra: não é mister lava nem trovões, para se sentir que marchamos sobre abysmos de fogo subterraneo comprimido.

Assim succede nos *Lusiadas* com o Terror lusitano, que exerce na imaginação o papel soberano da Moira grega, ou do Fatum latino. Esta forte impressão epica é a atmosphaera que envolve toda a acção, e em cujo seio se agitam os episodios.

A propria tristeza, ou antes, melancolia doce do genio portuguez, tão completamente sentida nos

*Lusiadas*, vem em abono d'esta observação, porque a passividade na tristeza importa o reconhecimento de um Fado absoluto, contra o qual não é dado erguer a cabeça.

D'esses quadros de melancolia inexcedível, em que a natureza inteira chora e soluça acompanhando os homens, estão cheios os *Lusiadas*. Uma vez são os que ficaram em Sofala, na viagem de Vasco da Gama, victimas do escorbuto; a estrophe é um adeus:

Em fim que nesta incognita espessura  
Deixamos pera sempre os companheiros,  
Que em tal caminho e em tanta desventura  
Forão sempre comnosco aventureiros.  
Quam facil he ao corpo a sepultura!  
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros  
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,  
Recebêrão de todo o illustre os ossos. <sup>1</sup>

Outra vez é a transfiguração de S. Thomé, o apóstolo lendario das Indias:

Chorarão-te, Thomé, o Gange e o Indo;  
Chorou-te toda a terra que pisaste;  
Mais te chorão as almas que vestindo  
Se yão da sancta Fé, que lhe insinaste;  
Mas os Anjos do ceo, cantando e rindo,  
Te recebem na gloria, que ganhaste.  
Pedimos-te que a Deos ajuda peças,  
Com que os teus Lusitanos favoreças. <sup>2</sup>

Outra vez, finalmente, é a melancolia de deixar a sua querida terra, quando largava para o Oriente (1553):

<sup>1</sup> C. v, 38. — <sup>2</sup> C. x, 123.

Ja a vista pouco e pouco se desterra  
Daquelles patrios montes, que ficavão;  
Ficava o charo Tejo e a fresca serra  
De Sintra, e nella os olhos se alongavão;  
Ficava-nos tambem na amada terra  
O coração, que as magoas la deyxavão;  
E ja, depois que toda se escondeo,  
Não vimos mais em fim que mar e ceo. <sup>1</sup>

Este amor naturalista da patria é que ao poeta mais frequentemente acorda a sua melancolia constitucional e lusitana. Nem admira, porque, de todos os sentimentos congregados na sua alma, o amor patrio, nos successivos momentos da sua definição, é o mais constante, disseminando-se como os capillares que vão por toda a parte do corpo distribuir o sangue e a vida.

Achou a litteratura nacional dividida em tres facções ou escholae: os petrarchistas, os trovistas e os latinistas; os litteratos *à la moda*, os seguidores da tradição popular medieval, e os imitadores cegos da Antiguidade. Ao mesmo tempo encontrou uma lingua já feita, mas ainda por consagrar, e um instrumento, a rima, que os arabes tinham popularizado na Europa. Taes eram os materiaes litterarios: reuniu-os, fundiu-os, fez-lhes como Deus ao barro vermelho do paraiso, e creou. Mas estes materiaes litterarios correspondiam a estados moraes que agitavam as consciencias: o petrarchismo lyrico traduzia a sentimentalidade ingenita do celta lusitano; o latinismo accusava a sua ambição classica; e finalmente os trovistas populares exprimiam a verdade com que a patria portu-gueza mantinha ainda o amor da sua tradição pro-

<sup>1</sup> C v, 3.

pria, a lembrança dos velhos tempos de inorganismo medieval acabou pouco havia por D. Manoel com a reforma dos Foraes. Camões soprou, como o Creador, sobre a imagem de barro, inspirou-lhe vida, deu-lhe movimento, alma — azas! e soltou a voar nos ares a pomba gerada no seu seio por um acto de vehemente amor patrio.

Os *Lusiadas* são essa ave: o paraqueto da nação portugueza. Cantam

As armas e os barões assinalados  
Que da Occidental praya Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda alem da Taprobana. <sup>1</sup>

como a *Eneida*, que começa:

*Arma virum que cano Trojae qui primus ab oris...*

Os *Lusiadas* e a *Eneida* são as duas epopeias nascidas do pensamento consciente, em que o amor naturalista da terra se define n'uma idéa: o patriotismo. Todas as epopeias cantam o solo onde os heroes nasceram; mas só estas fazem do patriotismo uma especie de religião: fé e piedade em que se transforma o instinto primitivo.

Com uma franqueza que talvez chegue a ser cruel, Camões diminue o seu heroe para levantar o sentimento que verdadeiramente o inspira, isto é, o patriotismo, e de que Vasco da Gama não é mais do que o accidente occasional. O critico apparece; e o defeito esthetico de amesquinhar o

<sup>1</sup> C. I, 4.

heroe, attesta, porém, a sinceridade do poeta e a certeza da sua intuição.

A's Musas agardeça o nosso Gama  
 O muito amor da patria, que as obriga  
 A dar aos seus na lira nome e fama  
 De toda a illustre e bellica fadiga ;  
 Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,  
 Caliope não tem por tão amiga,  
 Nem as filhas do Tejo que deixassem  
 As tellas douro fino e que o cantassem

Porque o amor fraterno e puro gosto  
 De dar a todo o Lusitano feito  
 Seu louvor, he somente o presuposto  
 Das Tagides gentis e seu respeito. <sup>1</sup>

Encontrando-se, face a face, o litterato e o poeta, um a impôr a admiração dos modêlos classicos, outro accessa a imaginação pelo patriotismo: Camões cuja rude franqueza lusitana infringira as regras da arte para confessar a verdade ingenua do seu pensamento, não duvida tambem deprimir os seus maiores, Homero, Virgilio :

Esse que bebo tanto da agoa Aonia,  
 Sobre quem tem contenda peregrina,  
 Entre si, Rodes, Smirna e Colofonia,  
 Atenas, Yos, Argo e Salamina ;  
 Ess'outro que esclarece toda Ausonia,  
 A cuja voz altisona e divina,  
 Ouvindo o patrio Mincio se adormece,  
 Mas o Tibre co som se ensobervece :

Cantem, louvem e escrevão sempre extremos  
 Desses seus Semideoses e encareção,  
 Fingindo Magas, Circes, Polifemos,  
 Syrenas, que co canto os adormeção...

<sup>1</sup> C. v, 99-100.

Ventos soltos lhe finjão e imaginem  
 Dos odres e Calipsos namoradas,  
 Harpias, que o manjar lhe contaminem,  
 Decer ás sombras nuas ja passadas;  
 Que, por muito e por muito que se afinem  
 Nestas Fabulas vãs tão bem sonhadas,  
 A verdade que eu conto nua e pura  
 Vence toda grandiloca escriptura. <sup>1</sup>

Essa *verdade* é o patriotismo, que se tornou uma fé absoluta: cesse por ella a fama de todos os anti-heroes, cesse a gloria de todos os poetas antigos,

Que eu canto o peyto illustre Lusitano  
 A quem Neptuno e Marte obedeçerão:  
 Cesse tudo o que a Musa antigua canta,  
 Que outro valor mais alto se alevanta! <sup>2</sup>

O sentimento firme da grandeza dos actos praticados, a consciencia da nobreza da gente e da excellencia do tempo, esse optimismo absoluto, é o que torna possível a epopeia e determina a concepção do poema. Os *Lusiadas* andavam dispersos no pensamento de todos os portuguezes: Camões foi o verbo nacional que exprimiu o sentimento colectivo. Ha em todos o desejo de verdade, que constitue um dos traços ingenuamente populares do poema. Quer-se a deposição dos factos. Venha cada qual e diga se tudo o que se conta succedeu ou não. Não se trata de fabulas, trata-se de realidades que, de facto, excedem toda a fabula.

«Os turcos em suas cantigas, diz João de Barros <sup>3</sup>, louvam os feitos de armas e cavallarias de

<sup>1</sup> C. v, 87-89. — <sup>2</sup> C. i, 3. — <sup>3</sup> *Paneg. de D. João* III.

seus capitães, e em toda a Europa mais proveito de tal musica nasceria do que nasce de saudosas cantigas e trovas namoradas». Esta condemnação do lyrismo petrarchista é a expressão ingenua da confiança epica dos espiritos. Quando Baccho, perseguindo os lusitanos, se queixa a Neptuno dos seus atrevimentos, diz-lhe:

Vistes que com grandissima ousadia  
 Forão já cometer o Ceo supremo ;  
 Vistes aquella insana fantasia  
 De tentarem o mar com vella e remo ;  
 Vistes, e ainda vemos cada dia,  
 Soberbas e insolencias tais que temo  
 Que do mar e do Ceo em poucos anos  
 Venhão Deoses a ser e nós humanos. <sup>1</sup>

Ora, os portuguezes do tempo acreditavam sinceramente, e com bastante razão, com effeito, que em verdade estavam praticando as ousadias denunciadas por Baccho. Na Africa tinham *maritimos assentos*: uma gargalheira de feitorias que a cercava em toda a volta. Na Asia, eram *mais que todos soberanos*, desde que Albuquerque, estendendo o imperio desde a Arabia até á China, lhe poze-  
 ra os tres pontos cardeaes em Ormuz, em Goa, em Malaca. Aravam além d'isso os campos na *quarta parte nova*, a America, descoberta por Pedr'Alva-  
 res Cabral. Por isso, o poeta prophetisava que os lusitanos

Novos mundos ao mundo irão mostrando. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> C. VI, 29. — <sup>2</sup> C. II, 45.



E como revelaram os mundos todos, exgotando a terra, nada mais restava a fazer, pois a gente portugueza

Se mais mundo houvera, lá chegára, <sup>1</sup>

uma vez que nada a assusta, e perante ella, de joelhos, o poeta exclama incendiado em enthusiasmo:

Oh gente forte e de altos pensamentos  
Que tambem dela hão medo os elementos. <sup>2</sup>

A apotheose da nação está feita; o poeta vae cantar os seus actos, os seus heroes:

Hum Pacheco fortissimo, e os temidos  
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,  
Albuquerque terribil, Castro forte,  
E outros em quem poder não teve a morte. <sup>3</sup>

Mas para o fazer pede

...hũa furia grande e sonora,  
E não de agreste avena ou fruta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda. <sup>4</sup>

«Nasce de tal musica mais proveito do que de saudosas cantigas ou trovas namoradas», dizia tambem João de Barros. E o proveito, o lucro, a utili-

<sup>1</sup> C. VII, 44. — <sup>2</sup> C. II, 47. — <sup>3</sup> C. I, 44. — <sup>4</sup> C. I, 5.

dade, são idéas que vêem também sommar-se a todas as anteriores no pensamento de um poema inspirado pelas façanhas da navegação e do commercio, desabrochando ao sol da sciencia que na Renascença pairava já alto no firmamento mental da Europa.

## CAPITULO SEGUNDO

Luiz de Camões <sup>1</sup>

---

### I

(1524-1553)

A vida de Camões decorre desde 1524 (ou 23) até 1580. Nasce quando morria o descobridor do caminho da India; e morre quando acabava, depois da catastrophe de Alcacerquibir (1578), a independência portugueza. Divide-se naturalmente em tres periodos: antes da partida para o Oriente (1524-1553), vinte e oito annos de mocidade; durante as suas viagens ultramarinas (1553-1570), dezeseite annos de aventuras; e depois do regresso á patria (1570-1580),

<sup>1</sup> A vida de Camões foi modernamente restaurada pelo V. de Juromenha na *Coll.* das obras do poeta, pelo snr. Th. Braga na sua *Historia de Camões*, p. 1 (1873) e agora pelo snr. Wilh. Storck, o eminente traductor allemão do nosso epico: *Luis' de Camões Leben*, Paderborn, 1890. N'estas tres fontes colhemos muitos dos elementos do nosso resumo.

dez annos de agonias, ao cabo dos quaes Camões concluiu a vida aos cincoenta e cinco (ou seis) annos de idade.

Essa vida é breve, como em geral a dos poetas ; e foi tormentosa, como veremos por este rapido ensaio.

Os paes de Camões, de uma estirpe raiana do Minho, entroncavam-se n'uma d'essas familias gallegas que, nos azares dos dous primeiros seculos da monarchia, oscillavam entre Portugal e Castella, transpondo a fronteira, emquanto não ficou assente o destino meridional da nova patria, a fixação da capital em Lisboa, e o abandono consequente das antigas pretensões a incorporar toda a Gallisa. Em ambas as suas margens o Minho é gallego ; ainda hoje ha casas historicas, cujos bens se dividem por ambas ellas ; levou seculos a consummar-se a scição politica da Gallisa em duas, pelo Minho ; e só se tornou definitiva, dissipando-se a ambição portugueza de a absorver, quando Portugal, trasladando a capital para o sul, de Guimarães ou Coimbra, onde fôra, para Lisboa, onde ficou sendo, perdeu o character de nação gallega e com elle a ambição de exercer sobre a Gallisa inteira a sua hegemonia.

O sangue de Camões era, pois, genuinamente portuguez : minhoto ou gallego, o que é o mesmo. Seus paes, embora de antiga linhagem, só pelo gerarem se tornaram illustres. Simão Vaz de Camões era um escudeiro ou cavalleiro-fidalgo obscuro que vivia na côrte, e em 1553 se encontra trasladado para Coimbra. Sua mãe, Anna de Sá de Macedo, sobreviveu ao filho, arrastando penosamente uma velhice a que a pensão de *seis coroas*, decretada em 1580, e em 1585 elevada a *quinze mil reis*, vem mitigar a pobreza.

Foi em Lisboa (ou em Coimbra) que nasceu Camões, e ahí passou a primeira infancia. Aos treze annos, em 1537, tendo partido dous annos antes para Coimbra, achamol-o cursando as aulas do collegio de Santa-Cruz sob a protecção de seu tio, o prior D. Bento, geral da Ordem, válido de D. João III e depois (1539) cancellario da Universidade, que nutria a esperanza de o fazer entrar na vida ecclesiastica.

A Universidade, transferida de Lisboa para Coimbra em 1537, dous annos antes da nomeação do geral D. Bento, era então centro de estudos fecundo e forte, onde el-rei D. João III congregára um nucleo de homens eminentes pelo saber. Recrutára-os por toda a Europa, e a fama dos estudos da Universidade de Coimbra soava por toda ella. As letras e as linguas classicas eram cultivadas com aquella profunda fé que a Renascença collocava na efficacia do humanismo. Parecia-lhe uma revelação. Ainda a doutrina de Santo Ignacio não viera desvirtual-o, podando-o e tornando-o instrumento servil, não já da theologia, como na Edade-média, mas de uma nova disciplina do pensamento. Ainda o jesuitismo não tinha invadido Portugal, nem portanto absorvido, como absorveu depois, a universalidade dos estudos.

Ainda então as letras se não consideravam um instrumento apenas; mas, pelo contrario, punha-se no saber e na educação do espirito o proprio fim, o proprio objecto da vida. O humanismo era uma philosophia.

Letras, sciencias cultivavam-se em Coimbra fervorosamente. A Universidade congregava o que Portugal tinha, e era muito. Coimbra parecia Athenas: *Athenas esse credimus*. Ensinavam ahí Pedro

Nunes, o mathematico, André de Gouveia, João da Costa, Diogo de Teive, Antonio Mendes, João Fernandes, André de Rezende, o archeologo, Ignacio de Moraes, Melchior Belliagio; e aos professores portuguezes juntava esse rei, com quem a historia moderna tem sido atrozmente injusta e cujo governo foi incomparavelmente mais lucido e forte do que o do Venturoso, os mestres mandados vir de França, por ordem do doutor Diogo de Gouveia, que a esse tempo andava na Universidade de Paris, e era reitor ou principal do collegio de Santa Barbara. Francezes, hespanhoes e inglezes, eram Gronchio, Fabricio, Rosetto, Elias, Jacques, Patricio e Buchanam, para o latim, grego e hebreu e para as *artes*; eram Cuellar, Reinoso, Guevara, para a medicina; Santa Cruz, Arnanio, Scott, para as leis; Navarro, Alarcão, Morgovejo e Andrada, para o direito canonico; e Ledesma, Prado, Monson, Romeu e Villariño para a theologia. A Universidade gosava de altos creditos em toda a Europa, e era a primeira das Hespanhas: *Coninbriga civitas inter alias totius Hispaniae in re litteraria florentissima.*

Eis-ahi o foco d'onde irradiou, sobre o espirito de Camões, a primeira luz da educação; embora pareça averiguado que nunca passou dos estudos menores, no collegio de Santa-Cruz, para a Universidade. Eis ahi onde travou as relações e amizades que o acompanharam no decorrer da vida. A sua mocidade exuberante encontrou no genio da Antiguidade classica o alimento de uma iniciação forte; mas o destino posterior da sua vida e a pujança espontanea do seu talento impediram que essa iniciação fizesse murchar, como succedeu tantas vezes, a originalidade e a nacionalidade do seu

genio. Vestiu-se á antiga, ficando sempre moderno, pelo coração e pelo sangue. Adoptou as regras da arte ensinadas pelos mestres, mas conservou forte o instinto vivamente espontaneo.

Desde o principio e toda a vida, portanto, apparece como um rebelde, um insubmisso, um dissidente, e por tudo isto um vencido. Engeitou os conselhos do tio que o queria fazer padre, e, terminados os seus tres annos de estudos preparatorios, em 1542, volta á côrte aos dezoito annos, a lançar-se no

..... grande mar  
Com somma de pescadores,

como Gil Vicente dizia <sup>1</sup>, alongando um adeus a Coimbra onde obtivera a primeira revelação do seu genio, pela iniciação no lyrismo provençal e petrarchista.

Doces e claras agoas do Mondego,  
Doce repouso de minha lembrança,  
Onde a comprida e perfida esperança  
Longo tempo apoz si me trouxe cego,  
De vós me aparto, si ; porem não-nego  
Que inda a longa memoria, que me alcança,  
Me não deixa de vós fazer mudança,  
Mas quanto mais me alongo, mais me achego.  
Bem poderá a fortuna este instrumento  
Da alma levar por terra nova e estranha,  
Offerecido ao mar remoto, ao vento.  
Mas a alma, que de cá vos acompanha  
Nas azas do ligeiro pensamento  
Para vós, agoas, voa e em vós se banha. <sup>2</sup>

O Mondego, onde se lhe havia de banhar sempre o pensamento, fôra-lhe a fonte de Castalia em que

<sup>1</sup> *Rom. de Aggr.* — <sup>2</sup> *Sonn.* 133.

o seu genio acordára, temperando-se na educação lyrica. Com o prenuncio ainda vago das aventuras que o esperavam, «por terra nova e estranha, offerecido ao mar remoto e ao vento», porventura o poeta allude, na «perfida esperança» que «longo tempo o trouxe cego», aos annos consumidos na idéa de abraçar o estado ecclesiastico.

Mas o que já se ouve e sempre se ouvirá, é o cantar meigo da harpa da melancolia que, n'outra despedida ao Mondego, diz assim :

... Por quantos modos, quantos meios,  
As minhas saudades me entristecem !  
Vida de tantos males salteada,  
Amor a põe em termos, que duvida  
De conseguir o fim d'esta jornada. <sup>1</sup>

Aos dezoito (ou dezenove) annos Camões entrava, pois, na côrte, cujas portas lhe abria o nascimento, travando relações de camaradagem com a mocidade dourada do tempo, geração precedente áquella que em Cintra e em Lisboa acompanhava D. Sebastião: rapazes alfenados, arrastando o passo e as fallas affectadamente, com a ambição morbida de espantarem o mundo por alguma excentricidade ruidosa; rapazes de que o rei era o primeiro, com a sua visão louca da conquista do Santo Sepulchro, allucinação aristocratica das Cruzadas, resuscitada por atavismo, e que deu connosco em Alcacerquibir.

A geração de Camões era outra: eram ainda os homens duros e praticos, pilotos e soldados, absorvidos pelo afan de conquistarem e enriquecerem; dando largas ao temperamento violento, ensaian-

<sup>1</sup> Sonn. 111.



do-se em moços, pelas aventuras da côrte, nas aventuras mais sérias da vida. Essa geração que compunha a roda dos amigos de Camões á sua volta de Coimbra, incluia o duque de Bragança e seu irmão D. Constantino, que depois foi vice-rei da India, o duque de Aveiro, os marquezes de Villa Real e de Cascaes, os condes de Redondo e da Sortelha, D. Antonio de Noronha, e o conde de Vimioso, D. Antonio de Portugal, a quem o poeta chamava o seu Mecenas. <sup>1</sup>

A côrte era ainda uma academia: em torno da infanta D. Maria congregava-se um circulo de mulheres letradas: D. Leonor de Noronha; as Sigeas, Angela e Luiza, hellenistas e hebraisantes celebres; Publia Hortensia de Castro; Joanna Vaz, illustrissima em classicos; e a filha de Gil Vicente, que na côrte se chamava já o «Plauto portuguez», e que morrêra em 1536, quando Camões era ainda quasi uma creança, um anno antes de partir para Coimbra. Bernardim Ribeiro, encerrado no seu retiro de Cintra, chorava a morte da princeza amada. Sá de Miranda, mentor litterario de Diogo Bernardes, depois de lançar as letras portuguezas na esteira em que agora navegavam, acolhêra-se no proprio anno da morte de Gil Vicente á sua Thebaida minhota da Tapada, d'onde não voltou a sair. <sup>2</sup> João de Barros, o amigo de Damião de Goes, e que em 1520 se ensaiára escrevendo o *Clarimundo*, não publicára ainda as suas celebres *Decadas*, que só dez annos mais tarde (1552) principiariam a vir á luz.

Não eram, porém, os graves estudos dos letrados e eruditos que absorviam as attenções e as sympa-

<sup>1</sup> Ode, 7. — <sup>2</sup> C. Michaellis de Vasconcellos, *Poes. de Fr. de Sá de Miranda*; Halle, 1885.

tias de um rapaz de dezoito ou dezenove annos, alegre, formoso, robusto. Rimava, mas por galanteria e folgança. As mulheres, a meza, os amigos, o janotismo: eis-ahi as suas preoccupações e os seus exercicios. Se cogitava no futuro, a sua idéa era decerto ganhar a vida na côrte, ou pelas armas, aventurosamente. Presumido, as camisas bordadas, os pellotes de velludo, as ceroulas de chamalote, as carapuças de solia e os chapéos de abas exaggeradas, que o faziam conhecido, traziam-n'õ entãõ muito mais occupado do que outras cogitações. Ruivo, de olhos azues, rasgados, com seus bigodes viris, os labios cheios, a testa larga mas «algum tanto carregada», Camões encantava as mulheres, como bom portuguez, dispondo d'aquelle ar *amavioso* de que falla o Fernam Lopes e que Bernardim Ribeiro celebrava no seu romance da *Menina e Moça*. Retratou-se a si proprio no Leonardo:

... soldado bem disposto  
Manhoso, cavalleiro e namorado  
A quem amor não dera um só desgosto.

Por sobre namorado, buliçoso e ardente, achavam-n'õ em todas as contendias tão frequentes da vida de uma côrte que era o viveiro de capitães destinados a irem por todo o mundo dominal-o com a sua valentia. Querido como rapaz alegre e brioso, ninguem descortinava n'elle o que viria a ser; pois nunca passou por prodigio na infancia, triste sorte que, por via de regra, só produz enfesados ou monstruosidades. Embora poetasse já, Camões era um rapaz como os outros n'uma côrte accentuadamente litteraria; mas tinha a mais que mui-

tos outros uma sensibilidade de tal modo exaggerada, que na primeira crise decidiria da sua vida. O mundo interior não o dominava ainda, mas a erupção dar-se-hia ao primeiro abalo.

\*

Esse abalo foi a sua paixão pela filha de D. Antonio de Lima, que era mordomo-mór do infante D. Duarte. Chamava-se Catharina; Camões (Luis = Liso, ou Niso) chamou-lhe Natercia. Estavam em moda os anagrammas eruditos: Rabelais dizia-se Acofribas-Nasier, ou Rabie-læsus; Jean Turquet era Naturequite; Calvino, Jean-Cul; Long-se-desa-voye significava Louise de Savoie.

Viu-a pela primeira vez resando n'uma igreja, como Petrarcha á sua Laura em Santa-Clara de Avinhão:

Amor alli, que o tempo me aguardava  
Onde a vontade tinha mais segura  
Com uma rara e angelica figura  
A vista da razão me salteava. <sup>1</sup>

E Natercia, transfigurada pela imaginação do poeta, foi para elle o que a mulher é para a natureza: o symbolo do amor universal, como Beatrice e Fiammeta, Laura e Catharina de Vancel, Sofronia, Ginevra e Theodora. No recinto luminoso da igreja, Natercia apparecia a Camões como uma revelação do Inconsciente, abrindo ao seu espirito horisontes ainda não vistos, circulos de um mundo por onde o eterno feminino o levava, como Virgilio a Dante, guiando-o pela mão.

<sup>1</sup> Sonn. 77.

Desde logo a flôr da sua alegria ingenua de rapaz bulhento se achou transformada n'um desejo ardente de amor, em cujo nucleo estava o côro de sentimentos epicos desabrochados successivamente com o tempo, entretecido na amarga corôa de afflicções e espinhos lancinantes. A sua virgindade sentimental quebrava-se, a sua ingenuidade fugia. O amor fazia-o homem. Começavam-lhe os tormentos da vida; o maior de todos os quaes seria a ambição epica, acordada quando o menor, as torturas do seu amor humano, lhe trouxessem a primeira crise sentimental.

As crueldades da sua amada são como os primeiros balanços da nau, ao embate das ondas nuncias de tempestade :

Ah! Natercia cruel! quem te desvia  
Esse cuidado teu do meu cuidado?  
Se tanto hei de penar desenganado,  
Enganado de ti viver queria.

Que foi d'aquella fé que tu me deste?  
D'aquelle puro amor que me mostraste?  
Quem tudo trocar pôde tão asinha?

Quando esses teus olhos n'outro puzeste,  
Como te não lembrou que me juraste  
Por toda a sua luz que eras só minha? <sup>1</sup>

Natercia sorria enigmaticamente com o sorriso da Joconda, arrastando o poeta para a via-sacra das torturas que lhe haviam de revelar o seu destino. A mulher é uma sereia por cuja voz enganadora falla a verdade. Natercia perdia-o; mas, perdendo-o, ganhava-o para a sua missão. Quando muitos annos depois, em 1558, o poeta, encarcerado em Goa, já na plena posse do seu genio e na completa

<sup>1</sup> Sonn. 117.

consciencia do seu destino, soube que em Lisboa  
morrêra essa que fôra para elle a fôr mystica da  
sua vida, soltou um grito como os de Job :

O dia, hora em que naci moura e pereça  
Não o queira jamais o tempo dar,  
Não torne mais ao mundo, e se tornar  
Eclipse n'esse passo o sol padeça.  
A luz lhe falte, o sol se escureça,  
Mostre o mundo sinaes de se acabar,  
Nação-lhe monstros, sangue chova no ar,  
A mãe ao proprio filho não conheça.  
As pessoas pasmadas de ignorantes,  
As lagrimas no rosto, a cor perdida,  
Culdem que o mundo ja se destruiu.  
Oh gente temerosa, não te espantes,  
Que este dia deitou ao mundo a vida  
Mais desgraçada que jamais se viu ! <sup>1</sup>

A mesma alma, porém, que rugia com desespero,  
chorava meigamente como pomba n'estes versos,  
porventura os mais bellos de Camões :

Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo d'esta vida descontente,  
Repousa lá no céo eternamente,  
E viva eu cá na terra sempre triste.  
Se lá no assento Ethereo, onde subiste,  
Memoria d'esta vida se consente,  
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,  
Que ja nos olhos meus tão puros viste.  
E se vires que pode merecerte  
Algũa cousa a dor que me ficou  
Da inagoa, sem remedio, de perderte ;  
Roga a Deus que teus annos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te  
Quão cedo de meus olhos te levou. <sup>2</sup>

A expressão é inteiramente diversa. Além sente-

<sup>1</sup> Sonn. 339. — <sup>2</sup> Sonn. 49.

se o desespero, a dôr, a furia contra uma punhalada cruel do destino. Adivinha-se como a imagem da amante enchia absorventemente a vida do poeta, e de que loucuras elle teria sido capaz, quando em moço, na côrte, com a alma ainda em botão, na embriaguez de uma paixão irritante, ou soffria as consequencias dos caprichos da rapariga, ou dava largas á sua vaidade imprudente <sup>1</sup> pelos obsequios com que ella o favorecia.

Ou por se ter batido em duello com algum rival, ou porque o colhessem no dialogo de alguma egloga, o facto é que o rapaz foi banido da côrte. Attribuem tambem o desterro a invejas e rivalidades litterarias provocados já pela gloria do poeta; dando-lhe egualmente como causa a comedia de *Elrei Seleuco*, transparente satyra a D. Manoel que em terceiras nupcias desposára a noiva do filho, D. Leonor d'Austria. Dos lamentos de Camões parece inferir-se que havia razão de queixa contra Natércia. Arrepentia-se do tempo em que fôra livre <sup>2</sup>, e escrevia :

A chaga que, Senhora, me fizestes,  
 Não foi para curar-se em hum so dia  
 Porque crescendo vae com tal porfia  
 Que bem descobre o intento que tivestes. <sup>3</sup>

Exilado em 1546, Camões vae a Coimbra, onde vivia ainda o tio D. Bento, e de lá volta breve a cumprir o desterro, fixando-se em Constança, sobre o Tejo.

Longe da côrte e das suas tentações, longe da fascinação do olhar de Joconda, Camões, em frente

<sup>1</sup> Eglog. 3. — <sup>2</sup> Sonn. 77. — <sup>3</sup> Sonn. 123.

do Tejo, sentia nascer-lhe no peito uma alma nova que desabrochava no naturalismo das Eglogas e canções d'esse periodo <sup>1</sup>. Vê o «puro, suave e rico Tejo, com as concavas barcas» e do alto dos montes da margem fallava

... com a agoa que não sente  
Com cujo sentimento est'alma sae  
Em lagrimas desfeita claramente. <sup>2</sup>

Natercia, o amor feito mulher, fôra o medianeiro que o acordára para a vida pathetica; e por elle o seu sentimento agora se alargava á natureza *naturante*, como diz a philosophia—esse outro medianeiro do ar e das aguas, tão fascinantes, tão caprichosos, tão enigmaticos como o olhar dubio da Joconda.

Pela natureza a sua alma penetrou no Ideal; e foi este, segundo alguns biographos indicam, o primeiro momento da concepção dos *Lusíadas*. Surgia na alma do poeta a sua missão, como a alvorada de um dia quando gradualmente emerge das nevoas crepusculares. Era o sol que lhe nascia no peito, levantando-se n'essa paisagem incomparavel do valle do Tejo, cercado por um cõro de nymphas, a quem o poeta implorava de joelhos que o soccorressem na empreza nova em que lhe ardia o peito:

E vós, Tagides minhas, pois criado  
Tendes em my hum novo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde celebrado  
Foy de my vosso rio alegremente,

<sup>1</sup> Eglog., espec. a 5.<sup>a</sup>; Canç. 7, 8 e 15. — <sup>2</sup> Eleg. 1.

Dai-me agora hum som alto e sublimado,  
Hum estilo grandiloco e corrente;  
Porque de vossas agoas Phebo ordene  
Que não tenham enveja ás de Hypocrene. <sup>1</sup>

E' a patria que elle quer cantar; é o patriotismo o novo sol que lhe illumina o pensamento. E' Portugal a palavra magica, *Lusiadas*, que lhe sôa aos ouvidos, cantada em côro pela natureza inteira, murmurada pelo Tejo a deslizar sereno, engolphando-se mansamente no vasto Oceano do seu pensamento epico. Ahi as ondas agitam-se coroadas de espuma. Sossobrará? Não ha de sossobrar... Embriaga-a o doce vinho da esperança, que todo este povo, embarcando ávido nas praias de Lisboa, bebe com ancia e descuido. O poeta, a nação, confiam ambos em si proprios: na sua força, no seu genio. As miragens do futuro não mentem. A vida, a gloria, a fortuna, a grandeza incomparavel pertencem-nos! Não leu Camões a Homero e Virgilio, Platão e Aristoteles, a Antiguidade toda? Não conhece Dante, o Ariosto e o Tasso, Garcilasso, Boscan, e sobretudo o mestre, Petrarcha o divino? E não tem, na sua Natercia, uma Laura, para lhe abrir com sorrisos o livro apocalypticico do destino? Pois não aprendeu em Coimbra a sciencia dos tempos? Falta-lhe, o quê? O genio? não. O saber? não. A arte? não. Nem o amor lhe falta, para lhe illuminar as vigalias, dourando-lhe os horisontes da vida...

Assim tambem Portugal se interrogava, e assim respondia com egual confiança no destino. O momento era o mesmo, para o poeta e para a nação — a esperança, a confiança heroica! Um desejo im-

<sup>1</sup> C. I, 4.



menso de se abalançar a grandes empresas, de lutar, de mover-se, de expandir a seiva e o sangue ardente que lhes circulava nas veias. O rumo era incerto para os navegadores lançados no Oceano, e para o poeta abandonado aos embates da phantasia; e ambos acabaram a sua jornada n'um mesmo anno, a um mesmo tempo, 1580, afogados n'uma desgraça irman:

Sem causa juntamente choro e rio:  
O mundo todo abarco e nada aperto... <sup>1</sup>

Esse momento de revelação definitiva, em que toda a realidade: amor, patria, vida, mundo, se esvaem em fumo; esse momento notado agora como um prenuncio apenas vago, inconsciente decerto, vem ainda longe. O crepusculo de agora é o da manhan: depois virá o da tarde com a sua invasão de trevas mortaes.

Com o peito a ferver em entusiasmo, Camões obtem, em 1547, que lhe transfiram o desterro para Ceuta. Ahi começára a marcar-se o destino de Portugal: por ahi começaria tambem a sua vida de soldado. Parte:

Subo-me ao monte que Hercules Thebano  
Do altissimo Calpe dividiu. <sup>2</sup>

Atacado no mar por piratas mouros, Camões fica ferido na refrega, perdendo um olho:

Agora, experimentando a furia rara  
De Marte, que nos olhos quiz que logo  
Visse e tocasse o acerbo fructo seu. <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Sonn. 9. — <sup>2</sup> V. toda a Eleg. II e a Canção 11, autobiographica. — <sup>3</sup> Canção 11.

Tres annos (1547-50) de vida tormentosa em Marrocos, deram a Camões, o *Cara-sem-olhos*, uma reputação que o cognome de *Diabo* define claramente. Viu de perto a escola bravia onde se formavam os soldados da India, os combates, as razzias ou almogaravias, a caça do leão:

De Ceita está o fortissimo lião.  
 Que cercado se ve dos cavalleiros  
 Que os campos vão correr de Tutuão:  
 Perseguem no co as lanças; e elle iroso,  
 Torvado hũ pouco está, mas não medroso. <sup>1</sup>

E quando voltou a Lisboa (1550) decidido a alistar-se na armada do vice-rei D. Affonso de Noronha para a India, vinha outro homem do que fôra, annos atraz, no instante em que, docemente agitada pelo amor, á sua alma surgiu em revelações de luz a imagem da Patria. Agora a vida apparecia-lhe na sua crueldade de torturas e combates, e não como um doce idyllio de amores. O seu immenso peito, no qual havia espaço para tanto, era já um vasto mar onde, agitadas, as ondas do temperamento combatiam furiosas. Acordado pelo amor, illuminado pelo patriotismo, começava a ser retemperado pela vida, para que, reunindo a prova á intuição «com um saber de experiencias feito» podêsse condignamente realisar a sua façanha, depois da qual apenas lhe restaria morrer.

Esperava ainda fixar-se em Lisboa na côrte do infante D. João, o Mecenas do tempo? Talvez; mas os zoilos e tambem o seu genio brigão impelliram-

<sup>1</sup> C. IV, 34.

n'ò para destino diverso. N'esses tres annos que vão desde a chegada de Ceuta até á partida para a India, em Lisboa, conquista a alcunha de *Trinca-fortes*, frequentando «os soalheiros dos Escudeiros, de Alhos Vedros, do Barreiro e da rua Nova, em casa do Boticario», participando em todas as arruaças e partidas dos fidalgos que saíam á aventura de noute com lanternas pelas ruas, restando a *via sacra* e o officio das almas, cercados pelas maltas de rufões escravos pretos ou mulatos.

Um choque d'essas tempestades levantadas pelo seu temperamento brigão de *Diabo*, teve-o preso em Lisboa um anno (1552-3), na cadeia do Tronco, pela cutilada que déra no Rocio em dia de *Corpus*. Embarcou afinal na armada de Fernão Alvares Cabral no dia de Ramos (24 de março) de 1553, indo na capitania, que era a *S. Bento*, a maior e melhor nau que então havia na carreira, depois de na prisão ter provavelmente refeito o espirito com os tres livros de Castanheda, publicados em 1551 e 52 e com a primeira *Decada* de Barros que saiu á luz n'este ultimo anno.

Estes livros vinham definir de um modo terminante as ambições, acaso ainda vagas, acordadas annos havia pelo espectaculo da serena e grave vastidão do Tejo.

## II

(1553-1570)

Largou a armada: começou a viagem. Embarcado na sua nau, os *Lusíadas*, vinha-lhe á idéa o

passado, breve ainda, mas tormentoso; lembrava-se dos accidentes que tinham provocado os seus dous exilios: o primeiro em que a sua empreza se lhe revelára; o segundo em que palpára a vida, nos combates e prisões, ganhando a fama de brigão. Partia agora com o espirito agitado como o céo, onde as nuvens trazidas pelo sueste se encastellavam, dando-lhe uma côr plumbea, e ao mar uma rigidez negra sobre a qual principiavam a desfolhar-se os coruchéos alvacentos das ondas.

Que doido pensamento he o que sigo?  
 Apoz que vão cuidado vou correndo?  
 Sem ventura de mi! que não me entendo;  
 Nem o que callo sei; nem o que digo.

Pelejo com quem trata paz comigo,  
 De quem guerra me faz não me defendo.  
 De falsas esperanças que pretendo?  
 Quem de meu proprio mal me fez amigo? <sup>1</sup>

O segredo d'essas contradicções é a preocupação que o agita: só são placidos os espiritos vasilios. Na ha tão quieto como um tumulo. Camões arde n'uma grande paixão. Amor? acção? gloria? Entrelaçando-se-lhe todas no peito, penetrando-se, fundindo-se, enroscam-se como nos ramos pendentes as trepadeiras emmaranhadas de uma floresta. E o vento que vem soprando do sueste assobia na cordagem:

..... Navego  
 Por alto mar com vento tam contrario  
 Que, se nam me ajudais, ei grande medo  
 Que o meu fraco batel se alague cedo. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Sonn. 92. — <sup>2</sup> C. VII, 78.

As «Nimphas do Tejo e do Mondego» hão de ajudal-o. A sua nau corre de velas inchadas sobre o chão massiço do mar; mas os céos pardos estão prenhes de enygmas e ameaças. A fé vacilla-lhe, lembra-se do momento em que largavam do Restello — elle, ou Portugal? — e da prophecia sole-mne que ouviu, na hora tragica da despedida:

Mas um velho daspeito venerando,  
Que ficava nas prayas entre a gente,  
Postos em nós os olhos, meneando  
Tres vezes a cabeça descontente,  
A voz pesada hum pouco alevantando,  
Que nós no mar ouvimos claramente,  
Cum saber so dexperiencias feyto,  
Tais palavras tirou do experto peito:

«O' gloria de mandar! ó vãa cubiça  
Desta vaidade a quem chamamos Fama!  
O' fraudolento gosto que se atiça  
Cũa aura popular, que hora se chama!  
Que castigo tamanho e que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama!  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldades nelles esprimentas!

Dura inquietação dalma e da vida,  
Fonte de desemparos e adulterios,  
Sagaz consumidora conhecida  
De fazendas, de reynos e de imperios;  
Chamam-te illustre, chamam-te subida,  
Sendo dina de infames vituperios;  
Chamam-te Fama e Gloria soberana,  
Nomes com quem se o povo nescio engana!

A que novos desastres determinas  
De levar estes reynos e esta gente?  
Que perigos, que mortes lhe destinas  
Debaixo dalgum nome preminente?

Que promessas de reynos e de minas  
 Douro, que lhe farás tão facilmente?  
 Que famas lhe prometerás? que historias?  
 Que triumphos? que palmas? que victorias? <sup>1</sup>

Depois «o velho» perguntava, se ao pé de casa não haveria ismaelitas a combater, se era mister aventurarem-se ao mar? Porque se abandonára Arzilla (1547)? E acudiam-lhe ao pensamento as palavras do infante D. Pedro: que trocar Portugal pela Africa, era trocar uma boa capa por mau capello; lembrando-se de que já se trocára Portugal, já se abandonára a capa, e agora trocava-se a Africa pela India... A febre crescia á maneira que a miragem se alongava; e Portugal e elle, ambos lançados na vertigem da aventura, iam torturados cumprindo o seu destino:

O' maldito o primeiro que no mundo  
 Nas ondas vella pôs en seco lenho;  
 Dino da eterna pena do profundo,  
 Se he justa a justa ley que sigo e tenho!  
 Nunca juyzo algum alto e profundo,  
 Nem cythara sonora ou vivo engenho,  
 Te dê por isso fama, nem memoria,  
 Mas contigo se acabe o nome e gloria! <sup>2</sup>

Com a intuição genial de poeta, Camões sentia a contradicção fundamental das cousas que põe em antinomia o heroismo com a fortuna, tornando o sacrificio condição necessaria da façanha. Sentia a grandeza do acto nacional, sentindo tambem como esse acto nos matava.

Quando abonçava o tempo, e nos horisontes encinzeirados da sua alma se abria uma larga

<sup>1</sup> C. IV, 91-7. — <sup>2</sup> C. IV, 102.

clareira de céu azul, voltava a cantar o seu infinito amor, a sua paixão ideal pela

...ditosa patria minha amada,  
A' qual se o Ceo me da que eu sem perigo  
Torne com esta empresa ja acabada,  
Acabe-se esta luz ali comigo. <sup>1</sup>

E essa paixão, impellindo-o, era a monção que o levava, ao *S. Bento* e a Portugal inteiro, até ás praias alagadas de Goa, onde a sua nau deu fundo a salvamento. As outras da frota ficaram demoradas pelo caminho <sup>2</sup>. Aportava no verão de 1553 (setembro) quando a Goa chegavam as noticias pavorosas do naufragio tragico de Sepulveda.

«Depois que d'essa terra parti (escrevia para Lisboa) <sup>3</sup> *como quem o faria para o outro mundo*, mandei enforcar a quantas esperanças déra de comer até então... E assim posto em estado que me não via senão por entre lusco e fusco, as derradeiras palavras que na não disse, forão as de Scipião Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea*». Não se injuria senão o que se ama; e as palavras do Scipião retratam esse estado crepuscular e afflictivo que o poeta accusa. «Da terra vos sei dizer, accrescentava, que é mãe de villões ruins e madraستا de homens honrados. Porque os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre agua como bexigas; mas os que sua opinião deita á las armas Mouriscote, como maré corpos mortos á praia, sabei que antes amadureçam, se seccam. ...Se das damas da terra quereis novas, sabei que as portuguezas todas cáem de maduras, que não ha cabo que lhe tenha os pontos, se lhe

<sup>1</sup> C. III, 21. — <sup>2</sup> Carta I. — <sup>3</sup> Couto, *Dec.* VI, x, 14.

quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra dá? além de serem de rala, fazei-me mercê que lhes falleis alguns amores de Petrarca ou de Boscão: respondem-nos huma linguagem meada de hervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança agua na fervura...»

Taes eram as primeiras impressões do poeta. Partira com o pensamento e a vontade em lusco e fusco; chegava sentindo um enjão e nauseas, resignado e quieto. Em novembro o vice-rei D. Afonso de Noronha, «vendo que era necessario acudir ás cousas de Cochim, pela guerra que o Rey da Pimenta lhe fazia»<sup>1</sup>, arrolou soldados e pôz a armada no mar. Camões foi um dos *reínoes* da expedição em que iam D. Fernando de Menezes, filho do vice-rei; Bastião de Sá, D. Alvaro de Noronha, filho do vice-rei D. Garcia, que voltava da sua capitania de Ormuz; Vasco da Cunha, D. Antonio de Noronha, Francisco Barreto, que em 1555 havia de succeder a D. Pedro Mascarenhas; Gil de Goes, Manoel de Mascarenhas, irmão do successor do vice-rei; Antonio Moniz Barreto, adolescente ainda e que veio a governar a India em 1573; D. Diogo de Athayde e muitos outros. Ia na frota, que contava mais de cem velas, entre galés, galeões, galeotas latinas, caravellas e fustas, a flôr dos portuguezes da India, e ia Camões. O vice-rei embarcára na galé *Reliquias*.

Chegando á barra da ria de Cochim, o vice-rei deixou fóra todos os galeões e caravellas, e entrou com as galés e mais navios de remo, effectuando

<sup>1</sup> Couto, *Dec.* VI, x, 14. — V. *Eleg.* III:

Huma ilha que o rei de Porcé tem  
E que o rei da Pimenta lhe tomara... etc.



um desembarque, depois do qual «começou a assolar e destruir e pôr a ferro e a fogo todas aquellas ilhas d'aquella parte, matando e captivando muita gente, e *depois de não haver cousa alguma em pé*, se tornou a embarcar e se foi para a armada». <sup>1</sup> Estas foram as primeiras armas de Camões na India. N'esse episodio viu a força e o imperio dos modernos carthaginezes; e o seu espirito, educado por successivas iniciações, recebia agora a do Terror, que bramia em bombardadas nos palmares viçosos das ilhas alagadas de Cochim «*outra Venezia trasladada*».

E com pouco trabalho destruímos  
A gente no curvo arco exercitada:  
Com morte, com incendios, os punimos...

.....  
Oh lavradores bem-aventurados!  
Se conhecessem seu contentamento,  
Como vivem no campo socegados!..

.....  
Bem mal pode entender isto que digo  
Quem ha de andar seguindo o féro Marte;  
Que sempre os olhos traz em seu perigo. <sup>2</sup>

Regressando a Goa com a armada, tornou logo a embarcar em fevereiro (1554) na que o vice-rei mandou ao estreito de Meca, á caça das naus, com ordem de invernar no golpho persico, para esperar as galés que saíssem de Baçorá em agosto. Com-mandava a armada D. Fernando de Menezes, filho do vice-rei, e iam n'ella mil e duzentos homens em seis galeões, seis caravellas e vinte e cinco fustas

<sup>1</sup> Couto, *Dec.* VI, X, 44. — <sup>2</sup> Elegias, 3.

«mui bem negociadas». <sup>1</sup> Navegaram para a costa da Arabia, onde pairaram, esperando em vão as naus de romeiros do Achem e de Cambaya, até abril, em que era necessario recolherem-se. Foram, pois, a caminho de Mascate, *dando* de passagem em Fartaque, sem poderem tomar a fortaleza, e em Mascate, onde a armada ficou a invernar; e partindo D. Fernando de Menezes para Ormuz, entregou o commando a Manoel de Vasconcellos, «que foi sogro de Diogo de Mesquita e de Pantaleão de Sá, que era um fidalgo velho de muito bom entendimento, que o vice-rei mandou embarcado com seu filho para o aconselhar em tudo.» <sup>2</sup>

Em julho, D. Fernando despediu de Ormuz, onde se achava, tres fustas para o estreito de Badora, afim de vigiarem certas galés de mouros, em cuja pista se andava; e voltando em agosto as fustas com o aviso dos movimentos d'essas galés, D. Fernando foi-se a Mascate, d'onde saiu com a armada, levando á frente, como espias, alguns catures e embarcações ligeiras. Ao dobrarem o cabo Moçandan viram as galés inimigas: eram quinze. «D. Fernando negociou os seus galeões e deu ordem no modo como se haviam de commetter as galés; e indo adiante encontrou-se com ellas, e mandou as fustas e caravellas, por mais ligeiras, para pegarem com ellas, como fizeram, ateando-se entre todos uma formosa batalha de bombardadas». <sup>3</sup> Mas as galés coseram-se com a terra e escaparam aos galeões alterosos, que as não podiam seguir no mar aparcellado. D. Fernando, deixando vigias á caça que tinha levantada, foi a Mascate armar mais fustas e catures, navios ligeiros com que podésse arre-

<sup>1</sup> Couto, *Dec.* vi, x, 18. — <sup>2</sup> *Id.*, *ibid.*. — <sup>3</sup> *Id.*, *ibid.*

metter; e quando estavam accesos na faina os capitães, «viram correr no ceu hum cometa d'esses errantes, muito grande e fogoso e se foi desfazer naquella parte em que depois os nossos tomaram as galés». <sup>1</sup> Bom signal, que enthusiasinou a chusma. As galés andavam arrimadas aos ilhéos de Soar, cousa de doze leguas de Mascate... Saiu a armada, empavezada, a 25 de agosto, dia de S. Luiz.

A batalha foi breve: sete das quinze galés ainda conseguiram fugir, duas foram naufragar a Dabul e Damão, e seis foram tomadas, queimadas e «a gente dellas que se lançou ao mar foi toda morta». <sup>2</sup> Quando a armada victoriosa entrou em Goa, no meiado de setembro, já chegára do reino o novo vice-rei, D. Pedro de Mascarenhas.

Tal foi a segunda aventura em que Camões se achou, e de que nos deixou a impressão graphica nos versos inspirados por essa costa da Arabia em que andou oito mezes:

Aqui, n'esta remota, aspera e dura  
 Parte do mundo, quiz que a vida breve  
 Tambem de si deixasse um breve espaço;  
 Porque ficasse a vida  
 Por o mundo em pedaços repartida. <sup>3</sup>

Além dos trabalhos da viagem e dos combates, acudiam-lhe á memoria as lembranças de «alguma ja passada e breve gloria» com que ia «gastando tempo e vida» amarrado ao «secco, duro e esteril monte» da Arabia «Feliz, por antiphrase infelice».

<sup>1</sup> Couto, *Dec.* vi, x, 20. — <sup>2</sup> *Id. ibid.* — <sup>3</sup> Canção 10. V. tambem a Canção 6.

A imaginação levantava-o nas azas para o precipitar, deixando-lhe «a alma captiva, chagada toda em carne viva». Se ao menos Natercia lhe sentisse a falta e se apiedasse d'elle! Essa doce imagem, n'um meigo clarão de amor, illuminava-lhe a alma, enchendo-lh'a d'um indispensavel soffrimento :

Assi vivo ; e s'alguem te perguntasse  
Canção, porque não mouro ;  
Podes-lhe responder : que porque morro.

Este era tambem o desespero delicioso de Santa Thereza, transportando para o céo o immenso fogo que lhe ardia n'alma, e exclamando, ao inverso de Camões : *muelo porque no muero!* Morria de não morrer, ella ; elle vivia, por isso mesmo que hora a hora, todos os instantes, se lhe despedaçava o coração nas ancias e torturas deliciosas da saudade :

A saudade escreve e eu trasladô. <sup>1</sup>

Voltava a Goa, e a torpeza d'essa Babel vinha juntar á saudade o tedio, á desesperança o nojo :

De Babel sobre os rios nos sentámos,  
De nossa patria desterrados,  
As mãos na face, os olhos derribados,  
Com saudades de ti, Sião, chorámos. <sup>2</sup>

Voltava a Goa, onde em junho de 1555 o velho vice-rei D. Pedro Mascarenhas morria, succedendo-lhe no governo Francisco Barreto, injustamente accusado de perseguição contra o poeta. Voltava a

<sup>1</sup> Elegia, 2. — <sup>2</sup> Sonn. 237 ; v. tambem os 144 e 238, 239.

Goa e ahí levava vida alegre e regalada «...mais venerado do que os touros da Merceana, e mais quieto que a cella de um frade prégador». <sup>1</sup> Para as festas da exaltação do novo governador fez Camões o seu auto de *Philodemo* — Barreto, o amigo do povo. Esta situação de animo porém dura pouco; e o poeta, dilacerado por um mal-estar constitucional, dá largas á sua veia satyrica. Os accidentes da vida, azedando-lhe o espirito, rasgavam ao seu estro horisontes novos :

Os orgãos nos salgueiros pendurámos,  
Em outro tempo bem de nós tocados ;  
Outro era elle, por certo, outros cuidados ;  
Mas por deixar saudades os deixámos. <sup>2</sup>

Ao estado lyrico succede o caustico: a satyra. O *Labyrintho* é d'este tempo, e provavelmente os *Disparates da India*, que acaso lhe trouxeram o desterro para Macau, ainda assim mitigado por um bom emprego: provedor dos defuntos e ausentes. Para se vingar do poeta, ou para o defender dos seus inimigos: em todo o caso para se vêr livre d'elle, o novo governador mandou-o para os extremos confins das terras avassalladas no Oriente: para Macau, onde ia estabelecer-se uma colonia portugueza.

N'este momento se encerra outro periodo da vida do poeta. A sua lyra ganhou a última corda. A natureza modulára as notas lyricas do seu estro, inspirando-lhe as primeiras ambições epicas, desabrochadas successivamente ao sopro da realidade da vida. Agora, a sorte inimiga e cruel acordava a

<sup>1</sup> Carta I. — <sup>2</sup> Sonn. 237.

veia sarcástica, transformando-lhe a lyra n'um açoute e as cordas em baraços para enforcar no pelourinho a chatinagem contra que D. João de Castro se debatêra em vão.

\*

Na primavera de 1556 partia Camões para a China na frota de Francisco Martins «feitura do governador Barreto»<sup>1</sup> que, segundo os convenios do capitão-mór Leonel de Sousa com o vice-rei de Cantão,<sup>2</sup> ia expulsar de Macau os piratas e contrabandistas que tinham a península, e lançar ahi uma colonia portugueza.

A conquista de Malaca por Affonso d'Albuquerque (1511) abriera aos portuguezes as portas do Extremo-Oriente, e desde logo os nossos exploradores se lançaram pelas costas de Sumatra (Achem) para léste até ás Molucas, subindo para norte as costas da China, até Limpó (Ning-phó; 30°). O apertado systema do commercio marítimo chinês proporcionava-lhes, de accordo com os naturaes da terra, a exploração do contrabando, que rapidamente se expandiu por fórma a tornar Liampó uma cidade portugueza de mais de mil almas, com seis ou sete egrejas, das quaes era matriz N. S. da Conceição, diz Fernam Mendes, e Fr. Bernardo da Cruz accrescenta estarem os nossos ahi «tanto de assento e com tanta isenção que lhes não faltava mais que ter força e pelourinho». Do posto de Ning-phó, a acção dos contrabandistas irradiava,

<sup>1</sup> V. em Fernam Mendes Pinto, *Peregr.* (c. 226), o encontro d'esta frota no porto de Lampacáo; e (c. 67) a descripção de Liampó. — <sup>2</sup> Fr. Bernardo da Cruz, *Trat. da China*, c. 23 a 6.

tendo na costa, fóra do golpho, o porto de Chincheu (Siang-Chau?) e levando as mercadorias pelo interior até além de Nankin, para o norte do Yangtsé.

Em 1548 acordou a China, e uma expedição naval varreu esses focos de pirataria e contrabando, exterminando os estabelecimentos portuguezes da costa do norte. Ao sul, em Cantão, porém, «desde 1554 a esta parte se fazem as fazendas na China muito quietamente», como diz Fr. Bernardo da Cruz, uma vez que o capitão-mór Leonel de Sousa obtivera licença do vice-rei e obrigava os mercadores a sujeitarem-se ás leis do imperio. Eis-ahi, portanto, de que origens nasceu o estabelecimento de Macau, a cuja installação Camões ia assistir.

Na viagem, as seis naus de Francisco Martins, refrescando em Lampacao, cruzaram com o navio que trazia de regresso á India e ao reino o peregrino Fernam Mendes Pinto; e varrendo de Macau os piratas, assentaram os arraiaes da nova cidade. Cada qual construia a sua casa. Camões achou-a feita e construida já na gruta a que se acolhia, em communhão com o mar, no silencio dos longos dias d'esse novo exilio nos confins do mundo.

Quando, dez annos antes, fóra desterrado da côrte, revelou-lhe o genio o amor medianeiro; agora, exilado no cabo da terra, com a pujança de um talento «de experiencias feito», achava um Pathmos, e, circumdando a vista pelo mundo, soberanamente erguido no throno do seu pensamento, chegava-lhe a hora de dar corpo ás visões que dez annos antes lhe tinham apparecido fluctuantes no ar luminosamente placido do valle do Tejo. E essas visões encarnavam, viviam, iam saindo uma a uma da nevoa irisada da imaginação creado-

ra, para se fixarem em estrophes com uma nitidez de aço.

Talvez seja lendaria esta tradição do poeta acolhido á sua gruta, seguido pelo jau Antonio, o escravo caninamente submisso e fiel; é facil que de algum accidente sem maior alcance a imaginação popular formasse um quadro typico; mas é tambem incontestavel que ao estado de espirito de Camões, concebendo em Macau o seu poema e redigindo a maior parte d'elle, quadra sem duvida o scenario tragico de uma gruta aberta sobre a immensidade das ondas: <sup>1</sup>

Onde acharei lugar tão apartado  
 E tão isento em tudo da ventura,  
 Que, não digo eu de humana criatura,  
 Mas nem de feras seja frequentado?  
 Algum bosque medonho e carregado,  
 Ou selva solitaria, triste e escura,  
 Sem fonte clara ou placida verdura;  
 Enfim, lugar conforme a meu cuidado?  
 Porque alli nas entranhas dos penedos,  
 Em vida morto, sepultado em vida,  
 Me queixe copiosa e livremente.  
 Que, pois a minha pena é sem medida,  
 Alli não serei triste em dias ledos,  
 E dias tristes me farão contente. <sup>2</sup>

Evocando os deuses do seu Olympo, Camões não sentia agitar-se-lhe o animo dolentemente com a saudade e a melancolia; mas sim desfazer-se em pensamentos grandiloquos, forjados n'uma liga de

<sup>1</sup> Essa gruta em todo o caso celebre estava a ponto de cair nas mãos de uns estrangeiros que a queriam comprar, quando o governador de Macau, o sr. Thomaz Rosa, a adquiriu para o Estado. Honra lhe seja. — <sup>2</sup> Sonn. 181.



ferro e luz, que a sua imaginação em chammias caldeava com ardor. Acudiam-lhe em tropel as lembranças, os quadros, as figuras, as viagens, os homens, as façanhas: e os *Lusiadas* desenrolavam-se-lhe no horisonte do mar como tela magnifica, animando a natureza na sua paz incommensuravel.

O amor, synonymo de sacrificio, levando-o pela mão até aos confins do mundo, para lá lhe abrir o sacrario augusto da poesia de um povo, evaporava-se, desfazendo-se no ar, e, deixando-o embalsamado em fragancias doces, arrebatava ainda a alma do poeta ao evocar na mente as figuras tragicas da sua comedia terrivel e magnifica. A mesma fonte de caridade humana, que se diz meiguice, brotava conjunctamente o sentimento patrio da virtude intemerata, da justiça immarcessivel; e o poeta, levantando o pensamento ás regiões olympicas da serenidade augusta, apparece como um Cação lusitano, *vir bonus dicendi peritus*, sem a cortezania italiana do Ariosto ou do Tasso, curvados deante dos principculos de Este, como discipulos directos de Ovidio e Virgilio, prostrados deante dos Cesares. Tal é a feliz consequencia da desgraça do poeta, e dos *Lusiadas* terem sido concebidos e executados no desterro, a sós com a natureza, e não pelo meio do estonteamento das côrtes. Nada ha tão revelador como o isolamento; nada tão perspicaz como o infortunio. Foi elle que dictou a Camões, mansinho, no lento escorrer das lagrimas, os segredos da alma portugueza.

Surgem-lhe na lembrança as figuras lendarias dos reis; e o poeta, ao pintal-os, toma a vara de um juiz e vae condemnando, com brandura é verdade, Pedro, o *cruissimo*:

Este, castigador foy reguroso  
 De latrocínios, mortes e adulterios ;  
 Fazer nos maos cruezas, fero e yroso,  
 Erão os seus mais certos refrigerios.  
 As cidades guardando justiça  
 De todos os soberbos vituperios,  
 Mais ladrões castigando á morte deu  
 Que o vagabundo Alcides ou Theseu. <sup>1</sup>

E' que a vingança da morte de Ignez de Castro  
 desculpa a atrocidade; é que o character portuguez  
 nos seus bons tempos, adorando a Força, ligava-lhe  
 sempre, mais ou menos, a impressão do Terror.  
 Quem houve mais *terribil* do que Albuquerque?

O grande capitão, que o fado ordena  
 Que com trabalhos gloria eterna merque,  
 Mais ha de ser hum brando companheiro  
 Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.

Mas em tempo que fomes e asperezas,  
 Doenças, frechas e trovões ardentes,  
 A sazão e o lugar fazem cruezas  
 Nos soldados a tudo obedientes,  
 Parece de selvaticas brutezas,  
 De peitos inhumanos e insolentes,  
 Dar extremo suplicio pella culpa  
 Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

Não será a culpa abominoso incesto,  
 Nem violento estupro em virgem pura,  
 Nem menos adulterio desonesto ;  
 Mas cũa escrava vil, lasciva e escura.  
 Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,  
 Ou de usado a crueza fera e dura,  
 Cos seus hũa ira insana não refrea,  
 Põe na fama alva noda negra e fea. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> C. III, 137. — <sup>2</sup> C. X, 45-47.

Por isso a *yra que o condemna*, põe-a o poeta como sombra á fama que o mundo cerca. <sup>1</sup> E' mister que o heroe mantenha a grandeza d'alma, a serenidade olympica inimiga da colera, a humanidade mansa que não exclue a justiça. E o fundo celtico, ou lusitano, do genio de Camões vae até ao ponto de se mostrar benigno com a fraqueza de um rei que succedeu á ferocidade de outro, porque ambos foram victimas do amor. A sua caridade inexgotavel, se não absolve, perdôa:

Do justo e duro Pedro nasce o brando  
(Vede da natureza o desconcerto!),  
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,  
Que todo o Reino pôs em muito aperto;  
Que vindo o Castelhana devastando  
As terras sem defesa, esteve perto  
De destruir-se o Reino totalmente;  
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente. <sup>2</sup>

Não lhe merece, porém, egual complacencia a condessa D. Thereza, que o amor tambem perdeu; mas é porque, levantando-se em armas contra o filho, a viuva de D. Henrique ameaçou afogar no berço a independencia nacional. A condemnação de Camões exprime, principalmente, o Inconsciente no patriotismo:

O' Progne crua! ó magica Medea!  
Se em vossos proprios filhos vos vingais  
Da maldade dos pais, da culpa alheia,  
Olhay que inda Teresa peca mais.  
Incontinencia ma, cubiça fea,  
São as causas deste erro principais:  
Scilla por hũa mata o velho pay,  
Esta por ambas contra o filho vay. <sup>3</sup>

<sup>1</sup> C. x, 45. — <sup>2</sup> C. III, 138. — <sup>3</sup> C. III, 31-32.

Mas é clara e terminante a accusação da devassidão clerical, da baixeza fidalga, da sarabanda que o poeta sentia, na sua propria gruta solitaria, agitar-se ao longe com um zumbido surdo de insectos:

E vós outros que os nomes usurpáis,  
De mandados de Deos, como Thomé,  
Dizey se sois mandados, como estais,  
Sem yrdes a pregar a sancta fe?  
Ollhay que, se sois Sal, e vos danais  
Na patria, onde Propheta ninguem he,  
Com que se salgarão em nossos dias  
(Infieis deixo) tantas Heresias?  
..... 1

Vede, Nimphas, que engenhos de senhores  
O vosso Tejo cria valerosos,  
Que assi sabem prezar com tais favores  
A quem os faz cantando gloriosos!  
Que exemplos a futuros escriptores,  
Pera espertar engenhos curiosos,  
Pera porem as cousas em memoria  
Que merecerem ter eterna gloria! 2

A sua lyra, diz o poeta candidamente, só canta quem lhe exalte o pensamento. E' feita de sinceridade:

Nem creáis, Nimphas, nam que fama desse  
A quem ao bem comum e do seu Rei  
Anteposer seu proprio interesse,  
Imigo da divina e humana ley:  
Nenhum ambicioso, que quisesse  
Subir a grandes cargos, cantarey,  
So por poder com torpes exercicios  
Usar mais largamente de seus vicios.

1 C. x, 119. — 2 C. vii, 82.

Nenhum que use de seu poder bastante  
Pera servir a seu desejo feio,  
E que por comprazer ao vulgo errante  
Se muda em mais figuras que Proteio ;  
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante  
Quem com habito honesto e grave veio  
Por contentar o Rei no officio novo  
A despir e roubar o pobre povo. <sup>1</sup>

E essa mesma Verdade do pensamento moral, transporta-a o poeta para a historia — o que conta é *tudo sem mentir, puras verdades* — e transparece ainda no realismo litterario das descripções. Vê-se-lhe a energia na transfiguração animada das paisagens psychologicas, em que um estado mental, ou uma subjectivação analoga á dos tempos primitivos, faz palpitar a mudez das forças e dos elementos naturaes. E' o amor da Verdade tambem que, mantendo-lhe o sentimento da inteireza, o afasta das tentações perigosas do orgulho, dando-lhe aquella nota, genuinamente portugueza, da necessidade de obter, para o que se faz e se diz, a approvação do proximo.

Os dous annos (1556-1558) passados na thebaida de Macau, foram para Camões tão reveladores como o eremiterio de Manreza o foi para Santo Ignacio. Esses dous grandes hespanhoes da Renascença estavam ambos destinados a mostrar ao mundo os limites da capacidade do genio peninsular, explorando até ao extremo as duas linhas parallelas da vida interior e da vida exterior, do mysticismo e da acção, da obediencia e do heroismo... Qual acertou mais? Eterna pergunta formulada pelos homens !

Mas quando, naufrago, Camões errava pelos pantanos do Camboje, cantando como o psalmista

<sup>1</sup> C. VII, 81-85.

Sobolos rios que vão  
 Por Babylonia me achei  
 Onde sentado chorei  
 As lembranças de Sião... 1

porventura as duas soluções oppostas se apertavam n'um mesmo élo soldado pela desgraça reveladora.

Accusado, via se na obrigação de partir para Goa a justificar-se do modo por que exercêra o seu cargo. E foi na travessia dos mares orientaes da India que, perdendo tudo, salvava, porém,

..... o canto que molhado  
 Vem do naufragio triste e miserando,  
 Dos procelosos baixos escapado  
 Das fomes dos perigos grandes, quando  
 Será o injusto mando executado  
 Naquelle cuja Lira sonora  
 Será mais affamada que ditosa. 2

Pisando as praias alagadas do Camboje, com os olhos arrasados de agua e a lembrança n'essas terras longinquas da sua paixão, cada vez mais confundidas em horisontes indecisos e nevoentos, Camões duvidou de si proprio. Condemnava-se anticipadamente, se alguma vez esquecesse o que devia á patria sua amada :

Terra bem aventurada  
 Se por algum movimento  
 D'alma me fores tirada,  
 Minha penna seja dada  
 A perpetuo esquecimento. 3

1 Redond. 4. Psalm. 136: *Super flumina Babylonis illic sedimus et flevimus, cum recordaremur Sion.* — 2 C. x, 128.  
 — 3 Redond. 4.

Mas essa terra que, agora, esquecido o amor, lhe enche exclusivamente o peito, não é o logar material onde nasceu. O chão, as arvores, as aguas, os montes e o ar, tudo se transfigura ao sopro da sua imaginação idealista :

Não he logo a saudade  
Das terras onde nasceu  
A carne, mas he do Ceo  
Daquella santa Cidade  
Donde est'alma descendeo.

E' o ninho patrio, berço ideal do seu espirito, que lhe chama com a saudade as lagrimas abundantes aos olhos, envolvendo-lhe toda a alma n'uma penumbra de duvida nihilista :

Ditoso de quem se partir  
Para ti, terra excellente,  
Tão justo e tão penitente  
Que despois de a ti subir  
Lá descance eternamente !

Sião é Lisboa, ou é uma cova ? E' a patria, ou é a morte ? O poeta confunde na sua idéa essas duas imagens luminosas evocadas pela intuição. A patria apparece-lhe nas nevoas dos paúes do Camboje como o *mundo intelligibil*, céu claro das idéas puras onde terminam todas as dôres e o espirito paira de azas abertas na plenitude da liberdade e da vida.

Como este estado da alma differe da disposição em que cinco annos antes partira do Tejo, cheio de esperanças e de ira, dizendo, como Scipião á patria : *non possidebis ossa mea*, e appellando para a vida activa, de braços livres n'esse vasto Oriente, cam-

po aberto a todos os heroismos! E quando meditamos no termo fatal de todas as cousas, dissipar funebre das illusões reaes, reconhecemos que os dous polos do mundo, para onde se dirigiam as estradas oppostas de Camões e de Loyola, se confundem n'um mesmo mar sobre que paira, mudo, impassivel e absoluto, o Nada!

Chegando a Goa, Camões encontrou n'um carcere o porto desejado, e, atravez das grades da prisão, passava o ecco da sua esperança: regressar a Lisboa! Faltava desfolhar essa flôr ainda, para que se lhe dissipassem as illusões de todo, e, morrendo, nos deixasse viva a unica realidade immorredoura — o perfume de uma alma, a memoria de um sentimento, a formula de uma idéa. São tudo isso os *Lusiadas*, e só isso, afinal, persiste e vive eternamente.

\*

Nas naus do reino, a *Rainha*, a *Castello* e a *Garcça*, de mil toneladas, «a maior que até então se vira na carreira da India», partidas de Lisboa a 7 de abril de 1558, e que chegaram a Goa nos primeiros dias de setembro, vinham dous amigos do poeta: Alvaro da Silveira, despachado capitão para Ormuz, e que n'esta expedição encontraria a morte; e D. Constantino de Bragança, nomeado vice-rei para substituir no governo da India o severo Francisco Barreto, <sup>1</sup> que ordenára o encarceramento do poeta. D. João III morrêra (1557), e a rainha viuva exercia a regencia em que o cardeal D. Henrique a substituiria depois.

Alvaro da Silveira e o vice-rei D. Constantino

<sup>1</sup> Couto, *Dec.* vii, vi, 1 e 3.



tinham sido companheiros de Camões quando elle andava na côrte, em rapaz; e á protecção do vice-rei se deveu o deslindarem-se as intrigas tecidas durante o governo de Francisco Barreto. Solto e livre, suppõe-se ter Camões embarcado na armada para a conquista de Damão: era uma frota de mais de cem navios com perto de tres mil homens, «gente muito lustrosa e limpa». <sup>1</sup> Tomada Damão aos ethiopes que a tinham, o vice-rei mandou D. Alvaro da Silveira com dous galeões e dezoito navios de remo para a costa da Arabia, afim «que trabalhasse por queimar as galés que estavam em Mocá, e que esperasse as náos do Achem, e as tomasse; e que como se lhe acabasse a monção, fosse invernar a Mascate e recolhesse as náos de Ormuz que haviam de partir em outubro e lhe viesse dando guarda, porque se receava do corsario Çafar». D. Alvaro da Silveira partiu para o Estreito em fevereiro de 1559; <sup>2</sup> e se Camões foi com elle, assistiu á enorme desgraça em que esse capitão morreu.

Uma das grandes ambições dos turcos (egypcios, abexins, afghans) era assenhorearem-se da costa da Arabia até ao golpho persico, por motivo do grande commercio d'essas paragens, em que as feitorias portuguezas de Ormuz e Baçorá (Basrah) exerciam uma especie de protectorado mais ou menos effizamente estendido a toda a costa. A ilha de Baharem (El-Bahrayn) era uma das estações em que, sem haver fortaleza nem dominio portuguez, o sultão persa tratava amigamente comnosco. Por isso os turcos decidiram cair sobre Baharem, ponto mais visinho de Ormuz e o mais importante depois de Baçorá.

<sup>1</sup> Couto, *Dec.* VII, VI, 4 e 5. — <sup>2</sup> *Id. ibid.*, 7.

Desembarcando e pondo cêrco á fortaleza do persa, onde se acolheram os portuguezes que n'essas partes andavam commerciendo, o sultão escreveu para Ormuz pedindo soccorro; e de Ormuz o capitão, ao mesmo tempo que expedia D. João de Noronha com forças, mandava ordem a D. Alvaro da Silveira, que andava cruzando na costa, para que fosse levantar o cêrco de Baharem. Foi. Era isto já em setembro. Deu-se o assalto, e mais uma vez os portuguezes foram victimas da sua falta de disciplina e da sua temeridade no combate. Avançaram desordenadamente, suppondo vencido o turco, e este caiu a tempo, desbaratando os nossos, matando mais de setenta homens, e entre elles D. Alvaro. <sup>1</sup>

Se Camões, portanto, andou n'estas empresas, como se suppõe, e é de crêr até certo ponto, só voltou a Goa no outono de 1559, quando pela capital da India ferviam os pasquins e os clamores injustos contra o vice-rei, que deixava o governo pobre. <sup>2</sup> Do outono de 1559 até ao de 61, em que chegou á India o conde de Redondo, novo governador (setembro), a vida do poeta parece ter decorrido isenta de torturas e soffrimentos, embora afogada n'uma completa penuria. Mas as complicações do seu antigo cargo de Macau, ou alguma travessura, levaram-n'o outra vez á cadeia; d'esta vez, todavia, por breve praso, saíndo illibado, quando surdiu o caso do *Fios-seccos*, Miguel Rodrigues Coutinho, que o prendeu (1562) de novo por uns dinheiros que o poeta lhe devia.

Camões recorreu para o vice-rei, expondo o creador ao riso:

<sup>1</sup> Couto, *Dec.* VII, VII, 6, 7 e 8. — <sup>2</sup> *Id. ibid.*, IX, 17.

Que diabo ha tão damnado  
 Que não tema as cutiladas  
 Dos fios seccos da espada  
 Do fero Miguel armado?

O conde riu e mandou-o soltar. Camões accrescentava:

Portanto, Senhor, proveja,  
 Pois me tõe ao remo atado,  
 Que antes que seja embarcado  
 Eu desembargado seja. <sup>1</sup>

Camões desejava, com effeito, embarcar na grande armada em que o vice-rei ia a Calecut lavar pazes sollemnes com o Çamorim. Era uma frota de mais de cento e quarenta navios, nos quaes oito ou dez galés, «a mais formosa cousa que os mouros nunca viram por aquella costa». Iam a bordo cerca de quatro mil homens, a fina flôr da fidalguia da India, «a mais limpa e lustrosa gente que nunca saíu de Goa». Desceram a costa n'um triumpho, dispensando-se de bombardear Cananor rebelde, e foram tomar terra em Tiracolle, onde o Çamorim estava. Ahi tiveram logar as audiencias sollemnes, e, ratificadas as pazes, seguiu o vice-rei para Cochim, onde a chusma da esquadra, nos ocios do desembarque, se entretinha em rixas e duellos, dando largas ás paixões no desenfreamento da vida oriental. Morreram assim em desafios e brigas mais de cincoenta homens. <sup>2</sup> A armada voltou a Goa, sendo incerto que Camões tomasse parte na expedição.

<sup>1</sup> Redond. — <sup>2</sup> A Eleg. 20 allude á morte de D. Tello de Menezes. Couto, *Dec.* VII, X, 2.

Decorria agora para o poeta uma vida de bonança e prazer sob a egide do governo amigo do conde de Redondo: por isso mesmo os annos que vão de 1562 a 70 são os mais estereis. No socego da sua alma não brotavam emanações, porque só no mar encapellado, quando as cordas do vento o açoutam, as aguas se toucam de corôas de espuma, desfazendo-se em lagrimas alvacentas sobre o dorso negro das vagas. Na paz da bonança, o mar é mudo e o céu immovel; a natureza dormita, e toda a terra estilla um vago bocejo de tedio e saudade.

Camões levava em Goa, com o valimento e intimidade do vice-rei, uma vida facil, permeada de regalos e festins. Tinha uma roda de amigos, antigos companheiros de armas e aventuras: D. Vasco de Athayde; D. Francisco de Almeida; Heitor da Silveira, que viria expirar nos braços do poeta, a bordo da *Santa Clara*, em Cascaes; João Lopes Leitão, que morreu afogado na ria de Chaul; Francisco de Mello, dos Mellos de Serpa, tronco da casa de Ficalho; commensaes todos na famosa ceia descripta pelos biographos do poeta. Faltava ahi Alvaro da Silveira. O irmão do jesuita Gonçalo, martyrisado na missão de Monomotapa (1561), morrêra degolado pelos turcos na batalha de Baharem (1559), que já contámos. Mas Diogo do Couto, «matalote e amigo» do poeta, andava tambem em Goa com o velho Garcia da Horta, naturalista celebre, cujos *Colloquios* tinham saído á luz em 1563, recommendados ao vice-rei por uma ode de Camões. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Ode s.— V. o bello trabalho do snr. conde de Ficalho, *Garcia da Orta e o seu tempo*; Lisboa, 1886.

O vice-rei D. Francisco Coutinho morria, porém, em 1564 (fevereiro), e succedia-lhe interinamente, em segunda successão, João de Mendonça, que n'esse mesmo anno entregou o governo a D. Antão de Noronha, chegado do reino. D. Antão militára n'outros tempos com o poeta em Ceuta, e trazia consigo para a capitania de Malaca a D. Diogo de Menezes, o que depois seria degolado em Cascaes por se pronunciar pelo Prior do Crato contra os hespanhoes. Estes recém-vindos eram amigos do poeta, da sua geração, e Camões embarcou com o segundo para Malaca, segundo resa a tradição que alguns negam, transferindo essa viagem para os tempos anteriores da estada em Macau.

Os annos que teria andado pelo Extremo-Oriente (1564-66) visitando as Molucas, porventura o Japão, são um periodo de silencio. A sua musa emmudece. O mundo já não tem segredos que o impressionem. Viu e viveu plenamente a vida desde os dias genesiacos da gruta de Macau. Como o Creador, feito o universo, descança. Como a chrysalida, deposta a semente, morre. A sua missão estava cumprida. O sol do seu pensamento subira até ao meridiano para attingir a plenitude da illuminação: agora vinha descaído mansamente sobre o occaso, n'uma tarde suave de tristeza e desengano.

Volta a Goa, no principio de 1567, e o vice-rei, seu amigo, remunera-o com a sobrevivencia da feitoria de Chaul, a que andavam annexos os cargos de alcaide-mór, provedor dos defuntos e vedor das obras. A graça, porém, era apenas virtual, porque a vaga não se déra ainda, nem chegou a dar-se até o poeta voltar da India.

Esse dia approximava-se: o tedio de viver assaltava-o com insistencia progressiva:

Oh como se me alonga de anno em anno  
 A peregrinação cançada minha ?  
 Como se encurta e como ao fim caminha  
 Este meu breve e vão discurso humano !  
 Mingoando a idade vai, crescendo o damno ;  
 Perdeo-se-me um remedio, que inda tinha :  
 Se por experiencia se adivinha,  
 Qualquer grande esperança he grande engano.  
 Corro apoz este bem que não se alcança ;  
 No meio do caminho me fallece ;  
 Mil vezes caio e perco a confiança.  
 Quando elle foge, eu tardo ; e na tardança,  
 Se os olhos ergo a ver se inda apparece,  
 Da vista se me perde e da esperança. <sup>1</sup>

N'este manso descaír da tarde, as sombras accumulam-se ; a saudade da patria confunde-se nebulosamente com a saudade da amante morta, com a saudade das illusões desfolhadas uma a uma e perdidas nos redomoinhos de pó que o vento vae levando para além, cada vez mais para longe, até se perderem nos horisontes negros da noute que vem subindo :

Bem sei que heide morrer n'esta saudade  
 Em que meu esperar he todo vento... <sup>2</sup>

Em tal estado veio achal-o o convite de Pedro Barreto para que o acompanhasse a Moçambique, offerecendo-se a pagar-lhe a passagem. Camões foi com o capitão : approximava-se da patria...

Já chegado era o fim de despedir-me... <sup>3</sup>

Foi, e durante os mezes que ahi se demorou (fins de 1567 a novembro de 1569) empregou-se em pre-

<sup>1</sup> Sonn. 48. — <sup>2</sup> Sonn. 336. — <sup>3</sup> Sonn. 139.

parar, em limar, em dispôr convenientemente *El tesoro del Luso*, como Cervantes chama ao poema offerecido por Camões a el-rei D. Sebastião. A

Maravilha fatal da nossa idade

tomára entretanto (1568) as redeas do governo, e Camões via surgir no horisonte essa figura juvenil do rei, como um clarão do poente illuminando o ultimo descaír da sua vida, da vida da sua patria. Depondo a penna, terminado o canto, exclamava:

No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho  
Destemperada e a voz enrouquecida,  
E não do canto; mas de ver que venho  
Cantar a gente surda e endurecida:  
O favor com que mais se acende o engenho  
Não no dá a patria, não, que está metida  
No gosto da cubiça e na rudeza  
Dhũa austera, apagada e vil tristeza. <sup>1</sup>

Afogava-o um soluço de angustia. O pessimismo portuguez assaltava-o; mas, com esta contradicção tão nossa de character, voltava logo a esperança e a necessidade de acção, apoiada n'uma consciencia firme da nobreza nacional:

E não sey porque influxo de destino  
Não tem hum ledo orgulho e geral gosto,  
Que os animos levanta de contino  
A ter pera trabalhos ledo o rosto.  
Por isso vós, ó Rey, que por divino  
Conselho estais no regio solio posto,  
Olhay que sois (e vede as outras gentes)  
Senhor so de vassallos excellentes! <sup>2</sup>

<sup>1</sup> C. x, 145. — <sup>2</sup> 146.

Depois, ao vêr-se perdido, só, faminto, na praia adusta de Moçambique, acudia a duvida na sua pequenez, logo corrigida pela affirmativa orgulhosa, quasi castelhana, do merecimento proprio :

Mas eu que falo humilde, baxo e rudo,  
De vós não conhecido, nem sonhado ?  
Da boca dos pequenos sey contudo  
Que o louvor sae ás vezes acabado.  
Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiencia misturado,  
Nem engenho, que aqui vereis presente,  
Cousas que juntas se achão raramente.

Pera servir-vos, braço ás armas feito ;  
Pera cantar-vos, mente ás Musas dada ;  
So me falece ser a vós aceito,  
De quem virtude deve ser prezada.  
Se me isto o ceo concede, e o vosso peito  
Dina empresa tomar de ser cantada,  
Como a presaga mente vaticina,  
Olhando a vossa inclinação divina :

Ou fazendo que mais que a de Medusa  
A vista vossa tema o monte Atlante ;  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
Os muros de Marrocos e Trudante :  
A minha ja estimada e leda musa  
Fico que em todo o mundo de vós cante,  
De sorte que Alexandro em vós se veja,  
Sem á dita de Achiles ter enveja. <sup>1</sup>

Ora essa malfadada empreza não é mais do que a volta ás conquistas d'África, pondo-se termo á gloriosa e desgraçada viagem da India, em cujos parces naufragavam ao mesmo tempo a nau do poeta e os destinos da patria. Sente-se o prenuncio

<sup>1</sup> C. x, 154-156.



funebre de Alcacerquibir... Além distante, nas costas do mar das Indias, divagando na praia adusta de Monomotapa, Camões ouvia, indistinctamente longinquo, o dobrar funereo dos sinos annunciando a morte universal; mas á sua mente, anciosa de esperança, taes sons afiguravam-se eccos de clarins proclamando uma victoria. As parcas preparavam o golpe final. Camões scismava:

Bem sei que heide morrer n'esta saudade  
Em que meu esperar é todo vento...

E esse vento, levantando-se, enrolava os redomoinhos de areia que cegaram os soldados d'Africa, e cegavam tambem o espirito do poeta, desvairando-o com miragens de gloria... O sangue, a força, a natureza, reagiam contra o desespero d'alma que, por meio do silencio comprehensivo das noutes palpitantes, lhe mostrava no anniquilamento a suprema expressão da verdade, o *mundo intelligibil*, seu ideal.

Era o anno de 1569. Um dia fundearam em frente da ilha de Moçambique, arribadas, as naus que vinham de Goa para o reino. A bordo da *Chagas*, a capitaina, vinha o braço de D. Antão de Noronha, fallecido na travessia do mar das Indias, e que em testamento ordenára lh'o cortassem pelo cotovêllo para depois o levarem a Ceuta, pondo-o na sepultura de seu tio D. Nuno Alvares, e deitando o corpo ao mar. Assim se fizera. D. Antão entregára o governo ao vice-rei D. Luiz de Athayde, partindo da India acompanhado pela saudade de todos. Vinha nas naus D. João Pereira, ex-capitão de Malaca, irmão gêmeo de D. Diogo, filho do segundo conde da Feira, fidalgo velho que recusára sentar-se na cadeira rasa que o novo vice-rei

D. Luiz de Athayde lhe offerecia por ordem de D. Sebastião, prohibindo aos fidalgos as cadeiras de espaldas. Vinham Gaspar de Brito; Manoel de Mello, filho de Ruy, o da Mina; Ayres de Sousa de Santarem; Antonio Cabral; D. Pedro da Guerra; Heitor da Silveira, o Drago, casado com a sobrinha de André de Resende, e que expiraria á vista de Lisboa; e finalmente vinha Diogo de Couto, que d'esta arribada escreveu o seguinte:

«Em Moçambique achámos aquelle principe dos poetas do seu tempo, meu matalote e amigo, Luis de Camões, tão pobre que comia de amigos e pera se embarcar para o reino lhe ajuntamos os amigos toda a roupa que houve mistér e não faltou quem lhe desse de comer, e aquelle inverno que esteve em Moçambique acabou de aperfeiçoar as suas *Lusíadas* para as imprimir». <sup>1</sup>

Em taes apuros foram encontrar Camões os seus amigos chegados da India. Resa a tradição terem-lhe valido contra Pedro Barreto, que o não queria deixar embarcar sem ser pago do dinheiro emprestado para a viagem de Goa. Se assim foi, Pedro Barreto teve logo na sua vaidade o castigo da sua avareza. Estavam ainda as naus no porto, quando a Moçambique chegou do reino Francisco Barreto a substituiu-o no governo. Uma das primeiras reformas do reinado de D. Sebastião foi a divisão do vice-reinado da India em tres provincias independentes: uma a India propriamente dita; outra o Extremo-Oriente, de Malaca até á China, cujo governo foi em 1571 dado a Antonio Moniz Barreto; e a terceira, finalmente, Monomotapa, isto é, toda a costa oriental d'Africa, desde o cabo das

<sup>1</sup> Couto, *Dec.* VIII, 28.

Correntes até ao promontorio de Guardafui, na bocca do Estreito de Meca, governo e conquista em que Francisco Barreto chegava investido e em que encontrou a morte.

Em novembro, as naus largaram de Moçambique. A *Chagas* era a capitaina, e Camões vinha com Diogo de Couto a bordo da *Santa Clara*, do commando de Gaspar Pereira. Em abril de 1570 davam fundo, a salvamento, em Cascaes.

### III

(1570-1580)

Em Cascaes, as naus fundeadas esperavam que Diogo de Couto voltasse de Almeirim, onde fôra solicitar d'el-rei a sua entrada no Tejo, porque Lisboa estava fechada com a peste. Logo que a ordem veio, a *Santa Clara* entrou a barra.

Não nos disse Camões que impressões assaltaram o seu espirito ao pôr pé em terra; mas é verdade que a miragem seguida desde os confins do mundo, essa visão de uma patria que se confundia com o proprio céo, dissipava-se agora, esfolhando-se mais uma flôr de esperança — porventura a ultima!

Lisboa era uma necropole. A peste, a peste grande, o flagello medonho, começára no verão de 1569, n'um estremecimento de terror popular, e ainda quasi um anno depois açoutava Lisboa, já menos intensa, porque a cidade morrêra ou emigrára quasi inteira. A côrte fôra esconder-se em Almeirim. Desembarcando na ribeira das naus, Camões parou, chorou decerto, vendo a rua Nova com os

seus formosos bazares fechados, os maraus jogando a bola, e a herva crescendo entre as lages da calçada.

A's primeiras chicotadas do flagello, o povo via claramente n'essa desgraça o castigo das maldades do anno anterior, quando o governo, para acudir á invasão de moeda falsa de cobre que os inglezes nos mandavam nos barris de farinha e nas pipas de prégos, levando de cá todo o ouro e toda a prata, ordenou a redução do valor do cobre a um terço: a patação de dez réis a tres, a moeda de cinco réis a real e meio, a de tres réis a um, a de real a meio. <sup>1</sup> Fez-se isto em quarta-feira de trevas, e os pobres, vendo-se perdidos, arrancavam as barbas de desespero. Muitos enforcaram-se. O gentio rico folgava, triplicando os trocos. A impressão foi tal e tanta, que desde logo se vaticinaram as maiores desgraças, e o anno de 1568 decorreu funebremente n'um terror. Em 1569 annunciava-se que no interlunio de julho, a 10, se havia de subverter a cidade: o Castello juntar-se-hia ao Carmo e a Almada. Já os casos de peste bubonica principiavam a repetir-se. E se os montes da cidade não caíram n'esse dia em que ella se despovoou com mêdo, caía fulminada a gente na rua, conversando, ao topar com um amigo. O ar envenenava. O flagello seguia, crescendo em furia. Chegaram a morrer de quinhentas a setecentas pessoas por dia. Atulhados os adros das egrejas, era mister abrir fossos para enterrar os cadaveres aos trinta e quarenta, porque Lisboa estava «cheia de mortos que caíam aos bandos», e á falta de coveiros indultavam-se os galés. «Tudo nela era fogo e mortandade, choros e

<sup>1</sup> V. Aragão, *Descr. geral*, etc., I, 286-7.

gemedos». Os montes não se tinham subvertido, mas essa prophesia symbolica realisava-se, porque se subvertia toda a gente viva. «Lisboa ia acabar-se». <sup>1</sup>

Quando a *Santa Clara* fundeu no Tejo, em abril de 70, já a peste se podia dizer extincta. Extinguira-se, é verdade, a gente. «Corria-se toda a cidade e não se topavam cinco pessoas vivas e sans». Foi esta necropole a Lisboa que o poeta veio encontrar, como realidade da Sião chorada na praia macaista e nos campos encharcados do Camboje!

Mas trazia consigo um talisman, os *Lusiadas*, que eram a sua propria alma, crystallisada em estrophes. Ao mundo exterior que desabava, contrapunha o seu mundo interior construido e forte, e a necropole parecia-lhe uma miragem: miragem a morte, miragem as ruinas, miragem tudo, e só verdadeira realidade o seu sonho de poeta, o seu livro! Não pensava decerto, cantando «a gente surda e endurecida», levantá-la e dar-lhe ouvidos; pelo contrario, era com violencia e esforço que punha o remate á obra:

Aqui, minha Caliope, te invoco  
Neste trabalho extremo, porque em pago  
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,  
O gosto de escrever, que vou perdendo.

Vão os annos descendo, e ja do Estio  
Ha pouco que passar até o Otono ;  
A fortuna me faz o engenho frio,  
Do qual ja não me jacto, nem me abono ;

<sup>1</sup> V. Freire de Oliveira, *Elem. para a hist. do municipio de Lisboa*, 1, 172-7. Da peste grande resta ainda o voto da procissão chamada da Saude.

Os desgostos me vão levando ao rio  
Do negro esquecimento e eterno sono ;  
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha  
Das Musas, co que quero á nação minha. <sup>1</sup>

Envolvia-se no poema, como n'uma mortalha, certo de que a vida se lhe fôra, gerando-o ; agarrava-se como um naufrago á táboa de salvação que via fluctuar no mar morto da patria sob a figura de um rei novo, arrebatado por uma idéa heroica.

Publicar os *Lusiadas*, eis o que o agita em 1570 e 1571, e o que finalmente vê realisado no principio de 1572. O applauso foi grande, mas platonico. O poema ficou desde então gravado na alma nacional como o epitaphio da nação que encontrava alli os impulsos que a tinham movido, os sentimentos que a tinham agitado, os amores por que chorára, as esperanças por que suspirára, encontrando tambem agora o pessimismo triste de que se via irremediavelmente ferida.

Os *Lusiadas* tinham, porém, além d'isso, uma acceitação politica, por cantarem a nova esperança dos governantes n'essa empreza de Africa, para muitos havida como redemptora. Leu-os ; não os leu Camões a D. Sebastião ? Parece que não leu ; mas o rei e a côrte applaudiam com ambas as mãos o entusiasmo d'esse poeta que, voltando dos confins do mundo carregado de amarguras e trabalhos, tinha ainda no peito alanceado calor bastante para incendiar a todos, communicando a febre que palpitava no cerebro singular de D. Sebastião, a «maravilha fatal da nossa idade!» Pedro d'Alcaçova

<sup>1</sup> C. x, 8 e 9.

Carneiro, Martim Gonçalves da Camara, as duas columnas do reinado, enchiam o poeta de louvores.

Ambos, com o rei, amadureciam esse fatal plano marroquino que, iniciado em 1415 com a jornada gloriosa de Ceuta, desde 1498 se subalternisára á conquista da India, depois da viagem de Vasco da Gama. A guerra aos mouros era, no espirito commum, o destino de Portugal nascido no estrepito das batalhas da reconquista. Guerra, porém, na Africa, ou na Asia? Guerra na India, ou em Marrocos? Durante quasi um seculo o Oriente levára a melhor. Marrocos servia apenas de viveiro e escola para os soldados da India. D. Manoel desistira do plano de passar a Africa. D. João III, surdo aos pedidos para que mandasse um infante a Marrocos coroar-se imperador, pelo contrario abandonára Arzilla e Azamor (1549). A reacção vinha agora, com o novo reinado que, por todas as fórmas, com as leis da navegação, com a organisação do imperio ultramarino, com as reformas agrarias e economicas, pretendia suster a corrente da desordem portugueza e restaurar a gloria nacional, rematando-a com a conquista de Africa, á qual se chamou loucura, por isso que foi mallograda.

Mas a onda da desordem crescia, e essa empreza, que podia ter sido um plano politico em outras éras, tornava-se agora um desvairamento pelo modo como se concebia e por que se executava.

De anno para anno avultavam as desgraças. Dir-se-hia que a mão de um destino inimigo pesava sobre Portugal para o esmagar. Em 1568 fôra a fallencia da pobreza pela reduccão do valor do cobre; em 1569 e 70 a peste grande, de recordação funebre; em 1572 uma tempestade destruia a armada enviada em auxilio de Carlos IX contra os

turcos e lutheranos; e, no inverno d'esse anno, frios nunca vistos enregelavam tudo, coalhando o proprio Tejo em frente de Alcochete. Os gêlos d'esse inverno deram as cheias de 1573, que inundaram Lisboa; e n'essa era morreu a rainha mãe, adversaria da campanha de Africa, onde D. Sebastião foi pela primeira vez no anno seguinte. Em 1575, Lisboa, abalada por um grande terramoto, ardeu por metade n'um incendio pavoroso, e o anno acabou em diluvios de chuva que destruiam as ruas. As fomes eram geraes pelas provincias, e a capital via-se inundada de mendigos e leprosos, assaltada de epidemias e mortandades. Dir-se-hia que o mundo portuguez ia acabar, como acabou com effeito. O cometa de 1577 annunciava a morte do rei em Africa e a destruição do seu exercito para o anno seguinte; e o seu rastro fatidico no firmamento nacional eram as lagrimas e clamores provocados de um extremo a outro do reino pelas extorsões, pelas violencias, pelas torpezas com que se arrolavam soldados e se fazia dinheiro, vendendo escandalosamente a impunidade ao judeu — o velho inimigo!

Mas n'esta propria accumulacão de desgraças os espiritos simples viam a necessidade de uma expiacão tremenda. Qual? A guerra santa. Era mister aplacar Baal, ou Moloch, ou Jehovah, porque o Deus da nossa gente apparecia-lhe com feições africanas. Hoje vê-se, n'este estado agudo da crise nacional, a propria causa da vertigem que então se apossou da alma portugueza.

A fatalidade da guerra santa desvaira tambem a alma de Camões, destinada a vibrar sempre accorde com a nação. Quer partir. Recorda os tempos da sua mocidade em Ceuta. Mas vê-se quebrado, côxo, encostado a moletas. O «braço ás ar-



mas feito» partiu-se; ficou a «penna ás musas dada» para cantar a façanha. No proprio dia em que D. Sebastião largou do Tejo para a sua funesta empresa, Camões aparou a penna e começou a sua nova epopeia...

Alongando os olhos á barra, via o mar coalhado de navios que, de velas soltas, pareciam um bando de gaivotas colossaes annunciando um temporal tambem medonho... Eram oitocentos e cincoenta navios, e levavam vinte e quatro mil homens de peleja, tres mil cavallos, e «o mais de infantaria sana e podre que se não cirandou». Nos caes, nas praias, Lisboa inteira apinhava-se, e circulavam accesas as conversas contando os casos dos ultimos tempos, o aqodamento do rei correndo ás naus (de uma vez até esquecêra o chapéo), voltando a terra, inquieto e febril no preparar da expedição; o luzimento dos terços do duque de Bragança; os tres mil tudescos aquartelados em Cascaes; os seiscentos soldados romanos que o Papa mandára sob as ordens do marquez de Lenster... cousas nunca vistas, brigas, rixas e um delirio de luxo, um phrenesi de jogo, com taes requebros de amor, santo Deus! que mais parecia irem a um torneio do que a combater o mouro perfido nos areas de Africa.

25 de junho de 1578 foi o dia da esperanza deradeira que para além voava nas azas brancas das velas, sumindo-se na vastidão confusa dos mares. A noute caíu sobre Lisboa opprimida. Camões voltou a casa, coxeando, e encerrou-se com o seu trabalho: a epopeia d'África, a *Sebastianeida*; Portugal resuscitado pelo heroismo de um rei, a patria, cabeça do mundo reconquistado para a fé; uma gloria immensa, uma felicidade incomparavel; outra vinda de Christo á terra, encarnando na figura d'este ra-

paz coroado que, para muitos, passava por doudo... O messianismo nacional nascia tambem n'este momento, e mais uma vez a alma de Camões era o calix mystico onde se dava o mysterio sagrado da transubstanciação dos instinctos fluctuando vagos na imaginação collectiva, em pensamentos nitidos claramente expressos na consciencia de um homem.

Foram seis ou sete semanas de palpitação febril: de 25 de junho, quando a armada saiu, a 4 de agosto, dia em que a catastrophe se deu. Uma manhã entrou desvairado no Tejo Diogo Lopes de Sequeira a contar o immenso desastre de Alcacer. O cardeal D. Henrique acudiu cachetico a Lisboa, «que achou Troya ardendo n'um grito geral e cheia de lagrimas, ais e suspiros d'alma, e a chusma com a perda e dôr toda desatinada». <sup>1</sup> O desvairamento invadiu toda a gente. Lisboa parecia uma mansão de doudos. Os homens, a força, os maridos, os filhos, tudo passára, tudo ficára em Africa. Havia apenas mulheres, creanças, velhos, enfermos; havia Camões, encostado ás suas moletas, vivendo de esmolas; havia o cardeal feito rei, pendurado aos peitos de Maria da Motta, como uma creança, tremendo de susto, bolsando o leite.

«Não posso calar, com serem pessoas de tanta calidade como são algumas illustres donas que vivem n'esta cidade, tamanha dissolução como vae e a grande licença que tomaram em suas dores, no modo de pedir a Deus boas novas, vida e liberdade dos maridos e filhos captivos. Muitas se recolheram mais que d'antes e nas egrejas mais perto oram e choram e pedem com honra e dor. Outras não ha.

<sup>1</sup> *Carta a um abbade da Beira*, ed. por Felner no *Bibliophilo*; Lisboa, abril-agosto 1849.

devoção defeza que não façam, nem feitiçarias que não creiam, nem beatas que as hão roubem com suas superstições; e o que é peor, fazerem-se tão andejas e inquietas ao som de romaria que se seus maridos lá onde estão o soubessem, tomaram antes ser sempre captivos. Outras se juntam em egrejas (e ja se conhecem todas) onde as novas crescem e os juizos são tantos e o palrar tão sobejo que não ha la podel-as apartar e não ireis por rua que as não encontreis com certo numero de mulheres apoz si, necessarias á sua devoção, todas embiocadas, fazendo cocos; e para encher a copia da devoção das beguinias não fica negra, nem branca, nem rapariga em casa, que não vá no conto, as quaes por não deixarem de fazer seu officio vão de traz fazendo mais torcicollos e mochatins que em tragedias. E diante levam um velho parvo e um menino travesso. Assim vae o mundo ás avessas». <sup>1</sup>

Assim ia Lisboa e o mundo portuguez: mulheres carpindo, precedidas por velhos e creanças, seguidas por escravas do Oriente rindo em gaifonas e tregeitos. N'isto se transformavam os dous mezes de uma esperança redemptora. Camões gemia a sua miseria, porventura a perda do seu jau escravo que lhe esmolava o pão. Acabrunhado n'uma pocilga, velho, pobre, só, irremediavelmente perdido, era a propria imagem da patria, a quem tambem uma a uma se tinham murchado successivamente as flôres candidas da esperança. Natercia, essa visão de ideal pureza, de um carinho ethereo, fugira da terra batendo as azas: morrêra, deixando-lhe a vida embalada como n'um sonho, em recordações de uma doçura ineffavel. A India, essa

<sup>1</sup> Carta, etc.

outra amante que viera depois, da côr fulva do ouro, com um brilho secco de metaes, e os braços duros, os seios fartos, o peito forte da acção e do combate: a India da sua ambição partira-se em hastilhas rijas, como os metaes se partem, despedaçando-se n'uma ruina fria de chatinagem, de cobardia, de cobiça, «d'uma austera, apagada e vil tristeza!» Sião, a patria que sonhára emquanto andava pelas ruas de Babylonia: essa imagem carinhosamente bella, outra amante que nascia dos beijos de Natercia sobre a refulgente ruina de seu heroismo, vira-a tambem ao pôr pé no caes da Ribeira, feita uma necropole varrida pela peste, com os maraus jogando a bola na rua Nova, verde de herva. Morrêra tambem essa terceira amante!

E agora, o seu derradeiro amor partia-se despedaçado n'um fuzilar de relampagos, entre os nevoeiros densos da areia ardente de Alcacerquibir. Rasgava desesperadamente as folhas soltas do seu poema, e, abraçado á ultima chimera, o céo, entoava o seu canto de cysne, invocando a unica verdade, a morte:

Oh ! quanto melhor he o supremo dia  
 Da mansa morte que o do nascimento !  
 Oh ! quanto melhor he um só momento  
 Que livra de annos tantos de agonía !  
 De alcançar outro bem cesse a porfia,  
 Cesse todo applicado pensamento  
 De tudo quanto dá contentamento  
 Pois só contenta ao corpo a terra fria... <sup>1</sup>

Dous annos de agonía, dous annos de silencio e dôr, dous annos como os passou Portugal, debaten-

<sup>1</sup> Sonn. 234.

do-se miseravelmente nas vascas do fallecimento: dous annos mais, e ao mesmo tempo, em 1580, Portugal e Camões caíam na *terra fria* de uma sepultura. Expirando, tinha o poeta sequer a amarga consolação de acabar com a patria. «Morro com ella», disse, e finou-se.

\*

Não admira, pois, que desde então Camões ficasse na alma popular como o symbolo da nação, e os *Lusiadas* como a sua biblia. Não admira que tivesse passado á condição de eponymo d'esta pequena patria, tão semelhante a Athenas, e mais ainda a Sparta, na agitação da sua vida politica, na grandeza da sua missão colonial, e tambem na miseria funebre da sua decomposição.

Não admira que, desde o seculo xvii, por toda a parte onde surgisse, d'entre as ruinas do edificio nacional, algum fuste de columna ainda de pé, ou algum friso inteiro onde se visse correr agitada a tragedia de outras éras; por toda a parte onde se erguesse do matagal de urzes e cardos da historia a haste florida de uma açucena de saudade ou de esperanza, a corolla d'essa flôr, ou a fórma d'essa evocação, tivesse o perfume e a côr dos *Lusiadas* e se considerasse uma revelação de Camões, o Paraclete portuguez. Cantando os *Lusiadas*, os ultimos leões da India defenderam Columbo perdida; e no nosso seculo o invasor, querendo regalar-nos como Cesar, promettia-nos um Camões para cada provincia.

Camões e D. Sebastião, os *Lusiadas* e Alcacerquibir, eis-ahi os dous homens e os dous actos que ficaram para serem gravados na imaginação colle-

ctiva, como uma fé e uma esperança, como um mandamento e um captivo. Este Israel do extremo occidente, em que a plasticidade da imaginação grega se fundira com a tenacidade obscura do phenicio e com o prophetismo genial do judeu, possuia afinal a sua biblia, e tambem chorava as ruinas do Templo, ajoelhado aos pés do vencedor que transformára Sião n'uma Babylonia castellhana. O sebastianismo que foi a religião lusitana, forma epilodal do nosso patriotismo, veio até aos dias de hoje propondo Camões como o precursor de tudo quanto ha mais avesso ao pensamento proprio do poeta.

Fazer-se um propheta da democracia o homem em cujo cerebro ferviam os pensamentos classicos da monarchia universal, não é mais contradictorio do que arvorar-se em apostolo do livre-pensamento aquelle que levou a vida no ardor do combate religioso contra o mouro, e a acabou desvairado pela chimera da conquista do Santo-Sepulchro, ardendo em indignação contra os lutheranos, acceso sempre em uma fé inexgotavel.

E todavia, este contrasenso é só apparente e exterior. No fundo, o erro é um acerto; e a critica, se o não dissesse, provaria um limite de vistas incapaz de descortinar as miragens vagas da imaginação dos povos. A consagração historica de Camões vem ainda moldar-se no processo remoto pelo qual os deuses foram abstrahidos da consciencia nebulosa das gentes primitivas. A magia das palavras e dous ou tres momentos syntheticos da vida, tanto basta para que a imaginação plastica levante um mytho e dê uma supposta realidade á visão dos proprios desejos que passou, aérea, nos horisontes do espirito. Essa nuvem toma corpo, a apotheose

substitue-se á biographia; e a imagem verdadeira do homem que foi some-se, deixando em seu logar a figura que o povo abstrahiu da illuminação dos proprios corações.

Não admira, pois, que nós proprios, ao pretender pôr de pé a figura de Camões, obedecêssemos á vibração transmittida, e que, amalgamando a lenda com a historia, dêssemos porventura significado e proporções demasiadas a factos e estados d'alma comesinhos. Talvez a nossa vista amplificasse as proporções da imagem, impressionada pelo prestigio que essa imagem exerce nas imaginações. Talvez; mas se assim fôr, não nos arrependemos d'essa culpa. Por patriotismo, em primeiro logar; e por amor á critica, em segundo.

Por amor á critica, sim, porque a verdade, quando se trata dos phenomenos indefinidos da alma esthetica, está muitas vezes mais nas adivinhações, quando são idealmente verosimeis, do que n'uma impossivel determinação exacta. No poeta, o homem voluntario, o homem conscientemente deliberrado, vale sempre tanto menos, quanto maior é o poder da sua intuição. Os desejos propheticos brotam-lhe espontaneamente no espirito, e muitas vezes o pensamento não lhe diz o alcance dos dardos da sua phantasia. A elle proprio succede o que succede a quem contempla um producto de arte: receber de uma mesma nota uma impressão de alegria ou dôr, conforme a disposição actual dos seus nervos. A elle proprio acontece muitas vezes que, se se interrogasse a saber se de facto ri ou chora, a sua intelligencia ficaria impotente para responder, e apenas pela imaginação ainda presentiria que as lagrimas e os risos se confundem n'um mesmo vaso feito de pathos e de ironia.

Os poetas valem por aquella porção do vaticinio inconsciente de que são portadores.

Por isso a verdadeira vida do poeta, a vida que importa para se lhe conhecer a verdadeira physionomia, não é a successão dos actos exteriores: é a serie dos estados mais ou menos indefinidos do pensamento. Com o heroe dá-se exactamente o contrario; porque a acção tem para elle o papel dirigente e inicial, que tem para o poeta a contemplação.

Tudo isto, portanto, explica o fundamento do nosso retrato de Camões, pallida imagem d'esse retrato magnifico pintado pelos corações portuguezes no decurso de tres seculos. Esse retrato, dizemos nós, em conclusão, é o verdadeiro.

O homem, conforme existiu, está para elle como o vaso está para a essencia, ou para a chrysalida o casulo. Como no mytho da alma abandonando no momento da morte o seu envolucro corporeo, tambem o verdadeiro Camões espirital se separava transfigurando-se. E a tristeza foi que, de facto, essa alma voou para o céu das chimeras Sebastianistas, deixando-nos para as folhearinos, com os olhos ennevoados de lagrimas, as folhas soltas dos *Lusiadas*...

Essa alma era a lusitana, feita de esforço e grandeza, de magnanimidade e agudeza moral, de orgulho e inteireza, de constancia para as luctas, de caridade para os infortunios, de serenidade de animo e de uma fé luminosissima no seu destino, que adivinhava magnifico e que a sorte veio tornar cruel.

N'essa alma confundiam-se a candura de um Nunalvares com a força de um Albuquerque, com o stoicismo christão de um Castro, mais o seu



amor celtico da natureza, mais a fôr de ingenuidade popular desfolhada pelo bom senso de Gil-Vicente, e a ternura amaviosa de Bernardim Ribeiro.

Todas as cordas da lyra portugueza se encontravam no plectro camoneano, attestado symbolico da individualidade lusitana, maravilhosamente escripto n'uma epopeia, para ficar ao lado e acima dos traslados que iam escrevendo em dramas os nossos irmãos da Peninsula com a sua *vis* naturalista de castelhanos.

E quiz a sorte que um poeta, assim dotado com todos os caracteres do povo que representava, apparecesse no momento proprio da completa definição do seu pensamento: quando na tarde do dia glorioso, o sol, descaíndo para o poente, já não podia estontear as ambições; quando a experiencia apontava já nos horisontes as nuvens a amontoarem-se e o crepusculo a subir do lado do nascente, deixando á alma a plena posse de si mesma e ao juizo a liberdade de julgar.

E quiz, finalmente, que a vida d'esse homem fosse cyclica: amante como Portugal, que ficou celebre pela tragedia de Iñez de Castro, vivêra de amor na adolescencia; vae a Africa preparar-se para as campanhas do Oriente, como Portugal tambem foi; embarca para a India, como a nação inteira embarcára; volta de lá derreado, côxo, em moletas, como voltou igualmente Portugal, para agonisar um instante, expirando a um mesmo tempo...

Não era necessario tanto para ferir a imaginação de um povo. Que admira, pois, a apotheose de Camões?

## CAPITULO TERCEIRO

### A época das conquistas

---

#### I

Heroismo é a palavra que define syntheticamente este periodo da vida nacional portugueza. Pelo heroismo se explica a nossa grandeza e o nosso abatimento, as nossas virtudes e os nossos vicios, a culminação gloriosa a que subimos e o abysmo pôdre em que nos afundámos para morrer.

O heroismo é o condão e a sina dos povos collectivamente idealistas; é por via de regra o temperamento espontaneo das nações desabrochadas ao sol do meio-dia, que dá á vida individual uma feição communicativa e reciproca, ao contrario dos climas asperos em que o homem, isolado por uma natureza agreste, redobra o pensamento em vez de o expandir, e ensimesmando-se, isto é, applicando á propria alma o seu poder de amar e estudar, produz essas maravilhas de analyse psychologica realisadas por Shakespeare com a intuição

e a arte, e por Kant com a observação e a critica.

O homem meridional é outro: mais espontaneo, menos reflexivo, mais pagão, menos espiritualista. Não é que o genio contemplativo seja peculiar aos povos septentrionaes, nem que lhes seja desconhecida a acção. Mas a actividade da gente do norte é diversa: reduz-se á esphera da vida collectiva de relação, não se alarga para além da fatalidade obscura da lucta contra uma natureza hostile. A sua poesia está na contemplação. A gente que, no mundo, mais fez pelo commercio foi a ingleza, cuja gloria é a poesia pessoal e lyrica; e nós, que démos prova cabal da nossa incapacidade mercantil, pois do proprio Oriente o rendimento liquido ia parar ás mãos de flamengos e inglezes que nos levavam todo o ouro: fomos nós que nos *Lusiadas* escrevemos o poema do commercio.

A gente do norte agita-se impellida na lucta pela vida: por isso mesmo põem o ideal nos encantos da paz, da casa (*home*), dos sentimentos individualistas, e na contemplação nebulosa de uma natureza inimiga que necessita ser espiritualizada para que possa amar-se. Essa gente é subjectiva. A meridional vive de fóra para dentro, em communhão permanente com o proximo, confundindo-se com elle, indistinctamente, palpitando com a rajada do vento, com a ondulação da luz, com a vaga do mar, com a côr da terra, com as paixões dos homens. O movimento, a acção, não lhe apparecem com deveres ou necessidades crueis, contra as quaes buscam na vida interior um refugio: teem-n'os, ao contrario, como a propria expressão e destino da existencia.

E' a este modo de ser, nos seus momentos fecun-

dos, que se chama heroismo; e nenhum livro, de todos aquelles em que o espirito humano tem conseguido crystallisar alguma das suas concepções typicas, representa melhor o heroismo do que os *Lusiadas*.

Este temperamento moral tem, como tudo, os seus limites de capacidade comprehensiva, de effi-  
cacia pratica e de belleza esthetica. Por isso mesmo que procede mais do instincto do que da reflexão, o seu encanto é maior, maior tambem, por vezes, o seu alcance efficaz, e mais intensos os raios de penetração comprehensiva. Mas procede sempre como as cousas do instincto, que são irreflectidas, desordenadamente e em turbilhões. Por isso tambem a expiação do heroismo é o reverso de uma medalha gloriosa, manchada de nodos, coberta de um pó que, soltando-se, conspurca, e, crescendo, suffoca dentro de uma cova a força e o esplendor dos dias transactos.

E' então que, passado o momento de enthusiasmo febril, a intuição abrange os horisontes da realidade; e é por isso que as grandes éras poeticas nunca são as da plena expansão energica das sociedades. Os *Lusiadas* apparecem quando a patria agonisante estava já debruçada sobre a cova de Alcacerquibir. Virgilio vem tambem na idade classica de Augusto, quando Roma, terminada a época da sua expansão e grandeza, buscava nas instituições imperiaes e na «immensa magestade da paz» o triclinio dourado e cómodo para ir passando os seculos da sua digestão apoplectica. A incomparavel epopeia virgiliana exprime, na sua perfeição, no seu rigor, no seu saber artistico, esse meigo descair de um sol que não deixa mais os raios fulgurantes do meridiano, com

uns longes de canção annunciando a doença, com a madureza do espirito annunciando a velhice, com a melancolia crepuscular trazendo nas azas o negrume da noute.

Em Camões, a noute fecha-se com a morte do seu povo e com o desespero funebre da sua alma na força perdida da patria, na belleza apagada do mundo.

E como a condição necessaria do nosso heroismo era a ruina d'este povo, foi bom que Camões surtisse no momento em que veio ao mundo, pois é incontestavel e sabido que a intuição poetica adquire com a desgraça uma tempera e um gume desconhecidos nas épocas de fortuna. Os prophetas judeus cantaram os hymnos mais sublimes da piedade semita na propria hora em que a sua nação despedaçada caía em ruinas. Foi quando a Allemanha dos nossos dias, desconjuntada como nação, opprimida como povo, parece que devia jazer muda e esteril: foi então que surgiram os seus grandes poetas e philosophos e os inventores perspicazes, philosophos e poetas a um tempo, de todas essas sciencias novissimas que desvendaram os segredos da alma dos povos; foi então que tambem os artistas deram á musica um poder de expressão desconhecido, e assim, por dous modos, appareceu a maravilha mais extraordinaria, e acaso o limite mais intimo que póde attingir o pensamento humano. Foi emquanto se desenrolava a epopeia portugueza pelo Oriente, durante a Renascença, que, no meio da dilaceração dos seus estados, da oppressão ominosa do aragonez, das revoluções medonhas, das orgias sangrentas; quando parecia que a Italia se extinguiria, como seculos antes se extinguira a Grecia: foi então que o mundo viu com pasmo as

maravilhosas creações dos artistas e as obras singulares dos poetas italianos.

Por outro lado, não são os povos, cuja acção é levantada pelo heroísmo, os que provam eminentes no duro e paciente officio da construcção das nações, obra sobretudo do instincto pratico; da mesma fórma que não são os poetas os eleitos para o mister de estadistas. A sociedade humana tem no trato grosseiro e duro o que é de inferior, que choca e repelle a candidez do poeta, ao qual, por seu turno, a phantasia não deixa perceber a grandeza que, revestida pelas fórmas grosseiras e quasi vis da realidade, se encontra no fundo das cousas sociaes. Os temperamentos dos povos reproduzem, amplificados, os individuos: assim o grego, mestre da philosophia e das artes, mostrou ser como esses italianos hellenisados da Grande-Grecia, incapaz de passar além da vida democratica da cidade, de construir a nação e de conceber a idéa mais geral de patria e de sociedade. O mesmo diremos dos celtas que, na Irlanda, gemem sob o mando ferreo do saxonio, e que na França se debatem hoje com a instabilidade das fórmas governativas, depois de terem construido geographically a nação sob o governo feudal e monarchico dos frankos. Outro tanto diremos d'essa raça germanica, assente no centro do Imperio, bavaros, allemães, tão grandes pela intelligencia; tão fracos, porém, que sómente á voz dura do prusso, slavo e não allemão, souberam extrahir dos sonhos vagos da poesia patriotica a realidade da patria positiva e politica. O macedonio foi para o grego, como o prusso para o allemão, como o piemontez na Italia moderna, e como o romano que, na antiga, estendeu o seu imperio por todo o mundo então conhecido de europeus.

Nós, que na época das conquistas nos cançavamos tanto a imitar classicamente os romanos, chegando á parodia que se viu no triumpho classico de D. João de Castro em Goa; nós, porém, não tínhamos no nosso sangue a semente que aos romanos déra essa disciplina na força, origem do seu imperio. Celtas, não nascêramos para mandar: vieramos para descobrir, incitados pela curiosidade do genio; ao mesmo tempo que, porventura, remotas origens da nossa estirpe, porventura o trato continuo com africanos, hamitas e semitas, mouros, judeus e arabes, davam ao nosso dominio um caracter feroz e funebre, intercalado de terror e orgia, illuminado simultaneamente pelo fanatismo e pela cobiça, que aos homens typicos, a Albuquerque por exemplo, imprimem por vezes a physionomia de um Assurbanipal, e á côrte em Lisboa o aspecto de nova Cartago, onde reina uma dynastia de mercadores fanaticos.

O nosso heroismo, pois, embora levantado sempre acima do drama desordenado dos castelhanos, por essa *vis* epica de Camões e por essa nobreza que os *Lusiadas* respiram de mistura com o terror, caracteriza-se fundamentalmente d'este modo, apesar de constante preocupação classica dos eruditos e dos litteratos.

E', portanto, a reacção dos elementos basilares da nossa alma nacional que tambem caracteriza a dissolução d'ella. A cobiça mercantil converte o imperio n'uma chatinagem; a ferocidade produz a ancia com que os indigenas se voltam contra nós por toda a parte, e nos repellem assim que fraquejamos, reduzindo as nossas conquistas, que se estendiam até aos confins da China, a uma lembrança fugitiva apenas, cyclone tremendo que um dia passou so-

bre os littoraes do Oriente, levando nas azas essa curiosidade insaciavel que tambem nos fazia querer abarcar o mundo inteiro.

«Se mais mundo houvera, lá chegára», diz Camões; e D. Manoel tinha tomado já para si como emblema a esphera armillar symbolica. Esse symbolo exprime o idealismo da nossa ambição, que se não satisfaria senão com o absoluto.

Ora, quanto maior e mais desordenado o ideal é, mais extraordinario apparece o heroismo: n'isto se encontra a razão da immensidade e grandeza dos heroes creados pelas religiões. E' um sentimento da mesma especie que arrasta os portuguezes, em cujos cerebros tambem se agita a idéa de cumprirem uma ordem de Deus, praticando o que fazem. O instincto patriotico vem logo depois do religioso na escala dos motivos capazes de arrebatarem os homens até ao heroismo.

E esse heroismo, que leva os santos ao martyrio, é o mesmo que leva tambem ao supplicio as nações tocadas um dia pela vara fatidica do destino. Assettearam-nos, degolaram-nos; o nosso sangue correu, deixando-nos o corpo exanime, porque tinhamos commettido a loucura gloriosa de mostrar a terra ao mundo, desvendando os segredos dos mares, esquadrinhando os recessos das costas e angras, insinuando-nos por todas as enseadas, aportando em todas as ilhas dispersas na vasta campina dos oceanos tentadores. Todo aquelle que no mundo, homem ou nação, praticou uma obra heroica, teve como premio glorioso um martyrio. Esta crueldade das cousas é a suprema justiça para quem lhes comprehende a natureza.

Pagamos o nosso heroismo, como a França esmagada em Pavia, a Italia reduzida ás condições



de um tumulto, a Hespanha já destruída, quando vinha arrogante receber em Lisboa as chaves do palácio abatido, cuja cúpula tombára em Alcacerquibir. Que immensos crimes, que actos nefandos commetteram esses povos assim martyrisados? Sonharam, cantaram, bateram as azas para o céo, a mostrar o caminho ao mundo. A França, destinada pela geographia e pela historia ao papel de equador ethnico, insistia no seu proposito de fundir pelo espirito e pela ordem as duas faces do mundo europeu, a germanica e a latina. A Italia, balouçada entre duas vagas somnambulas, mas tragicas, o Papado e o Imperio, aspirando á unificação do mundo e á restauração de Roma, consumia-se nas lembranças do passado, desvairada no presente pela expansão anarchica da força, pela invenção delirante da arte: via-se outra vez o homem antigo surgindo das ruínas das revoluções modernas. A Hespanha, finalmente, prostrada aos pés da Cruz, allucinada por um delirio mystico, votára-se á reconquista do mundo para Deus, adorando-o com os impetos da alma mosaica, e depondo-lhe aos pés, como os cartaginezes aos pés de Moloch, os thesouros arrancados com ferro e fogo pelas Americas e pelas Indias.

E que faziam, entretanto, as grandes nações de hoje, as felizes, as ricas? Iam fundindo e limando a immensa dentadura de aço com que haviam de devorar o Meio-dia, para se fartarem. Loucas! pois lhes succede como á serpente que, depois de saciar-se, adormece como que morta. Produzem, compram, vendem, e ingerem muito: os queijos, a carne succulenta e gorda — e o alcool, que serve para alcançar, n'uma embriaguez bestial, esse esquecimento da vida, estado negativo indispensavel, que nós, os

doudos, attingiamos, porém, n'uma embriaguez divina, perdendo-nos nas nevoas da allucinação mystica, ou nos ardores d'um heroismo fecundo.

Ainda no proprio ponto de vista utilitario, posteriormente dominante: ainda n'esse, valemos mais.

## II

Tres factos culminantes caracterisam em Portugal essa ancia de viver que, por toda a Europa, é dominante na Renascença, depois da severa e longa quaresma medieval. Toda a energia d'este povo crystallisa em tres actos: o imperialismo politico, as descobertas e conquistas, o absolutismo religioso.

Terminára o longo debate dos poderes rivaes durante a Edade-média: a Egreja, herdeira da civilização classica e mandatária de um Deus feito de caprichos; a nobreza feudal, nascida no tumulto das guerras; e a monarchia que, saindo por selecção da assembléa dos guerreiros, logo chamára a si o auxilio da tradição imperialista da Antiguidade. D. João II, que foi em Portugal o *principe-perfeito* de Machiavel, o *homem*, como lhe chamavam em Hespanha, esmagára com o punhal e o cadafalso a velha nobreza goda, para D. Manoel depois, chamando reforma dos foraes á destruição das liberdades concelhias, extinguir o localismo que democraticamente reproduzia nos municipios um espirito de autonomia correspondente ao dos senhorios. A unidade da nação, acabada, encontrava o seu symbolo no monarca; e o genio da Renascença denunciava-se tambem fazendo, como diz Burckhardt, do estado uma obra d'arte.

O mesmo espirito synthetico ou heroico nos levava para a descoberta e conquista do mundo inteiro e para a sua unificação n'uma fé, alma ardente d'esse corpo enorme que apparecia vivo e palpitante á imaginação dos homens. Não se comprehende a Renascença, cujo pensamento visceral é o idealismo, sem o absolutismo da fé: a imagem ficaria imperfeita, o senso esthetico protestaria.

Esse absolutismo da fé, que agita em guerras a Europa, complica-se em Portugal (e na Hespanha) com a velha questão dos judeus, e com o odio historico aos mouros. Depois de repellidos da Peninsula, fomos combatêl-os em Africa e no Oriente, sancionando assim para a religião e para a historia os lances a que principalmente outras causas nos moviam.

O caso dos judeus era mais remoto e mais complicado. Essa raça nomada no seio da Europa culta, raça escravizada desde o tempo dos Pharaós, insinuára-se na Peninsula com os carthaginezes, vivêra á sombra dos romanos, e na catastrophe do Imperio obtivera vingança tyrannizando humildemente, como sempre, a Hespanha goda, para a atraçoar depois, abrindo as portas aos arabes de Marrocos. O odio ao judeu vinha enraizado desde os tempos visigodos e fazia explosão na Renascença.

N'esse odio envolviam-se outros sentimentos menos nobres: a inveja, a cobiça. A capacidade capitalista do judeu, innata ou adquirida em gerações successivas mantidas na condição de espurios, sem patria, e sem a propriedade que moralisa o homem, irritava o povo afflicto pelas miserias contínuas da Edade-média. Os judeus, esses malditos de Deus, eram os banqueiros dos reis, viam-se ao lado dos grandes, monopolisavam o dinheiro, enriqueciam

com a usura, «e posto que de todos sejam zombados, possuem a grossura da terra onde vivem mais folgadamente do que os naturaes, porque não lavram, nem plantam, nem edificam, nem pelejam, nem aceitam officio sem engano. E com esta ociosidade corporal, n'elles se acha mando, honra, favor e dinheiro: sem perigo das suas vidas, sem quebra de suas honras, sem trabalho de membros: sómente com seu andar miudo e apressado que ganha o fructo de todos os trabalhos alheios». <sup>1</sup>

Esta contradicção flagrante, ultraje simultaneo á alma religiosa e ao senso esthetico, accendia-se no amor desenfreado da vida e da riqueza que assaltava os espiritos e os levava pelos mares longinquos em busca das ilhas de ouro e dos continentes onde os rios rolavam diamantes e esmeraldas. A phantasia do ouro enchia todas as cabeças: uns condemnavam-n'o como um demonio, quando era judeu; outros levantavam-lhe altares como a um deus — quando o ouro servia a propagar a fé, a augmentar o imperio, a completar a harmonia sublime d'esse mundo que, abraçado por inteiro, seduzia tambem os espiritos com os encantos de uma obra d'arte.

Da Jamaica escrevia Colombo aos reis catholicos, dogmatica e theologicamente: «El oro es excellentissimo: del oro se hace tesoro, y con el, quien lo tiene, hace quanto quiere en el mundo y llega á que hecha las animas al paradiso!» E Shakespeare arrebatado exclamava:

Gold, yellow, glittering precious gold!

<sup>1</sup> João de Barros, *Rhópica Pneuma ou merc. esp.* (1552).

Esse ouro soberano e libertador, com o qual o homem é omnipotente na terra e até pôde conquistar o céu, era, porém, a propriedade do judeu, cujo riso sardonico envenenava a cobiça faminta do christão. Da raiva saíu a furia, da impotencia a crueldade. Por isso os judeus foram exterminados; e d'essa longa historia resultou, não diremos, como tantos, a ruina industrial do paiz, pois o judeu era apenas usurario, mas um estado de excitação nervosa, em que a idéa da razão d'estado, transcendentalizada, desvairou inteiramente os espiritos e precipitou o povo em allucinações funebres, lançando os governos nas mãos da policia inquisitorial.

O imperialismo dominante na politica prestava as suas maximas á vida espiritual, que por essencia é insusceptivel de policia. A obra d'arte do estado ideal apparecia como um monstro medonho, e o heroismo como a estatua lendaria de Nabuco, assente sobre pés de uma lama ensanguentada. «Quasi que não tenho ja forças para me soster sobre as pernas, e tão cheio de uzagre por todo o corpo que me falta pouco para me darem por leprozo». Estas palavras de Damião de Goes retratam a situação. A Inquisição, perseguindo tudo, por toda a parte produzia a cachexia e as ulceras. Reinava a ferocidade e o mysticismo, a devoção e a cobiça ingenuamente divinizada. Assim como o infante que pellou a cabeça do judeu com terebinthina e lhe deu uma indigestão de toucinho: assim o jesuita desnudava os textos da Antiguidade e introduzia nos cerebros da geração nova o alimento desenxabido de um humanismo emmasculado.

De tudo isto saía uma côrte nova, onde, reformados os foraes, já se não ouvia a voz dos procuradores das terras, alternando com a dos velhos

fidalgos que, depois da conquista, tinham feito, com Nunalvares á frente, a revolução gloriosa de Aviz.

O punhal e uns textos latinos de direito classico, reduziram a pó essas vegetações que destruíam a harmonia symetrica do novo estado, em cuja côrte reina agora a nobreza nova de mercadores-soldados, aventureiros audazes que por vezes chegam a ganhar proporções epicas, como um Affonso d'Albuquerque ou um D. João de Castro, sem por isso ganharem perante a corôa aquella authoridade dos fidalgos de outr'ora, amigos, conselheiros, irmãos, ás vezes tyrannos.

Agora são todos mercenarios e caixeiros de el-rei que, preocupado sempre com as contas, desconfia de todos e muitas vezes, como succedeu a Duarte Pacheco, premeia o heroismo com a masmorra. «A cobiça de bocca aberta», como diz Sá de Miranda, eis-ahi a imagem ideal d'essa monarchia sonhada pelos poetas,\* e o retrato vivo dos «cavalleiros da ousada avareza». Na côrte, o

..... grande mar  
com somma de pescadores, <sup>1</sup>

o verdadeiro rei não é D. Manoel, cuja mesquinhez todos reconhecem; nem D. João III, cujo mysticismo excede a capacidade commum; nem D. Sebastião, um desvairado; nem o Cardeal, um cachetico. O rei é o dinheiro, as façanhas são as razzias e os saques da India que enjudaizou Portugal inteiro, ao mesmo tempo arrebatado pela furia de exterminar o judeu — suprema ironia da historia! O «mercadejar por baixesa se havia, em alta se tornou», dizia

<sup>1</sup> Gil Vicente, *Romagem de Aggravados*.

Sá de Miranda, recolhendo-se á sua thebaida, com as saudades dos tempos velhos; e Gil Vicente, ferindo a mesma corda, accusava:

..... Esta terra é rica  
De pão, porque os lavradores  
Fazem os filhos paçãos.  
Cedo não hade haver villãos;  
Todos d'Elrey, todos d'Elrey!

A côrte, com effeito, absorvia tudo. Lisboa e o seu luxo, o seu rio, o seu Tejo, porta aberta sobre o thesouro do Oriente, devorava o reino, ao longo do qual durante seculos os governos tinham derramado incessantes beneficios, para o arrotear e cultivar, restaurando-o da miseria em que os seculos das guerras mouriscas o tinham deixado. A India, eram outra vez os almuhades ou os almoravides: por todo o reino se estendia um sudario de despoção e fome; e de toda a parte confluíam correntes de sangue vivo a confundir-se no Tejo em armadas levadas para a India com as velas cheias pela monção da aventura. Iam «mortos de fome, mas vivos de cobiça». <sup>1</sup>

Camões, que pertence á geração educada na agitação dos tempos e das idéas novas, não hesita em condemnar o já archaico principio aristocratico da hereditariedade fidalga:

Aquelles pais illustres, que ja derão  
Principio á geraçam que delles pende,  
Pela virtude muyto antão fizerão  
E por deixar a casa que descende.

<sup>1</sup> Sá de Miranda.

Cegos! que dos trabalhos que tiverão,  
Se alta fama e rumor delles se estende,  
Escuros deixão sempre seus menores,  
Com lhe deixar descanses corrutores. <sup>1</sup>

Mas, se a fidalguia está para elle no merito pessoal, a observação directa das cousas suggere-lhe criticas mais acerbas ainda:

E vê do mundo todo os principais,  
Que nenhum no bem publico imagina;  
Vê nelles que não tem amor a mais  
Que a si somente e a quem Philaúcia insina;  
Vê que esses, que frequentão os reais  
Paços, por verdadeira e sã doutrina  
Vendem adulação, que mal consente  
Mondar-se o novo trigo florecente;

Vê que aquelles que devem á pobreza  
Amor divino e ao povo charidade  
Amão somente mandos e riqueza,  
Simulãdo justiça e integridade;  
Da fea tyrania e de aspereza  
Fazem direito e vã severidade:  
Leis em favor do Rei se estabelecem,  
As em favor do povo so perecem. <sup>2</sup>

De quem é a culpa?

Culpa de Reis, que ás vezes a privados  
Dão mais que a mil que esforço e saber tenham. <sup>3</sup>

Não é. A culpa não é dos reis, não é de ninguém.  
A culpa é da propria condição das cousas, pois a  
empreza das conquistas só podia levar-se a cabo  
com a formação de uma aristocracia nova, militar e

<sup>1</sup> *Lus.*, c. VIII, 40. — <sup>2</sup> IX, 27, 28. — <sup>3</sup> VIII, 44.



commercial. E' verdade que nos tempos antigos só a bravura consagrava o heroe: não havia ainda côrte para coroar os espurios, nem para galardoar os serviços com castigos, ou com desdens...

Essa côrte nova é a que tripula a *Barca da Gloria* de Gil Vicente, em que successivamente entram um conde, um duque, um rei, um imperador, um bispo, um arcebispo, um cardeal, um Papa. A morte conduzia-os a todos. De um lado está a barca para o inferno, do outro a que vae para o céu. Satan governa a primeira, um anjo a segunda. Desde o Conde até ao Papa, todos se dirigem á barca do céu, mas o Anjo repelle-os:

Vuestras preces y clamores  
Amigos, no son oídas:  
Pesa-nos tales señores  
Iren á aquellos ardores,  
Animas tãn escogidas.

E' verdade que no fim salvam-se todos; nem diante da côrte, perante a qual o auto era representado, podia succeder o contrario. Mas salvam-se, como? Com a vinda de Christo, e agarrados aos remos que são as chagas do Redemptor. E' necessario o holocausto de um Deus para remir os crimes dos grandes.

Os vicios da sociedade nova «morta de fome, mas viva de cobiça», adulação, cortezania, ostentação e vaidade, provéem radicalmente d'essa supposição de opulencia que desde a descoberta da Índia desvairava toda a gente em Portugal. O principal personagem da farça dos *Almocreves* retrata o fidalgo do tempo, de quem o capellão diz na peça:

Sou capellão d'hum fidalgo  
 Que não tem renda nem nada ;  
 Quer ter muitos apparatus  
 E a casa anda esfaimada.

O fidalgo promete sempre e nunca paga. Dinheiro, não ha vêr-lh'o ; o capellão diz-lh'o :

E vos fazeis foliadas  
 E não pagais ó gaiteiro?  
 Isso são balcarriadas.  
 .....  
 Trazeis seis moços de pé  
 E acrescentai-los a capa,  
 Como rei e por mercê,  
 Não tendo as terras do papa,  
 Nem os trattos da Guiné,  
 Antes vossa renda encurta  
 Como panno de Alcobaça.

Ao que o fidalgo responde :

Todo o fidalgo de raça  
 Em que a renda seja curta  
 He por força, qu'isso faça.

Estas palavras pintam uma classe. E estas aberrações explicam-nos a causa primordial da atrophia que o movimento de povoação do sul do reino, tenaz e fecundamente promovido até ao seculo xiv, experimentára com a generalisação dos morgadios, das herdades, do absenteismo, contra que as leis provavam inuteis. Foi n'esse sul do reino, interrompido no seu processo de constituição social e rural pela vertigem das navegações: foi em Evora que viveu o professor belga Nicoláo Clenardo.

«Neste paiz, escrevia para um seu amigo de

Flandres <sup>1</sup>, todos somos nobres e é uma grande deshonra exercer publicamente uma profissão. Imaginaes que a mãe de familia vae ao mercado, compra ahi peixe e prepara burguezmente uma caldeirada? Uma mulher nada possui que seja de utilidade pratica, á excepção da lingua e de certo artigo que constitue o seu titulo de casada. Ainda que dêsse a quarta parte dos meus ganhos, não encontraria uma mulher que consentisse em cuidar-me da casa, como se costuma no nosso paiz. Como diabo viveis então? perguntareis vós. Os escravos pullulam por todos os lados. Todo o serviço é feito por negros e mouros captivos».

O genio pratico e burguez do belga não se irrita, mas desdenha d'este modo de vida de uma sociedade cuja virtude lhe não é dado aperceber. Vê-lhe só o lado grotesco. Essa fidalguia vaidosa que dá de si a fanfarronice pelintra, é apenas a caricatura da realidade que produz o desinteresse heroico. O idealismo, porém, é como o vinho: se tonifica, embriaga tambem; e a propria causa da força torna-se em origem do abatimento.

Todos os bons espiritos se offendiam com o caminho que as cousas tomavam, e dos factos mais notados é com effeito o progresso numerico dos escravos. Garcia de Rezende, na sua *Miscellanea*, diz:

Vemos no reyno metter  
Tantos cativos crescer,  
E irem-se os naturaes,  
Que, se assim for, serão mais  
Elles que nos, a meu ver.

<sup>1</sup> V. as cartas de N. Cleynarts, nos *Ann. das Sc. e Lettr.*, da Acad. de Lisboa.

«As cousas da India fazem grandes fumos!» exclamava Affonso d'Albuquerque; e Sá de Miranda, o que denunciava «a clara peçonha dos mimos indianos», dizia

Que o cheiro d'esta canella  
O reino nos despovoa.

Damião de Goes orça em dez ou doze mil os escravos importados annualmente do Ultramar em Lisboa, cidade mascava, cuja quinta parte da população era serva e negra.

Voltando aos fidalgos, Clenardo escrevia:

«Ha muitos que não são mais ricos do que eu e andam acompanhados de oito creados que sustentam, não direi com abundante alimento, mas á fome, á sêde e por outros meios que sou demasiadamente estúpido para aprender nunca em dias de minha vida. Afinal, não é custoso recrutar uma turba inutil de servidores, posto que esta gente tudo prefere á fadiga de tomar qualquer profissão. Mas para que serve um tal sequito? Vou-me explicar: se os tratantes são de uma formal preguiça, qualquer d'elles emprega-se n'uma d'estas cousas: dois caminham adiante, o terceiro traz o chapéu, o quarto o capote, se por acaso chove, o quinto pega na redea da cavalgadura, o sexto toma-vos conta dos sapatos de seda, o setimo de uma escova, o oitavo mune-se de um panno de linho para limpar o suor do cavallo, emquanto seu amo ouve missa, ou conversa com um amigo. O nono offerecer-vos-ha um pente para alizar os cabellos, se tendes de cumprimentar alguém de importancia...»

Taes são os magnatas, abaixo dos quaes vêem os fidalgos de segunda ordem, pagens e escudeiros, especie de criadagem nobre. Na farça de *Quem tem farellos*, vêem-se dous moços de dous escudeiros, conversando. Apparicio diz do amo :

Vem tão ledo : — Sus ! cear !  
 Como se tivesse quê.  
 E eu não tenho que lhe dar  
 Nem elle tem que lh'eu dê.  
     Toma um pedaço de pão  
 E um rábão engelhado  
 E chanta n'elle bocado  
 Coma cão.

E' exactamente o banquete de que nas suas cartas Clenardo falla, quando descreve o rol das compras de um fidalgo portuguez : « Quatro ceitis para agua, dois reaes de pão, um real e meio de rabanetes » — o rábão engelhado da farça de *Quem tem farellos*. Toda a semana, observa Clenardo, se repete o rol, até ao domingo que traz a seguinte apostilha : « Hoje nada, por não haver rabanetes na praça ».

Assim se alimenta o escudeiro, de pão e rabanos á ceia. A gente peninsular é sobria. Tira ao estomago para dar de comer á imaginação. Que importa o resto, se poder pavonear-se, vaidoso como um gallo, em frente da janella da sua amada, de gibão bordado e chapéo de plumas fartas ? Qualquer pequena tença suppre o orçamento de pão e rabanos, do gibão e das cordas da viola namorada. Porém o magnata, fidalgo de raça que tem de apparecer na côrte, deslumbrar com o luxo, apresentar um *estado*, astro movendo-se na orbita

do sol regio, recebendo a luz d'elle, mas cumprindo tel-a sua propria, que ha de fazer senão lançar-se

Por contentar o Rei, no officio novo  
A despir e roubar o pobre povo? <sup>1</sup>

E fazia-o desapiedadamente. Nem podia ser de outro modo. A invasão da pimenta e da canella da India, «cujo cheiro despovoava o reino», reduzindo-lhe os habitantes a metade, tinha paralyzado o progresso economico da sociedade, estancando as fontes da sua riqueza. Encarecia tudo disparatamente, a começar pelo pão que triplicára de custo e pela carne que era um objecto de luxo. E as difficuldades passavam dos orçamentos particulares para o do rei, que no tempo de D. Manoel começou a viver de empréstimos com os cambios de Flandres e com a venda de padrões de juros, de que se abusou a ponto de já não haver na Europa judeu que os quizesse comprar a D. João III. A divida publica portugueza vem d'então.

Este phrenesi do gasto leva a aberrações como a d'aquelle fidalgo que reclamava para si o monopolio dos lupanares de Portimão; e alludia a elle Gil Vicente nas suas trovas :

Porque nos tempos passados  
Todos eram compassados  
E ninguem se desmedia :  
Mas a presumpção isenta  
Que creceo em demasia  
Criou tanta fantasia  
Que ninguem não se contenta  
Da maneira que sohia. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Lus.*, c. VII, 85. — <sup>2</sup> *Romagem de Aggravados.*

Era só um vicio da fidalguia? Não; era o vicio, a loucura de toda a gente; nem já existiam, no turbilhão das aventuras novas, as raias divisorias de classes: diariamente se assistia ao ennobrecimento dos que, partindo obscuros para a India, de lá voltavam com a fidalguia segura e certa nos thesouros arrecadados em arcas nos porões das naus de viagem:

Bem sabes tu, Pero Vaz,  
Que fidalgo ha ja agora  
Que não sabe se o é.

\*

Passemos da côrte para a igreja, a vêr a clerezia n'esse momento illuminado pela penna de Gil Vicente, e que, succedendo ao mysticismo medieval, precede o fanatismo funebre do fim do seculo XVI.

Como seria o clero sob o papado de Leão X, o sybarita, que sorria desdenhosamente das «bulhas fradescas» de Luthero, extasiado como um pagão, na sua côrte de artistas, perante os deslumbramentos da embaixada sardanapalesca d'el-rei D. Manoel?

Feirae o carão que trazeis dourado  
O' presidente do Crucificado  
Lembrae-vos da vida dos santos pastores  
Do tempo passado. <sup>1</sup>

O meridional não protesta como o inglez e o allemão. Ou absolve tudo na comprehensão idealista

<sup>1</sup> Gil Vicente, auto da *Feira*.

como Camões, ou, a cavallo no jumento do bom-senso, vae com Rabelais, com Cervantes, ou com Gil Vicente, despedindo os seus remoques sem fel e os seus conselhos amigos. Ri, e d'essa fórma vingá-se. Os contrastes da vida clerical são o primeiro thema da satyra, e entre esses contrastes os mais grutescos são os que o celibato provoca. Um clérigo ralha com o filho, que lhe responde, desculpendo-se:

Peores são os de Frei Mendo  
E os do beneficiado  
Que vão tomar o boçado  
Que seu pae está comendo. <sup>1</sup>

E' natural. O celibato *contra naturam*, dura imposição lançada á milicia ecclesiastica, torna-se a origem dos amores sacrilegos a que a sociedade, solta á lei do naturalismo, não corresponde, porém, com a reprovação de outros tempos. Rubena, na comedia do seu nome, era filha de um abbade que muito apreciava:

Bonita, hermosa á gran maravilla,  
Um clérigo mozo que era su criado  
Enamoro-se d'aquella doncella;  
La conversacion acabó con ella  
Lo que no dubiera haber comenzado.

Tal é a plebe da clerezia; a sua nobreza, a que povoa as sés, padece dos mesmos vicios. Rubena tem dos seus amores um filho, e a feiticeira que lhe assiste ao parto, manda aos seus diabos por um berço para o recém-nascido:

<sup>1</sup> Gil Vicente, auto do *Clerigo da Beira*.



CAROTO : Draguiño, tu a San Vicente de fóra.

DRAG. E tu?

CAR. A' Sé

Porque crede que alli he  
O feito mais commumente.

Camões escreve tambem n'uma das suas comedias: «Meu pae era clérigo, e os clérigos sempre chamam aos filhos sobrinhos; e d'aqui me ficou a mi ser filho de meu tio». <sup>1</sup>

No clero regular os vícios são ainda mais graves; nem admira, porque as obrigações da regra crescem na razão do idealismo da instituição, que já se não fortalecia com os estados de arrebatamento mental transactos. A relaxação do mysticismo, eisahi o que no norte da Europa deu a Reforma, e no Meio-dia a Sociedade de Jesus, milicia nova destinada a substituir todos os antigos batalhões monasticos, successivamente creados para combater a tibieza da fé, e que agora se mostravam tão indisciplinados como as levas de *reinos* que as naus da Índia cada anno levavam para o Oriente.

Este

He cura no Lumiar  
Sochante da Mealhada  
Arcypreste de canada  
Bebe sem resfolegar. <sup>2</sup>

Outros são «vinte e sette que veem de furta melões». <sup>3</sup> Na *Feira* o diabo vende entre outras cousas:

<sup>1</sup> *Elrei Seleuco*. — <sup>2</sup> Gil Vicente, *Exortação da Guerra*. — <sup>3</sup> *Mofina Mendes*.

Naipes com que os sacerdotes  
Arrenquem cada dia  
E joguem té os pellotes ;

«e a lua vê clérigos e frades que «ja não teem ao céo respeito».

Mingua-lhes a santidade  
E cresce-lhes o proveito.

Teem todos os vícios vulgares. Como não ha de ser assim, se agora a regra é viver, é gosar, atirando para longe com os cilícios, e soltando as estaménhas ao vento nos passos descompostos da sarabanda pagan que succede á dura vida de outros tempos? E depois são tantos, tantos! O numero dá confiança, dissipa escrupulos:

Somos mais frades que a terra  
Sem conto na christandade. <sup>1</sup>

E' uma hyperbole do poeta? Não é. Do arrolamento de 1552 consta que Lisboa, contando áquella data 83:600 habitantes, incluia 2:600 frades e clérigos e dez mil escravos. Escravos e frades foram crescendo sempre, até ao meiado do século XVIII, e produzindo aquella sociedade que descambou no «reino da estupidez» pelo caminho da inercia beata.

Na *Barca da Gloria* iam os grandes para o céo presos ás chagas de Christo; na *Barca do Inferno* vão os pequenos, um onzeneiro, um sapateiro, um corregedor: só se salva o parvo e o cavalleiro d'África, a quem o Anjo diz:

<sup>1</sup> *Fragoa d'amor.*

Quem morre em tal batalha  
Merece paz eternal.

A guerra de Africa é o symbolo das saudades dos tempos antigos, dourados sempre pela imaginação, refugio para onde os portuguezes do tempo voltavam os olhos maguados com o espectáculo do drama oriental. E a apothese do parvo é a chicotada lançada pela satyra sobre o corpo de uma sociedade que desce toda em turbilhão, uns envolvidos em crimes, outros em desgraças, até ás profundezas dos infernos.

O onzeneiro é o que tem

... Vinte mil cruzados  
Ganhados d'onzenas taes  
Com esses pobres misteriaes  
Que estavam necessitados. <sup>1</sup>

A agiotagem, crime do judeu, commum a toda a gente n'esta época de aventuras mercantis, é a arte de depennar «com o passo meudo e apressado» o lavrador e *misterial*, o artifice, ingenuos que ainda entendem ser necessario trabalhar para ir ganhando a vida. A agiotagem vae de braço dado com a simonia do corregedor, a quem o diabo barqueiro pergunta:

E as peitas dos judeus  
Que vossa mulher levava?

A justiça não se vende só por dinheiro: vende-se por beijos. Este mesmo corregedor, que agora vae

<sup>1</sup> *Floresta d'enganos.*

a caminho do inferno, dizia a uma pretendente moça e bella:

Yo no quiero  
De vos plata ni dinero,  
Mas privar con vos por cierto  
En logar mucho secreto.  
Por deciros quanto os quiero  
Yo daré, juro á Dios,  
La sentencia en vueso hecho. <sup>1</sup>

O satyro succede ao agiota; e o rei confessa tristemente que

Por cierto el mayor mal  
Y que en mi reyno mus importa  
Es la justicia estar muerta.

Quando a justiça expira, a fortuna abala. Na *Fragoa d'amor*, cujas escorias são as miserias da sociedade portugueza, a Justiça vem dizendo:

Ando muito corcovada,  
A vara tenho torcida  
E a balança quebrada;

e das caldeações que os ferreiros fazem para a purificar, são como escoria as peitas: um par de gallinhas, um par de perdizes, duas grandes bolsas com dinheiro. Faltam os beijos do corregedor, fa-  
ceis de dar por mulheres como a Isabel de *Quem tem farellos*, como *Ignez Pereira*, a quem o escudeiro dispensa o castigo merecido:

<sup>1</sup> *Floresta d'enganos.*

ISABEL: Ir a miude ao espelho  
 E poer de branco e vermelho  
 E outras cousas que sei:  
 Pentear, curar de mi  
 E poer a ceja em direito;  
 E morder por meu proveito  
 Estes beicinhos assi.

Ensinar-me a passeiar  
 Pera quando for casada  
 Não digam que fui creada  
 Em cima d'algum tear;  
 Saber sentir um recado,  
 Responder em improviso  
 E saber fingir um riso  
 Falso e bem dissimulado.

VELHA: E o lavrar Isabel?

.....

Engeitas tu o fiar?

.....

Aprende logo a tecer.

.....

Eu te farei amassar!

ISABEL: Essa é outra fantasia!

Que familia nascerá de uma rapariga d'estas?  
 Que noivo a requestrará? Um de dous: algum  
 fidalgo pelintra, ou o ricaço que voltou nababo da  
 India. O primeiro casa com Ignez Pereira: é o es-  
 cudeiro, o «cavallo que a derruba». O segundo re-  
 trata-o Camões:

FELISEO: E com muito lhe querer,  
 Casou-se.

CALLISTO: Oh! E com quem?  
 Que ainda o não posso crer.

FELISEO: Com um mercador que veio  
 Agora do Egypto, rico. <sup>1</sup>

Eis-ahi o futuro da familia. Por isso Clenardo

<sup>1</sup> *Amphitriões.*

escrevia ao seu amigo que «Venus é em toda a Hespanha exactamente como outrora em Thebas, e isto mormente em Portugal, onde é raridade ver um mancebo contrair uma ligação legitima». A Anna Diez do *Juiz da Beira* de Gil Vicente, e a Bromia dos *Amphitriões* de Camões, dão testemunho da verdade do belga. A alcoveta é um typo classico.

Toda esta dança que gira na doce alegria de viver, vae passando na *Barca* para o inferno, arrastando consigo o martyr de todos os tempos, o servo de todas as sociedades, aquelle proprio que as sustenta com a enxada, cavando, desde o romper do dia, até ao fechar da noute. Para esse, as chagas do Redemptor não se transformam em remos na *Barca do céu*: apenas a compaixão do poeta lhe concede um logar na *Barca do Purgatorio*:

Bofá, senhor, mal peccado.  
 Sempre é morte quem do arado  
 Hade viver.  
 Nós somos vida das gentes  
 E morte de nossas vidas.  
 A tyrannos — pacientes,  
 Que a unhas e a dentes  
 Nos teem as almas roídas.  
 Para que é parouvelar?  
 Que queira ser peccador  
 O lavrador;  
 Não tem tempo, nem lugar  
 Nem somente de alimpar  
 As gotas do seu suor.  
 Na Igreja bradam com elle  
 Porque assoviou a um cão;  
 E logo excommunhão na pelle.  
 O fidalgo maçar n'ele.  
 .....  
 Cada um pella o villão  
 Por seu geito.

Appariciannes, na *Romagem de aggravados*, glossa o mesmo thema:

Porque eu tenho dois casaes  
 Dos frades de apanha porros,  
 E com os fortes temporaes  
 São as novidades taes,  
 Que não chegam para os fóros.  
 E os padres, verdadeiros  
 Cartuchos de santa vida,  
 Apanham-me os travesseiros  
 Com mais ira que os rendeiros  
 Sem me razão ser ouvida.

A pobre Terra, engeitada pelo Mar, cobria-se de charnecas; as aldeias despovoavam-se, e os miseraveis que ficavam no purgatorio dos campos, «vilhões pellados» por todos, iam melancolicamente contemplando as ruínas, amarrados ao timão do arado, causa do seu supplicio. Feliz do irmão que foi para a India! O verdadeiro timão é o do leme, arado que lavra o mar, onde as esquadras são ceáras, e as flammulas e galhardetes toucam de azul e vermelho, da côr das violetas e das papoulas, o dorso ondeante das velas, a que os beijos do vento deram o tom dourado dos trigos...

Esta é a tentação e o sonho de uma antiga nação de lavradores e de fieis. A aventura tomou o logar da crença e do trabalho. A fé

E' crer na Madre Igreja santa  
 E contar o que ella canta  
 E querer o que ella quer. <sup>1</sup>

Que importam as cogitações dos descontentes, se a

<sup>1</sup> Gil Vicente, auto da *Fé*.

inquietação do espirito e o arfar inteiro da imaginação se voltou para outro norte? A ancia de viver, a furia de gosar, o impulso irresistivel da acção, repellindo escrupulos e contemplações, avassalla Todo-o-Mundo, o mercador do auto da *Lusitania*, que é a universalidade dos portuguezes, na procura cobiçosa do Dinheiro.

A consciencia, engelhada e velha, aninhada a um canto esquecido, ninguém a conhece:

Não sabemos nós que é isso:  
Dae-o ao decho por seu  
Que já não é tempo d'isso, <sup>1</sup>

e na *Lusitania* ha apenas um que a procure ainda, mas esse um, amarga ironia da antithese, e o Ninguem! Se não fossem as pestes e as fomes, os naufragios e as ciladas crueis do mouro nos palmares indianos; se não fosse o mêdo, raiz primordial da religião, nem Deus haveria para um povo inebriado pela furia de realismo activo:

Se peste não fosse, todos meus ereos  
Não conheceriam que hi havia Deos. <sup>2</sup>

Mas esse Deus feito de mêdos, que só intermitentemente apparece á imaginação apavorada, rebaixa-a, do nivel da piedade serena em que, levantado em azas, paira o genio de Camões, ao nivel obscuro da superstição em que se agita um povo perseguido por bruxas e demonios, por sortilegios e esconjuros, vegetação morbida que a fouce da Inquisição faz rebentar á medida que a vae cortando:

<sup>1</sup> Auto da *Feira*. — <sup>2</sup> *Não de amores*.



Corre sem véla e sem leme  
O tempo desordenado  
D'um grande vento levado... <sup>1</sup>

Dobrem os sinos funebremente, annunciando a catastrophe mortal que se chamou Alcacerquibir; e submissa, arrependida, obediente e escrava, esta sociedade entregará os pulsos ás algemas que traz abertas, sorrindo, o seu novo educador, o jesuita. Mas é necessario antes d'isso partir com ella e embarcar, para lhe assistir ao triumpho em Goa. Os momentos de illusão e gloria são rapidos: sempre é tempo de volvermos atraz a meditar na ironia cruel dos destinos.

### III

Affonso d'Albuquerque, dando noticia para o governo, dos seus feitos sobre Goa, escrevia assim: «He ilha cercada dagua, de muita Remda e muito proveytosa; barra de muitagua, porto morto de todollos ventos, ilha de muitos mantimentos e muita criaçam...» <sup>2</sup> Goa, «a may de todala India, por assy estar no mêo dela», era com effeito a chave da costa occidental da peninsula. Isto mostrou a Albuquerque o genio geographico, em que só o proprio Alexandre o excede: esse mesmo genio que, desenrolando-lhe na mente o mappa de todo o Oriente, lhe apontava com fogo os seus pontos car-

<sup>1</sup> Camões, *Redond.* — <sup>2</sup> *Cartas* (Ed. da Academ.), 17 out. 1510; p. 21.

deaes: Ormuz, Goa, Malaca. «Deixo a india com as principaes cabeças tomadas em voso poder». <sup>1</sup>

Ab ranger a terra com o olhar, como a aguiã quando paira nos ares; comprehender os homens com o pensamento e dominal-os com a vontade: eis-ahi o que constitue os heroes, como Albuquerque, conquistadores e estadistas. Goa dava tambem ao imperio portuguez, até então fluctuante em esquadras sobre os mares, como o quizera D. Francisco de Almeida, um estado continental fixo, ministrando-lhe o serviço de populações indigenas. Da gente que vinha constantemente do reino e o despovoava, escrevia Albuquerque: «Os calafates e carpynteiros com molheres de cá e trabalho em terra quente, como pasa hum ano, nom sam mais homeens, e com Goa pode vosalteza escusar os deses Reynos, porque os ha mais e milhores que os que cá andam». <sup>2</sup>

A costa occidental da India, entre os Gattes e o mar, dividia-se, a partir da foz do Nerbudda e a terminar no cabo Comorim, em tres regiões distintas: o Conção ao norte, depois o Canará, finalmente o Malabar que os portuguezes tinham desde o principio submettido com as suas fortalezas e feitorias de Calecut e Cochim. Goa deu-lhes o imperio na costa do Centro, e o norte ficou avassallado com os pontos de Damão e Diu, em Cambaya. A cidade de Affonso de Albuquerque era, pois, com effeito «a may de todala India, por assy estar no mção dela» reclinada sobre a ria, engastada como uma esmeralda entre o cinto azul do mar e a corõa que, lá para longe, erguendo-se em amphitheatro, formam á ilha os montes Schyadri, os planaltos de

<sup>1</sup> *Cartas*; dez. 1515; p. 381. — <sup>2</sup> *Ibid.* 17 out. 1510; p. 21.

Balaghat, com a fragosa cascata de Gersoppa, região alpestre onde vagueiam os residuos das velhas raças comprimidas pela conquista.

N'esta arce do imperio lusitano da India, os conquistadores, nem por desembarcarem, tinham dito adeus á agua que os trouxera. Goa é uma ilha, uma nau, ancorada entre rios e canaes. No seu clima pluvioso a agua é creadora. A chuva do Mogó em agosto e a do Rochiny em maio, pelas sementeiras dos arrozaes,

Os campos reverdece alegremente,

e o velho drama vedico representa-se n'estes céos, como nos do Indo, quando o sol, começando a subir imperialmente nas cristas dos montes longinuos, preside á batalha de Indra, com a mão carregada de raios, despedaçando as serpentes das nuvens de Ahi, cujo sangue corre em torrentes pela terra abundantemente. Rudra commanda os maruts, e a voz tremenda de Vayan solta-se pelos ares, nos asobios do vento e no roncar das ondas, partindo-se contra a barra da Aguada, inacessivel... O drama acaba. Vishnu, triumphante sobre os córos de devas luminosos, morde a terra com beijos ardentes: a terra que sorri e palpita, fuzilando em cada gotta de agua tremente e gerando um espirito ephemero e rutilante.

Fugiu a noute. Dissiparam-se as nuvens de pyrilamos que a illuminavam, almas perdidas da região dos mortos. O dia é claro, o ar purissimo, a luz esplendida. A natureza triumphante acclama tambem D. João de Castro, o vencedor de Cambaya, a cuja apothose vamos hoje (15 de abril de 1547)

assistir em Goa, essa Roma novíssima em que resuscitam os dias de Cesar.

Entremos a barra. A vaga desfaz-se brandamente em espuma, rolando para o interior das gargantas formadas pelas garras de terra deitadas sobre o mar, como patas estendidas de um leão dormindo. Do norte, a praia de Condolim vem morrer na ponta da Aguada, em cuja base as palhotas dos indigenas se reflectem na agua, e cujo topo não está coroado ainda pelo forte, só construído em 1604. Do sul, as terras de Salcete, ainda gentias, vêem acabar no morro de Mormugão. Entre os dous promontorios, a ilha de Goa, ladeada pelas barras da Aguada e de Quarry, estende-se para o mar, terminando na ponta do Cabo, onde um baluarte atesta á face do mar o imperio portuguez. Em frente d'elle expirou Albuquerque, o conquistador, quando voltava de rematar a sua empreza em Ormuz. Não podendo já escrever, ditava a sua ultima carta para el-rei: «Quando esta faço a V. A. tenho muito grande saluçõ, que é signal de morrer...»<sup>1</sup>

O mar brinca nos cachopos e recifes, as gaivotas em bandos esvoaçam pescando; na praia os gentios nús, negros e luzidios, com o cabello atado no alto do topete, compõem as rêdes cantando algum mandó languidamente saudoso dos tempos em que ainda não esmagavam os mares esses galeões medonhos, sempre promptos a vomitar fogo: esses galeões que, de verga d'alto, empavezados, com os soldados de guarda nos chapitéos, esperam as ordens para seguir rio acima a encorporar-se no cortejo triumphal do vice-rei.

Na margem direita, os palmares da praia de Ca-

<sup>1</sup> *Cartas*, 6 dez. 1515; p. 381.

razalem que conduz ao Cabo, espelham-se nas aguas mansas da bahia, terminando na ponta onde Gaspar Dias levantará o seu forte (1589), ahi onde o rio se aperta contra o morro fronteiro dos Reis Magos, coroado pelo castello das terras de Bardez, conquistado por Albuquerque no proprio dia em que tomou Pangim.

O rio comprime-se, a terra avança, e cresce o diluvio da vegetação luxuriante que abafa o ar. As mangueiras, as jaqueiras, os coqueiros, enraizados na areia salgada e balouçando sobre a agua a sua folhagem finamente laciniada, interrompem com uma cortina movediça de altos fustes desequilibrados, o desenrolar das perspectivas distantes, onde, pelas encostas côr de ouro, raparigas núas vão passando os rebanhos de vaccas alaranjadas de geba sobre a cernelha. Na ria fundeiam os patamarins de dous mastros, cahiques de cabotagem, e junto á praia correm sobre a face serena das aguas, as champanas, as tonas e almadias dos gentios que vão remando, carregadas de arroz, de fructas e legumes para o interior da terra, direito a Goa, onde se prepara a grande festa do triumpho. Já as fustas de guerra, com as suas prôas aguçadas como dentes de espadarte, com os latinos ferrados e os remeiros gentios, se preparam para largar, porque se ouvem, com o marulhar da vaga na barra, longinquos repiques de sinos, eccos de salvas distantes, e um ruido que parece de atabales e charameillas, de trombetas e de pifanos. Largaria já, de Pangim para Goa, o vice-rei?

Rememos, leitor amigo, vamos remando pela ria acima, deixando Pangim á direita com o seu pagode indio caído e deserto, mais acima Ribandar, o antigo paço dos rajahs vencidos pelos mouros. E'

ahi que as terras de todo se abaixam, que as aguas se abrem n'um leque de braços, sarjando a planicie inteira. Defronte, na margem esquerda, partem para as terras de Bardez a ria de Mapuçá e a de Naroá, deixando de permeio a ilha do Chorão; e entre o ramo de Naroá, e este que nos leva a Goa, fica a ilha da Piedade.

O ar é outro, diversa a côr da agua. O fundo que para jusante se formava com areia e pedra, é lôdo agora, e as margens vergam sob o peso da vegetação massiça. A agua já não parece fluida, por não ser transparente: o verde tornou-a espessa. As palmeiras esguias, os bambús ensombrados, os salgueiraes, fundem-se nas aguas; e as aguas infiltram-se por toda a parte nos meandros das salinas e dos arrozaes. A ramaria das arvores mistura-se ás velas de ola secca das champanas que vão correndo por entre os campos, acompanhadas pelo vôo do gaivão balouçando-se nas azas pardas sobre a paisagem palpitante, onde o sol que já vae alto começa a formar um nimbo de vapores da terra humida, esvaído, oscillante, como idéas vagas genesiacas.

Na confusão palpitante da terra, da agua e do sol, a pulsação vital é offegante. Nos paúes, os cannaviaes, como jangadas de verdura, balouçam-se ao vento, murmurando; as flôres rutilam na verdura espessa; e o perfume penetrante da champaca, rosa de amor com que as filhas da India entrançam os cabellos, inebria a alma indigena, perdida nos meandros vegetaes do pimpol, abrindo os seus doceis, largando para o chão as suas cordagens que se enraizam como enxarcias da nau mystica em cujo ventre se gerou Vishnu. O pimpol é um templo e o proprio deus: debaixo da sua

abobada, em volta do seu tronco, sobre os altares terraplenados em circulo, estão as offerendas e os ex-votos, cocos e luzes animadas que os gentios vão depôr religiosamente. E o vento que passa pelas abobadas vivas da figueira de Vishnu, roçando as suas folhas coriáceamente finas, de um verde brilhante e metallico, agita-as, e ellas batem com um ruido secco, de papyros sagrados, vozes enigmáticas indecifavelmente expressas, emanações nebulosas da vida vegetal, capitosa e absorvente, que estonteia, desvirtua e entorpece a consciencia incipiente do homem.

\*

Outro é o som claramente metallico e definido dos sinos que repicam em Goa, chamando para a vida, acordando para a acção heroica, os portuguezes, que as tentações do clima vencem a ponto de «com molheres de cá e trabalho em terra quente, como pasa hum ano, nom serem mais homeens», segundo Albuquerque dizia.

Repicam os sinos gloriosamente, fallam os canhões com imperio, soltam-se os vivas entusiasticos. A natureza fez-se homem, e esses homens são heroes. E' Goa triumphante! D. João de Castro, vencedor de Cambaya, passa coroado com a gloria e a força do nome portuguez na India. O sol está no zenith, o seu resplendor deslumbra. Goa levanta-se, alva, nitida e luminosa, do seu berço de verdura, como uma idéa pura do caos da inconsciencia nebulosa. 'E' uma fortaleza europeia, no meio do dedalo oriental. São muralhas e torres, bastiões e couraças que defendem a arce portugueza das arremettidas impotentes do Hidalcão, cujas terras,

pasmadas, se estiram em volta n'um adormecimento. São egrejas e palacios que coroam a cidade, erguendo-se ao lado dos bastiões, como fortalezas irmãs, da fé e do imperio. São ruas, são praças, por onde a turba vestindo galas passa orgulhosa, revendo-se na sua gloria, conscia da sua força.

E' Goa, a metropole do imperio oriental portuguez, onde todas as gentes se encontram confundidas e todas as crenças approximadas; Goa, a capital de que «só as frutas da terra rendem a elrei, afora o porto, vinte mil cruzados»; Goa, o emporio do commercio com todo o Malabar e com Chaul e Dabul, em Cambaya; Goa, onde as naus de Ormuz que trazem cavallos para o Dekkan inteiro e para o reino de Narsinga, deixando cada cavallo a el-rei quarenta cruzados, levam de retorno o assucar e o ferro, o arroz e a pimenta, o gengibre e as especiarias; <sup>1</sup> Goa, que hoje, trinta e sete annos decorridos desde o dia em que Albuquerque o *terribil* a captivou, triumpho imperialmente sob o sceptro de Castro o *forte*.

Já o vice-rei largára de Pangim, subindo o rio direito a Goa. Vinha n'uma galeota, cercado pelos fidalgos velhos, seus companheiros de viagens e campanhas, com aquelle ar imponente e grave que a idéa das grandes cousas do tempo, comparadas ás edades antigas, punha no rosto dos homens letrados. Nenhum tinha maior consciencia da grandeza do que o triumphador; nenhum, porém, teve mais força espontanea na vontade, mais lume na intelligencia, do que o outro—o homem! Albuquerque, o Alexandre portuguez!

<sup>1</sup> Livro de Duarte Barbosa, na *Coll. de not. da Acad.*, 293.



Os galeões da armada e uma floresta de fustas e vasos menores, embarcações de remo, com as velas içadas nos palancos, e as vergas e mastros engrinaldados de festões floridos, precediam a galeota do vice-rei, coalhando a ria. Mudo e grave, n'uma attitude composta de homem decidido a ser heroe, D. João de Castro vestia um roupão de setim carmezim com torçoes de ouro que lhe tomavam os golpes, coura de laminas assentada em brocado com seus tachões de prata, gorra de plumas e uma espada magnifica de copos de ouro cinzelado.

Subindo o rio, ao compasso dos remos, a esquadriha triumphal parecia um bosque fluctuando no meio dos enxames das tonas, das champanas e almadias dos indigenas, parados entre o mêdo e a admiração. Já se approximavam, e nas ribeiras e caes de Goa oscillavam as ceáras de gente de todas as côres, batidas pelo vento da anciedade. Era uma turba confusa de indios e de malayos, de mouros e de jaus, de negros da Africa e do Concão: ghonds e kolas e sauras, mais os tuluvas do Canará. Já tinham deixado para traz, entre Ribandar e Panelim, a Ribeira-pequena; defrontavam com a grande. Nas carreiras dos estaleiros, o arcabouço das naus em construcção erguia para o ar, como braços acclamantes, as cavilhas desguarneidas; nos arsenaes arrumavam-se florestas das madeiras preciosas de Chaul e Baçaim; e por entre os navios em fabrico, varados na praia, elephantes de carga, com a sua tromba pendente, immovel, serviam de tribunas onde se apinhava a gente curiosa de vêr.

Marchava a esquadriha triumphalmente, e á Ribeira-grande succedia a das galés e o caes de

Santa Catharina, padroeira de Goa, para o qual dava secretamente o palacio dos governadores, e onde vinham atracar á muralha as naus de Portugal, que os védores da fazenda, debaixo dos seus pallios de damasco, despachavam atarefadamente nas cargas e descargas, á vista do governador na varanda do palacio ladeado pelo boiá sacudindo as moscas com o leque de pennas de pavão. Era na Ribeira das galés que se varavam as fustas e galeotas, esperando o arrolamento dos reinóes mercenarios que haviam de guarnecer as armadas, e que entretanto se rolavam pelos prostibulos e tabernas da capital da India, depennados, pedintes, miseraveis; ou consumiam o tempo e o dinheiro sarabandando-se emplumados pelas egrejas e pelas ruas em namoros infatigaveis.

Chegava o cortejo em frente do caes da Fortaleza. Abi atracavam as naus de Malaca, de Ormuz e do Malabar, e logo adeante ficava a Alfandega, o Bangaçal e o Peso; depois Santa Luzia, no caminho de Dangim; depois, no extremo oriental de Goa, sobre a margem direita do esteiro que de Combarjua leva a Touca, o castello de Benastary a que em seguida á conquista de 1512 se ficou chamando de S. Thiago. Mas no passo de Dangim, para além da pequena enseada onde affluíam todas as manhans os enxames de tonas e champanas dos gentios, carregadas de fructas e hortaliças, o rio torce-se n'uma curva, fechando-se quasi, e terminando o alinhamento dos caes e ribeiras da capital da India.

Quando a frota chegou defronte do caes da Fortaleza, os galeões abriram alas, afastou-se a multidão das almadias, e pelo meio de um clamor de

vivas, entre o fumo da polvora, o estrepito dos canhões, o desesperado cantar dos sinos, o tocar das musicas e o dardejar implacavel do sol, n'um deslumbramento estonteante, a galeota do vice-rei foi magestosamente vogando até ao caes, vermelho de alcatifas. D. João de Castro, com os punhos cerrados sobre as côxas, os braços em arco, n'essa attitude ao mesmo tempo solemne e prompta á acção, attitude classica dos portuguezes da Índia, deixava correr impavido a embriaguez do momento. A' sua alma de justo, á sua ingenua alma de santo, os estrondos e esplendores do triumpho não acordavam orgulhos, nem vinham pôr na face o menor sorriso de vaidade. Quando Camões lhe chamou *forte*, acertou como sempre, porque esta gravidade epica foi a corôa salvadora do imperio portuguez no meio do desencadeamento brutal das paixões e appetites.

A galeota prolongou-se com o caes purpuro, e o vice-rei desceu com magestade, imitando classicamente um Cesar. Tinham rasgado a porta da cidade a toda a altura das muralhas, e de cada lado um leão de ouro sustentava em tarjas as roe-las triumphantes dos Castros, destacando-se sobre as tapeçarias que cobriam os muros. Tinham feito no caes uma alamêda, por onde o triumphador seguia para a fortaleza de Diu, levantada no terreiro do Paço, e onde as bombardadas e tiros de festa faziam côro ás danças e aos hymnos entoados em honra do vencedor de Cambaya. No rio, a floresta espessa dos navios perdia-se nas nuvens de fumo branco das salvas.

Nunca, tanto como n'esse dia, se reconheceu a verdade do dizer de Albuquerque: «As cousas da India fazem grandes fumos...» Fumo era o trium-

pho, fraqueza o imperio, e illusão o pensamento que ennevoava a mente do copista de um Cesar conhecido através de amplificações rhetoricas.

A' medida que os fumos subiam no ar, Goa saía da nuvem, cantando pela bocca de um milheiro de sinos, largando ao sol as espessas tranças de arvoredos frondosos, revendo-se na brancura de perola das suas egrejas e palacios, e apertando o cinto de cavas e muros, lançado aos seus rins de ondina que emergia núa de um banho de nevoa para se reclinar no leito azul do céo e das aguas. Em volta, a distancia, as terras inimigas do Haldalção, povoadas de bandidos escuros, alastravam-se em vagas de uma campina verde.

Do oriente, corôa a eminencia a ermida de Nossa Senhora do Monte, vedeta sagrada sobre as terras gentias; de occidente limita a cidade a collina sagrada a Santo Antonio, na capella que Pedro de Faria, capitão de Malaca, fez junto ao seu palacio em 1524, e onde tambem se levanta a fabrica do Rosario, começada em 1543 e ainda em obras. Entre estes dous pontos extremos estende-se a cidade, de leste a oeste, na superficie approximada de tres milhas quadradas, com o seu dedalo de ruas escuras, onde habita a plebe dos indigenas; com a sua rua Direita que, a partir do palacio dos vice-reis, cortando de norte a sul, vae acabar pela terra dentro contra a igreja de Nossa Senhora, em cuja fachada brilha dourada a estatua do Conquistador.

No coração da cidade, junto á Misericordia construida em 1515, fica o convento da Serra, simultaneamente levantado por Albuquerque: ahi, descançando no tumulo, o nosso Alexandre assiste ao crescer grandioso da sua metropole. Mais acima

está S. Paulo, ainda por acabar: Collegio e Seminario, onde Francisco Xavier, esse santo maior ainda que o heroe, arde no incendio de uma fé e de uma caridade a cuja chamma a India inteira, pulsando de amor, virá consumir-se. A cruz e a espada, os dous symbolos do imperio portuguez no Oriente, encarnaram em dous homens, um dos quaes jaz no seu esquife da Serra, e outro missiona no seu pulpito em S. Paulo. Morresse um, e viva o outro ainda, que importa? Ambos existem, existirão eternamente, no coração agradecido dos indios.

Por toda a parte se levantam egrejas, ou se projectam conventos: a *ara* portugueza da India é um santuario. S. Francisco, ao lado da Sé, que fica ao lado do Senado e do Paço, no litoral da cidade, á beira do rio, fundado pelo Conquistador logo em 1510, reconstroe-se com uma fabrica amplificada. A Sé, cujo orago era Santa Catharina, do dia em que fôra tomada Goa; a Sé, principiada tambem logo em 1510, e onde em 1512 Albuquerque foi dar graças pela conquista de Malaca, estava agora recamada de lhamas e velludos, inundada de luzes, cheia de incenso e de musicas, esperando que chegasse o triumphador para entoar o *Te-Deum* de gloria ao Omnipotente e ao vice-rei. Mas nem o Popolo, nos confins occidentaes de Goa, nem S. João de Deus e as Monicas, logo ao pé, nem as Carmelitas do lado opposto, por baixo de S. Paulo, nem S. Domingos junto ao rio, para nascente, nem S. Thomé, nem a Trindade, nem a Senhora da Luz, nos limites do sul da cidade: nem estas, nem as mais, innumeradas egrejas e conventos levantados na segunda metade do seculo xvi e no decurso do seculo xvii, que faziam o espanto sin-

gular dos viajantes forasteiros, dando á capital da India o aspecto de um sanctuario do Ladak, <sup>†</sup> crivavam ainda a paisagem com as suas torres, dominando os caes, as ribeiras e estaleiros alastrados sobre o rio, e ligadas, essas torres da côrte do céo, á côrte profana da marinha e do commercio, pelos muros e pelos fortes da capital da India.

Já agora, porém, a cidade galga para fóra dos

<sup>1</sup> «Goa é principalmente a cidade das egrejas», dizia mais tarde Buchanam. Della Valle descreve-a assim (27 de abril, 1623):

«VIII. É da sapere, che la Città di Goa, capo hoggi di tutto lo stato de' Portoghesi in India, é situata in questo luogo in vna di quelle Isole, che molte è molte hò detto farsi per tutta la costa d'India da diuersi fiumi, che dalla terra ferma le diuidono. La città fabricata nella porta piu interiore dell'Isola, verso terra ferma; però tutto l'Isola ancora é frequètemète habitata con Ville e luoghi da recreatione, particolarmente sopra'l Rio, ó fiume, d'onde s'entra, che di qua, e di lá é tutto adorno di fabriche, e case dentro ai Palmeti, e giardini diletteuoli. E anco tutti l'Isola circòdata la maggior parte di mura con porta a i luoghi di passo, guardate di continuo per sicurezza dagli insulti de' vicini, & anco per ouuiare alle fughe degli schiavi, & a furti; già che passato quel solo fiume nella parte piu interiore s'entra subito in terra d'Adil-Sciah, e di Mori; ma non cosi nella parte piu verso la marina, che anche fuor dell' Isola di Goa, tutte quelle Riuiere, che son pur altre Isolette, e Penisole, per buono spatio son de Portoghesi habitate com ville e diverse Chiese assai frequenti.

«La città poi, che si troua a man destra del Rio, entrando nell'intimo recesso, é città assai ben grande, fabricata parte in piano, e parte in certe vaghe colline dalle cui cime si scuopre di lontano tutta l'Isola, e 'l mare e la terra ferma intorno, com vista assai diletteuole. Le fabriche della cita son buone, grandi, e commode, accomodate per lo piu, a pigliar vento, e molto fresco; di che per i gran caldi c'è bisogno; & anco a riparar la gran piogge, delli trè mesi di Pansecal, che sono Giugno, Luglio, e Agosto, i quali non per lo caldo (che la ancora in quel tempo é grande, benche

muros que lhe pôz o conquistador, e que apenas lhe abrangem o coração. A nascente, tem uma unica porta, sobre as terras: a porta da Serra, ou «da despedida» por onde os justicados vão á forca. Sobre o rio ha tres: a leste a da alfandega, ou mandovy, na extremidade do terreiro do Paço;

sia maggiore à tre di Maggio, quando il Sole stá nel Zenith) ma per la grã pioggia, i Portoghesi li chiamano l'inverno della terra.

«Non hanno però le fabbriche molto ornamento, né esquisitezza alcuna d'arte, ma son piu tosto semplici e quasi tutte senza concii. Le migliori son le Chiese, delle quali ce n'e molte tenute da diuerse Religione, come Agostiniani, Domenicani, Francesciani, Carmelitani Scalzi e Gesuiti, con doppi, e numerosissimi Conuenti, che certo la metà di quei Religiosi a città piu grossa che Goa, basterebbe; & oltre queste ce ne sono anco molte di Preti secolari, e Parochie, e Cappellanie, e finalmente la Sede, o Cathedralre, la quale però non é la piu bella, no la piu gran Chiesa della Città, essendocene moltre altre assai migliori.

«La sede di Goa, al tempo ch'io la vidi non era fornita, anzi n'era fabricato appena poco piu della metà, onde però me parue picciola e poco bella; ma veduto poi meglio il disegno intero della fabrica, che hò visto poi tirar-se innãzi, dico que quando sará fornita sará assai buona Chiesa.

«Il popolo poi é numeroso, ma la maggior parte sono schiavi, gente negra, e meschina, e nuda per lo piu, o malissimo in ordine, che a me pare piu tosto sporchezza, che ornamento della città. I Portoghesi non son molte, i quali gia soleuano esser ricchi assai, ma hoggi per le molte perdite patite dopó l'incursione in quei mari d'Hollandesi, e d'Inglesi, non hãno gran ricchezze, anzi molto son poveri. Si trattano còttutto ciò nell'esteriore assai honoreuolmente, il che facilmente lor riesce, e per l'abbondanza della terra, e perche quanto hãno tutto fuori mostrano: pero in secreto molti patiscono gran necessitã, e tali ce n'e che per non inchinarsi a fare altri essercitii che estimano indecèti della lor grauitã, volèdo-se tener tutti, come Nobili in quella terra, fanno però miserrima vita, passandola com grande stento, e sostentandosi di domandar' ogni giorno al terzo, é al quarto; cosa que in altri paesi s' haurebbe per infelice, e

a oeste a da Ribeira, por onde em 1510 entrou vencedor Affonso d'Albuquerque; e no centro a da Fortaleza, que D. Constantino de Bragança adornou com um arco, e por onde agora entra D. João de Castro em triumpho.

Os bairros do sul da cidade, cujo centro era o

piu indecente per non dir vergogna, di far qualsiuogha honorato essercitio d'arte mechanica.

«Fãno anco tutti profession d'armi, e soldati, bñche siano ammogliati, e rari si veggono di loro, se non son Preti, o Dottori li legge, ó medicina, che vadan senza spada; infin gli artisti, e la piu bassa plebe, come anco il vestir di seta, e leggiadramente, a quasi tutti é commune. Il che noto perche in fatti vedere vn Mercante armato, vn mechanico per essemplio, in habito de far l'amore, é cosa certo strauagante; ma fra loro é molto ordinario, bastando lor, como si dice, d'esser solo Portoghesi, per hauersi a tener quanto il Ré, i piú.

«... Fatto gia giorno chiaro arriuammo alla citá, & apudammo, e demono fondo sotto á la Dogana done tutti i Vascelli ordinariamente se fermano; cioé i non molto grandi; perche le Naui, e Galeoni di Portogallo, que son grossissimi, o si fermano nella barra alla boca del Rio, ouero in altró luogo per lo fiume doue habbino piu fondo».

V. *Viaggi di Pietro della Valle, il pellegrino, Venezia, 1613; 1, 174-8.*

Anterior é a viagem de Linshoten (*Navigatio ac itinerarium Johannis Hugonis Linscotani, Hagae, 1589*), que saiu de Lisboa em 8 de abril de 1583; bem como a de Francisco Pyrard de Laval, trad. em portuguez por Rivara (Goa, 1862) e de Ludovico de Varthema (ed. Sheffer, Paris 1840).

A estes subsidios para a reconstrucção da Goa antiga, ha que juntar as noticias relativas á sua vida social e militar, que principalmente nos forneceu Couto, nos seus *Dialogos do Soldado Pratico*; Rodrigues da Silveira nas *Memorias* que publicou o snr. Costa Lobo (Lisboa, 1877) e o *Prímor e Honra da vida soldadesca no Estado da India*, dado á luz pelo P. M. fr. Antonio Freyre (Lisboa, 1630), bem como o abundante peculio de observações e factos reunidos na *India portugueza* do snr. Lopes Mendes (Lisboa, 1888; 2 vol.).



Pelourinho, a que já se chamava *velho*, desdobravam-se em ruas confusas, estreitas, com poças e regueiros immundos, onde vinham correr, na estação das chuvas, as enxurradas precipitadas pelas vielas ingremes cortadas em escadas feitas com pedra de Baçaim. As casas eram terreas, a vida miseravel, e a população moura, mestiça, africana, malaya, ou indigena das castas inferiores principalmente: gente de todas as côres, desde o negro retinto do cafre e do tuluva, vendidos como escravos no Bazar, até ao branco macillento do arabe com o rosto voltado para o Oriente a invocar Allah, e ao pardo dos canarins, que das communas do interior das terras vinham todos os dias a Goa em champanas pela ria trazer ao mercado o arroz, as fructas e legumes.

Por essas ruas escuras, mulatos vendiam o vinho de palmeira, çura, orraque, xaráo, ou, jungidos a dous e a quatro, carregavam fretes com grossos bambús suspensos nos hombros: por essas ruas corria o enxurro dos «disparates da Índia». Os harens e os alcouces coroavam os vicios proprios da escravidão e da aventura, abrindo-se como flôr de peste ao calor de um sol genesiaco. Raparigas de olhos negros rasgados, com o panno figado á cintura, deixando vêr a cõxa núa, saracoteavam-se, offerecendo-se, arrastando provocantemente as suas sandalias de ola, trincando com sorrisos brejeiros caroços de tamarindo. Uma das rendas dos senhores de escravos era mandal-as assim offerecer o corpo pelas ruas.

Às portas dos prostibulos, acocoradas, as «perinhas malabares» de ventarola ao peito, com a cabeça engrinaldada de champacas, interpellavam denegumentemente os transeuntes n'aquella «lingoagem meada

de hervilhaca» de que falla Camões nas suas cartas. Ao lado, os garopeiros desenroscavam serpentas, e, nas encruzilhadas das ruas, barbeiros rapavam aos freguezes o alto da cabeça. Por cima, nas janellas, as meninas faziam meia, ou torciam canudos, sentadas em esteiras, com alguma tia velha catando-lhes a cabeça.

N'um desvão, entre o circulo de reinóes que, de mão na cinta, chapéo orgulhoso e espada empertigada, gastam, divertindo-se, o soldo recebido para a campanha que se prepára, ou o fructo da rapina da campanha que terminou, bailadeiras de manilhas nas pernas e nos braços, collares no pescoço, brincos e anneis vistosos, envolvidas em musselina, com os cabellos atados em nó no alto da cabeça engrinaldada de flôres, dançam ao som da murdanga, revirando os olhos, bamboleando o corpo inteiro ao compasso das contorsões dos dedos e dos calcanhares cingidos de guizos, revolvendo os olhos n'um sonho de voluptuosidade que faz crescer agua na bocca e furia no peito dos reinóes bravios. Ao lado cantam-se launis, ou dança-se o mandó ao som da glumcatta, que é um tambor de barro, afunilado, com pelle de talagoia por tampa.

Na sua loba, com cinto de galão e gorro velho, o mercador chatim portuguez joga aos dados no portal da casa; e os reinóes afoqueados seguem pelas ruas, bebendo ventos, em busca das moraxas, mascando o seu betel á moda da terra, entre soldados que passam hydropicos, entisicados, amarellos de febre, crivados de sarna. Uns véem, outros vão, da India, pelo meio da turba dos indigenas listrados na testa com um pó feito de xene, que é a bosta de vacca resequida e pulverisada de mistura com a tinta do sandalo posto de molho, ou de

amarello de açafração, ou de vermelho de cucomb. Os sectarios de Vishnu pintam riscas verticaes, os de Shiva põe-n'as horisontaes.

Saimos d'este capharnaúm do Pelourinho pela estrada da Luz, para os altos que dominam Goa; de lá se desfructa a vista de toda a ilha, por ahi successivamente se irão erguendo S. Thomé e a Trindade e Santa Cruz dos Milagres. E' n'esses suburbios do sul que se accumulam as hortas e pomares de recreio dos senhores de Goa; e, inflectindo para o nascente, passando S. Thiago, em frente da grande alagoa, fica o campo de S. Lazaro, em que os fidalgos jogam as cannas, e o terreiro-dos-gallos onde assistem a essa especie de combates. Descendo mais, vamos cair contra a ria, em cuja orla, acima da cidade, os brahmines mysticos, na sua alvura impenetravel, ostentam as bóticas e herbolarios, vendendo mésinhas e bagatellas.

E seguindo pela margem, achamo-nos outra vez no Terreiro do Paço, com a rua Direita em frente, no proprio coração da Goa hoje triumphante, onde a multidão se comprime, o calor suffoca, e a musica, os sinos e as salvas ensurdecem. Os eirados e terraços das casas vergam sob a carga do povo. Cega a vista o deslumbramento das côres das tapeçarias e dos guarda-sóes e velarios rutilantes do Guzerate, dos tafetás, velludos e setins, que substituiram nos trajos o preto lugubre habitual. O sol fuzila nas armas e couraças de aço polido illuminadas em cheio e nos diamantes dos corpetes e gorros emplumados.

Ao lado da couraça rutilante, como contraste, passa o habito negro e branco do dominico, ou a cogúla parda do franciscano. O soldado e o frade, a cruz e a espada, triumpham enlaçadas: impera o por-

tuguez! «Basta sel-o, para ser tanto como o rei, ou mais».

Goa é duas vezes Roma: a antiga pelo imperio, a moderna pela fé. Eramos um punhado de homens no meio do mar immenso dos gentios; mas a consciencia da nossa força e a audacia de uma vontade que, como em Israel, se acreditava mandatária de Deus, asseguravam-nos, como aos spartanos, pelo Terror tambem, a submissão acabrunhada dos ilotas indios.

A' porta da Fortaleza, ladeada pelos leões de ouro erguendo nas garras as roelas triumphantes dos Castros, a nobreza e os cabos da milicia, com o regimento da cidade e o seu senado, esperavam o triumphador, recebendo-o debaixo de um pallio. Recitaram-lhe um discurso em latim — em latim, attenda-se, tamanha era a preocupação classica! «Jazia humilhado o sceptro de Cambaya, o mais poderoso do Oriente; as nossas armas exaltavam a fé e o imperio; levavamos o Evangelho ás remotas partes do mundo; agora, triumphantes nós, os mouros e gentios de rastos batiam nos peitos; confessando o seu erro e a omnipotencia do Deus verdadeiro...»

Quando o discurso acabou, tiraram da cabeça ao vice-rei o gorro de velludo e substituiram-n'o por uma corôa triumphal de louros, á romana. Na mão pozeram-lhe nma palma. E de corôa e palma sobre o peito, D. João de Castro, compenetrado do papel que representava, caminhou debaixo do pallio em direcção á Sé. A' frente da procissão ia o custodio dos franciscanos com o proprio Crucifixo que sobre os muros de Diu acudira á batalha, descravando-lhe um pelouro o braço que levava pendente; e, ao balouçar-se no ar, parecia agora distribuir ás gen-

tes accesas em fé benções e approvações. Depois da cruz, vinha a bandeira branca das quinas desfaldada, e rojados pelo chão os estandartes de Cambaya; depois vinham os prisioneiros e os despojos, como nos triumphos romanos de que este era a cópia classica, precedendo o vencedor cujo espirito se affeioára tambem pelos modêlos litterarios da Antiguidade.

Os sinos repicavam furiosos, as musicas tocavam, no rio os canhões troavam. Ensurdecia-se. Das varandas das janellas as senhoras, sentadas em almofadas sobre tapetes profundos da Persia, ladeadas por escravas abanando o ar com leques de plumas, sorviam a goles a agua de côco refrigerante por taças de filigrana de ouro de Delhi. Carregadas de pedraria, com enormes rosarios de perolas pendentes do pescoço, cruces de brilhantes no peito e as mãos cobertas de anneis e pulseiras, borrifavam de perfumes o prestito, tomando as caçoulas das mãos das escravas, que lh'as davam cheias.

Ao longo da rua Direita, as lojas de ourives e lapidários exhibiam as suas joias; e os argentarios, xarfos gordos e luzidios, presidiam encruzados á exposição seductora das pilhas de moedas de ouro e prata, alinhadas sobre tapetes, luzindo-lhe no peito os *pagodes*, os *venezianos* e os *san-thomé*s de ouro, suspensos por grilhões possantes. Sobre a gente, os chapéos largos, de seis e sete pés de diametro, formavam abobada impenetravel ao sol, movediça, dando á mó do povo, que oscillava nas praças e nas ruas, o aspecto de um monstro singular, couraçado no dorso por escamas negras.

Rasgando essa couraça, passava o fidalgo sobre o seu cavallo de Ormuz, com arreios de Bengala ou da Persia, bordados de ouro e prata, e engastes

de perolas e diamantes. Os estribos eram de prata dourada, as redeas tinham campainhas de ouro; e á frente do cavallo trotava o mandil negro com o seu bastão de prata para abrir caminho; atraz d'elle o faraz sacudindo as moscas, e o boiá ao lado com o sombreiro de damasco franjado de ouro. A procissão ia entrar na Sé: o mandil afastava o povo atarefado. Já o couce do cortejo passava de frente da Inquisição, outr'ora harem de Adil-shah, a que os indigenas chamavam *orllem gor*, «a casa grande» consagrada antes ao amor, e hoje convertida em baluarte da fé. Já a procissão entrava na Sé, onde se ia cantar o *Te-Deum*, e os fidalgos esporeavam os cavallos com pressa, e as senhoras desciam nos seus palanquins envolvidas mysteriosamente em sedas, cercadas de pagens e de escravos que trotavam miudo e apressado.

Caía a tarde já, quando o hymno triumphal se entoava na Sé. Cá fóra o sol descia tambem n'uma apothese. O calor pesava como chumbo, o céu via-se afogueado, o ar tremia em chammas. Nos horisontes do poente ardiam vulcões, e o firmamento, listrado de azul e de negro, de branco e de rubro, era com effeito o theatro de combates gigantes. Sobre os montes, a serpente Ahi soltava outra vez os seus rolos de nuvens, e Indra enfeixava na dextra os seus raios. Ao longe ouvia-se tambem Vayan bramir nos bancos da Aguada... Logo, n'um clarão ultimo, incendiando o mar, Vishnu afundou-se n'elle, e começou a batalha dos ventos desenfreados e dos raios dardejando sobre o ventre de Ahi, que se abria em rios de chuva caíndo sobre o chão secco de pó e ardente como ferro em braza. Um cheiro acre evolvia-se das terras.

Esse cheiro eram os «fumos da India» envene-

nadores, de que fallava Albuquerque. A sua imagem apparecia sobre o mar amortalhada n'um esquite, com a cruz de Santiago ao peito, a espada á cinta, e a longa barba fluctuando ao vento, os labios tremendo no soluço em que, agonisante, dizia : «Mal com os homens por amor d'elrey, mal com elrey por amor dos homens, melhor é acabar...» E acabou, n'esse descanso da morte que é a definitiva redempção, expirando com elle, tambem n'um soluço, a força portugueza.

\*

O sol da India, porém, não fazia mais do que precipitar a ebullicão tumultuosa de motivos que se agitavam na alma portugueza, acclamando-lhe os proprios desvairamentos com aquella sancção que a gloria confere aos factos consummados.

Impellido na Edade-média pela vontade clara da independencia, Portugal deixou-se inspirar pela guerra santa contra os mouros ; e quando a sua ambição se cumpriu, encontrou-se de pé sobre uma praia, com o mar deante de si, sussurrando tentações. Embarcou com a idéa de proseguir no mar a sua empreza terrestre : aniquilar os mouros, augmentando a sua força e a sua riqueza. Como?

Tudo era novidade. Pela primeira vez, nos tempos modernos, os povos do occidente europeu, descendentes da civilisação romana, se encontravam perante a immensidade de regiões cuja propriedade não reconheciam a seus antigos donos. O direito de conquista em que se baseava a existencia da metropole, estendia-se a um mundo. Os pactos internacionaes dos povos europeus não se concebiam sequer com gentios de outra côr, e não-christãos. As

sociedades ultramarinas estavam para os portuguezes, como seculos antes todo o mundo *barbaro* para o grego ou para o romano.

N'estas condições, e com os antecedentes que por toda a parte caracterisavam as expedições maritimas, indecisas entre o commercio, a descoberta e a pirataria, associando-se os reis e os armadores, como se vê na nossa legislação fernandina, para a rapina maritima: n'estas condições, a conquista da India e o avassallamento dos seus mares não podiam ser outra cousa senão o que eram: um saque systematico e tão desordenado, que desde todo o principio offendia os bons espiritos.

Com as proporções que as empresas ultramarinas tomaram para Portugal, a nação inteira se achou absorvida por ellas, e os sentimentos adequados ao novo estado substituiram as idéas de ordem que principiavam a assentar, concluido o periodo tormentoso da conquista. E, finalmente, com o clima extenuante do Oriente, com a sua riqueza desmoralisadora, a alma portugueza, arrebatada por um desejo heroico, tombava victima de um envenenamento.

Triumphava-se em Goa, triumphára-se em Roma na embaixada que D. Manoel enviou ao Papa; mas essa propria apotheose carthagineza de Roma denunciava o conflicto, e a coexistencia da cobiça e do imperio, no espirito dos nossos homens da Renascença. São elles os primeiros que o accusam quando repellem a idéa de os tomarem por piratas, como o Gama quando diz:

Não somos roubadores, que passando  
Pelas fracas cidades descuidadas,  
A ferro e a fogo as gentes vão matando  
Por roubar-lhe as fazendas cubiçadas;



Mas da soberba Europa navegando,  
Himos buscando as terras apartadas  
Da India grande e rica, por mandado  
De hum Rei que temos, alto e sublimado. <sup>1</sup>

Este é o desejo; mas o facto é outro, sem que isso envolva demerito para nós. Todos os povos cultos, antes e depois de nós, procederam da mesma fórma; mas o nosso mal foi não sabermos consagrar como imperio o direito de primeiro occupante, como queria Albuquerque e como o fez ancorando os portuguezes em Goa e casando-os com o indigena.

Não tivemos, porém, intelligencia para comprehender, nem força para realisar o plano de Albuquerque; e por isso o nosso dominio anarchico matou-nos a nós, e perdemos o Oriente assim que nos foi disputado por concorrentes. Tinhamos, porém, á falta de um pensamento claro de governo, uma illuminação religiosa ardente, e essa propria disposição de animo accendia uma ferocidade a que a cobiça por seu lado prestava lenha.

Ha n'um livro de Diogo de Couto uma palavra que revela o estado de exaltação feroz dos espiritos. Em Cananor, cercada pelos mouros, os portuguezes eram muitos e o logar estreito: não podiam todos combater a um tempo... «e pelas siteiras desparavam sua arcabuzaria, e como davam no cardume dos Mouros, que estavam apinhoados ao redor dos muros, não se perdia tiro, antes houve muitos que com os pilouros e munições derrubaram dois e tres. E como os nossos soldados eram muitos, e não havia siteiras para todos, estavam outros detrás dos que as tinham occupadas, e tanto que desparavam, que haviam de tornar a carregar, sem quererem

<sup>1</sup> C. II, 80.

largar os logares, lhes *pediam pelo amor de Deus que enquanto carregavam lhes deixassem matar hum Mouro*». <sup>1</sup>

E' tão ingenuamente feroz, que arripia. Essas creanças terríveis satisfaziam-se matando. Não matavam para se defender, não matavam para vencer: matavam por deleite e satisfação infantil. Este estado mental, que nos simples era ingenuo, tomava um caracter tragico nos espiritos que sentiam epicamente a pulsação do genio portuguez. O proprio Camões que condemna, embora brandamente, a crueldade de Albuquerque, tem estas palavras de exhortação aos Menezes:

Dai nova causa á côr do Arabo Estreito  
Assi que o Roxo mar, d'aqui em diante  
O seja só com sangue da Turquia. <sup>2</sup>

Pelo amor de Deus! deixae-me matar, não um mouro, mas um cento, um milhar, um milhão d'elles, para que o mar Vermelho o seja com sangue de infieis. Isto bastaria para mostrar como seriam as guerras, se não conhecessemos a historia das atrocidades de Vasco da Gama na sua segunda viagem, e de Affonso de Albuquerque a caminho de Ormuz, pela costa da Arabia. E é d'esta ferocidade que nasce o pesado sentimento de Terror, verdadeira Moira lusitana que paira sobre a tragedia epica dos *Lusiadas*.

Mas não era sómente a fé que accendia a ferocidade na alma dos portuguezes: mais ou menos ingenuamente, mais ou menos conscientemente, a cobiça enroscava-se á fé, como trepadcira a um

<sup>1</sup> *Vida de D. Paulo de Lima* (1765), p. 40-1. — <sup>2</sup> Sonn. vi.

tronco de arvore, para açular o ardor religioso. E' sabido que os *Lusiadas* são a epopeia do commercio; e já em Africa, já desde o dia de Ceuta, os trabalhos dos novos phenicios levavam em mira trazer a Lisboa os redditos do commercio oriental encaminhado para Veneza. A empreza das Indias foi em grande, e levada a cabo por um povo inteiro, uma expedição analoga a tantas outras que as cidades do norte europeu mandaram pelos mares, da mesma fórma e com eguaes intuitos aos das frotas que primeiro saíam de Lagos por mandado do infante D. Henrique. Aconteceu que, favorecidos nós pela sorte magnifica do exito da viagem de Vasco da Gama, essas expedições se tornaram *officiaes*, chegando a concentrar n'ellas o destino inteiro da nação.

Mantiveram, porém, o mesmo character; pois se Albuquerque traçou o alicerce de um imperio portuguez no Oriente, os seus successores não souberam seguir o risco; e Portugal, cuja acção eminente de povo colonizador se affirmára nas ilhas atlanticas e no Brazil, não saiu jámais na India d'essa politica indefinida de pirataria e commercio monopolisado, causa primaria do mallogro da empreza. A conquista ficou sempre uma exploração; os conquistadores accumulavam a condição de agentes mercantis. D. Francisco de Almeida, que abertamente propunha o plano de nunca se sair do mar, limitando-nos a imperar n'elle para o ceifar, conservando apenas os pontos maritimos necessarios á sustentação das armadas e á cobrança das páreas: D. Francisco de Almeida escrevia a D. Manoel, como um caixeiro a seu patrão:

«E assi V. A. me manda que a Pimenta vá limpa e secca: sei que se contentou com a que levou Tris-

tão da Cunha e muito mais da que agora vae: praserá N. S. que sempre assi será, e porque V. A. me mandou que o peso se por fizesse nossas balanças e pesos, eu o tenho acabado muito com vontade de elrei de Cochim e dos mercadores com bons exames; e achamos que pesa o Baar de Cochim tres quintaes e trinta arrateis do peso velho e nos custa o quintal mil e quinhentos reis e meio: e dá-se tal aviamento que com duas balanças té vespora pesaram mil quintaes...» Não parece estarmos lendo, se retirarmos o N. S. e o V. A., a correspondencia de um agente de Bombaim para o principe da *city* de Londres? «O aljofar e as perolas que me manda que lhe envie, não os posso haver, que os ha em Ceylão e Carle que são as fontes d'ellas: compral-as-hia com o meu sangue e com o meu dinheiro, que o tenho porque vós m'o daes... As escravas que diz que lhe mande tomam-se depressa, que as gentias d'esta terra são pretas e mancebas do mundo, como chegam a dez annos». E no fim o governador lamenta-se do pouco caso que no reino se faz das suas queixas: «...dizem cá que V. A. moteja lá com quem cá achamos com os furtos nas mãos, que não é bom exemplo para os que pelem e não furtam». <sup>1</sup> Esses eram poucos; não porque, como homens, valessemos mais nem menos: mas sim porque a conquista era uma rapina organizada em parceria da Corôa com os soldados. Regulamentos fixavam as partes correspondentes das prezas das naus de mouros saqueadas á bocca do Estreito na viagem de Mekka.

A conjuncção d'estes dous motivos, a exaltação

<sup>1</sup> Carta a D. Manoel, nos *Ann. das Sc. e Lettr.*, da Acad. de Lisboa.

religiosa e a cobiça desenfreada, produzia a furia que abertamente se expandia no seio d'esse naturalismo individualista, renascença tambem da alma moral antiga, e que, sendo commum a toda a Europa, ainda mais energicamente podia affirmar-se na anarchia da vida colonial. Além d'isso, a acção dos climas irritantes concorria tambem para dar ás tragedias da India um character epico e ao mesmo tempo orgiaco. O animal-homem, com os seus instinctos excitados, para bem e para mal, bracejava á solta. A paixão feminina, que está no amago da alma: o amor que na côrte provocava aventuras hypocritas, na India era caso para aventuras do genero que se via frequentemente na Italia. D. Paulo de Lima fazia a côrte á mulher de um homem rico de Goa. Conquistára-a, tinha frequentes reuniões com ella em sua casa. Uma vez, de noute, quando os amantes gosavam as delicias do seu crime, o marido entra. D. Paulo refugia-se n'um quarto, no topo da escada; o marido arma os criados. Vão com lanças, escadas arriba, ao assalto, e com machados derribam a porta. D. Paulo, no vão, de espada e rodella em punho, defende-se, combate, depois investe com os criados, passa sobre elles e foge. A esposa lança-se de uma janella á rua, onde o marido a acaba a golpes. D. Paulo homizia-se por uns mezes, logo volta a Goa, entra em serviço, é um heroe: a sua biographia entretem a penna de Diogo de Couto.

A vida é, pois, uma desordem: nos pensamentos fortes e nos instinctos mesquinhos. Como desordem, tem os contrastes agudos de heroismo e de abjecção, de bravura e chatinagem, de grandeza e mesquinhez. Camões escrevia de Goa: «Da terra vós sei dizer que é mãe de villões ruins e madrasta de

homens honrados. Porque os que cá se lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre a agoa como bexigas». <sup>1</sup> O seu olhar amargurado via as sombras ao pé, vendo ao longe, nas illuminações da phantasia, a verdade do patriotismo ardente, do optimismo azul, com aquella dupla idéa contradictoria, tão commum nos poetas, e que só a philosophia reune e explica n'um pensamento synthetico.

Cheio das saudades da patria, Camões, acceso n'essa fé idealista que a elle e a Portugal nos levanta da funda orgia em que ambos os povos peninsulares nos afogámos: Camões, affirmando a desordem da India, nega que seja vencer verdadeiro esse dominio de facto:

Mas na India cubiça e ambição,  
Que claramente poem aberto o rosto  
Contra Deos e Justiça, te farão  
Vituperio nenhum, mas so desgosto.  
Quem faz injuria vil e semreção  
Com forças e poder, em que está posto,  
Não vence; que a vitoria verdadeira  
He saber ter justiça nua e inteira. <sup>2</sup>

E n'um dos seus mais vivos sonetos retrata assim a India, com os olhos arrasados de agua em saudades de Sião:

Cá n'esta Babylonia donde mana  
Materia a quanto mal o mundo cria;  
Cá donde o puro Amor não tõe valia;  
Que a mãe, que manda mais tudo profana;  
Cá donde o mal se affina o bem se dana,  
E pode mais que a honra a tyrannia;  
Cá donde a errada e cega Monarchia  
Cuida que um nome vão a Deos engana;

<sup>1</sup> *Cartas*. — <sup>2</sup> C. x, 58.

Cá n'este labyrintho onde a Nobreza,  
 O Valor e o Saber pedindo vão  
 A's portas da Cobiça e da Vileza;  
 Cá n'este escuro caos de confusão  
 Cumprindo o curso estou da natureza.  
 Vê se me esquecerei de ti, Sião! <sup>1</sup>

Camões, portanto, no cortejo triumphal do nosso imperio, que canta, é ao mesmo tempo o escravo dos tempos romanos repetindo ao ouvido do general ovante o fatidico: «Memento!»

Agora só nos falta folhear mais uma vez o Gil Vicente, para vêr que influencia a India tem na metropole, uma vez que estudamos já a acção dos elementos europeus sobre o drama oriental. Essa influencia é funesta. A India é um vampiro que sorve todo o sangue portuguez. Os homens partem: ficam as mulheres sósinhas — e que vida!

Quantas artes, quantas manhas  
 Que sabe fazer minha ama!  
 Hum na rua, outro na cama! <sup>2</sup>

E' o que a Moça conta. Um dia o marido volta:  
 a esposa observa-lhe:

Porem vindes muito rico!

Ella, a pobresinha, esteve

Encerrada n'esta casa  
 Sem consentir que visinha  
 Entrasse por uma braza  
 Por honestidade minha...

<sup>1</sup> Sonn. 94. — <sup>2</sup> Auto da *India*.

Emquanto ella, coitadinha, suspirava cheia de escrupulos, elle conta o que fez :

Fomos ao rio de Meca  
Pelejámos e roubámos.  
E muito risco passámos.

Foram, saquearam, queimaram, encheram os bolsos de dinheiro. De volta na nau abarrotada de riquezas, quando não naufragavam na terra dos negros, espalhavam por todo o reino essa semente de corrupção, essa furia de gosar, esse desprezo do escrupulo, essa ausencia de toda a especie de mêdo, com a hypocrisia que desorganisa as consciencias, e, levando as nações á ruina, nos conduziu a nós ao nihilismo quasi buddhico do seculo XVII, a éra das thebaidas e dos ermitões, e á comedia repugnante do seculo XVIII, « o reinado da estupidez ».

#### IV

Se a physionomia dos nossos grandes homens da Renascença differe das dos castelhanos coevos, de modo a não poder confundir-se; se a gravidade portugueza e este lyrismo a que nos apraz chamar celtico, contrastam com a physionomia dramatica do heroismo peninsular em Castella: é agora, no declinar das cousas para a ruina, que mais pronunciadamente se accentua a divergencia. O heroismo castelhano, pervertido, mostra-se cynico. O aventureiro epico do Mexico, do Perú, apparece reduzido ás proporções mesquinhas de um *picaro*.



Em Portugal a decadencia desmancha-se em lagrimas, afogada

No gosto da cobiça e da rudeza  
D'uma austera, apagada e vil tristeza, <sup>1</sup>

e a catastrophe provoca uma erupção de celticismo genuino e de messianismo estreme, na religião sebastianista com os seus mythos naturalistas das nevoas e das ilhas encantadas.

A tristeza vem de longe:

Em Portugal vi eu já  
Em cada casa pandeiro  
E gaita em cada palheiro:  
E de vinte annos acá  
Não ha hi gaita nem gaiteiro.  
Cada aldeia dez folias  
Cada casa atabaqueiro,  
E agora Jeremias  
He nosso tamborileiro. <sup>2</sup>

O temperamento lyrico e elegiaco do portuguez predomina, encaminhando para esse pessimismo ingenuo de que em Camões vimos tão profundos laivos. Feita de contrastes e antitheses, a alma castelhana dissolve-se em invectivas e sarcasmos: a nossa perde-se n'um rio de lagrimas e saudades. Como na fabula de Icaro, eterno symbolo do heroismo, realidade para os povos peninsulares, as azas partem-se egualmente, mas por formas diversas.

E' que o nosso heroismo não era apenas um impulso da energia instinctiva, mas tambem um mo-

<sup>1</sup> C. x, 145. — <sup>2</sup> Gil Vicente, *Triumpho do inverno*.

vimento da consciencia que, sem desvirtuar a força dos temperamentos, dava ás acções uma significação ideal. Por isso, ainda quando afundados nas escuridões da desesperança nos agitavamos, como os castelhanos, entre o quietismo jesuita e a penitencia inquisitorial, esmagando a vontade, immolando victimas a um deus de sangue e fogo, e pensando unicamente na conquista da bemaventurança e na expiação dos crimes, pela doação da terra inteira aos deuses do céu, casando a vida devota com a vida devassa: ainda então os sonhos do nosso instincto, creando espontaneamente a religião nova do sebastianismo, nos levantavam acima dos que, isentos de devaneios mysticos, viviam apenas dos choques e das antitheses de uma consciencia sem leme, arrastados miseravelmente pelo vento agreste do cynismo.

O traço que levanta o heroismo lusitano ás alturas de uma doutrina, fazendo dos *Lusiadas* a flôr magnifica de que a *Araucana* é apenas uma semente: esse traço que se imprime em todas as manifestações do tempo, que anima todos os heroes, que inspira a parodia do triumpho em Goa, e que de principio a fim caracteriza o poema de Camões, é o pensamento classico expresso n'estas palavras de João de Barros:

«A nação portugueza hoje mais que nenhuma conserva a gravidade e desejo de honra que antigamente sabia ter o povo romano». <sup>1</sup>

E' a *gravidade e desejo de honra* que, no meio da desordem do individualismo, levantam e disciplinam o heroismo portuguez, dando-nos uma feição particular eminente sobre a força, a cobiça e a fé,

<sup>1</sup> *Paneg. de D. João III*, 145.

que impellem simultaneamente todos os que na Renascença obedeceram á viração de liberdade, enchendo as velas da nau da aventura.

D. João de Castro, a figura mais expressiva por ser a mais complexa, sem ser a mais gigante de toda a pleiade portugueza, allia em si á curiosidade naturalista do celta, ao amor mystico da natureza, á ancia de saber propria do tempo, a força e a fé lusitana, idealisadas, porém, sem serem diminuidas, por esse *desejo de honra* de que falla João de Barros. Christão e portuguez, é um estoico á antiga. As opulencias do Oriente não o contaminam, senão até ao ponto de lhe tornarem a virtude, não um acto natural instinctivo, mas sim, e á maneira dos estoicos, um resultado da vontade consciente e apparatusa. Faz gala de ser honrado, o que para os espiritos candidamente puros é já um symptoma da perversão que se insinua até pelas mais intimas regiões da alma. Na hora da sua morte não se encontra um real em casa; e durante a doença não ha com que lhe comprar uma gallinha. Em Goa empenha as barbas para acudir ás urgencias do thesouro; e quando o rei lhe dá a quinta da Penha Verde, manda arrancar as arvores de fructo. Estes traços, em que o mysticismo do celta transparece, vêem passados atravez da preocupação do estoico. No meio da perversão dos costumes, não lhe basta ser virtuoso: é mister que todos o reconheçam. O desejo da honra e a gravidade, qualidades exteriores de aprumo e disciplina social, dominam, como de facto dominavam o querer dos portuguezes dos bons tempos.

N'isto consiste a redempção moral. Arrastados pelo destino á missão quasi providencial de descobrir os mundos ultramarinos, desempenhamo-nos

d'ella, ganhando um logar na historia da civilisação. Ficamos sendo alguem na série epica dos povos. Com as qualidades ingenuas do nosso temperamento construimos a nossa especie de heroismo, semelhante ao grego dos Argonautas e ao semita dos carthaginezes ou assyrios; mas, acima d'essas expressões rudimentares da curiosidade, da cobiça, da fé e da violencia, pozémos em nossas consciencias um typo de honra e dignidade: esse typo classico ou romano que nos absorvia os desejos do pen-samento.

E', quanto a nós, esta moralisação da força que constitue o traço original do heroismo portuguez, e o nosso titulo eminente de gloria historica. Fomos os romanos da Renascença, protegidos por «Venus bella»

..... a gente Lusitana  
 Por quantas qualidades via nella  
 Da antiga tam amada sua Romana,  
 Nos fortes corações, na grande estrella  
 Que mostrarão na terra Tingitana,  
 E na lingua, na qual, quando imagina,  
 Com pouca corrupção cre que he a Latina. <sup>1</sup>

Mas este sentimento estreme, a cuja definição moral ou social temos vindo estabelecendo os caracteres, não era mais do que um aspecto do pensamento metaphysico nacional: o idealismo espiritu-alista que fórma a atmospherá luminosa em que os *Lusíadas* e Pórtugal se agitam. Camões não é só o epico portuguez da força e da fé, nem o epico da sciencia e do commercio: é tambem o vate do pen-samento philosophico moderno.

<sup>1</sup> C. I, 33.

## CAPITULO QUARTO

### A Renascença

---

#### I

De todas as manifestações que determinou no Occidente europeu a conquista do Oriente pelos turcos, nenhuma foi maior, nem mais absorvente e commovedora, do que a crise religiosa. Despedaçado o nimbo de pessimismo ingenuo que durante seculos envolvera o pensamento moderno; restauradas com amor as idéas e as creações artisticas da Antiguidade: todo o Meio-dia europeu como que acordou de um sonho, e com a vaga consciencia do tempo perdido em supplicios, lançou-se de braços abertos no optimismo da vida. O proprio papado se recordava dos tempos antigos em que a egreja triumphante de Constantino acclamava a grandeza do imperio; e pela mão de Leão X, com um desdem classico, encolhia os hombros perante o sussurro que, além do Rheno, faziam as prégações de Luthero, «invejas fradescas»!

Com um forte instincto da harmonia, revelado principalmente pela esthetica, os homens reconheciam o caminho errado em que tinham seguido, e, parando, sem repudiarem Christo, queriam abraçá-lo a Platão, abraçando Orpheu e Moysés n'uma synthese que entreviam superior ás allucinações do espirito mystico e á seducção da natureza inconsciente. Não seria possivel achar no proprio coração da Terra essa corôa gloriosa de amor, cujos espinhos tanto dilaceraram a cabeça humana?

Ficino, Pico de Mirandola, Policiano, Lourenço de Medicis, e toda a Italia pensante, crêem que sim; e por isso, n'aquella ancia palpitante de saber que caracteriza o tempo, manuseiam com a mesma fé as Sybillas e os Prophetas, commentam S. Paulo com Empedocles, espiritualisam o paganismo, sensualisam o christianismo mystico, e das imagens hieraticas da iconographia anterior, estatuetas ajoelhadas com as mãos supplices, levantando do seio dos seus nichos para o céu as cabeças em gestos de agonia piedosa: trypticos dos altares em que, dentro de aureolas de ouro, virgens languidas, anemicas de devoção, cantam o seu martyrio: d'essas figuras mysticas em que se retratava o pensamento humano, extráem a estatuaria triumphante de Miguel Angelo e a pintura naturalista de Raphael e sobretudo de Leonardo.

Este néo-paganismo offendia a alma mystica das gentes do norte sombrio, onde as reminiscencias da Antiguidade não podiam acordar; pois só com os tempos modernos tinham entrado na civilização quando emergiram dos seus bosques franjados de abetos, despegando-se como avalanches sobre a Europa cis-rhenana, conquistando-a e destruindo-a. Os impulsos barbaros de tempos, já distantes muitos

seculos, tinham-se amaciado; mas não murchára ainda, nem murchou até hoje, aquella açucena de candura mystica, nervosa nas petalas, ingenua e submissa no porte, curvando-se meigamente ao menor sopro da consciencia, resistindo intemerata a todos os vendavaes do mundo. Essa força de resistencia á auctoridade exterior encontrava-a a Allemanha no poder invencivel de submissão á auctoridade mystica. A liberdade religiosa que proclamava era o imperio absoluto da predestinação e da graça divina, pólo opposto da liberdade de pensamento que, beijando o pé do Papa, o Meio dia, porém, proclamava com enthusiasmo.

A Allemanha *protestou*, abolindo a auctoridade visivel e real, tornando absoluto o imperio da *Biblia*, a cujos textos allegoricos e moraes cada qual, porém, dava a interpretação conforme ao seu temperamento espiritual; protestou, abolindo na sua essencia a Igreja como instituição, e soltando as crenças para o dominio vago das cogitações individuaes: campo em que gradualmente, afrouxada a disciplina, a religião se tornaria, como com o tempo veio a tornar-se, um indeterminado espiritalismo religioso.

O Meio-dia, açulado pela guerra, desviou-se do caminho em que seguia e consummou a sua reforma de Trento, em opposição á de Augsburgo. Transformou a Igreja, de uma instituição, n'uma milicia; fez do Papa, que era um presidente, um general; pôz a disciplina ahi onde até então havia apenas uma regra. O principio de auctoridade positiva que os protestantes despedaçavam, avigourou-o ao ponto de o tornar granitico; e a obediencia que Lutheró transferira para as regiões intimas da consciencia moral, tornou-se o proprio nervo

da religião restaurada por Ignacio de Loyola. O genio hespanhol, subtil e duro, descobrindo n'um profundo relance a verdade do sentimento de povos estonteados pelo imperialismo, levantou ao Papa um throno de Cesar.

Separada nos termos divergentes de uma das antinomias essenciaes do pensamento, a Europa debateu-se quasi meio seculo n'um tremor sangrento de guerras. Impellidos pela crise a tirar as derradeiras conclusões, uns foram até ao delirio do anabaptismo, outros até ao ponto de converterem a Igreja, filha da piedade racionalista dos seus doutores, n'um lamismo semelhante aos do extremo Oriente. O norte, obedecendo á idéa da liberdade e da graça que é a justiça transcendente, chegava, com a sinceridade, á anarchia no pensamento e no imperio; o sul, dominado pelas idéas de ordem e de auctoridade, transformava-as á força de engenho na casuistica, essa politica do espirito, e no machiavelismo que é a perversão da arte de governar.

Tal é a atmospheria religiosa em que florescem os *Lusíadas*. Genuinamente meridional, o genio de Camões repelle o protestantismo germanico. Imperialista no estado, apresenta-nos na religião o mais bello documento d'esse idealismo espiritualista que, conciliando a liberdade e a ordem, teria porventura feito adeantar seculos á evolução mental da Europa, se a reforma protestante não tivesse precipitado a reacção auctoritaria nos povos latinos.

O Deus de Camões é uma pura divindade platoniana feita de idéas, embora mantenha o caracter voluntarioso do mosaismo. A sua vontade é o proprio querer das cousas; e acima de Deus está, como na Antiguidade, o



..... fado eterno,  
 Cuja alta ley nam pode ser quebrada. <sup>1</sup>

E' verdade que, n'este ponto, o poeta refere-se a Jupiter; mas veremos, no decurso do nosso estudo, que das duas faces do deus christão, a jehovica e a hellenica, esta ultima oblitera sempre a primeira no espirito de Camões.

O terror de Deus na Edade-média proviera da idéa do Juizo-final, pesadello dos espiritos que vem formular-se já anachronicamente na famosa obra de Miguel Angelo, e que juntava desesperadoramente a idéa da responsabilidade ao dogma fundamental do Peccado, alicerce do pessimismo christão. Em Camões, o pensamento é outro; o mytho do Peccado-Original tem uma traducção optimista e pagan; as palavras que a *Biblia* põe na bocca do demonio *eritis sicut dii*, são a definição do poeta catholico:

Desce do Céu immenso Deos benino  
 Para encarnar na Virgem soberana.  
 Porque desce o divino a cousa humana?  
 Para subir o humano a ser divino.

Pois como vem tão pobre e tão menino,  
 Rendendo-se ao poder da mão tyrana?  
 Porque vem receber morte inhumana  
 Para pagar de Adão o desatino.

He possivel que os dois o fructo comem  
 Que de quem lhes deo tanto foi vedado?  
 Si: porque o proprio ser de deoses tomem.

E por esta rasão foi humanado?  
 Si: porque foi com causa decretado,  
 Se quiz o homem ser Deos, que Deos fosse homem. <sup>2</sup>

Divinizado, pois, o homem, confundidas as natu-

<sup>1</sup> C. I, 28. — <sup>2</sup> Sonn. 198.

rezas divina e humana, pela exaltação do homem ao céu, pela descida de Deus á terra, céu e terra são a mesma cousa, homens e deuses a mesma especie, o Universo um verdadeiro Olympo, a existencia uma glorificação, a natureza um hymno de piedade optimista. Tudo se transfigurou com o acordar do dia da Renascença: o mundo canta n'uma alleluia immensa, e na face humana as lagrimas que rolavam uma a uma, dolorosamente, dos olhos descaídos na escuridão da penitencia, seccam agora com o sorriso dos labios enygmaticos da Joconda.

Esse enyigma é o pensamento creador, a idéa platonica, origem do Universo, infinito seio do inconsciente:

Olha aquelle Deos alto e increado  
 Senhor das cousas todas, que fundou  
 O ceo, a terra, o fogo, o mar irado;  
 Não do confuso caos como cuidou  
 A falsa Theologia, e povo escuro,  
 Que n'esta só verdade tanto errou;  
 Não dos atomos leves de Epicuro;  
 Não do fundo Oceano, como Thales,  
 Mas só do pensamento casto e puro. <sup>1</sup>

Camões conhece as velhas philosophias physicas ou materialistas dos gregos; sabe a doutrina de Thales de Mileto e a de Epicuro; crê na criação biblica extraída do Nada pela vontade mosaica: cousa alguma d'essas quadra, porém, a um latino da Renascença, discipulo de Platão, o que aprendeu com Xenophanes de Colophonía. O mundo é um pensamento; a vontade, encarnando em Deus, fel-o um acto. A criação está na passagem

<sup>1</sup> *Eleg.* 11.

do não-ser para o ser ; mas entre o não-ser e o nada, ha um abysmo. O não-ser é o cahos confuso a que Camões chamava pensamento do mundo, e que a philosophia denomina hoje Inconsciente.

O mundo inferior que habitamos, dissera Platão na sua *Republica*, é a emanação alterada, mas semelhante, do mundo superior das idéas e das essencias que não são apenas concepções ou reminiscencias do espirito, mas sim typos brilhantes, cujos exemplares degenerados constituem o nosso mundo. Para além das idéas está o uno: bondade, virtude, belleza, que não é nem uma idéa, nem uma essencia; mas que, superior a idéas e essencias, e tendo-as creado a todas, é a razão ultima de tudo quanto existe.

D'esta mythologia transcendente, penetrada pelo christianismo, se formava a alma mystica de Camões. O seu Christo é apollineo:

O teu rosto de cuja formosura  
Se veste o ceo e o sol resplandecente. <sup>1</sup>

Mas este deus, formado de luz e pensamento, é ao mesmo tempo «cavalleiro sublimado», tem caracteres humanos; não permanece á antiga na região abstracta das idéas, vive comnosco, dos nossos sentimentos e paixões, inspira Santo Ignacio, ama com Santa Thereza, combate ao lado do Gama, que diz:

A ley tenho daquelle a cujo imperio  
Obedece o visibil e o invisibil,  
Aquelle que criou todo o Emispherio,  
Tudo o que sente e todo o insensibil,

<sup>1</sup> *Eleg.* 41.

Que padeceo deshonra e vituperio  
 Sofrendo morte injusta e insufribil,  
 E que do ceo á terra em fim deceo,  
 Por subir os mortais da terra ao ceo. <sup>1</sup>

Este Christo é o da Renascença. O velho Apellon do idealismo dorico tornou a humanisar-se, apparecendo, vivo e nú, a chorar nos presepes humildes, ou pendurado ao collo turgido da madona que o amamenta; surgindo do seio mystico do povo para inundar de gloria a mente dos poetas; transformando-se da realidade mais mesquinha na abstracção mais ethereamente sublime:

Deste Deos homem, alto e infinito,  
 Os Livros que tu pedes nam trazia,  
 Que bem posso escusar trazer escripto  
 Em papel o que na alma andar devia. <sup>2</sup>

O judeu e o protestante, os homens do *livro*, escravizados á letra, agrilhoados aos textos, carecem d'essa bagagem religiosa: nós não, que trazemos a crença na piedade espontanea do pensamento. A dependencia do Papa é a segurança das nossas duvidas e o penhor da nossa liberdade; da mesma fórma que a vontade do Imperador nos deixa livre, a um povo de fidalgos, a acção do nosso braço.

Eis-ahi como na Renascença raciocinava o hespanhol, castelhano ou portuguez, em opposição ao movimento protestante. Eis-ahi o estado mental que os *Lusiadas* exprimem: esse estado plastico da consciencia, aclamando tudo quanto a realidade offerecia ingenuamente bom, denodadamente

<sup>1</sup> *Lus.*, c. 1, 65. — <sup>2</sup> 66.

forte, sensivelmente bello, e que por tudo isto parecia aos homens d'então absolutamente verdadeiro.

\*

Que admira, portanto, esta confusão moral e litteraria da Antiguidade e dos tempos christãos? Que admira o proposito de imitar Virgilio, se a gloria do Gama, piedoso como Eneas, era a apothese de um povo que reproduzia o romano?

D'ahi vem a justa-posição constante da mythologia classica e da christan, do olympto e do empyreo, a Biblia dando a mão a Homero, e, confundidos n'uma mesma apothese, todos os symbolos em que a imaginação dos povos representou os seus ideaes:

Do peccado tiverão sempre a pena  
Muitos, que Deos o quis e permittio;  
Os que forão roubar a bella Elena;  
E com Apio tambem Tarquino o vio.  
Pois por quem David Sancto se condena?  
Ou quem o Tribo illustre destruiu  
De Benjamim? bem claro nolo insina  
Por Sara Faraô, Sychem por Dina. <sup>1</sup>

E' que a alma creadora da Renascença, chamma viva, feita de fé e de vontade, absorvia e queimava tudo no seio da sua crepitação palpitante, levando os contrastes até ao paradoxo, e pondo Baccho a adorar o Espirito Santo:

Ali tinha em retrato affigurada  
Do alto e Sancto spirito a pintura:  
A candida Pombinha debuxada  
Sobre a unica Fenix virgem pura.

<sup>1</sup> C. III, 95.

A companhia sancta está pintada  
 Dos doze, tam torvados na figura,  
 Como os que, so das lingoas que cayrão  
 De fogo, varias lingoas referirão.

Aqui os dous companheiros, conduzidos  
 Onde com este engano Baco estava,  
 Poem em terra os giolhos e os sentidos  
 Naquelle Deus que o mundo governava.  
 Os cheiros excellentes produzidos  
 Na Panchaia odorifera queimava  
 O Thioneu; e assi por derradeiro  
 O falso Deos adora o verdadeiro. <sup>1</sup>

N'outro logar, é Tethys quem conta o martyrio  
 de S. Thomé, com requintes de theologia, incitando  
 os portuguezes á propagação da fé <sup>2</sup>; Tethys que,  
 para destruir o effeito paradoxal do episodio, cõe no  
 paradoxo maior ainda de confessar do empyreo:

Aqui so verdadeiros gloriosos  
 Divos estão; porque eu, Saturno e Jano,  
 Jupiter, Juno fomos fabulosos,  
 Fingidos de mortal e cego engano;  
 So pera fazer versos deleitosos  
 Servimos. <sup>3</sup>

N'outro ponto, é Baccho a desencadear o tempo-  
 ral, e o piedoso Gama soccorrendo-se á sua devoção:

Divina guarda, angelica, celeste,  
 Que os ceos, o mar e terra senhoreas;  
 Tu, que a todo Israel refugio deste  
 Por metade das agoas Eritreas;  
 Tu, que livraste Paulo e defendeste  
 Das Syrtes arenosas e ondas feas  
 E guardaste cos filhos o segundo  
 Povoador do alagado e vacuo mundo... <sup>4</sup>

<sup>1</sup> C. II, 11-2. — <sup>2</sup> C. X, 108-19. — <sup>3</sup> 82. — <sup>4</sup> C. VI, 82.

Quem o soccorre, porém, é Venus, porque na estrutura do poema, acima dos sentimentos religiosos dos homens, está o côro dos antigos genios em que a imaginação tem de corporisar ainda os elementos naturaes, pois que as creações amorphas da psychologia christan não teem essa capacidade. Na Renascença, o mundo era outra vez pagão, de um modo até certo ponto novo: como poderia exprimir-se, pois, na linguagem espiritualista da transcendencia medieval? O paradoxo dos *Lusiadas* é o de todas as artes da Renascença, e traduz o estado de plasticidade comprehensiva d'essa época.

Quando, porém, a alma se eleva até ás culminações da piedade, como pinçaros rasgando o ether, e os symbolos e mythos apparecem comparaveis á neblina dos valles vista do alto das montanhas: então resplende na sua nitidez ideal a palavra sagrada — Deus. O Gama sente-se penetrado e cãe de joelhos quando vê a terra de Calecut:

Soffrer aqui não pode o Gama mais,  
De ledo em ver que a terra se conhece :  
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo,  
A mercê grande a Deos agardeceo. <sup>1</sup>

E quando tambem, dissipado o mêdo, surge a esperança viçosa, a alma enche-se de uma alegria purissima, em que da mesma fórma se dissipam os nevoeiros do symbolismo religioso. Assim que o Adamastor acabou a serie das suas prophecias funebres, o Gama, cheio de piedade :

<sup>1</sup> C. vi, 92.

... levantando as mãos ao sancto coro  
 Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
 A Deos pedi que removesse os duros  
 Casos que Adamastor contou futuros. <sup>1</sup>

Entre a piedade dos homens, entre a sua fé positiva e a região etherea das verdades metaphysicas expressas por uma theologia que procura ser orthodoxa, a imaginação creadora da Renascença põe como medianeira a Natureza, representando-a nos mythos litterarios herdados da Antiguidade.

As aproximações que vamos observar entre Virgilio e Camões não se devem considerar, portanto, como simples imitações litterarias, embora o cultismo classico as determinasse; pois esse mesmo cultismo penetrára tanto os espiritos, fazia tanto parte da consciencia contemporanea, que Virgilio, o medianeiro na Edade-média, apparecia agora como o positivo apostolo de um pensamento historico. Se o proprio Virgilio imitou filialmente a Homero, porque Eneas e os romanos via-os descenderem da Troya grega: Camões seguia na esteira da derrota virgiliana, por isso mesmo que tambem nos *Lusíadas* via os descendentes da gente romana.

Desde o primeiro verso, logo na primeira proposição

As armas e os barões assinalados

se sente o proposito de vasar os *Lusíadas* nos moldes classicos da *Eneida*, que começa: *Arma virumque cano*; e de os vasar n'esses moldes, repetimos, não por uma fria imitação poetica, mas por

<sup>1</sup> C. v, 60.



uma afinidade de estados moraes, e por uma ambição voluntaria de reproduzir a grandeza romana. O Gama claramente chama para si a fama de Eneas. <sup>1</sup>

Logo em seguida, a dedicatoria a el-rei D. Sebastião: <sup>2</sup>

Tethys todo o ceruleo senhorio  
Tem pera vos por dote aparelhado ;  
Que afeiçoada ao gesto bello e tenro,  
Deseja de comprar-vos pera genro... <sup>3</sup>

é a paraphrase litteral do verso virgiliano:

Teque sibi generum Tethys emat omnibus undis. <sup>4</sup>

Protheo apascenta o seu gado, <sup>5</sup> exactamente como o pinta o mantuano. <sup>6</sup> E todo o concilio olympico, <sup>7</sup> um dos mais bellos episodios do poema, e onde se lhe estabelece a sua fabula: todo elle está cheio de reminiscencias. A propria idéa de fazer dos portuguezes instrumentos das divindades pagans reunidas em concilio, é reminiscencia, e mais do que isso ainda. Venus é a nossa protectora, como fôra dos romanos. A inimização de Juno acha-se substituida pela de Baccho, primeiro conquistador da India, cuja fama seria obscurecida pelos portuguezes:

O padre Baco ali nam consentia  
No que Jupiter disse, conhecendo  
Que esquecerão seus feitos no Oriente,  
Se la passar a Lusitana gente. <sup>8</sup>

<sup>1</sup> C. I, 12. — <sup>2</sup> 6-18. — <sup>3</sup> 16. — <sup>4</sup> *Georg.* I, 31. — <sup>5</sup> C. I, 19. — <sup>6</sup> *Georg.* IV, 430-6. — <sup>7</sup> C. I, 20-41. — <sup>8</sup> 30.

*Cœlicolae magni*, começa por dizer Jupiter no concilio virgiliano, <sup>1</sup> e quando Camões se exprime d'este modo:

Eternos moradores do lusente  
Estellifero Polo e cláro assento, <sup>2</sup>

vê-se a distancia que ha entre a *Eneida* e os *Lusiadas* no logar conferido aos olympicos, apesar de Virgilio não arder já na crença de que elles regessem de facto os destinos do mundo. Acima, estão os fados que determinam o caminho das cousas: *fata viam inveniunt*. <sup>3</sup> Mas, na sua concisão epigraphica, o latim exprime ainda o respeito devido a ruinas; ao passo que a exuberancia litteraria de Camões attesta a preocupação de artista, sentindo a necessidade de symbolisar forças naturaes a que os seus heroes obedeçam, e não encontrando esses symbolos fóra do paganismo:

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,  
Onde o governo está da humana gente,  
Se ajuntam em consilio glorioso  
Sobre as cousas futuras do Oriente.  
Pisando o cristalino Ceo fermoso,  
Vem pela via Lactea juntamente,  
Convocados da parte do Tonante  
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

Deixão dos sete Ceos o regimento  
Que do poder mais alto lhe foi dado;  
Alto poder, que so co pensamento  
Governa o Ceo, a Terra e o Mar yrado.  
Ali se achárão juntos num momento  
Os que habitão o Arcturo congelado  
E os que o Austro tem e as partes onde  
A Aurora nasce e o claro sol se esconde.

<sup>1</sup> *Eneid.* x, 6. — <sup>2</sup> C. I, 24. — <sup>3</sup> *Eneid.* x, 113.

Estava o Padre ali sublime e dino  
 Que vibra os feros rayos de Vulcano,  
 Num assento de estrellas cristalino,  
 Com gesto alto severo e suberano ;  
 Do rosto respirava hum ar divino,  
 Que divino tornàra hum corpo humano ;  
 Com hũa coroa e ceptro rutilante  
 De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados  
 De ouro e de perlas, mais abaixo estavam  
 Os outros Deoses, todos assentados,  
 Como a Razão e a Ordem concertavão ;  
 Precedem os antigos mais honrrados,  
 Mais abaixo os menores se assentavão ;  
 Quando Jupiter, alto assy dizendo,  
 Cum tom de voz começa grave e horrendo... <sup>1</sup>

Abre-se a sessão. Jupiter expõe o caso dos portuguezes ; Baccho ataca-os ; Venus acode em defeza ; Marte vem em seu auxilio ; ha um tumulto :

Qual Austro fero ou Boreas, na espessura  
 De silvestre arvoredo abastecida,  
 Rompendo os ramos vão da mata escura  
 Com impito e braveza desmedida ;  
 Brama toda montanha, o som murmura,  
 Rompen-se as folhas, ferve a serra erguida :  
 Tal andava o tumulto levantado  
 Entre os Deoses no Olimpo consagrado. <sup>2</sup>

*In segetem veluti quum flamma, dissera Virgilio ;* <sup>3</sup>  
 e como na *Eneida*, Jupiter

Adnuit, et totum nutu tremefecit Olympum.  
 Hic finis fandi : solio tum Jupiter aureo  
 Surgit ; coelicolae medium quem ad limina ducunt, <sup>4</sup>

<sup>1</sup> C. I, 20-23. — <sup>2</sup> 35. — <sup>3</sup> *Eneid.* II, 304. — <sup>4</sup> x, 113-7.

assim nos *Lusiadas* as cousas se passam da mesma maneira :

Como isto disse, o Padre poderoso,  
A cabeça inclinando, consentio  
No que disse Mavorte valeroso,  
E Nectar sobre todos esparzio.  
Pelo caminho Lacteo glorioso  
Logo cada hum dos Deoses se partio,  
Fazendo seus reaes acatamentos,  
Pera os determinados apousentos. <sup>1</sup>

Só falta o estremecimento do Olympo, que Camões reservou para Marte, quando começou a sua falla :

E dando hũa pancada penetrante  
Co conto do bastão no solio puro,  
O ceo tremeo e Apolo, de torvado,  
Hum pouco a luz perdeo, como iniado. <sup>2</sup>

No canto segundo, outro episodio completamente vasado nos moldes virgilianos, é a intervenção de Venus perante Jupiter, a favor do Gama, victima da traição do mouro de Moçambique, <sup>3</sup> onde apparece a deliciosa pintura de mulher a que já anteriormente nos referimos. <sup>4</sup> Tambem a Venus virgiliana correu em auxilio de Eneas; <sup>5</sup> e vae tambem, como a portugueza, lavada em lagrimas, *lacrymis oculos suffusa nitentes*. Mas a Venus da *Eneida* é casta, e a dos *Lusiadas* é porventura a criação mais sensual de toda a Renascença. Invertem-se os termos: o poeta moderno é mais pagão do que o antigo.

<sup>1</sup> C. I, 41. — <sup>2</sup> 37. — <sup>3</sup> C. II, 33-56. — <sup>4</sup> Pag. 38-9. —  
<sup>5</sup> *Eneid.* I, 228.

O beijo que Jupiter lhe dá, depois de lhe ouvir a prece, é na *Eneida* um beijo paternal: *osculabavit natae*; <sup>1</sup> nos *Lusiadas* é um beijo de amor:

E d'estas brandas mostras comovido,  
Que movêrão de um Tigre o peito duro,  
Co vulto alegre, qual do Ceo subido,  
Torna sereno e claro o ar escuro,  
As lagrimas lhe alimpa, e acendido  
Na face a beija, e abraça o colo puro;  
De modo que dali, se so se achára,  
Outro novo Cupido se gerára. <sup>2</sup>

Depois do beijo, duas palavras de consolação e deferimento:

Fermosa filha minha, não temais  
Perigo algum nos vossos Lusitanos,  
Nem que ninguem comigo possa mais  
Que esses chorosos olhos soberanos;  
Que eu vos prometo, filha, que vejais  
Esquecerem-se Gregos e Romanos  
Pelos illustres feitos que esta gente  
Ha de fazer nas partes do Oriente. <sup>3</sup>

E' uma traducção por vezes litteral:

Parce metu, Cytherea: manent immota tuorum  
Fata tibi: cernes urbem et promissa Lavini  
Mœnia, sublimemque feres ad sidera cœli  
Magnanimum Æneam, neque me sententia vertit. <sup>4</sup>

Depois da segurança, depois da prophécia dos destinos portuguezes, vem o cumprimento da promessa:

<sup>1</sup> *Eneid.* x, 256. — <sup>2</sup> C. II, 42. — <sup>3</sup> 44. — <sup>4</sup> *Eneid.* x, 257-60.

Como isto disse, manda o consagrado  
 Filho de Maia á terra, porque tenha  
 Hum pacifico porto e sossegado,  
 Pera onde sem receyo a frota venha ;  
 E, pera que em Mombaça aventurado  
 O forte Capitão se não detenha,  
 Lhe mãda mais que em sonhos lhe mostrasse  
 A terra, onde quieto repousasse. <sup>1</sup>

Exactamente como na *Eneida*, em que o mesmo  
 Mercurio, filho da Maia, é enviado á terra :

Haec ait : et Maia genitum demittit ab alto ; <sup>2</sup>

e quando a Eneas diz : *Eia! age, rumpe moras,*  
 é como quando repete ao Gama : « Fuge, fuge, Lu-  
 sitano ! » <sup>3</sup>

Aqui, e por toda a parte, as reminiscencias vir-  
 gilianas abundam. Nas prophcias de Jupiter a  
 Venus, ácerca do futuro dos portuguezes na India,  
 comparam-se-lhes os feitos aos de Antenor :

E se Antenor os seios penetrou  
 Iliricos e a fonte de Timavo, <sup>4</sup>

do mesmo modo que na *Eneida* :

Antenor potuit . . .  
 Illyricos penetrare sinus . . .  
 . . . Et fontem superare Timavi. <sup>5</sup>

Notemos ainda a allusão á batalha de Accio, <sup>6</sup>

<sup>1</sup> C. II, 56. — <sup>2</sup> *Eneid.* x, 297. — <sup>3</sup> C. II, 61. — <sup>4</sup> 45. —  
<sup>5</sup> *Eneid.* x, 242-4. — <sup>6</sup> C. II, 53.

nos proprios termos em que é descripta por Virgilio. <sup>1</sup>

Outro episodio patentemente imitado, é o do socorro que Venus e as Nereides prestam á nau de Vasco da Gama, desviando-a dos recifes em que a traição dos pilotos de Mombaça queriam lançal-a. <sup>2</sup> Convocado o seu batalhão de ondinas, Venus acode, e esse pequenino quadro de mythologia maritima tem um movimento encantador:

Ja na agoa erguendo vão, com grande pressa,  
Com as argenteas caudas branca escuma;  
Doto co peito corta e atravessa  
Com mais furor o Mar do que costuma;  
Salta Nise; Nerine se arremessa  
Por cima da agoa crespas em força suma;  
Abrem caminho as ondas encurvadas  
De temor das Nereidas apressadas.

Nos hombros de hum Tritão, com gesto aceso,  
Vay a linda Dione furiosa;  
Não sente quem a leva o doce peso,  
De soberbo com carga tam fermosa.  
Ja chegão perto donde o vento teso  
Enche as vellas da frota belicosa;  
Repartem-se e rodeão nesse instante  
As naos ligeiras, que hião por diante.

Poem-se a Deosa com outras em dereito  
Da proa capitaina, e ali, fechando  
O caminho da barra, estão de geito  
Que em vão assopra o vento, a vella inchado;

1 *Eneid.* VIII, 685-9. — 2 C. II, 17-21. Cf. *Eneid.* IX, 102-3:

... Nereia Doto  
Et Galatea secant spumantem pectora pentam.

Poem no madeiro duro o brando peito,  
 Pera detras a forte nao forçando ;  
 Outras em derredor levando-a estavão  
 E da barra inimiga a desviavão. <sup>1</sup>

O quadro acaba por uma comparação virgiliana :

Quaes para a cova as próvidas formigas, <sup>2</sup>

traducção de

... Veluti ingentem formicae foeris acervum  
 Quum populant. <sup>3</sup>

A invocação a Calliope, que abre o canto terceiro, é tão virgiliana como a abertura do canto primeiro :

Agora tu, Calliope, me ensina

Nunc age... Erato... <sup>4</sup>

e quando a *formosissima* Maria implora o pae, Affonso IV, n'essa prece incomparavel de sentimento grave que já citamos : <sup>5</sup>

Não de outra sorte a timida Maria  
 Fallando está que a triste Vennus, quando  
 A Jupiter, seu pay, favor pedia  
 Pera Eneas seu filho navegando. <sup>6</sup>

A' morte de D. Affonso Henriques, o fundador da nação portugueza, succede exactamente o mesmo que por occasião de morrer Eurydice :

<sup>1</sup> C. II, 20-22. — <sup>2</sup> 23. — <sup>3</sup> *Eneid.* IV, 402. — <sup>4</sup> VII, 37. —  
<sup>5</sup> Pag. 40-1. — <sup>6</sup> C. III, 106.



Os altos promontorios o chorarão,  
 E dos rios as agoas saudosas  
 Os semeados campos alargarão,  
 Com lagrimas correndo piadosas.  
 Mas tanto pelo mundo se alargarão  
 Com fama suas obras valerosas  
 Que sempre no seu Reino chamarão  
 «Affonso, Affonso» os eccos, mas em vão. <sup>1</sup>

... Flerunt Rhodopeiae arces  
 Altaque Pangaea, et Rhesi Mavortia tellus,  
 Atque Getae, atque Hebrus, et Actias Orithyia. <sup>2</sup>

A natureza inteira desfaz-se em lagrimas. O Gange, o Indo, e «toda a terra que pisaste» choraram tambem S. Thomé, o apostolo das Indias. <sup>3</sup>

No canto quarto, a conhecida exclamação do velho do Restello, <sup>4</sup> ao partir da armada de Vasco da Gama, é sem duvida inspirada por Horacio, na ode ao navio que levava Virgilio; <sup>5</sup> e no sonho magnifico de D. Manoel, <sup>6</sup> a que n'outro logar voltaremos, deparam-se estes versos:

... No tempo que a luz clara  
 Foge e as estrellas nitidas, que saem,  
 A repouso convidão, quando caem, <sup>7</sup>

que são a transcripção dos virgilianos:

... Et jam nox humida coelo  
 Precipitat, suadent que cadentia sidera somnos. <sup>8</sup>

A tempestade do canto sexto <sup>9</sup> é um d'aquelles episodios em que melhor se vê o character imitativo

<sup>1</sup> C. III, 84. — <sup>2</sup> *Georg.* IV, 481-3. — <sup>3</sup> C. X, 118. — <sup>4</sup> 94-101.  
 — <sup>5</sup> I, 3. — <sup>6</sup> C. IV, 67-75. — <sup>7</sup> 67. — <sup>8</sup> *Eneid.* II, 8. — <sup>9</sup> 70-79.

do pensamento da Renascença, que em Portugal ia até ao excesso de restaurar na propria lingua o dictionario latino. Camões, por exemplo, diz *exicio* por estrago <sup>1</sup> e *instructo* por instruido. <sup>2</sup> Mas este proposito imitativo (que dá a quasi parodia do triumpho em Goa) assenta n'uma convicção profunda da alma moral e n'uma vibração energica da imaginação commovida pelo espectáculo de novas cousas.

A tempestade dos *Lusiadas*, apesar de vasada nos moldes classicos, não é litteraria apenas: é vivida, é pintada por quem uma vez e muitas vezes assistiu ás batalhas do mar. O traço positivo e real domina: está-se a bordo de uma nau da India:

Mas neste passo, assi promptos estando,  
Eis o mestre, que olhando os ares anda,  
O apito toca: acordão despertando  
Os marinheiros dhũa e doutra banda.  
E, porque o vento vinha refrescando,  
Os traquetes das gaveas tomar manda;  
«Alerta, disse, estay, que o vento crece  
Daquella nuvem negra que aparece».

Não erão os traquetes bem tomados,  
Quando dá a grande e subita procella:  
«Amaina, disse o mestre a grandes brados;  
Amaina, disse, amaina a grande vella».  
Não esperão os ventos indinados  
Que amainassem; mas juntos, dando nella,  
Em pedaços a fazem, cum ruido  
Que o mundo pareceo ser destruydo.

O ceo fere com gritos nisto a gente  
Cum subito temor e desacordo;  
Que no romper da vela a Nao pendente  
Toma gram suma dagoa pello bordo.

<sup>1</sup> C. I, 16. — <sup>2</sup> C. II, 93.

«Alija, disse o mestre rijamente;  
 Alija tudo ao mar; não falte acordo.  
 Vão outros dar á bomba, não cessando;  
 A' bomba! que nos imos alagando».

Correm logo os soldados animosos  
 A dar á bomba; e, tanto que chegarão,  
 Os balanços que os mares temerosos  
 Derão á Nao num bordo os derribarão.  
 Tres marinheiros duros e forçosos  
 A menear o leme não bastarão:  
 Talhas lhe punhão dhũa e doutra parte,  
 Sã aproveitar dos homens força e arte.

Os ventos erão tais que não poderão  
 Mostrar mais força d'impeto cruel,  
 Se pera derribar então vierão  
 A fortissima torre de Babel.  
 Nos altissimos mares, que crecerão,  
 A pequena grandura dhum batel  
 Mostra a possante nao, que move espanto,  
 Vendo que se sostem nas ondas tanto.

A nao grande em que vay Paulo da Gama  
 Quebrado leva o mastro pello meyo,  
 Quasi toda alagada; a gente chama  
 Aquelle que a salvar o mundo veyo.  
 Não menos gritos vão ao ar derrama  
 Toda a Nao de Coelho, com receyo,  
 Com quanto teve o mestre tanto tento  
 Que primeiro amainou que desse o vento.

Agora sobre as nuvens os subião  
 As ondas de Neptuno furibundo;  
 Agora a ver parece que decião  
 As intimas entranhas do profundo; <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Hi summo in flucta pendent; his unda dehiscens  
 Terram inter fluctus aperit.

*Æneid.* I, 106-7.

Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião  
 Arruinar a machina do mundo;  
 A noite negra e feya se alumia  
 Cos rayos em que o Polo todo ardia.

As Alcioneas aves triste canto  
 Junto da costa brava levantarão,  
 Lembrando-se de seu passado pranto,  
 Que as furiosas agoas lhe causarão.  
 Os Delfins namorados entre tanto  
 La nas covas maritimas entrarão,  
 Fugindo á tempestade e ventos duros,  
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Nunca tam vivos rayos fabricou  
 Contra a fera soberba dos Gigantes  
 O gram ferreiro sordido que obrou  
 Do enteado as armas radiantes;  
 Nem tanto o gram Tonante arremessou  
 Relampados ao mundo fulminantes  
 No gram diluvio, donde sos vierão  
 Os dous que em gente as pedras converterão.

Quantos montes então que derribarão  
 As ondas que batião denodadas!  
 Quantas arvores velhas arrancarão  
 Do vento bravo as furias indinadas!  
 As forçosas raizes não cuidarão  
 Que nunca pera o ceo fossem viradas;  
 Nem as fundas arêas que podessem  
 Tanto os mares que encima as revolvessem.

Afastando-se de Virgilio, para seguir Homero, nos *Lusiadas* é Neptuno o *forte agitador da terra*, inimigo de Ulysses, quem ordena a Eolo que solte os ventos. Na *Encida*, Eolo exorbita para comprar a Juno, provocando o famoso *Quos ego!* neptunino. Mas se Juno, para induzir Eolo á insubordinação, lhe promete Deiopea, *forma pulcher-*

*rima* <sup>1</sup>, Camões, invertendo a situação, transfere o pensamento a Venus. A protectora dos portuguezes, certa de que a tempestade é um maleficio de Baccho, decide seduzir os Ventos, soltando-lhes o bata-lhão das suas nimphas :

Grinaldas manda pôr de varias cores  
Sobre cabellos louros á porfia.  
Quem não dirá que nace[m] roxas flores  
Sobre ouro natural, que amor infia?  
Abrandar determina por amores  
Dos ventos a nojosa companhia,  
Mostrando-lhe as anadas Nimphas bellas,  
Que mais fermosas vinhão que as estrellas. <sup>2</sup>

O amor é na Renascença omnipotente. O temporal amaina. O Gama socega: elle que soltára em portuguez as mesmas queixas de Eneas :

O' ditosos aquelles que puderão  
Entre as agudas lanças Affricanas  
Morrer, em quanto fortes sostiverão  
A sancta Fé nas terras Mauritanas:  
De quem feitos illustres se soberarão,  
De quem ficão memorias soberanas,  
De quem se ganha a vida com perdella,  
Doce fazendo a morte as honras della! <sup>3</sup>

... «O terque quaterque beati,  
Queis ante ora patrum, Trojae sub mœnibus altis,  
Contigit oppetere!» <sup>4</sup>

A Troia lusitana são as fortalezas de Africa, para onde, no fim do seculo XVI, prevendo-se o desmoro-namento do imperio oriental, se voltam as esperan-

<sup>1</sup> *Eneid.* I, 70-5. — <sup>2</sup> C. III, 87. — <sup>3</sup> 83. — <sup>4</sup> *Eneid.* I, 94-6.

ças nacionaes. No declinar das edades gloriosas, os povos preferem sempre pôr o seu ideal na negação do presente.

Outro episodio virgiliano é o dos cantos setimo e oitavo, quando Paulo da Gama explica ao catual de Calecut a historia portugueza pintada nos toldos das naus. <sup>1</sup> Na *Eneida*, o heroe, entrando no templo que Dido ergueu no bosque sagrado, pela primeira vez seguro de si e crente no futuro, emquanto espera pela rainha, vae admirando a fortuna de Carthago e a habilidade dos seus artistas, que ao longo dos muros deixaram pintados os combates de Illion na successão dos tempos: *illicas ex ordine pugnas*: <sup>2</sup>

Purpureos sam os toldos, e as bandeiras  
Do rico fio sam qué o bicho gera;  
Nellas estam pintadas as guerreiras  
Obras que o forte braço ja fizera:  
Batalhas tem campais aventureiras,  
Desafios crueis pintura fera,  
Que tanto que ao Gentio se apresenta,  
Atento nella os olhos apacenta. <sup>3</sup>

Essa historia portugueza, sobre a qual teremos de nos demorar mais tarde, enraiza-se na profundidade do tempo, e, á moda classica, os lusitanos vão procurar em fabulas os pergaminhos de aristocracia que só o tempo confere. A litteratura exprime n'isto, como em tudo, os instinctos primitivos. Tambem Virgilio entendia necessario filiar a historia de Roma na de Troya, que ia perder-se nos crepusculos da mythologia homerica.

<sup>1</sup> C. VII, 73-7; VIII, 4-43. — <sup>2</sup> *Eneid.* I, 450-6. — <sup>3</sup> C. VII, 74.

Em Portugal, essa preocupação era dominante no seculo xvi. João de Barros, contemporaneo, irmão em genio de Camões, e porventura seu mentor erudito, escrevia :

«Jobel, filho de Jafet e neto de Noé, depois do diluvio, veiu ter a Hespanha, a qual d'elle e de seus descendentes se povoou : estes se governam por Republicas e Comunidades. O primeiro homem, se quizermos dar fé ás fabulas antigas que n'ella, e em Portugal entrou com exercitos, foi Bacho ; depois os curetes, gente da Grecia, seguindo a Gargores seu Capitão, se fizeram senhores della, o qual Gargores foi excellente Principe, e ensinou aos povos de Hespanha muitas cousas necessarias para a vida, e proveito cõmum, por onde os successores deste pacificamente reinarão até o tempo d'ElRey Girião, em cujo tempo, vindo Hercules o venceo, e nella ordenou novo estado. Depois, segundo dizem, reinou Hispalo, de quem se nomeou Hespanha, mas da successão dos Reys que d'este vierão e de como se acabarão a fama é incerta...» <sup>1</sup>

Eis a historia : da mesma fórma que todas as invenções religiosas servem para aguentar a fé, tambem todas as tradições se fundem para determinar a origem dos povos : Noé, Baccho, Hercules, a Biblia e o Olympo, a Grecia, o Oriente e a Judea, presidem á historia da Hespanha. Camões não faz mais do que repetir :

Esta foy Lusitania, dirivada  
De Luso ou Lysa, que de Bacho antigo  
Filhos forão, parece, ou companheiros  
E nella antam os Incolas primeiros. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Barros, *Paneg.* (1791) p. 41-2. — <sup>2</sup> C. III, 21.

Ulisses he o que faz a sancta casa  
A' Deosa que lhe dá lingua facunda ;  
Que, se la na Asia Troia insigne abraza,  
Ca na Europa Lisboa ingente funda. <sup>1</sup>

Se, portanto, a origem dos povos se enraizava por tal fórma n'um berço de milagres, já sem exclusivo character sagrado, pois que todas as idéas religiosas apparecem confundidas, que admira o facto do poeta carecer de um maravilhoso mais ou menos extravagante para sublimar os actos heroicos do povo que se propõe cantar? O proprio da imaginação poetica é o symbolismo, característica commum das artes: e que symbolos inventaria Camões, senão essas imagens pagans que a erudição e o estado plastico da imaginação na Renascença evocavam simultaneamente? O Olympo virgiliano, ou camoneano, não é, portanto, uma simples fabula rhetorica: é uma mythologia positiva. A imaginação carecia de symbolos que lhe representassem a vida expansão naturalista do tempo; e sem força bastante para os extrahir de si, ia pedil-os de emprestimo ás creações poeticas do passado.

A Edade-média, n'um sentido renegada, não podia prestar á imaginação esses symbolos. O naturalismo meridional nunca assimilára a mythologia germanica, que tambem com a Reforma fazia erupção para além Rheno: para aquem irrompia o substracto de mythologia classica mal comprimido pelo mysticismo christão. D'esta fórma, a Renascença, despedaçando a theologia medieval, ao mesmo tempo que construia a nova Igreja, reformada divergentemente em Augsburg e em Trento, res-

<sup>1</sup> C. VIII, 5.



taurava para a imaginação a mythologia odinica e a apollinea. Mallogradas as tentativas de unificação theocratica e imperial da Europa, concluidas as luctas homericas dos Papas e Imperadores, a Europa apparecia dividida pelo Rheno nos seus dous temperamentos constitucionaes.

Esta expansão da força natural dos povos e dos homens, que sobretudo caracteriza a Renascença, vê-se ainda mais nas memorias biographicas do que nas obras litterarias. No concilio olympico dos *Lusiadas*, o que resolve Jupiter a proteger os novos argonautas a caminho da India, é a commiseração:

Nas agoas tem passado o duro Inverno ;  
A gente vem perdida e trabalhada ;  
Ja parece bem feito que lhe seja  
Mostrada a nóva terra que deseja. <sup>1</sup>

A verdade biographica é muito mais heroica. Os argonautas da Renascença avançam crentes na propria força, com a illuminação de uma fé ardente. O Gama procede com a energia tacita de um lusitano ; Colombo solta o vôo mystico d'essa imaginação que illuminára Dante, quando escreve no seu *Diario*: «Ya digo que para la esecucion de la empreza de las Indias nó me aproveché rason, ni matematica, ni mapamundos : llenamente se cumplio lo que dijo Isaias». E affirma essa religião da sciencia, que faz da Renascença a verdadeira aurora dos dias modernos, quando, ao observar o desvio da bussola, não o percebendo ainda, attribua a falta á estrella polar, porque «las agujas piden siempre la verdad».

A confiança antiga na força dos homens, com-

<sup>1</sup> C. I, 28.

posta de saber e intelligencia alliados á vontade: eis o que dá um character novo á fé, que a Edade-média alliava ao pessimismo e á penitencia. A Renascença e um *sursum corda*. A humanidade canta um hymno. O mundo é bello, a vida é optima! E a sanção da vida, o premio do heroismo, o laço que aperta o mundo ao homem, já não é a esperança phantastica do céo, mas sim o gôso positivo do amor.

Para captar Eneas, Venus, apaixonada, soccorria-se a Cupido:

Nate, meae vires, mea magna potentia solus,  
Nate, patris summi qui tela Typhoea tenuis,  
Ad te confugio, et supplex tua numina posco. <sup>1</sup>

Para premiar os navegadores portuguezes, Venus tambem anciosa

Nos braços tendo o filho, confiada,  
Lhe diz: «amado filho, em cuja mão  
Toda minha potencia está fundada,  
Filho em quem minhas forças sempre estão,  
Tu, que as armas Tifeas tens em nada,  
A socorrer-me a tua potestade  
Me traz especial necessidade». <sup>2</sup>

Camões traduz.

Esse premio são os paraísos da ilha dos Amores,  
que lembra uma kermesse de Rubéns:

O' que famintos beijos na floresta!  
E que mimoso choro, que soava!  
Que afagos tam suaves! que yra honesta,  
Que em risinhos alegres se tornava!

<sup>1</sup> *Eneid.* I, 664 6. — <sup>2</sup> C. IX, 37.

O que mais passam na menhã e na sesta,  
Que Venus com prazeres inflamava,  
Milhor é esprimentalo que julgalo ;  
Mas julgue-o quem nam pode esprimentalo. <sup>1</sup>

O premio é o gôso da vida, o prazer da carne rosada e quente, a embriaguez do vinho, a seducção da côr, a attracção da femea que, para o portuguez sensual e amavioso ao mesmo tempo, sempre teve uma influencia grave, e nas suas empresas coloniaes um papel eminente. Da sua ternura e da sua virilidade proveio a penetração nas raças indigenas e o cruzamento com ellas. E se essa qualidade foi um instrumento de acção colonisadora, de resto comprovada em instituições como as de Albuquerque para os *casados* de Goa, foi tambem a causa da degenerescencia abastardada das familias, apenas lusas de nome, que os viajantes encontram agora em Ceylão, em Malaca e por todo o Oriente.

## II

Supponhamos que hoje, no ambiente moral e scientifico dos nossos dias, se descobria o meio de propulsão bastante energico para levar um homem fóra da esphera de attracção da Terra ; e que esse homem viajava até Marte, Juno ou Pallas, ou até á Lua, e de volta de qualquer d'esses planetas, nos trazia um peculio de informações e noticias, tão graves, que revolucionassem todas as idéas quanto

<sup>1</sup> C. IX, 83.

ao nosso passado, todos os planos ácerca do futuro das nossas sociedades e todas as noções relativas ao modo de ser physico da existencia do nosso planeta. Que subitas revoluções produziria um facto d'esses no pensamento!

Pois esta supposição é a verdade da Renascença. Os homens visitaram um planeta novo para elles: a propria Terra onde existiam. Aprenderam o passado, sómente lembrado em reminiscencias vagas, desde que o movimento das Cruzadas os começou a familiarisar com as partes orientaes do Mediterraneo. Descobriram paizes, mares *nunca d'antes navegados*, novas terras, novas gentes, novos ares, um outro céu planetario. E emquanto succediam estas cousas inverosimeis, Galileu affirmava: *E pur si muove!* E todavia move-se, todavia gira, todavia corre com incalculavel velocidade nos ares, essa Terra que se julgava fixa, ancorada no espaço, e em cujo torno sol e estrellas, como pharoes, rodavam para a illuminar.

A commoção foi tão forte, que revolucionou a um tempo a economia e o pensamento. As sociedades que caminhavam evolutivamente, fazendo progredir uma constituição duas vezes solidaria, no systema de protecção aristocratico e no systema de cooperação communal, viram-se outra vez precipitadas n'uma convulsão semelhante á dos tempos barbaros, isto é, n'uma anarchia em que o commercio e a especulação substituiam a guerra, e os novos fidalgos do ultramar os antigos barões feudaes. Vem d'ahi, como consequencia dos elementos sociaes novos, a formação exotica do capitalismo, correspondente á victoria das idéas imperiaes na politica. Por outro lado, o abalo das consciencias e a propria influencia das revoluções sociaes, determinou o

regresso á vida segundo os temperamentos ethnicos, abolindo a forte disciplina theologica da Edade-média. O norte da Europa, ainda sem colonias ultramarinas e proseguindo a sua existencia feudal-comunal, abraçou-se ao mysticismo do seu genio com o Protestantismo; emquanto o Meio-dia, glorioso pela conquista dos mares e dos mundos novos, acclamava o Imperio na republica e na igreja.

Dizer-se, com effeito, ao mundo que o systema ptolomaico e a cosmogonia biblica eram um erro, que o sol era fixo, mobil a terra que firme pisamos com os pés! E confirmar esta verdade com as descobertas de cada dia! Dizer-se que os antipodas não eram fabula; que havia homens vivendo erectos em posição diametralmente invertida! E quando o choque produzido pela demonstração de uma heresia não socegára ainda, abalar de novo a consciencia com uma nova descoberta, um outro paradoxo, mais uma impiedade! Que estado responderia a estas successivas impressões senão um pasmo estonteado? E' o de Camões:

Se os antigos Philosophos, que andárão  
Tantas terras, por ver segredos dellas,  
As maravilhas que eu passei passárão,  
A tão diversos ventos dando as vellas,  
Que grandes escripturas que deixárão!  
Que influção de sinos e de estrellas!  
Que estranhezas! que grandes qualidades!  
E tudo sem mentir, puras verdades. <sup>1</sup>

Perante factos tão extraordinarios não bastam os recursos da poesia: é necessaria a palavra de um homem. Por isso Camões assegura que não

<sup>1</sup> C. v, 23.

mente: pelo contrario, diz a verdade, só a verdade; e esse character de realismo que distingue os *Lusiadas* é mais um signal com que retrata o tempo, pois o amor scientifico da verdade, iniciação do pensamento moderno, foi um dos traços eminentes da Renascença.

E o traço eminentemente portuguez é que as verdades da natureza, que ferem a imaginação do poeta, são os phenomenos maritimos. Viviamos no mar, do mar e para o mar, embarcados na *Náo de Amores* de Gil Vicente:

A' los remos, remadores  
Esta és la nave de amores!

e Camões hesita em contar as cousas do mar, pois nem que tivesse de ferro a voz poderia traduzir o que viu:

Contar-te longamente as perigosas  
Cousas do mar que os homens não entendem,  
Subitas trovoadas, temerosas,  
Relampados, que o ar em fogo acendem,  
Negros chuveiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,  
Não menos he trabalho que grande erro,  
Ainda que tivesse a voz de ferro. <sup>1</sup>

Tal é o «mar tenebroso», como lhe chamavam os geographos arabes, quando, encarando-o da costa marroquina, ou de algum promontorio das Fortunatas, o viam desenrolar-se n'um infinito campo de ondas, sahará negro que se perdia nos confins do horisonte.

<sup>1</sup> C. v, 16.

A impressão do hemispherio planetario austral  
está consignada n'estas estrophes :

Ja descuberto tinhamos diante  
La no novo Hemisperio nova estrella,  
Não vista de outra gente, que ignorante  
Algũs tempos esteve incerta della.  
Vimos a parte menos rutilante  
E por falta destrellas menos bella  
Do Polo fixo, onde inda se não sabe  
Que outra terra comece ou mar acabe.

Assi passando aquellas regiões  
Por onde duas vezes passa Apolo,  
Dous invernos fazendo e dous verões,  
Em quanto corre dhum ao outro Polo,  
Por calmas, por tormentas e oppressões  
Que sempre faz no mar o yrado Eolo,  
Vimos as Ursas, apesar de Juno,  
Banharem-se nas agoas de Neptuno. <sup>1</sup>

E logo o épico do espirito moderno, que celebra  
«o saber de experiencias feito», protesta contra as  
abstracções do engenho especulativo, defendendo a  
verdade da observação:

Os casos vi que os rudos marinheiros,  
Que tem por mestra a longa experiencia,  
Contão por certos, sempre e verdadeiros,  
Julgando as cousas so polla apparencia,  
E que os que tem juizos mais inteiros,  
Que so por puro engenho e por ciencia  
Vêm do mundo os segredos escondidos,  
Julgão por falsos ou mal entendidos. <sup>2</sup>

Elle viu tambem, com os seus olhos de «rudo»

<sup>1</sup> C. v, 14-15. — <sup>2</sup> 17.

marinheiro» os mysterios do mar. Viu-o *tremar de medo*; e com a eminente faculdade latina de transfigurar a paisagem, animando-a, Camões faz de um phenomeno já observado por outros (nomeadamente no golpho de Cambaya, durante a volta de Vasco da Gama na terceira viagem) em occasião de calma, a expressão d'esse Terror portuguez, que é de facto, para os *Lusiadas*, como a Moira no theatro d'Eschylo:

Vereis este que agora, presuroso,  
 Por tantos medos o Indo vay buscando,  
 Tremar d'elle Neptuno de medroso,  
 Sem vento suas agoas encrespando:  
 O' caso nunca visto e milagroso  
 Que trema e ferva o Mar, em calma estãdo!  
 O' gente forte e de altos pensamentos,  
 Que tambem della hão medo os Elementos! <sup>1</sup>

Viu igualmente o Sant'elmo:

Vi claramente visto o lume vivo  
 Que a maritima gente tem por santo,  
 Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
 De tempestade escura e triste pranto. <sup>2</sup>

O Sant'elmo venerava-se em Xabregas, onde annualmente iam as mulheres em romaria com capellas de flôres conquistar as boas graças do beato bispo de Napoles, martyrisado por Diocleciano. E' o mesmo que no Mediterraneo se chama S. Pedro Gonçalves, bispo da Sicilia e patrono da ilha; e no

<sup>1</sup> C. II, 47. Cf. Barros III, 9, 4; e Castanheda VI, 7. 6 de setembro de 1524. — <sup>2</sup> C. V, 18.



mar do Norte se denomina Luz de S. Nicoláo, ou de Sant'Anna, ou Corpusant, ou Compasant, corrupções do hespanhol Cuerpo santo.

E logo depois do «lume vivo» ergue-se no mar a «nuvem negra» de Homero, a «columna» de Plinio, a «prester» de Lucrecio, a «pythonas» de Lucano <sup>1</sup>, que todos estes nomes teve n'outras éras a *manga* ou *tromba* de agoa, como se diz em portuguez:

Eu o vi certamente (e não presumo  
Que a vista me enganava) levantar-se  
No ar hum vaporzinho e sutil fumo  
E, do vento trazido, rodear-se;  
De aqui levado hum cano ao Polo sumo  
Se via, tão delgado que enxergar-se  
Dos olhos facilmente não podia;  
Da materia das nuvês parecia.

Hia-se pouco e pouco acrescentando,  
E mais que hum largo masto se engrossava:  
Aqui se estreita; aqui se alarga, quando  
Os golpes grandes de agoa em si chupava;  
Estava-se co as ondas ondeando;  
Encima delle hũa nuvem se espessava,  
Fazendo-se mayor, mais carregada  
Co cargo grande dagoa em si tomada.

Qual roxa Sanguesuga se veria  
Nos beiços da alimaria (que, imprudente,  
Bebendo a recolho na fonte fria)  
Fartar co sangue alheyo a sede ardente:  
Chupando mais e mais se engrossa e cria;  
Ali se enche e se alarga grandemente:  
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta  
A si e a nuvem negra, que sustenta.

<sup>1</sup> *Ill.* IV, 275-7; *De rer. nat.* VI, 424; *Phars.* VII, 176.

Mas, depois, que de todo se fartou,  
 O pé que tem no mar a si recolhe,  
 E pello ceo chövendo em fim voou;  
 Porque co a agoa a jacente agoa molhe:  
 A's ondas torna as ondas que tomou,  
 Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.  
 Vejão agora os sabios na escriptura  
 Que segredos sam estes de Natura! <sup>1</sup>

Taes são os phenomenos, os segredos, os mysterios, do «immenso lago do salgado Oceano» <sup>2</sup> que os argonautas vão sulcando religiosamente, cheios de espanto, «esculdrinhando», como diz D. João de Castro, as terras longinquoas, guardadas em recessos mysteriosos por esse cerbero tenebroso cujas fauces, quando se abrem, engolem naus. Que haverá para além? da direita, da esquerda?

Assi fomos abrindo aquelles mares,  
 Que geração algũa não abrio,  
 As novas Ilhas vendo e os novos ares,  
 Que o generoso Enrique descobrio:  
 De Mauritania os montes e lugares,  
 Terra que Anteo num tempo possuoy,  
 Deyxando á mão esquerda, que á direita  
 Não ha certeza doutra, mas sospeita. <sup>3</sup>

Os audazes mareantes seguem, impellidos pela semente da curiosidade celtica:

Ja descuberto tinhamos diante  
 La no novo Hemisperio nova estrella,  
 Não vista de outra gente, que ignorante  
 Algũs tempos esteve incerta della.

<sup>1</sup> C. v, 19-22. — <sup>2</sup> 9 — <sup>3</sup> 4.

Vimos a parte menos rutilante  
E por falta destrellas menos bella  
Do Polo fixo, onde inda se não sabe  
Que outra terra comece ou mar acabe. <sup>1</sup>

«Inda se não sabe», diz o poeta: saber-se-ha, portanto. Esta confiança absoluta é a chave do enigma da força heroica dos portuguezes da Renascença, que se revela psychologicamente na faculdade creadora da sua imaginação. A vida activa impelle-os, a imaginação palpita-lhes, animando o mundo em que se movem e que todo elle se personalisa. Os montes, os mares, as arvores e os céos, vivem com elles: desfazem-se em lagrimas quando Affonso Henriques morre, como quando morreu Eurydice.

As ondas que os nautas sulcam, no seu movimento carinhoso ou terrivel, são as nymphas enviadas por Venus, ou os tritões que Neptuno, enganado por Baccho, manda a exterminar a frota portugueza. E as creações da phantasia teem sempre nos *Lusiadas* o cunho de realismo, e um toque de verdade que ás vezes roça pelo grotesco: haja vista a pintura do Tritão, que se diria pronunciar já essa perversão do estylo da Renascença, quando no seculo xvii se transformou em *rocaille*, tomando por motivo ornamental as proprias «conchas retorcidas»:

Os cabellos da barba e os que decem  
Da cabeça nos ombros todos erão  
Hũs limos prenhes dagoa, e bem parecem  
Que nunca brando pentem conhecerão;

<sup>1</sup> C. v, 14.

Nas pontas pendurados não falecem  
Os negros Misilhões, que ali se gerão;  
Na cabeça por gorra tinha posta  
Hãa muy grande casca de Lagosta.

O corpo nú e os membros genitais,  
Por não ter ao nadar impedimento;  
Mas porem de pequenos animais  
Do mar todos cubertos, cento e cento:  
Camarões e Cangrejos e outros mais  
Que recebem de Phebe crescimento;  
Ostras e misilhões do musgo çujos  
A's costas co a casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida,  
Que trazia, com força ja tocava  
A voz grande canora foi ouvida  
Por todo o mar, que longe retumbava. <sup>1</sup>

Toda a cohorte dos genios marinhos se levanta;  
o mar vive; as ondas e a espuma e o vento que passa,  
na paisagem inteira transfigurada, são vontades,  
ou almas, evocadas pela imaginação naturalista,  
revestindo as suas fórmulas classicas:

Vinha o padre Oceano acompanhado  
Das filhas e dos filhos que gerara;  
Vem Nereo, que com Doris foy casado,  
Que todo o mar de Nimphas povoara;  
O Propheta Proteo, deixando o gado  
Maritimo pacer pella agoa amara,  
Ali veyo tambem; mas ja sabia  
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha por outra parte a linda esposa  
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,  
Grave e leda no gesto, e tão fermosa  
Que se amansava o mar de maravilha:

<sup>1</sup> C. VI, 11-19.

Vestida hũa camisa preciosa  
 Trazia de delgada beatilha,  
 Que o corpo cristalino dexa ver-se  
 Que tanto bem não he pera esconder-se.

Anfritrite, fermosa como as flores,  
 Neste caso não quis que falecesse :  
 O Delfim tras consigo, que aos amores  
 Do Rey lhe aconselhou que obedecesse.  
 Cos olhos, que de tudo sam senhores,  
 Qualquer parecerá que o Sol vencesse :  
 Ambas vem pella mão, ygoal partido,  
 Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella, que das furias de Atámante  
 Fugindo, veyo a ter divino estado  
 Consigo traz o filho, bello Infante,  
 No numero de Deoses relatado :  
 Pella praya brincando vem diante  
 Com as lindas conchinhas, que o salgado  
 Mar sempre cria, e ás vezes pella area  
 No colo o toma a bella Panopea.

E o Deos que foy num tempo corpo humano  
 E por virtude da erva poderosa  
 Foy convertido em peixe, e deste dano  
 Lhe resultou deidade gloriosa,  
 Inda vinha chorando o feio engano  
 Que Circes tinha usado co a fermosa  
 Scylla, que elle ama, desta sendo amado,  
 Que a mais obriga amor mal empregado. <sup>1</sup>

São assim as paisagens dos pintores da Renascença: uma confusão indecisa de phantasia e realidade, em que, dando a mão ao passado classico, a arte prenuncia a intuição nova do mysterio da existencia, directa ou realista, dispensando a intervenção de mythos. E' o que provoca em nós a

<sup>1</sup> C. VI, 20-21.

musica de um Beethoven, a paisagem de um Corot, ou a poesia de um Goethe.

A imaginação da Renascença carecia, porém, de imagens vivas, animadas. Reduzindo toda a natureza ao typo humano, era mister que o Universo se humanisasse; e d'essa humanisação vem a imagem de Adamastor, que está para a poesia, como para a estatuaría o Moysés de Miguel-Angele. Adamastor, o Heracles visto pelos novos phenicios n'estes outros confins do mundo—mas Heracles vencido pelo Gama quando dobrou o extremo da Africa—surge como o Fatum antigo com a voz carregada de ameaças e prophcias tremendas <sup>1</sup>. Domina o poema inteiro e lança sobre a esplendida paisagem dos seus versos a sombra de uma sphinge, indecifrável e preñhe de tristezas, como de facto é a vida e toda a acção humana. O verso tem uma amplitude magnífica :

Porém ja cinco Soes erão passados  
 Que dali nos partiramos, cortando  
 Os mares nunca doutrem navegados,  
 Prosperamente os ventos assoprando,  
 Quando hũa noite, estando descuidados  
 Na cortadora proa vigiando,  
 Hũa nuvem, que os ares escurece,  
 Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha e carregada  
 Que pos nos corações hum grande medo:  
 Bramindo o negro mar de longe brada  
 Como se desse em vão nalgum rochedo.  
 «O' potestade, disse, sublimada!  
 Que ameaço divino ou que segredo  
 Este clima e este mar nos apresenta,  
 Que mór cousa parece que tormenta?»

<sup>1</sup> C. v, 37 60.

Não acabava, quando hũa figura  
 Se nos mostra no ar robusta e valida,  
 De disforme e grandissima estatura,  
 O rosto carregado, a barba esqualida,  
 Os olhos encovados, e a postura  
 Medonha e má, e a cor terrena e palida,  
 Cheos de terra e crespos os cabellos,  
 A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros que bem posso  
 Certificar-te que este era o segundo  
 De Rodes estranhissimo Colosso,  
 Que hum dos sete milagres foy do mundo.  
 Cum tom de voz nos falla horrendo e grosso,  
 Que pareceo sair do mar profundo:  
 Arrepião-se as carnes e o cabelo  
 A mi e a todos, so de ouvillo e vello. <sup>1</sup>

Nem é Satan, nem é o sarcasmo e a ironia que  
 brincam nos labios da Joconda, dizendo-nos ama-  
 velmente as palavras dolentes do Ecclesiastes, de-  
 monstração da vaidade de todas as cousas: é a falla  
 clara e grave do portuguez, desvendando sem co-  
 lera, mas com firmeza triste, o destino irremissivel:

E disse: «O' gente ousada mais que quantas  
 No mundo cometerão grandes cousas;  
 Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,  
 E por trabalhos vãos nunca repousas;  
 Pois os vedados terminos quebrantas,  
 E navegar meus longos mares ousas,  
 Que eu tão tempo ha ja que guardo e tenho,  
 Nunca arados destranho ou proprio lenho;

Pois vens ver os segredos escondidos  
 Da natureza e do humido elemento,  
 A nenhum grande humano concedidos  
 De nobre ou de immortal merecimento.

<sup>1</sup> C. v, 37-40.

Ouve os danos de mi, que apercebidos  
Estão a teu sobejo atrevimento,  
Por todo o largo mar e polla terra,  
Que inda has de sojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem,  
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,  
Inimiga terão esta paragem  
Com ventos e tormentas desmedidas;  
E da primeira armada que passagem  
Fizer por estas ondas insufridas  
Eu farey dimproviso tal castigo  
Que seja mór o dano que o perigo.

Aqui espero tomar, se não me engano,  
De quem me deacobrio suma viangaça;  
E não se acabará so nisto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes em vossas naos vereys cada anno,  
Se he verdade o que meu juyzo alcança,  
Naufragios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte. <sup>1</sup>

O Adamastor, um «dos filhos asperrimos da Terra», namorado da esposa de Peleo, metamorphoseia-se, segundo as regras de Ovidio, no cabo da Boa-Esperança.

«Eu sou aquelle occulto e grande Cabo  
A quem chamais vós outros Tormentorio; <sup>2</sup>

Converte-se-me a carne em terra dura,  
Em penedos os ossos se fizerão,  
Estes membros, que ves, e esta figura  
Por estas longas agoas se estenderão;  
Em fim minha grandissima estatura  
Neste remoto cabo converterão  
Os Deoses; e por mais dobradas magoas  
Me anda Thetis cercando destas agoas.» <sup>3</sup>

<sup>1</sup> C. v, 41-44 — <sup>2</sup> 50. — <sup>3</sup> 59.



A fabula é triste; nem se comprehende que ao genio lusitano de Camões surgisse n'este momento de intuição epica uma visão de ironia ou de sarcasmo. Não é Milton; nem Cervantes, nem Rabelais: é o epico da tristeza ingenita nacional; e por isso a imagem desfaz-se «cum medonho choro», choro tão afflicto e vasto como os rios de lagrimas derramadas pela nação inteira ao ouvir as historias tragicas dos naufragios, que o poeta põe na bocca de Adamastor:

E do primeiro Illustre que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os Ceos,  
Serey eterna e nova sepoltura  
Por juizos incognitos de Deus.  
Aqui porá da Turca armada dura  
Os soberbos e prosperos tropheos:  
Comigo de seus danos o ameaça  
A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama,  
Liberal, cavaleiro, enamorado,  
E consigo trará a fermosa dama  
Que Amor por gram mercê lhe terá dado.  
Triste ventura e negro fado os chama  
Neste terreno meu, que duro e yrado  
Os deixará dhum crú naufragio vivos  
Pera verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos charos,  
Em tanto amor gerados e nacidos;  
Verão os Cafres asperos e avaros  
Tirar á linda dama seus vestidos;  
Os cristalinos membros e perclaros  
A' calma, ao frio, ao ar verão despidos,  
Depois de ter pisada longamente  
Cos delicados pés a area ardente.

E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dous amantes miseros ficarem  
Na fervida e implacabil espessura.

Ali depois, que as pedras abrandarem  
 Com lagrimas de dôr, de magoa pura,  
 Abraçados as almas soltarão  
 Da fermosa e miserrima prisão. <sup>1</sup>

Essas lagrimas ardentes foram tantas que formaram o mar onde se afogou a nossa força, lançando sobre o tumulto do heroismo portuguez um sudario de ondas ceruleas. Nos confins do *mar tenebroso*, onde o nosso destino nos arrastára, encontramos a vigia funebre do Adamastor, chorando, e lançamos-lhe sobre o seio de praias adustas um collar de que eram perolas os arcabouços das naus varadas pelo naufragio, e diamantes os esqueletos dos navegadores, reflectindo nos ossos polidos a luz devorante do sol.

\*

De duas fontes parallelas brotaram, nos periodos plasticos da imaginação primitiva, as primeiras imagens de deuses: uns nasceram do mundo, outros do pensamento nebuloso; uns vieram do espectáculo da natureza, outros da reminiscencia do espirito; uns da vista animando os elementos, outros do sonho dando realidade a phantasmas. Camões foi buscar a ambas as fontes o seu maravilhoso. Se o Adamastor surgia do mar, na escuridão do somno appareciam a D. Manoel o Indo e o Ganges a prometter-lhe o Imperio:

Estando ja deitado no aureo leito,  
 Onde ymaginações mais certas sam,  
 Revolvendo contino no conceito  
 De seu officio e sangue a obrigação,

<sup>1</sup> C. v, 45-48.

Os olhos lhe occupou o sonno acceito,  
Sem lhe desoccupar o coração ;  
Porque, tanto que lasso se adormece,  
Morfeo em varias formas lhe aparece.

Aqui se lhe apresenta, que subia  
Tão alto que tocava á prima Esphera,  
Donde diante varios mundos via,  
Nações de muita gente estranha e fera ;  
E lá bem junto donde nace o dia,  
Despois que os olhos longos estendera,  
Vio de antiquos, longinquos e altos montes  
Nacerem duas claras e altas fontes.

Aves agrestes, feras e alimarias  
Pello monte selvatico habitavão ;  
Mil arvores sylvestres e ervas varias  
O passo e o trato ás gentes atalhavão ;  
Estas duras montanhas, adversarias  
De mais conversação, por si mostravão  
Que, desque Adão peccou aos nossos annos,  
Não as romperão nunca pés humanos.

Das agoas se lhe antolha que saião,  
Par'elle os largos passos inclinando,  
Dous homens, que muy velhos parecião,  
De aspeito, inda que agreste, venerando ;  
Das pontas dos cabellos lhe saião  
Gotas, que o corpo todo vão banhando ;  
A cor da pelle baça e denegrida,  
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

Dambos de dous a fronte coroada  
Ramos não conhecidos e ervas tinha ;  
Hum delles a presença traz cansada,  
Como quem de mais longe ali caminha ;  
E assi a agoa, com impito alterada,  
Parecia que doutra parte vinha :  
Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa  
Vay buscar os abraços de Aretusa.

Este, que era o mais grave na pessoa,  
 Dest'arte pera o Rey de longe brada :  
 «O' tu, a cujos reinos e coroa  
 Grande parte do mundo está guardada,  
 Nós outros, cuja fama tanto voa,  
 Cuja cerviz bem nunca foy domada,  
 Te avisamos que he tempo que ja mandes  
 A receber de nós tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
 Celeste tenho o berço verdadeiro ;  
 Est'outro he o Indo, Rey, que nesta serra,  
 Que vês, seu nacimiento tem primeiro.  
 Custar-t'emos com tudo dura guerra,  
 Mas, insistindo tu, por derradeiro  
 Com não vistas victorias sem receyo,  
 A quantas gentes vês poras o freyo.» <sup>1</sup>

Já vimos o mar dos *Lusiadas*; vejamos pois agora a terra que surgiu d'entre as ondas do Oceano, e d'entre as nevoas do sonho do monarcha. Os *Lusiadas* são a epopeia da cosmographia. O Universo, porém, é ainda para Camões a phantasia de Lucrecio, de Virgilio, de Lucano, do Dante, do Ariosto e de Spenser, de todos os pre-koper-nianos que seguiam a doutrina ptolomaica das espheras concentricas :

Este orbe que primeiro vay cercando  
 Os outros mais pequenos, que em si tem,  
 Que está com luz tão clara radiando  
 Que a vista cega e a mente vil tambem,  
 Empireo se nomea, onde logrando  
 Puras almas estão de aquelle bem  
 Tamanho que elle so se entende e alcança,  
 De quem não ha no mundo semelhança. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> C. IV, 68-74. — <sup>2</sup> C. X, 81.

Essas espheras <sup>1</sup> são sete: os sete céos da tradição que o poeta dá como imperio aos olympicos:

Deixão dos sete Ceos o regimento  
Que do poder mais alto lhe foi dado;  
Alto poder, que so co pensamento  
Governa o Ceo, a Terra e o Mar yrado.  
Ali se achárão juntos num momento  
Os que habitão o Arcturo congelado  
E os que o Austro tem e as partes onde  
A Aurora nasce e o claro sol se esconde. <sup>2</sup>

Mas se a cosmographia é phantastica, a geographia pelo contrario é, por via de regra, verdadeira. Camões, admittindo os nove climas e as cinco zonas de Parmenides, vem affirmar que á tropical se não deve chamar mais *non habitabilis aestu*.

Quasi completamente dentro d'essa zona está a India, com os dous rios que appareceram em sonhos a D. Manoel envolvidos nas lendas da superstição medieval. Conforme a geographia ptolomai-ca, ambos nascem do monte Imaus, o Himalaya:

E la bem junto donde nace o dia,  
Depois que os olhos longos estendera,  
Vio de antigos, longinquos e altos montes  
Nacerem duas claras e altas fontes. <sup>3</sup>

E essas cordilheiras, que são o paraíso terreal biblico,

... por si mostravão  
Que, desde Adão peccou, aos nossos annos  
Não as romperam nunca pés humanos. <sup>4</sup>

Tambem os hindus fazem derivar o Ganges de

<sup>1</sup> C. IV, 69. — <sup>2</sup> C. I, 21. — <sup>3</sup> C. IV, 69. — <sup>4</sup> 70.

Kailasha, o paraíso de Shiva, em cujo topo nasce. Também Camões conhece as virtudes do rio-mãe: o Ganges é santo; e a sua água sagrada «o licor do sancto rio» <sup>1</sup> á maneira do Lethes dando o esquecimento, dá a absolvição aos peccadores e chama os homens ao suicídio:

Ganges, no qual os seus habitadores  
Morrem banhados, tendo por certeza  
Que, inda que sejam grandes peccadores,  
Esta água sancta os lava e dá pureza. <sup>2</sup>

Os dous rios, filhos do «Emodio cavernoso», <sup>3</sup>  
cujas relações com o Caucaso se apontam,

... cortando  
Tam larga terra, toda Asia discorre,  
Que nomes tam diversos vai tomando,  
Segundo as regiões por onde corre: <sup>4</sup>

os dous filhos do Himalaya, que effectivamente se póde dizer prolongado até ao Mediterraneo com os massiços do Caucaso e da Armenia, transpostos os planaltos do Iran: esses dous rios presidem ao Chersoneso <sup>5</sup> ou peninsula do Indostão:

<sup>1</sup> C. I, 8. — <sup>2</sup> C. X, 121. — <sup>3</sup> C. VII, 17. Emodio, *Hemodus*, é a fôrma grega de Haimavata, sanskrito, contraída em Hêmotá; assim como *Imaus* é o equivalente de Himálaya, contraído em Himavat. A primeira fôrma, mais energica, significa «o berço das neves», e a segunda «o nevoso». Esta ultima fôrma seria mais commun na zona oriental da cordilheira; a outra na zona occidental, e por isso mais familiar aos gregos. Cf. Kiepert, *Handb.* — <sup>4</sup> C. VII, 18. — <sup>5</sup> *Ibid.*

Alem do Indo jaz e áquem do Gange  
 Hum terreno muy grande e assaz famoso,  
 Que pela parte Austral o mar abrange  
 E pera o norte o Emodio cavernoso;  
 Jugo de Reis diversos o constringe  
 A varias leis : algũs o vicioso  
 Mahoma, algũs os Idolos adorão,  
 Algũs os animais que entre elles morão. <sup>1</sup>

A India, onde Camões com toda a precisão encontra varias leis e reis diversos, gentios e mahometanos, porque no seu tempo já tinha quatro ou cinco seculos a conquista dos turcos e afghans, representa-se-lhe propriamente como uma pyramide :

Entre hum e o outro rio, em grande espaço,  
 Say da larga terra hũa longa ponta,  
 Quasi piramidal, que no regaço  
 Do mar com Ceilão insula confronta. <sup>2</sup>

Tem por base o Himalaya e por vertice o promontorio Comori, em cuja frente, suspensa como perola d'um collar, está Ceylão, a Taprobana. Comori, «já chamado Cori», <sup>3</sup> tivera o nome da princeza cujo templo coroava essa extremidade austral da península.

Topographicamente, a divisão da India, em cis e transgangetica, está de accordo com Duarte Barbosa, que chamava a esta a *India inferior*, dando em geral os portuguezes o nome de *Indias baixas* á Abyssinia ou Ethiopia, e *Indias altas* ao Indostão. Descrevendo, o poeta vae descendo a partir do Indo e do Ganges : principia pelo povo de Delhi «os Delijs», <sup>4</sup> gente do «Mogor poderosissi-

<sup>1</sup> C. VII, 17. — <sup>2</sup> 19. — <sup>3</sup> C. X, 107. Cori=Kunwari. — <sup>4</sup> C. VII, 20.

mo», <sup>1</sup> cujo imperio rivalisava com os de Damasco e de Bagdad; depois veem os Patanes, os Decanis, «Orixa de roupas abastada», os Orias, ou orissas, «que a esperança tem de sua salvação nas resonantes agoas do Gange»; e por fim a «terra de Bengala, fertil de toda a sorte que outra não lhe igoala» <sup>2</sup>.

De oeste a leste está descripta a India na sua parte superior. Voltemos para occidente de Bengala a Cambaya, reino bellicoso, do qual «dizem que foi de Poro, Rei potente»; <sup>3</sup> cujos habitantes são crueis <sup>4</sup>; cujo rei soberbissimo <sup>5</sup> rivalisa com o Mogol; cuja costa está sempre armada <sup>6</sup>. E' a terra dos guzerates, península que avança sobre o mar occidental entre a foz do Normada e a do Indo, e que Duarte Barbosa, no seu *Livro* precioso designado por um perspicaz escriptor de hoje com o nome acertado de Periplo, pinta com os mesmos traços dos *Lusiadas*. Foi ahi que Alexandre terminou, destruindo o poder do rei Porus, o curso epico das suas conquistas. E' ahi o paraizo da India:

... a terra de Ulcinde fertilissima,  
E de Jaquete a intima enseada,  
Do mar a enchente subita grandissima  
E a vazante, que foge apressurada.  
A terra de Cambaya ve riquissima,  
Onde do mar o seo faz entrada:  
Cidades outras mil, que vou passando,  
A vós outros aqui se estão guardando. <sup>7</sup>

Taes são as perspectivas debuxadas por Tethys ao Gama na ilha dos Amores, depois da ceia,

<sup>1</sup> C. x, 64.—<sup>2</sup> C. vii, 20.—<sup>3</sup> 21.—<sup>4</sup> C. x, 32.—<sup>5</sup> 61.—<sup>6</sup> 60.—<sup>7</sup> 106.



n'essa descripção geographica entrecortada <sup>1</sup> que completa a anterior paisagem da India <sup>2</sup> com a noticia do Malabar posta na bocca do Monçaide. <sup>3</sup>

Depois de Cambaya, Narsinga caracterizado como «o reino de Narsinga poderoso, mais de ouro e pedras que de forte gente», <sup>4</sup> é com effeito aquelle de que Barbosa e Manoel Corrêa nos contam os costumes pervertidos. Como na velha Babylonia, havia em Narsinga a prostituição sagrada: d'esses templos se contavam muitos com cem e mais sacerdotisas, <sup>5</sup> «pera por seu corpo ganharem pera ha dita casa» <sup>6</sup>. Havia o rito singular do sacrificio da virgindade que se praticava entrando com a donzella a mãe e amigas no templo onde, sobre o altar, estava uma pedra de tamanho de homem, furada, no furo um páo: «com aquelle pau perde ha sua virgindade derramando-a sobre aquellas pedras.» <sup>7</sup> Garcia de Rezende allude a este rito na sua *Miscellanea*, dizendo:

E moças vão prometter  
A Idolos virgindade  
E se vão offerecer  
E por si mesmas corromper  
Em signal de castidade,  
Em umas lages polidas  
Muyto limpas, muy lusidas.  
Em um corno muy polido  
Que no meio está mettido  
Se rompem n'elle subidas.

Mais para além, na Indo-China, Fernão Mendes

<sup>1</sup> C. x, 74 a 89, 90 a 107, 120 a 128 e 129 a 141.—<sup>2</sup> C. vii, 17 a 22.—<sup>3</sup> C. vii, 28 a 41.—<sup>4</sup> C. vii, 21.—<sup>5</sup> Manoel Correia, *Comm.* vii, 21.—<sup>6</sup> D. Barbosa, *Livro* (ed. da Acad.) p. 300.—<sup>7</sup> *Ibid.*, 304.

Pinto nota o mesmo rito: «todas as mulheres virgens, filhas de principes e senhores do reino e de toda a outra gente nobre vão alli, por voto que pequenas lhes fazem fazer, sacrificar suas honras, porque sem isto não quer nenhum homem honrado cazar com ellas». <sup>1</sup>

Do Dekkan, no centro da península, Camões conhecia o reino de Bijapur e «o Hydalcham do braço triumphante»; <sup>2</sup> e passando á costa oriental celebrava em Meliapor a missão de S. Thomé, que ahí, segundo a lenda, foi martyrisado:

Aqui a cidade foy que se chamava  
Meliapor, formosa, grande e rica ;  
Os Idolos antigos adorava,  
Como inda agora faz a gente inica ;  
Longe do mar naquelle tempo estava  
Quando a fé, que no mundo se publica,  
Thomé vinha prégando, e ja passara  
Provincias mil do mundo, que insinara. <sup>3</sup>

Depois subimos a costa até ao golpho, a acabar em Cathigam :


Ve Catigão, cidade das milhores  
De Bengala, provincia que se preza  
De abundante ; mas olha que está posta  
Pera o Austrodaqui virada a costa. <sup>4</sup>

Por toda a parte, quer nas terras, quer nas gentes, o adjectivo qualificativo é preciso e exacto ; e a pintura da cordilheira Sayhadri, ou Ghates occidentaes, muralha que sustenta sobre o mar o planalto do Dekkan, é nitida, fiel e verdadeira como uma descripção geographica :

<sup>1</sup> *Peregr.* II, 360. — <sup>2</sup> *C. x*, 72. — <sup>3</sup> 100. — <sup>4</sup> 131.

Aqui se enxerga la do mar undoso  
 Hum monte alto, que corre longamente,  
 Servindo ao Malabar de forte muro  
 Com que do Canará vive seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate;  
 Do pé do qual pequena quantidade  
 Se estende hũa fralda estreita, que combate  
 Do mar a natural ferocidade.  
 Aqui de outras cidades, sem debate,  
 Calecu tem a illustre dignidade  
 De cabeça de Imperio, rica e bella;  
 Samorim se intitula e senhor della. <sup>1</sup>

Estamos na nossa India litoral de entre Damão  
 e Cochim, com Calecut e Goa, o Canará e o Ma-  
 labar, divididos pelo «forte muro» dos Ghates.   
 O Monçaide, de Calecut, diz ao Gama:

Esta provincia, cujo porto agora  
 Tomado tendes, Malabar se chama;  
 Do culto antigo os Idolos adora,  
 Que ca por estas partes se derrama;  
 De diversos Reis he, mas dum so fora  
 Noutro tempo, segundo a antiga fama:  
 Saramá Perimal foy derradeiro  
 Rei que este Reino teve unido e inteiro.

Porem como a esta terra entam viessem  
 De la do seyo Arabico outras gentes,  
 Que o culto Mahometico trouxessem,  
 No qual me instituirão meus parentes,  
 Succedeo que prégando convertessem  
 O Perimal; de sabios e elloquentes,  
 Fazem-lhe a ley tomar, com fervor tanto  
 Que prosupos de nella morrer sancto. <sup>2</sup>

Camões conhece a remota] historia do maharaj

<sup>1</sup> C. VII, 21-2. — <sup>2</sup> 32-3.

Saramá Perimal, convertido ao islamismo no século x, e que foi o ultimo soberano dos estados que tinham por capital Coullão. Dividindo-os entre os parentes, reservou doze leguas ao longo da costa, com Calecut, para um sobrinho que instituiu suzerano, dando-lhe a espada e o candieiro, symbolos da vassallagem a que todos ficaram sujeitos, excepto os rajahs de Coullão e de Cananor. <sup>1</sup> Sabedor da historia, o poeta descreve esse feudalismo do litoral do Malabar, com uma precisão notavel:

A hum Cochim e a outro Cananor,  
 A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,  
 A qual Coullão, a qual dá Cranganor,  
 E os mais a quem o mais serve e contenta.  
 Hum so moço, a quem tinha muito amor,  
 Depois que tudo deu, se lhe apresenta :  
 Pera este Calecu somente fica,  
 Cidade ja por tracto nobre e rica.

Esta lhe dá co titulo excellente  
 De Emperador, que sobre os outros mande.  
 Isto feito, se parte diligente  
 Pera onde em sancta vida acabe e ande.  
 E daqui fica o nome de potente  
 Samorim, mais que todos digno e grande,  
 Ao moço e descendentes, donde vem  
 Este que agora o Imperio manda e tem. <sup>2</sup>

Em traços breves e incisivos, Camões caracteriza a ethnographia da India nos seus «dous modos de gente». Das quatro castas, porém, em que socialmente estão divididos os povos da peninsula, nem das sete do tempo de Herodoto, de Alexandre, de Megasthenes e de Strabão nada accusa:

<sup>1</sup> Cf. Barros, *Dec.* 1, ix, 3; e Barbosa, 312. — <sup>2</sup> C. vii, 35 6.

A ley da gente toda, rica e pobre,  
De fabulas composta se imagina :  
Andão nus, e somente hum pano cobre  
As partes que a cubrir natura insina.  
Dous modos ha de gente, porque a nobre  
Naires chamados sam, a menos digna  
Poleás tem por nome, a quem obriga  
A ley não misturar a casta antiga. <sup>1</sup>

Os *poleas* <sup>2</sup> de Camões são o vasto lençol de dravidas que fórma o sub-solo das populações esmagadas pelo aryano, descido dos valles do Indo e do Ganges. Esse strato já em si era composto de duas camadas: a vindhya que toma o nome das montanhas onde principalmente habita, e a dekkan ou tamul alastrada para o sul. Uma invasão tamul dispersou a população vindhya, obrigando-a a emigrar para as montanhas, antes que as incursões dos arianos viessem fragmentar de todo os stratos ethnicos anteriores. O sub-solo vindhya que afflora ao norte com os khonds de Bengala, afflora ao sul com os veddahs de Ceylão; e apparecendo junto aos rios Tapti e Nerbudda e na extremidade oriental dos Ghates com os bhills, apparece com os kolas ou kulins <sup>3</sup> em Bengala, com os minas e meras nos montes Kalikho, de Agmir até ao Jumma; finalmente, com os paharias, expulsos dos montes Rajmahal e miseravelmente errantes por toda a peninsula. A raça dekkan ficou chamando-se tamul, do povo que com este nome habita a costa oriental de Palikat a Bangalore; e inclue além d'elle, na face leste da India, os telingas de Bengala, abrangendo os tódas dos

<sup>1</sup> C. VII, 37. — <sup>2</sup> *Pulayar*: os que comem a carne impura. — <sup>3</sup> Carregadores: d'ahi veio o nome generico moderno de *coolies*.

Nilghirris e os brahuis que vivem nas montanhas do Sindh, com as populações do lado occidental: gonds de entre os montes Vindhya e os Ghates, tuluvras do Canará, e malabares até ao cabo Comori.

A área da India aryana vem desde a linha do Himalaya acabar na do Vindhya, limitada lateralmente pelo Indo e pelo Ganges-Brahmaputra. Para o sul do Vindhya os indigenas misturam-se, na confusão escura de uma filiação menos elevada, submettidos successiva e simultaneamente pelo aryano do Indo, pelo persa, pelo turco, pelo egypcio, pelo afghan, e pelo arabe que déra a todos o seu livro prophético; e misturados descem até aos infimos typos dos maravares do cabo Comori e dos veddahs de Ceylão, nos ultimos confins austraes da India.

Os costumes e ritos brahminicos pinta-os Camões n'esta estrophe:

Bramenes sam os seus religiosos,  
 Nome antigo e de grande preminencia;  
 Observão os Preceitos, tam famosos  
 Dhum que primeiro pos nome á ciencia;  
 Nam matão cousa viva e, temerosos,  
 Das carnes tem grandissima abstinencia;  
 Somente no venereo ajuntamento  
 Tem mais licença e menos regimento. <sup>1</sup>

E da fidalguia dos nayres diz-nos como são guerreiros, sem esquecer o traço particular da polyantria:

Os Naires sos sam dados ao perigo  
 Das armas; sos defendem da contraria  
 Banda o seu Rei, trazendo sempre usada  
 Na esquerda a adarga e na direita a espada. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> C. VII, 40. — <sup>2</sup> 39.

Gerais sam as molheres, mas somente  
 Pera os da geração de seus maridos.  
 Ditosa condiçam, ditosa gente,  
 Que nam sam de ciumes offendidos! <sup>1</sup>

A polyandria da India foi notada por todos os nossos viajantes e chronistas, nos nayres e nos brahmanes. «O rei (de Calecut) diz um, <sup>2</sup> tem duas mulheres, e cada uma d'ellas é acompanhada por dez sacerdotes, a que chamam bramanes, cada uma dos quaes dorme com ellas para o honrar. Por esta causa não herdão os filhos da irman». O mesmo auctor diz dos nayres: «Casam com uma só mulher e convidão cinco ou seis dos seus maiores amigos para dormirem com ella». <sup>3</sup> Gaspar Correia, por seu lado, conta assim:

«Na geração (casta) destes naires como chegam á idade de oito, dez annos, lhe mostrão o jogo de totalas armas e do que se contentão aquillo aprendem e usão sempre ...com suas armas que de dia e de noute trazem e sempre aprendem. Estes naires são de puro sangue de fidalguia de pay e may porque as mulheres nisso são muy perfeitas em nom conhecer nenhuma geração (casta). Nom tem conhecimento de pay porque suas mays nom tem certo, nem tem obrigação a nenhum amygo, mas conhecem quantos querem, e quantos mais amygos tem as hão por mais honradas. Quando algum entra com ella deixa á porta suas armas, o que vendo o outro amygo, se vier, nom entrará em casa, nem por isso ha antre elles nem ellas nenhuma paixão, nem desavença». <sup>4</sup>

<sup>1</sup> C. VII, 41. — <sup>2</sup> *Naveg. de P. A. Cabral*, na *Coll. de Not. da Acad.* II, 125. — <sup>3</sup> *Ibid.* 124. — <sup>4</sup> *Lendas*, I, 356.

Duarte Barbosa accrescenta que: «se concertam com ella tres e quatro nayres e a mantém dormindo com ella e cada um lhe dá tanto por dia; quanto mais amigos tem, quanto mais honra: e cada um está com ella dia certo desde o meio-dia até ao outro meio-dia e *asy uacom pasando sua uida temperadamente*». <sup>1</sup>

O licenciado Manoel Correia, commentando este trecho dos *Lusiadas*, reproduz os traços notados; mas dá a razão d'estes usos dizendo que «não podem casar por estarem prestes para qualquer successo do rei ou da guerra», <sup>2</sup> confirmando os motivos allegados por Barbosa n'estes termos: «Estalei, quem a quizer considerar mais profundamente, achará que foi instituida com maior sabedoria do que vulgarmente se pensa, pois a fizeram os reis aos nayres por não terem cousa que os obrigasse a não fazerem o que pertencesse ao seu serviço». <sup>3</sup> D'aqui resulta que essa milicia, correspondente aos cavalleiros-monges da Edade-média christan, sacerdotes e bucellarios ao mesmo tempo, vinculados á defeza da sociedade, tiravam, como os europeus, das condições desnaturaes da vida que tinham, a força necessaria para a pratica das obras que lhes estavam commettidas. «Morrem muy ousadamente por seu senhor que lhe dá soldada, posto que seja contra seus proprios irmãos e parentes que antre si tem por mór honra a lealdade a seu senhor que lhe dá mantença, o qual se lho matarem são obrigados a tomar morte por elle pelejando sempre contra quem o matou até acabarem por morte». <sup>4</sup>

Tal é a India, nos seus montes, nos seus rios, na

<sup>1</sup> *Livro*, na *Coll. de Not.* 1, 327. — <sup>2</sup> Correia, *Comm.* VII, 37. — <sup>3</sup> *Livro*, II, 328. — <sup>4</sup> G. Correia, *Lendas*, I, 355.



sua gente. Os *Lusiadas* dizem-nos tudo quanto no tempo se sabia. O genio de Camões, penetrando até á medulla dos problemas do sentimento e da idéa, e exactissimo na descripção das cousas que vê, trabalha com uma intelligencia instrumentada por todo o saber seu contemporaneo.

Deixando a «materia, perigosa»,<sup>1</sup> com effeito, da lenda do apostolado de S. Thomé que o poeta celebra na sua passagem por Meliapor, na costa de Coromandel, os *Lusiadas* conduzem-nos atravez da «curva Gangetica» ao Arracão e ao Pegu, na peninsula da Indo-China :

Olha o reyno Arracão, olha o assento  
De Pegu, que já mōstros, povoarão,  
Mōstros filhos do feo ajuntamento  
Dhũa molher e hum cão, que sos se acharão.  
Aqui soante arame no instrumento  
Da geração costumão, o que usarão  
Por manha da Rainha, que, inventando  
Tal uso, deitou fóra o error nefando.<sup>2</sup>

A decomposição cresce á medida que se caminha para o Oriente, passando-se da India para o mundo malayo. Esses homens-cães de que falla Camões, são os khares ou khos, repellidos para o bordo da peninsula transgangetica pela descida dos annamitas e dos birmanes ; são as raças autochtonas a que succedeu o mesmo que aos dravidas na India, e que em abjecção egual arrastavam a sua miseria.<sup>3</sup> Os navegadores portuguezes, torneando pelo sul a Asia, encontravam na orla dos continentes a baba imunda das suas ondas de população.

<sup>1</sup> C. x, 126. — <sup>2</sup> 122. — <sup>3</sup> M. Correia, *Comm.* x, 123; Barros, III, Dec. II, 5.

«E' gente assim esta de Pegu e de Siam muito dada ao vicio da carne, pelo que, para mais delicia d'ella, costumam nos membros genitales trazer cascaveis, uns de ouro, outros de prata, cada um conforme a sua possibilidade. E são tão dissolutos e desenfreados n'esta parte que trazem nas mesmas partes diamantes e outras pedras de grande preço. E o rei costuma ter quinhentas mulheres». <sup>1</sup>

Duarte Barbosa, no seu Livro ou periplo, <sup>2</sup> diz assim dos pegus que andam nús, são fracos e *muito legeriosos*:

«Trazem suas naturas n'uns cascaveis redondos, cerados, e mui grandes, cosidos e soldados por dentro entre o couro e a carne, por fazerem grande somma; e trazem muitos d'estes até cinco: d'elles são de ouro, outros de prata ou metal, segundo os que os trazem, e quando andam fazem grande som, o qual hão por grande honra e gentileza; e quanto mais honrados, trazem mais: as mulheres folgam tanto com isto que não querem homens que os não tenham e não digo mais d'este costume pela deshonestidade».

E Barros acrescenta que «no acto do ajuntamento d'elles querem imitar os cães». <sup>3</sup>

Depois do Pegu e dos tintinabulos dos kares, passamos por Tavay, entramos em Sião, tocamos

<sup>1</sup> Ibn Batuta falla de um povo que tem as boccas como cães, talvez devido do antigo uso dos homens (não as mulheres) forçarem os dentes no sentido de um angulo prognatico, com uma cavilha de madeira. São universaes de resto as lendas de raças cynocephalas e multiplicadissimas no extremo Oriente. (Cf. *Viagens*, tr. Moura; ed. da Acad. Lisboa 1840). Os ainos são cynocephalos para os japonezes e na China os barbaros autochthonas refugiados nas montanhas chamam-nos cães-homens (yao-jin.) e lobos-homens (lang-jin). — <sup>2</sup> II, 366. — <sup>3</sup> III, Dec. III, 4.

em Malaca, <sup>1</sup> emporio do commercio do extremo Oriente, porta extrema que Albuquerque abriu com a sua espada de conquistador em 1511. De Sumatra, ou Samatra, diz-nos com exacção o poeta que d'esta «terra, co as possantes ondas o mar entrando dividio»; e cita a lenda que identificava com o Ophir salomonico a *Chersoneso aurea*. <sup>2</sup> Subimos a costa por Singapura e navegamos pela Malasia fóra até Timor, á Sunda e ás Molucas, até ao Japão, até á China, <sup>3</sup> que pela primeira vez viu a bandeira portugueza na pôpa do navio de Perestrello em 1511, no proprio anno em que Albuquerque assentava em Malaca a sua garra de leão dos mares.

Cada terra, cada rio, cada cidade, é caracterizada pela feição que a define. Os guéos são antropophagos e tatuados; <sup>4</sup> o Mecong é celebre pelas suas cheias, que lhe fazem com effeito do delta um paul; <sup>5</sup> Champá é «do páo cheiroso ornada»; <sup>6</sup> a China já é celebre pela sua muralha; <sup>7</sup> o Japão pelas suas minas de prata; <sup>8</sup> Ternate apparece com o seu vulcão; e o cravo celebrado das Molucas não falta na descripção d'esses archipelagos de «infinitas ilhas espalhadas pelos mares do Oriente»; <sup>9</sup> a noz vem de Banda, de Borneo a camphora, de Timor o sandalo. <sup>10</sup>

Regressemos agora d'estes confins do mundo, e vamos á extremidade opposta do imperio portuguez no Oriente bater á porta de Ormuz, entrando por ahi n'essa região de onde partiram sobre a India os seus successivos conquistadores: arabes e persas, afghans e egypcios, incluídos, não só por Camões, como por todos os escriptores coevos, na denomi-

<sup>1</sup> C. x, 123. — <sup>2</sup> 124. — <sup>3</sup> 125-35. — <sup>4</sup> 126. — <sup>5</sup> 127. — <sup>6</sup> Tsiampá; 129. — <sup>7</sup> 130. — <sup>8</sup> 131. — <sup>9</sup> 132. — <sup>10</sup> 133-4.

nação generica de *mouros*, conjuntamente com os mestiços de mouros e indias, os moplahs a que Barbosa chama *mapuleres*.

A Arabia de «gente vaga e baça», caracterisada assim pela côr e pelo nomadismo, é a terra

Donde vem os cavallos pera a guerra,  
Ligeiros e feroces, de alta raça. <sup>1</sup>

Dofar é a terra do incenso; <sup>2</sup> a ilha de Barom é a das perolas; <sup>3</sup> a «grande Persia, o imperio nobre, sempre posto no campo e nos cavallos», terra de fidalgos que não usam o cobre fundido, mas batido, e vestem os famosos laudeis, ou mantos-courças de algodão finissimo para «não ter das armas sempre os calos». <sup>4</sup>

Da terra fronteira á India — «luz tamanha» que no poema desvenda as paisagens do mundo á nympha — d'essa terra, tambem de mouros e de cafres (nome que dos mouros tomamos e com que elles designam os negros não musulmanos), Camões registra as cidades de Lamo, Oja e Brava, recordando as matanças que atravez do oceano indico levaram ondas de sangue até Melinde. <sup>5</sup> Para o sul fica a ilha da Lua, como lhe chamavam os arabes, ou de S. Lourenço, nome que nós lhe pozemos: a ilha de Madagascar; e no continente fica «Benomotapa», o «grande imperio de selvatica gente negra e nua» onde se deu o martyrio de Gonçalo da Silveira, o amigo do poeta a quem de passagem deixa uma lagrima de saudade e uma palma de gloria. <sup>6</sup> O padre Balthasar Telles <sup>7</sup> conta a historia d'esse primeiro

<sup>1</sup> C. x, 100. — <sup>2</sup> 101. — <sup>3</sup> 102. — <sup>4</sup> 103. — <sup>5</sup> 39. — <sup>6</sup> 93.  
— <sup>7</sup> *Chron.* 1, 53.

missionario das terras de Monomotapa, ou Benomotapa, que são o interior da actual provincia de Moçambique.

Alistando-se na milicia jesuita, Gonçalo da Silveira, filho do conde da Sortelha, foi para a India como provincial da ordem, e de lá partiu em 1560 a missionar em Africa. Os mouros convenceram os cafres de que o baptismo era um feitiço de ruina para a sua terra, levando-os a estrangular o missionario enquanto dormia. Lançaram o cadaver n'uma lagôa; mas os leões e os tigres ficaram-no guardando n'um logar secreto onde os passaros cantam em permanencia e o ar incendiado acclama o santo.

Esta lenda sagrada ficou annexa ás noticias dos lagos da Africa superior «donde se derrama o Nilo». <sup>1</sup> Camões vacilla, quanto ás origens do Nilo, entre as duas opinões, a antiga e a nova, a ptolomaica e a portugueza. Agora suppõe, como se julgava no tempo, que d'um mesmo lago nasciam o Nilo e o Zambeze

Vê que do lago donde se derrama  
O Nilo tambem vindo está Cuama; <sup>2</sup>

logo, cinge-se á tradição antiga das «alagoas donde o Nilo nasce», <sup>3</sup> que posteriormente se provou exacta. E toda essa terra da Africa oriental, é] a terra do ouro:

Nace por este incognito Hemispherio  
O metal porque mais a gente sua. <sup>4</sup>

Antes de regressarmos á Europa pela estrada do

<sup>1</sup> C. x, 93. — <sup>2</sup> 93. — <sup>3</sup> 95. — <sup>4</sup> 93.

Nilo, deitemos de relance um olhar sobre a America: pouco diz d'ella Camões, na sua metade septentrional, e por uma razão obvia. Muito pouco era conhecida ainda essa parte do mundo, cuja exploração regular só começou em 1620 com a expedição dos Pilgrims Fathers; e celebrar a façanha de Colombo, idéa que sem duvida havia de occorrer ao pensamento do poeta, era-lhe impossivel pelos antecedentes, uma vez que D. João II, repellido as ofertas do genovez, commettêra um erro de que o arrependimento foi geral. Entretanto, Camões cita, ainda assim, o Mexico, chamando-lhe «Temistitão, nos fins Occidentaes», <sup>1</sup> isto é, Tenschitlan, o-grande-valle, e allude ás suas minas de ouro. <sup>2</sup> Do Mexico passa ao Brazil, do Brazil á Patagonia, celebrando de

... Magalhães, o feito com verdade  
Portuguez, porem não na lealdade. <sup>3</sup>

Percorridas, pois, as regiões ultramarinas, voltamos á Europa pelo Egypto, entrando no Mediterraneo que ainda no seculo XVI era o coração do mundo, e não um recanto d'elle, como o fizeram as proprias descobertas cantadas por Camões. No Egypto estava o emporio de todo o commercio oriental, a porta de ouro das Indias mysteriosas guardadas pelo Alcorão. Vasco da Gama, dando a volta ao Cabo da Boa Esperança, transferiu para Lisboa esse emporio; e, se foi na Hespanha que o islamismo triumphante encontrou a méta da sua expansão e o principio da sua ruina, a descoberta da India continuava tambem esta missão historica, rom-

<sup>1</sup> C. X, 4. — <sup>2</sup> 139. — <sup>3</sup> 140, 141.

pendo e despedaçando a famosa Porta que se estendia desde Socotorá, por Suez e pelo Cairo, até Alexandria.

Com esse instincto agudo que se chama genio quando se revela no espirito de um homem, Camões, sentindo como Portugal inteiro sentia, enlaçava as duas emprezas, fazendo das descobertas o anverso, e da reivindicção do Santo Sepulchro, captivo nas mãos dos turcos, o reverso da medalha sublime do patriotismo portuguez. <sup>1</sup>

A mesma exactidão, egual copia de conhecimentos caracterizam as descripções. Esses rumes, que por uma d'estas ironias em que a historia abunda são os nossos inimigos na India, Camões não os confunde com os turcos, á moda do vulgar: sabe que a palavra rumes quer dizer romanos, e designa as populações submettidas com a conquista do imperio byzantino: «rumes que trazido de Roma o nome tem». <sup>2</sup>

E a empreza fundamental dos povos europeus, a missão de repellir o turco para fóra da Europa, essa politica a que voltaremos ainda em outro lugar, desenha-se-lhe no espirito quando vê as populações mediterraneas curvadas sob o jugo do turco a que chama ottomano com toda a propriedade: <sup>3</sup>

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos,  
 Bradando vos estão que o povo bruto  
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos  
 Preceptos do Alcorão (duro tributo!);  
 Em castigar os feitos inhumanos  
 Vos gloriay de peito forte e astuto,  
 E não queirais louvores arrogantes  
 De serdes contra os vossos muy possantes. <sup>4</sup>

<sup>1</sup> C. VII, 2-15. — <sup>2</sup> C. X, 68. — <sup>3</sup> C. VII, 4. — <sup>4</sup> 13.

E' contra o turco, para o expulsar da Europa christan, que se devem voltar as invenções recentes da artilheria:

Aquellas invenções feras e novas  
De instrumentos mortais da artilheria  
Ja devem de fazer as duras provas  
Nos muros de Bizancio e de Turquia.  
Fazei que torne la ás silvestres covas  
Dos Caspios montes e da Citia fria  
A Turca geração, que multiplica  
Na policia da vossa Europa rica. <sup>1</sup>

Em volta do Mediterraneo oriental estão os penates dos povos europeus: Damasco e o seu «campo damasceno» <sup>2</sup> d'onde saíu o barro vermelho de que se fez o primeiro homem; «Troya triumphante» <sup>3</sup> cantada por Homero, d'onde Eneas veio fundar Roma; Jerusalem, essa outra Roma, abandonada pelo «Gallo indigno» <sup>4</sup> ao captivo turco. E tudo isso, os *sacra* dos povos occidentaes, jaz em poder do musulmano!

A politica, inspirada pela religião, allia-se á geographia; cada terra tem uma voz, um sentimento que a anima; e todas se apresentam á imaginação fêrvida do poeta n'uma palpitação de vontade heroica.

Entramos na Europa christan e livre: <sup>5</sup> a sua descripção é um modêlo de concisão e nitidez. Em primeiro lugar a Europa aryana é «soberba», <sup>6</sup> pois o orgulho é o traço que fundamentalmente nos distingue do semita humilde na sua energia moral, todavia indomavel:

<sup>1</sup> C. vii, 12. — <sup>2</sup> C. iii, 9. — <sup>3</sup> 7. — <sup>4</sup> 6. — <sup>5</sup> 3-21. — <sup>6</sup> 6.



Entre a Zona que o Cancro senhorea,  
 Meta Septentrional do Sol luzente,  
 E aquella que por fria se arrecea,  
 Tanto como a do meyo por ardente,  
 Jaz a soberba Europa, a quem rodea  
 Pela parte do Arcturo e do Occidente  
 Com suas salsas ondas o Oceano,  
 E pela Austral o Mar Mediterraneo. <sup>1</sup>

Partimos do norte: das sombrias regiões dos Scythas, a Noruega e a Scandinavia, vamos para o Danubio, a que só no seu curso inferior Camões com toda a propriedade chama Istro (Ister) <sup>2</sup>, através da Russia povoada de «Ruthenos, Moscos e Livonios». <sup>3</sup> A ethnographia é perfeita.

Pela Allemanha e pela Hungria «Saxones, Boemios e Panonios» <sup>4</sup> desce-se até Byzancio recentemente tomada pelos turcos (1453), visita-se a Grecia, depois passa-se á Italia, depois á França, e finalmente

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,  
 Como cabeça ali de Europa toda. <sup>5</sup>

A nobreza d'estes versos exprime na sua concisão o sentimento patriótico do poeta.

Fechando o Mediterraneo, a Hespanha que «se enobrece» com as columnas de Hercules «extremo trabalho do Thebano», inclue em si muitas nações «de tal nobreza e tal valor» que é impossivel estabelecer preferencias: <sup>6</sup>

<sup>1</sup> C. III, 6. — <sup>2</sup> 12. Cf. *Phars.* II, 50. — <sup>3</sup> 11. — <sup>4</sup> 17. — <sup>5</sup> 17. — <sup>6</sup> 18.

Tem o Tarragones, que se fez claro  
 Sujeitando Partênope inquieta;  
 O Navarro, as Asturias, que reparo  
 Já forão contra a gente Mahometa;  
 Tem o Galego cauto e o grande o raro  
 Castelhana, a quem fez o seu Planeta  
 Rstituidor de Espanha e senhor d'ella,  
 Bethis, Lião, Granada com Castella. <sup>1</sup>

O mundo porém não acabou ainda: tem a ca-  
 beça, falta-lhe a corôa que é a Lusitania

Onde a terra se acaba e o Mar começa. <sup>2</sup>

N'esta descripção da Europa não se incluiu porém  
 a Inglaterra. E' verdade que, n'esse tempo, ainda a  
 Inglaterra, como semi-barbara, contava por muito  
 pouco no mundo e era quasi desconhecida dos meri-  
 dionaes. Petrarcha ignorava-a quasi, e Camões ape-  
 nas a cita para a condemnar pelo protestantismo  
*falstaffiano* de Henrique VIII.

\*

E' já tempo de, concluida a nossa viagem, vol-  
 tarmos de novo a estudar a elaboração dos pensa-  
 mentos collectivos n'esse momento de optimismo  
 heroico, a que o mundo assistiu no primeiro quartel  
 do seculo XVI. Ninguem, como Camões, exprime de  
 um modo mais comprehensivo esse estado de equi-  
 librio plastico, d'onde parece que vae afinal sair a  
 fortuna do mundo.

Mas... terrivel adversativa em que naufraga toda  
 a esperança: mas, esse momento de luz e de espe-

<sup>1</sup> C. III, 19. — <sup>2</sup> 20.

rança, não é um céu sem nuvens: pelo contrario, passam no ar os bulções revoltos e pela alma agitam-se lufadas de duvida:

Verdade, Amor, Razão, Merecimento,  
Qualquer alma farão segura e forte;  
Porem Fortuna, Caso, Tempo e Sorte  
Têe do confuso mundo o regimento.

O mundo que vêmos e concebemos em espirito: esse mundo, atravez do qual jornadeámos, descrevendo-o, apparece-nos como uma machina sublime regida pelo Pensamento, immovel na sua grandeza; mas desde que o tempo e a sorte o agitam, a construcção desfaz-se, o cahos fórma-se e a mente confundida reconhece-lhe a inanidade. Em taes apuros que resolver? que solução adoptar? que táboa de salvação apprehender n'este naufragio?

Effeitos mil revolve o pensamento,  
E não sabe a que causa se reporte:  
Mas sabe que o que he mais que vida e morte  
Não se alcança de humano entendimento.  
Doctos varões darão razões subidas;  
Mas são as experiências mais provadas:  
E por tanto é melhor ter muito visto.  
Cousas ha hi que passão sem ser cridas:  
E cousas cridas ha sem ser passadas.  
Mas o melhor de tudo é crer em Christo. <sup>1</sup>

A fé ingenua e simples é a unica táboa de salvação. A experiencia, o «ter muito visto» não leva a outro resultado. Compare-se agora este descaír

<sup>1</sup> *Sonn.* 236.

de tarde com o meio-dia fulgurante das esperanças  
heroicas,

Quem tão baixa tivesse a fantasia  
Que nunca em mores cousas a metesse  
.....  
Em Deos creria simples e quieto  
Sem mais especular algum secreto. <sup>1</sup>

Que succedeu entretanto? Que motivo ha para  
tão diverso estado da consciencia?

Ha a vida e os seus desenganos. Ha a crise  
d'essa época heroica do mundo moderno que se cha-  
ma a Renascença, e em que nos foi dado a nós  
hespanhoes, de Castella e Portugal, sermos o braço  
energico da civilisação europeia. Os grandes ho-  
mens teem a vida cyclica. Tambem Loyola era  
mundano e cavalleiro, orgulhoso e audaz; tambem  
elle chegou á conclusão de que a fé devoradora e  
a obediencia absoluta eram, afinal, as realidades  
necessarias da immensa illusão da fortuna.

No momento luminoso a que preside Leão x, uma  
aurora de esperança ideal avassallava todos os espi-  
ritos. A religião era um immenso vinculo de amor,  
a vida um permanente hymno de alegria: varrem-  
se as sombras, as duvidas, os mêdos do passado;  
e o papado, á frente da christandade triumphante,  
preparava-se para a grande campanha da expulsão  
dos turcos. Essa guerra, ultimo canto do poema  
heroico das Cruzadas, poria termo ás agonias da  
Europa, abrindo uma era de paz e de fortuna aben-  
çoada. Como Cesar, empunhando um baculo em  
vez de sceptro, o Papa, sagrado pastor do rebanho  
christão, impunha-lhe o esquecimento de aggra-

<sup>1</sup> *Epist.* 1.

vos mesquinhos e o accordo para a conquista redemptora do Oriente avassallado pelo turco. Depois da victoria, a fortuna: foram-se todas as sombras, sararam-se todas as feridas! N'uma atmosphera azul, o mundo esplendido girará cantando!

Foi n'isto que dos lados do Rheno estalou o protesto de Lutheró. Essa viração do eterno odio septentrional pelo Meio-dia, soltando feroz a guerra entre christãos, pareceu outra invasão de barbaros, dissipando as nuvens brancas de esperança que tremiam no azul illuminado do céu.

O odio, o desespero, dividindo desde então os povos europeus, succederam á esperança e ao amor. E, se na poesia camoneana achamos a expressão dos primeiros sentimentos, n'ella achamos com igual vigor a condemnação dos réos da desgraça do mundo, e o incitamento ao plano que já agora só viria a ter como epilogo funebre a catastrophe de Alcaerquibir, em que uma nação dessagrada foi conduzida ao supplicio pelo braço desvairado de um rapaz heroicamente doido.

Camões escrevia no momento agudo da crise da Reforma (o Concilio de Trento durou desde 1545 até 1563) ouvindo o estalar dos bacamartes na funebre noute de S. Bartholomeu (1572). O «falso rei» que o poeta invectiva é Saladino; e o «Gallo indigno» é Francisco I,<sup>1</sup> que se alliou a Henrique VIII e aos lutheranos para roubar a Carlos V o ducado de Milão:

Pois de ti, Gallo indigno, que direy?  
Que o nome Christianissimo quiseste,  
Nam pera defendelo, nem guardalo,  
Mas pera ser contra elle e derribalo.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> C. VII, 6. — <sup>2</sup> 6.

### A condemnação abrange todos :

Vedelos Alemães, soberbo gado,  
 Que por tam largos campos se apacenta  
 Do successor de Pedro rebelado ;  
 Novo pastor e nova ceita inventa.  
 Vedelo em feas guerras occupado  
 (Que inda co cego error se nam contenta),  
 Não contra o superbissimo Otomano,  
 Mas por sair do jugo soberano.

Vedelo duro Ingles, que se nomea  
 Rei da velha e sanctissima cidade  
 Que o torpe Ismaelita senhorea  
 (Quem vio honra tam longe da verdade ?):  
 Entre as Boreais neves se recrea ;  
 Nova maneira faz de Christandade :  
 Pera os de Christo tem a espada nua,  
 Nam por tomar a terra que era sua. <sup>1</sup>

No norte, o sacrilegio protestante accende a co-  
 lera piedosa do poeta: no sul, a devassidão dos  
 costumes inflamma-o :

Pois que direy daquelles que em delicias,  
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
 Gastão as vidas, logrão as divicias,  
 Esquecidos de seu valor antigo ?  
 Nascem da tyrania inimicicias,  
 Que o povo forte tem de si inimigo ;  
 Contigo, Italia, fallo, ja sumersa  
 Em vicios mil e de ti mesma adversa. <sup>2</sup>

O mundo christão apparece-lhe com effeito n'um  
 cahos sobre que paira a força insubmettida do turco :

<sup>1</sup> C. VII, 4-5. — <sup>2</sup> 8.

O' miseros Christãos ! pola ventura  
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,  
 Que hũs aos outros se dão á morte dura,  
 Sendo todos de hum ventre produzidos ?  
 Nam vedes a divina sepultura  
 Possuida de cães, que sempre unidos  
 Vos vem tomar a vossa antiga terra,  
 Fazendo-se famosos pela guerra ? <sup>1</sup>

A musa da indignação arrasta Camões pelos cabellos, e, vendo o mundo inteiro perdido, appella para a sua patria, pedindo-lhe o esforço heroico da redempção de Christo :

Vós, portuguezes poucos, quanto fortes  
 Que o fraco poder vosso não pesais ;  
 Vós, que á custa de vossas varias mortes  
 A lei da vida eterna dilatais :  
 Assi do ceo deitadas sam as sortes,  
 Que vós por muito poucos que sejais  
 Muito façais na sancta Christandade :  
 Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade ! <sup>2</sup>

A' geração dos lusos «que tam pequena parte sois no mundo» <sup>3</sup>, é a ella que cumpre remir o Santo Sepulchro e terminar a epopeia das Cruzadas, engeitada pelo «Gallo indigno» e esquecida pela Italia: a ella e por isso mesmo que se mostrou capaz do maior feito da época — a descoberta da India, grande golpe de montante descarregado em cheio na força da Turquia.

Eis-ahi o pensamento politico dos *Lusiadas*, expresso claramente nos mesmos termos pela bocca do velho do Restello. <sup>4</sup> O pensamento religioso é o catecismo de Trento. A idéa de governo é o im-

<sup>1</sup> C. VII, 9. — <sup>2</sup> 3. — <sup>3</sup> 2. — <sup>4</sup> C. IV, 94-104.

perialismo, em cujo berço nascêra o sol da Renascença e em cujo regaço polluido elle se afundava agora. O imperio fazia-se tyrannia; o racionalismo piedoso transformava-se em lamismo papista. Assim as idéas se corrompem em contacto com a realidade.

O imperialismo camoneano é, porém, tão lidimo ainda como a sua religião. Se nas turbas não vê mais do que «o soberbo povo duro», <sup>1</sup> isto é, um elemento ou um material para a construcção artistica do estado; se a vontade dos reis, que são a chave da abobada social, ha de ser absoluta, nem «póde ser por outrem derogada»; <sup>2</sup> se elles são supremos senhores dos seus subditos; <sup>3</sup> se os vassallos são membros de um corpo de que o rei é cabeça: <sup>4</sup> a verdade, porém, é que tudo isso presuppõe no rei qualidades eminentes.

E' o que ao poeta diz a historia patria, porque em Portugal

... o reino, de altivo e costumado  
A senhores em tudo soberanos,  
A rei não obedece nem consente  
Que não for mais que todos excellente. <sup>5</sup>

Monarchia e religião, pois, tudo se depura no cadinho da poesia á chamma intensa da nobreza e da lealdade lusitana. O cerebro ingente de Camões, em que a luz do heroismo nacional vem reflectir-se, fundindo-se como n'uma lente, despede o raio e incendeia Portugal na ambição ultima da sua existencia. Felizes são os povos que morrem como sol, despedindo clarões!

<sup>1</sup> C. II, 79. — <sup>2</sup> C. VIII, 72. — <sup>3</sup> C. I, 10. — <sup>4</sup> C. II, 84. —  
<sup>5</sup> C. III, 92.



## III

Desenrolou-se perante nossos olhos o espectáculo das opiniões e das façanhas da Renascença camoneana. Vimos o genio humano e a sua força creadora na efflorescencia plena das idéas de uma época: resta vêr agora as raizes que essa vegetação tem no solo profundo dos pensamentos racionais.

Vimos o imperialismo nascido da idéa de uma auctoridade positiva e immanente, que é a propria alma da monarchia, ou principado, concebido artisticamente, de uma só peça. Tem por fim a utilidade dos povos; tem por bussola o conhecimento das cousas; tem por definidores Erasmo, Bodin, Saavedra, de que Machiavel é apenas a aberração convertida em doutrina. Differe visceralmente da concepção anarchica, anti-esthetica, negativa sómente e inorganica do communalismo republicano, parallelo á confissão de Augsburgo. João de Leyde é a aberração correspondente á de Machiavel no polo opposto. Um exagerou a auctoridade ao ponto de a tornar superior á moral, levantando absoluto o principio da razão d'Estado; outro proclamou a anarchia individualista como expressão verdadeira do communalismo delirante.

Na religião succede parallelamente o mesmo. Após o momento de liberdade luminosa proveniente da resurreição da Antiguidade, quando se espera e se crê no estabelecimento definitivo da paz e felicidade das consciencias, vem a maior crise dos tempos modernos. E' a Reforma com os seus

trinta annos de guerras. E' o protestantismo: quer dizer, o individualismo e a negação da auctoridade, o communalismo e a negação unitaria ou artistica do estado, transferidos para a esphera religiosa.

Escusado será notar mais uma vez como esta crise, scindindo a Europa christan, lançou cada metade d'ella, pela violencia, no caminho da reacção, tirando-se as ultimas consequencias, exagerando-se, até ao ponto de se perverterem, a auctoridade no Estado e a disciplina na Igreja. A Igreja, velha republica de imitação romana, onde o principio representativo funcionava organica e fecundamente, imperialisou-se á imagem da sociedade politica, e seguindo na esteira dos imperios, ossificou. Loyola foi o seu Machiavel.

D'este modo, o Meio-dia europeu, catholico, tombou, no seculo xvii e no seculo xviii, em uma decadencia filha do seu bater d'azas para o ideal de harmonia humana que entrevira no principio do seculo xvi, e sob cujo impulso construiu no decurso de todo elle os alicerces dos tempos de agora. Atravez das sombras da decadencia luzem as auroras do dia futuro, e entre os gemidos de afflicção ouvem-se notas crystallinas de canticos dilatados.

E' que as proprias aberrações do imperialismo e do jesuitismo encerram uma semente incontestavel de verdade absoluta, que se não encontra no individualismo anarchico e negativo dos protestantes. Esse pensamento de uma liberdade que não sáe da esphera propriamente moral, contém apenas, como expressão social pratica, a idéa de utilidade: foi o que os doutores vieram dizer-nos no seculo xviii e o que os povos já praticavam antes, quando no meio dos delirios de exaltação religiosa o alle-

mão se não esquecia de saquear as egrejas, e quando as communas hollandezas e inglezas não cessavam de armar piratas para saquear os nossos estabelecimentos ultramarinos.

Outra, mais nobre, mais pura, é a semente que germina no espirito meridional, feito de abnegação e sacrificio heroico. Os homens, como individuos, votam-se ao serviço da sociedade. Abdicam no altar da patria e da humanidade. São apóstolos e são soldados. O Estado apparece-lhes como um templo e a Igreja como um sacrario. Domina-os e impelle-os, em vez do principio egoista da utilidade, o principio esthetico da ordem. Só se sentem grandes no seio de uma sociedade bella. Como as plantas bracejando para o céu, vivem principalmente do ar saturado de idéas. O mundo não se limita pelo circulo da sua casa : abrange n'um vinculo de amor apaixonado todos os homens, o Universo inteiro.

Por isso nos poetas, e acima de todos em Camões, o homem interior desaparece quasi. De que vale, o que é, e que importa elle, perante a grandeza eminentemente bella da sociedade e do mundo? Este poder de racionalismo e abstracção que, desengastando o animal-homem do ninho primitivo do egoismo, lhe dá azas para voar, e tambem para cair — feliz desgraça da sorte! — é o que constitue a corôa gloriosa das nações meridionaes, e o que illumina de clarões esplendidos a nossa Peninsula, agora mesmo, quando a vêmos ir descendo na ladeira da desgraça entre um absolutismo extenuante e um catholicismo devorador.

Esse poder de abstracção e essa illuminação idealista são as fontes de onde brota a insaciavel sêde de experiencia, de saber, de acção, que observamos em Camões, e que lhe dão a segunda-vista

com que elle transfigura o mundo n'uma visãõ animada, dando voz aos montes e aos rios, ao mar immenso paixões, e gemidos de desespero aos promontorios ancorados sobre os oceanos.

Tudo vive e sente, porque o espirito divino não escolheu egoistamente, para se revelar, a consciencia fechada do homem, segundo quer o protestante; mas pelo contrario refulge no Universo inteiro como

Hum saber infinito, incomprehensibil  
Huma verdade que nas cousas anda. <sup>1</sup>

Esta divinisação do Universo, intuição dynamista, para fallarmos na linguagem scientifica de hoje, é a primeira origem do pensamento que, vendo o mundo como uma intelligencia, não pôde deixar de vêr o Estado como um producto d'arte e a Igreja como a expressão religiosa da sociedade. Que é o mundo para o protestante? O inimigo, como na Edade-média; a antithese da these verdadeira e absoluta, supposta na liberdade da sua consciencia. Para o meridional, a cuja vista as cousas se transfiguram, o mundo é a grande obra d'arte da força creadora:

Ves aqui a grande machina do mundo,  
Eterea e elemental, que fabricada  
Assi foy do saber alto e profundo,  
Que he sem principio e meta limitada.  
Quem cerca em derredor este rotundo  
Globo e sua superficie tão limada,  
He Deos; mas o que he Deos ningũe o entende  
Que a tanto o ingenho humano não se estêde. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Eleg.* 9.—<sup>2</sup> C. x, 80.

A força, que se chama «saber alto e profundo», não é pois um elemento cego e apenas physico: é o Inconsciente; é Deus, incompreensível para o engenho humano; é esse mesmo engenho ainda no estado de indefinição plastica.

Por isso o mundo inteiro canta ou soluça, chora ou ri connosco e como nós. Por isso os altos promontorios derramaram lagrimas piedosas quando Affonso Henriques morreu, e os eccos ficaram repetindo atravez dos tempos: Affonso! Affonso! <sup>1</sup> Por isso Venus passa no ar voando no seu carro tirado por pombas e

Em derredor da Deosa, ja partida,  
No ar lascivos beijos se vão dando;  
Ella, por onde passa, o ar e o vento  
Serenoz faz, com brando movimento. <sup>2</sup>

Por isso Adamastor falla, carpindo a desgraça do seu abraço frio a um monte aspero que julgou ser o corpo adorado de Thetis:

O' que não sey de nojo como o conte!  
Que crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achey cum duro monte,  
De aspero mato e de espessura brava.  
Estando cum penedo fronte a fronte  
Qu'eu pollo rosto angelico apertava,  
Não fiquey homem, não, mas mudo e quedo,  
E junto dhum penedo outro penedo. <sup>3</sup>

Por isso, quando o mar se revolve em tempestade, a população marinha acorda do seu somno, correndo, fugindo, cantando. <sup>4</sup> Os animaes vivem como os elementos e como os homens: a creação inteira

<sup>1</sup> C. III, 84. — <sup>2</sup> C. IX, 24. — <sup>3</sup> C. V, 56. — <sup>4</sup> C. VI, 71.

palpita e ama. As pedras teem coleras : é necessario que os naufragos — Sepulveda e os companheiros — as amanssem com lagrimas

... depois que as pedras abrandarem  
Com lagrimas de dor, de magoa pura,  
Abraçados as almas soltarão  
Da formosa e miserrima prisão. <sup>1</sup>

O corpo e o mundo, eis o que é a prisão miserrima e formosa : miserrima, porque a realidade nunca traduz com exactidão o pensamento creador ; formosa, porque atravez da sua obra passa, a illumina-la, esse «saber infinito e incomprehensibil», que é a força viva de todas as cousas.

Varreram-se, portanto, para longe, ao vento fresco da acção heroica, como nuvens que eram, os sonhos funebres da phantasmagoria medieval. O verdadeiro céo está n'este proprio mundo, obra prima do espirito creador. Se os actos meritorios do Gama e dos seus companheiros necessitam um premio, vão tel-o, no proprio campo dos seus feitos: o mar sulcado pelas suas naus.

A ilha dos Amores, que se levanta das ondas, é um paraíso celtico, e mais um documento para attestar o portuguezismo lidimo do genio camoneano. A apothese do Gama não carece de evocações lugubres: faz-se em pleno ar, á luz clara do sol, o amigo dos heroes: <sup>2</sup>

<sup>1</sup> C. v, 48. — <sup>2</sup> C. ix, 54-73. — De todas as discussões ociosas da erudição, a mais ociosa talvez é a que diz respeito á ilha dos Amores. E' Anjediva, ou é Zanzibar, como aventou Osorio (*De rebus Emm.*) e depois d'elle varios outros? Não é ilha alguma. E' uma ilha de phantasia, com a sua flora europeia no meio do mar das Indias. O

Tres fermosos outeiros se mostravão  
 Erguidos com soberba graciosa,  
 Que de gramineo esmalte se adornavão,  
 Na fermosa ilha, alegre e deleitosa ;  
 Claras fontes e limpidas manavão  
 Do cume, que a verdura tem viçosa ;  
 Por entre pedras alvas se diriva  
 A sonora Limpha fugitiva.

Num valle ameno, que os outeiros fende,  
 Vinhão as claras agoas ajuntar-se,  
 Onde hũa mesa fazem, que se estende,  
 Tam bella quanto pode imaginar-se ;  
 Arvedo gentil sobre ella pende,  
 Como que prompto está pera afeitar-se,  
 Vendo-se no cristal resplandecente,  
 Que em si o está pintando propriamente.

Mil arvores estão ao çeo subindo  
 Com pomos odoriferos e bellos ;  
 A Larangeira tem no fruto lindo  
 A cor que tinha Daphne nos cabellos ;  
 Encosta-se no chão, que está caindo,  
 A Cidreira cos pesos amarellos ;  
 Os fermosos limões ali, cheirando,  
 Estam virgineas tetas imitando.

As arvores agrestes, que os outeiros  
 Tem com frondente coma ennobrecidos,  
 Aemos sam de Alcides, e os Loureiros  
 Do louro Deos amados e queridos ;

caso, porém, importante e significativo, está em Camões ter localizado o paraíso n'uma ilha, em vez de o pôr *v.g.* cá na patria, á volta. Mas Lisboa estava mal para paraísos ; e Camões, sebastianista precursor, teve a intuição ethnica das ilhas paradisíacas. A patria balouçava-se já nos mares da perdição, commovida pelos ventos remotos que zuniam no Promontorio Sacro da antiguidade celtica.

Mirtos de Cytarea, cos Pinheiros  
 De Cybele, por outro amor vencidos ;  
 Está apontando o agudo Cipariso  
 Pera onde he posto o Etereo paraíso.

Os dões que dá Pomona ali natura  
 Produze diferentes nos sabores,  
 Sem ter necessidade de cultura,  
 Que sem ella se dão muito milhores ;  
 As Cereijas porpureas na pintura ;  
 As Amoras, que o nome tem de amores ;  
 O pomo, que da patria Persia veio,  
 Melhor tornado no terreno alheio.

Abre a Romã mostrando a rubicunda  
 Cor, com que tu, Rubi, teu preço perdes ;  
 Entre os braços do Ulmeiro está a jocunda  
 Vide, cūs cachos roxos e outros verdes ;  
 E vós, se na vossa arvore fecunda,  
 Peras pyramidaes, viver quiserdes,  
 Entregai-vos ao dano que cos bicos  
 Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella e fina,  
 Com que se cobre o rustico terreno,  
 Faz ser a de Achemenia menos dina,  
 Mas o sombrio valle mais ameno ;  
 Ali a cabeça a flor Cyfisias inclina,  
 Sobollo tanque lucido e sereno ;  
 Florece o filho e neto de Cyniras,  
 Por quem tu, Deosa Paphia, inda suspiras.

Pera julgar difficil cousa fora,  
 No çeo vendo e na terra as mesmas cores,  
 Se dava ás flores cor a bella Aurora,  
 Ou se lh'a dam a ella as bellas flores.  
 Pintando estava ali Zefiro e Flora  
 As violas da cor dos amadores ;  
 O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,  
 Qual reluze nas faces da donzella ;



A candida Cecém, das Matutinas  
 Lagrimas ruciada, e a Manjarona  
 Ven-se as letras nas flores Hyacintinas,  
 Tam queridas do filho de Latona;  
 Bem se enxerga nos pomos e boninas  
 Que competia Cloris com Pomona;  
 Pois se as aves no ar cantando voão,  
 Alegres animais o chão povoão.

Ao longo da agoa o niveo Cisne canta;  
 Responde-lhe do ramo Philomela;  
 Da sombra de seus cornos nam se espanta  
 Acteon nagoa cristalina e bella;  
 Aqui a fugace Lebre se levanta  
 Da espessa mata ou tímida Gazella;  
 Ali no bico traz ao caro ninho  
 O mantimento o leve passarinho. <sup>1</sup>

A paisagem é grega, nas reminiscencias classicas, na delicadeza subtil dos toques, no artificio: em tudo. Não é um quadro realista: é uma pintura, como a das paisagens do tempo, feita *à priori*, com elementos extrahidos da phantasia e não da observação. N'esse paraíso, as arvores, as flôres, as aguas, vivem, misturando os seus canticos aos dos animaes meigos. O homem não appareceu ainda, mas sente-se que não faz falta, pois que toda a naturêza está humanisada e espiritualisada. Retire-se do paraíso de Milton o par humano, e ficará mudo esse quadro protestante: este quadro pagão vive por si proprio.

Vejamos agora a entrada dos homens no paraíso:

Nesta frescura tal desembarcavão  
 Ja das naos os segundos Argonautas,  
 Onde pela floresta se deixavão  
 Andar as bellas Deosas, como incantas;

<sup>1</sup> C. IX, 54-63.

Algũas doçes Cytaras tocavão,  
Algũas arpys e sonoras frautas,  
Outras cos arcos de ouro se fingião  
Seguir os animais, que nam seguião.

Assi lh'o aconselhara a mestra experta  
Que andassem pelos campos espalhadas,  
Que, vista dos barões a presa incerta,  
Se fizessem primeyro desejadas.  
Algũas, que na forma descuberta  
Do bello corpo estavão confiadas,  
Posta a artificiosa fermosura,  
Nuas lavar se deyxão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya  
Punhão os pés de terra cubiçosos,  
Que não ha nenhum delles que não saya  
De acharem caça agreste desejosos,  
Não cuydão que, sem laço ou redes caya  
Caça naquelles montes deleytosos,  
Tão suave domestica e benina,  
Qual ferida lh'a tinha ja Ericina.

Algũs, que em espingardas e nas bestas  
Pera ferir os Cervos se fiavão,  
Pelos sombrios matos e florestas  
Determinadamente se lançavão;  
Outros nas sombras que, de as altas sestas  
Defendem a verdura, passeavão  
Ao longo da agoa, que, suave e queda,  
Por alvas pedras corre á praya leda.

Começão de enxergar subitamente  
Por entre verdes ramos varias cores,  
Cores de quem a vista julga e sente  
Que não erão das rosas ou das flores,  
Mas da Lam fina e seda diferente,  
Que mais incita a força dos amores,  
De que se vestem as humanas rosas,  
Fazendo-se por arte mais fermosas.

Dá Veloso espantado hum grande grito :  
«Senhores, caça estranha, disse, he esta ;  
Se inda dura o Gentio antigo rito,  
A Deosas he sagrada esta floresta :  
Mais descobrimos do que humano espirito.  
Desejou nunca ; e bem se manifesta  
Que sam grandes as cousas, e excellentes,  
Que o mundo encobre aos homẽs imprudẽtes.

Sigamos estas Deosas, e vejamos  
Se fantasticas sam, se verdadeiras.»  
Isto dito, veloces mais que Gamos,  
Se lançam a correr pelas ribeiras.  
Fugindo as Ninphas vão por entre os ramos,  
Mas, mais industriosas que ligeiras,  
Pouco e pouco sorrindo e gritos dando,  
Se deixam yr dos Galgos alcançando.

De hũa os cabellos de ouro o vento leva,  
Correndo, e de outra as fraldas delicadas ;  
Acende-se o desejo, que se ceva  
Nas alvas carnes subito mostradas ;  
Hũa de industria cae e já releva,  
Com mostras mais macias que indinada,  
Que sobre ella empecendo tambem caia  
Quem a seguio pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar  
Com as Deosas despiças, que se lavão ;  
Ellas começam subito a gritar,  
Como que assalto tal não esperavão :  
Hũas, fingindo menos estimar  
A vergonha que a força, se lançavão  
Nuas por entre o mato, aos olhos dando  
O que ás mãos cobiçosas vão negando.

Outra, como acudindo mais de pressa  
A' vergonha da Deosa caçadora,  
Esconde o corpo nagoa ; outra se apressa  
Por tomar os vestidos, que tem fora.

Tal dos mançebos ha que se arremessa  
 Vestido assi e calçado (que co a mora  
 De se despir ha medo que ainda tarde)  
 A matar na agoa o fogo que n'elle arde. <sup>1</sup>

E' uma kermesse de Rubens, como a Renascença as desenhava na sua alegria ingenua de viver. Sobre a paisagem delicada que a reminiscencia classica de-buxa na imaginação do poeta, representa-se o banquete da carne como os sentidos excitados dos homens de acção, portuguezes sensuaes e amorosos, os ideavam. Camões desenhou um typo de festins, em que, salva a distancia que vae sempre do typo ao exemplo, tanto elle, como Velloso, Leonardo, e todos os soldados da India, se deliciaram muitas vezes. A carnalidade portugueza foi até um dos elementos que tivemos de imperio.

Leonardo é a imagem do portuguez «soldado bem desposto, manhoso, cavalleiro e namorado» <sup>2</sup> feliz nos amores, mas sempre derreado por paixões, *amavioso*, como diria Fernão Lopes, terno, infeliz como Bernardim, dispondo da linguagem que seduz as mulheres. Perseguido Efire, vence-a com os seus cantos de amor, «namoradas magoas» que sempre andaram em boccas portuguezas e a que as nymphas se rendem sempre :

Volvendo o rosto ja sereno e sancto,  
 Toda banhada em riso e alegria,  
 Cair se deixa aos pés do vencedor,  
 Que todo se desfaz em puro amor. <sup>3</sup>

A embriaguez augmenta, o delirio cresce, a bacchanal é completa; mas não ha nada que se pareça

<sup>1</sup> C. IX, 64-73. — <sup>2</sup> 74 e segg. — <sup>3</sup> 81.

com as dyonisiacas da Antiguidade, em que a orgia se desgrenhava misturada com exaltações mysticas e contorsões de hysticismo. O veneno das doenças orientaes que mataram a Grecia, não apparece n'esta festa da phantasia, apesar de estarmos internados muito mais além pelo Oriente em fóra. O sensualismo é ingenuo, simplesmente carnal e pagão, sem allucinações mysticas. Os homens parecem creanças deixadas á solta, n'uma folga, depois dos trabalhos rudes da viagem epica.

E o sensualismo da Renascença foi assim: um vehemente desejo; sem os ardores de concupiscencia, que vieram tambem depois com as exaltações do quietismo monastico:

O' que fanjutos beijos na floresta!  
 E que mimoso choro, que soava!  
 Que afagos tam suaves! que yra honesta,  
 Que em risinhos alegres se tornava! <sup>1</sup>

Tal é o premio «dos feitos grandes, da ousadia forte e famosa»: <sup>2</sup> é o gôso de viver. Tambem a Renascença era a ilha dos Amores, que vinha depois da longa viagem através dos mares tenebrosos da Edade-média encapellados de mêdos de Deus, ericados de syrtes infernaes, com os céos enovelados pelas duvidas e os relampagos fuzilando tetricamente nas consciencias.

Mas esta alegria do mundo acclamando o gôso, idéa que está na mente do poeta apesar das suas confissões de que taes quadros são apenas ficções symbolicas, <sup>3</sup> não resume por isso mesmo todo o seu pensamento. Pelo contrario: é sómente o pri-

<sup>1</sup> C. IX, 83. — <sup>2</sup> 83. — <sup>3</sup> 89.

meiro momento de definição, ou o primeiro degrau da escada de Jacob pela qual se sobe ao céu. Camões não é Rubens; Portugal não é a Flandres; a vida não é apenas uma kermesse, nem se resume no gôso sensual. Para alguma cousa nos haviam de servir a gravidade, a lealdade: todas as qualidades estoicas que temperavam o aço do nosso caracter heroico e apostolico.

Se a vida, porém, não é apenas uma kermesse de cobiça e gôso, de rapina e digestão, tambem não é, como quer o mysticismo allucinado do protestante, um peccado, nem uma protervia. O mundo, pelo contrario, é optimo; a acção é indispensavel; o trabalho é redemptor; o heroismo é sublime. Tudo isto affirma ao Gama, levando-o pela mão, gravemente, sem requebros, nem ternuras,

Pera o cume dum monte, alto e divino,  
No qual hãa rica fabrica se erguia,  
De cristal toda e de ouro, puro e fino, <sup>1</sup>

a maior das nymphas, a quem se humilha e obedece todo o côro. Lá no alto d'esse monte, e no seio da fabrica de ouro da Razão, a filha de Vesta e de Celo revela ao heroe a verdade escondida nos prazeres que o côro das nymphas e dos navegadores vão gosando á solta. Essa verdade, conhecida só dos iniciados, consiste em

Que as Nimphas do Oceano tam formosas,  
Tethys e a Ilha angelica pintada,  
Outra cousa nam he que as deleitosas  
Honras, que a vida fazem sublimada:

<sup>1</sup> C. IX, 87.

Aquellas preminencias gloriosas,  
Os triumphos, a fronte coroada  
De Palma e Louro, a gloria e maravilha,  
Estes sam os deleites desta Ilha;

Que as immortalidades que fingia  
A antiguidade, que os illustres ama,  
La no estellante Olimpo a quem subia  
Sobre as asas inclitas da fama,  
Por obras valerosas, que fazia,  
Pelo trabalho immenso, que se chama  
Caminho da virtude, alto e fragoso,  
Mas no fim doce, alegre e deleitso. <sup>1</sup>

A vida é, pois, o caminho da virtude; o gôso é o seu premio. N'estas breves palavras está a chave do enygma da ilha dos Amores, fluctuante na imaginação dos tempos e ancorada pelo genio de Camões na rocha firme do estoicismo portuguez. D'este modo a realidade apparece comprehendida á luz da razão moral; e a desordem do mundo que a Luthero surgia como condemnação, quando a Justiça de Deus lhe soava na consciencia como trovões, transforma-se n'uma harmonia immensa, unica e positiva expressão da Justiça absoluta.

Sêde dignos, leaes, valorosos, justos e bons, e a vida vos será propicia e entrareis n'esta ilha das venturas:

Por isso, ó vós, que as famas estimais,  
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,  
Despertai ja do sono, do ocio ignavo,  
Que o animo de livre faz escravo;

<sup>1</sup> C. ix, 89-90.

E ponde na cobiça um freio duro,  
E na ambiçam tambem, que indignamente  
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro  
Vicio da tirania, infame e urgente,  
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,  
Verdadeiro valor nam dão á gente :  
Milhor é mercellos, sem os ter,  
Que possuilos, sem os merecer. <sup>1</sup>

D'esta fórma a antinomia ideal do mundo se resolve pelo sentimento moral. O combate da graça e da justiça, que afflige os mysticos, vence-se no cume do monte alto e divino, onde se ergue o palacio de ouro da razão humana. Dilatando as vistas d'ahi, as contendias parecem, como pareciam com motivo a Leão x, bulhas de frades. A eterna gloria da Renascença é ter percebido esta synthese pela arte; a gloria immorredoura de Portugal é tê-la realisado pelo character; e a gloria tambem immarcessivel de Camões é cantal-a nos *Lusiadas*, que a este respeito são tambem um prenuncio do criticismo contemporaneo.

<sup>1</sup> C. ix, 92-3.



## CAPITULO QUINTO

### A nação portugueza

---

#### I

Substituir o maravilhoso christão ou medieval pelas fabulas da Antiguidade restaurada, não é em Camões, nem no Portugal quinhentista, um simples capricho litterario. Já procurámos determinar-lhe as origens moraes e philosophicas; já indicámos tambem de passagem o traço politico intimamente relacionado com ellas, e voltamos agora para assentar melhor um ponto essencial na comprehensão da epopeia portugueza.

Assim como o Paraiso biblico se transforma na ilha dos Amores, onde, em vez de peccado-original, achamos a propria apothese do amor sexual; assim como, em vez de céo, vimos abertas as portas do Olympo, e Jupiter no throno em que nos autos medievaes se sentava Deus-pae; assim como, em logar dos córos de serafins e potestades da mythologia christan, dançam na terra e no mar as rodas de nymphas e sereias: assim tambem os heroes da

historia antiga tomam o lugar dos campeões da Idade-média. Ajax substitue Rolando; Alexandre, Carlos-Magno; e o combate epico de Roncesvalles, ou as façanhas do Cid, esquecem-se pelas tradições da guerra de Troia.

O pensar, o sentir, a ambição e o desejo universaes, eram para Portugal reproduzir os feitos e o genio d'aquelle povo, o romano, que rematára politicamente a missão da Antiguidade mais caracterizada ainda pela força e pela grandeza, do que pelo encanto e agudeza peculiares dos gregos. Por um acto de vontade collectiva, Portugal quiz ser e foi uma imitação de Roma; e esse acto de vontade, semente da sua energia heroica, deu physionomia propria a um pequeno povo que primeiro vivêra indistincto entre os varios reinos da Hespanha, apenas porventura caracterizado diferencialmente pelo lyrismo da sua alma celtica, egual em todo o caso dos dous lados do Mondego, mais egual ainda em ambas as margens do Minho.

A vontade consciente e deliberada de reproduzir Roma, encontrando um apoio natural e quasi physico, primeiro na tradição apenas negativa da separação autonómica, depois na expansão maritima e nos dominios ultramarinos, em parte filhos da geographia, em parte consequencia das necessidades da independencia: essa vontade firme e decidida cria um sentimento correlativo, o patriotismo, elevando-o ás culminações de uma piedade quasi religiosa, exactamente como succedêra em Roma.

A missão de Roma na historia dos povos europeus foi conceber pela primeira vez a idéa abstracta de Nação, deduzindo-a do facto natural da familia. Nenhum povo no mundo attingira ainda este momento de constituição social: nem os orien-

taes, principalmente os semitas, portadores da idéa de Imperio, que era uma aggregação apenas militar ou fiscal, sem unidade na ascendencia, na lingua, nas instituições civis: conjunção mais ou menos transitoria de elementos ethnicos dispersos e a que a espada de um guerreiro conseguia impôr um dominio brutal, dando-lhe só uma apparencia de ordem; nem os occidentaes, principalmente aryanos, e sobretudo os gregos, que exgotaram a sua vitalidade politica, sem saírem da esphera rudimentar da aggregação em cidades ou republicas federadas. O laço de união federativa não tinha o character de abstracção bastante para se affirmar de um modo categorico; o principio organico da unidade não excedia as muralhas de cidade, e, na sua instabilidade, as ligas apresentavam o aspecto de constantes aggregações e desaggregações de moleculas sociaes em busca de um novo molde constitucional.

Não o achou a Grecia, e por isso o valor da sua historia, eminente no pensamento e na arte, é mediocre nas instituições e na politica. Agitando-se ás cegas n'um torvelinho, teve de submeter-se ao governo de Roma para conseguir a paz que é, afinal, a necessidade primaria das sociedades, e o que ellas buscam quando procuram formulas constitucionaes.

Da ordem material dos imperios, da agitação esteril das cidades republicanas, extrahu. Roma um typo constitucional novo, a Nação, e com elle um sentimento egualmente novo, o Patriotismo. A nação, alargando a milhões de homens e a regiões inteiras, os vinculos sociaes da cidade, unificados e generalizados, apparecia como uma *urbs* ideal em que o laço federativo se transformava no accordo das instituições e na centralisação da auctoridade,

mantendo, na propria espontaneidade social, essa ordem que os imperios só attingiam esmagando a sociedade com a espada e com o imposto.

A verdadeira grandeza romana consiste n'esta invenção, a cuja sombra todos os povos civilizados viveram depois no mundo, animados por uma alma nova e mais ou menos vibrante. A toda a idéa corresponde um sentimento. Uma noção manifesta-se sempre ao mesmo tempo como idéa e como sentimento, como pensamento e como affecto. Se a idéa é como a raiz, penetrando com energia no mais fundo da alma intellectual para lhe sorver a força, o sentimento é como a flôr, desabrochando com effusões de graça na amplitude do espaço para o encher de piedade e encanto.

O patriotismo romano, e o portuguez, formado á sua imagem, foram das mais bellas flôres que a piedade humana creou. O sentimento natural do amor, base da familia, e o sentimento natural de carinho pela terra em que nascemos, fundiam-se, cruzavam, gerando de si a flôr mystica do patriotismo: quasi religião que, sendo o amor da terra e o amor do sangue, é, porém, mais do que ambos, no orgulho do nome, no respeito da tradição, no enthusiasmo ardente por esse mytho que se nos gera nos espiritos, a Patria, e que chega a provocar culto como os dos deuses.

O reapparecimento do patriotismo antigo, depois do intervallo em que o torvelinho communalista da Edade-média reproduzia os tempos federaes da Grecia, é um dos caracteres da Renascença; mas nenhum povo, durante essa época, deu aos seus sentimentos e idéas politicas, nem ás suas instituições reformadas, um character de reproducção mais fiel de Roma, do que o povo portuguez. Portugal

foi verdadeiramente, no corpo e na alma, uma segunda Roma; e foi-o por decisão voluntaria e consciente de todos os seus espiritos superiores. O ardor quasi religioso do patriotismo nacional ninguem nos tempos modernos o excedeu. E nenhum portuguez excedeu Camões no amor pela patria, baluarte glorioso de um pensamento e de uma vontade, cujas muralhas pousavam firmemente sobre a rocha palpitante da paixão pela terra, pelo sangue e pela historia lusitana.

Toda a geração dos quinhentistas, Camões, Sá de Miranda e o proprio Gil Vicente, tão popular e tão archaico, estavam penetrados d'esta fé patriótica e da idéa de que o caracter portuguez era formado á imitação de Roma. Nas *Côrtes de Jupiter*, Marte dil-o claramente:

E mais eu tenho cuidado  
D'este reino lusitano,  
Deus me tem dito e mandado  
Que lh'o tenha bem guardado  
Porque o quer fazer romano.

Nos *Lusiadas*, esta idéa é dominante. Venus diz da lingua portugueza que, ao ouvil-a, «com pouca corrupção crê que é latina». <sup>1</sup> Baccho «arde, morre, blasphema e desatina» porque «via estar todo o céo determinado de fazer de Lisboa nova Roma». <sup>2</sup> E Venus, entre os argumentos de defeza para os portuguezes, allega quanto «imitam as antigas obras de meus romanos». <sup>3</sup>

Ora esta idéa, que poderia não passar de uma preocupação litteraria, se porventura a não visse-

<sup>1</sup> C. I, 33.—<sup>2</sup> C. VI, 6-7.—<sup>3</sup> C. IX, 36.

mos ir ao ponto de modelar os caracteres, revela, quanto a nós, o traço constitucional da nação portugueza. Formada, com effeito, contra a geographia e contra a ethnographia, pela vontade de principes que fizeram do condado portuguez um monumento de energia politica, tem a mesma indole, e o proprio caracter seculos antes manifestos em Roma.

Certamente, o conde D. Henrique e os reis da primeira dynastia, construindo a nação portugueza, não procediam por imitação classica. Obedeciam, pelo contrario, aos impulsos da sua ambição espontanea, quando fragmentavam o dominio politico, para apagar de todo a tradição do Imperio que na propria Hespanha vivia ainda, a ponto de Affonso VI se cognominar imperador, á moda romana.

Os principes affonsinos, porém, construíram Portugal do mesmo modo que os banidos crearam Roma: á força de vontade, indo de encontro ás indicações naturaes. Em todas as civilisações se encontram parallelamente os dous typos de aggregação social, a que bem podemos denominar nacionalidades e nações: umas, existindo e desenvolvendo-se por força de circumstancias naturaes, como são a homogeneidade da raça, ou a conformação do territorio; outras, pelo contrario, elevando-se pela vontade energica dos principes, ou dos povos. Incontestavelmente, Portugal pertence á segunda especie.

E entre os motivos que posteriormente vieram sancionar e consolidar a formação da nação portugueza, encontra-se a tradição romana, que, vencendo afinal de todo na Renascença, vem como que definir o pensamento nacional pela bocca dos seus homens eminentes.

Qualquer que fosse o grau de adiantamento organico das sociedades que precederam a conquista

romana, é um facto que, na Hespanha, como na Gallia e na Italia, essas sociedades se latinisaram por completo. O motivo principal de tal facto está no character philosophico da civilisação de Roma. A faculdade eminente dos latinos, a abstracção, empregou-se de um modo superior na politica, e a *urbs* latina apresentou um typo diverso das cidades precedentes, em que a ascendencia rasgava um fosso profundo perante os estrangeiros, quando a idéa de patria estava na consanguinidade. Em Roma, abertas de par em par, pelo direito, as portas da cidade gloriosa, para se ser romano bastava commungar n'uma ordem de principios abstractos adaptados a todos os homens, apropriados a todos os climas, erguidos na região abstracta das idéas, sobre o cahos nebuloso do parentesco natural e da proximidade geographica. Roma inventou o catholicismo politico, á imagem do qual se fez o religioso. Antes de o Evangelho dizer que todos eramos eguaes perante Deus, já Roma affirmára que todos o eramos perante a lei.

Esta é a força invencivel que por toda a parte submete os povos, as linguas e os costumes; e por isso em todo o Meio-dia europeu a romanisação apagou os traços das civilisações rudimentares naturaes, de iberos, de celtas e de italos. Carthagena caiu, como Aquilania e Alesia. Por toda a parte Roma impunha o imperio da razão; por toda a parte abria as portas dos santuarios e das assembleas aos indigenas, chamando-os a si e assimilando-os, por isso mesmo que o novo molde social não era uma feição exclusiva entre muitas, mas sim uma invenção racional abstracta que as abraçava todas.

Mas, se na Gallia os romanos encontraram so-

ciudades positivamente constituidas e mais civilizadas porventura do que os invasores, na Hespanha, onde todavia a resistencia não foi menor, os nucleos sociaes não tinham saído ainda do estado rudimentar de tribus mais ou menos barbaras, pastores em geral acantonados nos recessos das montanhas, em cujas alturas acastellavam as suas cidades-baluartes. E' por isso que, uma vez conquistada, a Hespanha se romanisa a ponto de que as linguas indigenas se perdem completamente, e os seus homens rivalisam com os italianos de Roma na expressão genuina do pensamento latino. Trajano, Adriano, Theodosio, Seneca, Lucano, Marcial, Quintiliano, Silio Italico, Pomponio Mela, Columella, todos esses *romanos*, são hespanhoes. A Hespanha, sem perder, é claro, as qualidades e os defeitos naturaes que os seus habitantes recebiam do solo, do clima e do sangue dos avós, ganhava, porém, um temperamento moral novo e uma educação civilisada; e subordinar a vontade espontanea ao pensamento racional, suprema empreza do homem digno de tal nome, eis-ahi o que a Hespanha conseguiu realisar para gloria propria e fortuna do seu destino ulterior.

A conquista wisigothica não alterou gravemente as cousas, antes foi um episodio mais na decomposição da sociedade romanisada. Os novos principes germanicos, substituindo as auctoridades imperiaes, mantiveram a constituição da sociedade antiga, já consagrada tambem pelas instituições ecclesiasticas do catholicismo, creadas á imagem e semelhança das imperiaes. Os wisigodos restauram a ordem, varrendo para Africa os vándalos, suevos e álanos, que todavia deixam restos da sua passagem nos confins oppostos da Peninsula: na Galliza e



na Andaluzia. E o clero mantem a organização municipal, base ferrea da sociedade romanizada, iniciando, nos seus concilios, uma especie diversa de representação nacional.

Aos arabes devemos, finalmente, o entrarmos, seculos depois, no caminho que a guerra abrija já aos povos da Europa central. Destruida então por completo a sociedade romana, começa, com a reconquista, a formação da Hespanha moderna. Pulverizam-se os estados, anarchisa-se a sociedade, que a força das cousas constitue em acampamentos. Aparecem os typos heroicos e abrem-se os ciclos epicos da cavallaria. Resuscitam Heitor e Achilles no Cid; e os novos poemas cantam-se n'uma linguagem tambem nova, composta com os detritos da lingua antiga desorganizada pelas commoções sociaes profundas.

Não cabe aqui a historia dos elementos varios que entram na formação e desenvolvimento da Hespanha moderna. Basta, no quadro d'este livro, dizer que o condado portuguez, formado a principio com um retalho da Galliza, appareceu na historia litteraria como o representante da lingua e da poesia gallegiana. Basta acrescentar, que os primeiros movimentos da poesia litteraria foram inspirados pelo provençalismo, essa pristina renascença do naturalismo antigo que surgia no meio da phantasmagoria medieval. Cantava-se outra vez o amor. E por esta porta dourada o pensamento portuguez foi subindo, palpando, tomando consciencia de si, a ponto de, no seculo xvi, poder affirmar claramente que a patria lusitana, construida pelo heroismo dos principes e dos povos, em Guimarães, em Ourique e em Aljubarrota, era com effeito outra Roma, no principio constitucional organico, e na restauração

das idéas moraes abstractas lançadas pela civilização romana ao solo pingue da Hespanha.

Os *Lusiadas*, de principio a fim inspirados por estes pensamentos, são pois a nossa biblia nacional, e o *tesoro del luso*, na bella phrase de Cervantes. Camões, que reúne em si e enfeixa todos os elementos poeticos da tradição espontanea; Camões que, n'um ponto de vista ethnico, é o poeta portuguez por excellencia, successor e continuador dos bardos da poesia cavalheiresca e popular, cuja graça e agudeza conserva, é o trovador apaixonado em quem mais alto se levanta a chamma de amor platónico lusitano:

De amor escrevo, de amor trato e vivo. <sup>1</sup>

O amor desculpa e perdoa tudo, porque o genio lusitano é visceralmente pathetico: d'ahi vem a sua melancolia, a sua saudade, a sua meiguice; d'ahi tambem a gravidade leal em que a tristeza se transforma nos momentos criticos da vida. Perante o fraco rei D. Fernando, perdido por uma mulher que o não merecia, Camões não accusa: explica e desculpa.

Mas quem pode livrar-se por ventura  
 Dos laços que amor arma brandamente,  
 Entre as rosas e a neve humana pura,  
 O ouro e o alabastro transparente?  
 Quem de hũa peregrina fermosura,  
 De hum vulto de Medusa propriamente  
 Que o coração converte, que tem preso,  
 Em pedra não, mas em desejo aceso? <sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Canç.* 5.

O poema registra as lendas e tradições patrias lusitanas, que baptisam a independência de Portugal com um milagre duplo: a bravura de Affonso Henriques e o apparecimento de Jesus Crucificado, em Ourique. <sup>1</sup> A solução da crise de 1383, com a aclamação de D. João I, é outro milagre:

Ser isto ordenação dos ceos divina  
 Por sinais muito claros se mostrou,  
 Quando em Evora a voz de hũa minina,  
 Ante tempo falando, o nomeou,  
 E, como eousa em fim que o Ceo destina,  
 No berço o corpo e a voz alevantou:  
 «Portugal! Portugal! alçando a mão,  
 Disse, polo Rei novo Dom João!» <sup>2</sup>

A coragem de um homem fundou Portugal, o entusiasmo de um povo manteve-lhe a autonomia. A nação é verdadeiramente um milagre de vontade. Destacado da Galliza pingue, e do ingenho naturalismo primitivo, Portugal, triumphante em Lisboa, é uma nação nova:

E tu, nobre Lisboa, que no Mundo  
 Facilmente das outras es princesa,  
 Que edificada foste do facundo,  
 Por cujo engano foy Dardania acesa;  
 Tu, a quem obedece o Mar profundo,  
 Obedeceste á força Portugueza. <sup>3</sup>

E esse povo, filho do milagre, solta as azas e parte, mares em fóra, a «por o freio» a quantas gentes vê. <sup>4</sup>

Tal é o destino da nação, tal a sua historia,

<sup>1</sup> C. III, 42-54. — <sup>2</sup> C. IV, 3. — <sup>3</sup> C. III, 55. — <sup>4</sup> C. IV, 74.  
*Tu regere imperio populos, Romane, memento.*

admiravelmente sentida com uma intuição rara nos *Lusiadas*, que são porventura mais exactos ainda quando determinam os traços physionomicos do povo. Do amor não fallemos mais, nem é mistér fallarmos da força lusitana celebrada na bravura excepcional dos heroes: esses dous sentimentos são os fundamentaes, sobre que se levanta a construção aérea das faculdades moraes. E' ahí que vamos procurar o portuguez.

A sua melancolia ingenita, opposta diametralmente á ostentação castelhana, fórma a base do character de Vasco da Gama, o heroe dos *Lusiadas*, tão cheio de modestia e piedade como Eneas, na sua falla ao rei de Melinde:

O' tu que so tiveste piedade,  
 Rei benigno, da gente Lusitana  
 Que, com tanta miseria e adversidade,  
 Dos mares experimenta a furia insana;  
 Aquella alta e divina eternidade  
 Que o Ceo revolve e rege a gente humana,  
 Pois que de ti tais obras recebemos,  
 Te pague o que nós outros não podemos... <sup>1</sup>

E o proprio Camões, ou o Gama, hesitam em contar a grandeza dos feitos portuguezes:

Que outrem possa louvar esforço alheio  
 Cousa he que se costuma e se deseja;  
 Mas louvar os meus proprios, arreceio  
 Que louvor tão sospeito mal me esteja;  
 E, pera dizer tudo, temo e creio  
 Que qualquer longo tempo curto seja;  
 Mas, pois o mandas, tudo se te deve,  
 Irey contra o que devo e serey breve. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> C. II, 104. — <sup>2</sup> C. III, 4.

Esta modestia piedosa é o mais energico attestado de uma força moral invencivel, que se manifesta pela disciplina nas crises mais difficeis :

Cres tu que ja não forão levantados  
Contra seu capitão, se os resistira,  
Fazendo-se Piratas, obrigados  
De desesperação, de fome, de ira ?  
Grandemente por certo estão provados ;  
Pois que nenhum trabalho grande os tira  
Daquella Portuguesa alta eccellençia  
De lealdade firme e obediencia. <sup>1</sup>

A lealdade firme, virtude essencialmente portugueza, ia enraizar-se nas profundidades do tempo com as lendas historicas, espelho vivo do character dos povos ; e as lendas nacionaes contam o caso dos castellãos de Coimbra e Celorico, Pacheco e Martin de Freitas, rebeldes a Affonso III, e que só lhe prestaram homenagem depois de vêrem morto ao pobre Sancho II que, seguindo a tradição, Camões condemna :

Mas o Reino, de altivo e costumado  
A senhores em tudo soberanos,  
A Rei não obedece nem consente,  
Que não for mais que todos excellente. <sup>2</sup>

As mesmas lendas referem o voto de Egas Moniz. Outro Abraham, vae com os filhos entregar-se ao leonez. O caso provoca da parte do poeta um grito de intima admiração :

Ó grão fidelidade Portuguesa ! <sup>3</sup>

<sup>1</sup> C. V, 72. — <sup>2</sup> C. III, 93. — <sup>3</sup> 35-40.

Esta lealdade estoica, nervo de aço da velha alma nacional, não é, porém, um esforço, nem uma violência, como na doutrina antiga: são naturalmente do temperamento, como a flôr da haste e o fructo da flôr. O portuguez é humano, porque é amoroso e triste; e é fiel, porque é humano. Camões condemna a deshumanidade sempre que a encontra, embora seja na historia dos seus heroes mais queridos, em Albuquerque o *terribil*, ou em Affonso Henriques. O fundador da monarchia peccou prendendo a mão: por isso foi castigado em Badajoz:

Mas o alto Deos, que pera longe guarda  
 O castigo daquelle que o mereçe,  
 Ou pera que se emmende ás vezes tarda,  
 Ou por segredos que homem não conhece,  
 Se até qui sempre o forte Rei resguarda  
 Dos perigos a que elle se offereçe,  
 Agora lhe não deixa ter defesa  
 Da maldição da mãy, que estava presa. <sup>1</sup>

Tal é, portanto, o character portuguez, conforme se encontra nos *Lusiadas*. A historia e a observação confirmam-no. A nobreza e a força, na gravidade austera, provéem do sentimento da humanidade e da lealdade, que por seu turno se desdobram do amor e da melancolia ingênita. E' uma vegetação perfeita, enraizada no solo, florindo no ar: haurindo da natureza a seiva colorante das flôres e avigorante dos troncos e braços que, estendendo-se pelo mundo, o avassallaram. A perversão dos sentimentos constitucionaes da alma portugueza mostra ainda a verdade d'esta analyse, porque a ternura amaviosa não é mais do que a fraqueza do

<sup>1</sup> C. III, 99.

amor, e o desgosto apathico a exaggeração da melancolia. A dureza cruel de que tantas provas demos no Oriente, não é senão a perversão da austeridade e da força; e a basofia nacional, de todos conhecida, em todos os tempos, e grandemente celebrada na éra de Camões, reduz-se a uma inconsequencia na dignidade e na nobreza.

Camões, em cujo peito vibravam todas as cordas da alma nacional — por isso foi o seu epico — nos momentos successivos da historia da nossa definição moral collectiva, vae mostrar-nos, com um dos episodios classicos dos *Lusiadas*, como essa alma vive e se agita quando a mocidade a inspirava ainda. E' a historia de Magriço e dos Doze-d'Inglaterra, no tempo de D. João I, em que Portugal, depois de receber a iniciação poetica da Provença, recebia a iniciação cavalheiresca: <sup>1</sup>

Entre as damas gentis da corte Inglesa  
E nobres cortesãos acaso hum dia  
Se levantou Discordia em ira acesa;  
Ou foy opinião, ou foy porfia:  
Os Cortesãos, a quem tam pouco pesa  
Soltar palavras graves de ousadia,  
Dizem que provarão que honras e famas  
Em tais damas não ha pera ser damas.

E que, se ouver alguem, com lança e espada,  
Que queira sustentar a parte sua,  
Que elles em campo raso ou estacada  
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.  
A femeníl fraqueza, pouco usada,  
Ou nunca, a oprobrios tais, vendo-se nua  
De forças naturais, convenientes,  
Socorro pede a amigos e parentes.

<sup>1</sup> C. VI, 43-69.

Mas, como fossem grandes e possantes  
No reino os inimigos, não se atrevem  
Nem parentes, nem fervidos amantes,  
A sustentar as damas como devem :  
Com lagrimas fermosas e bastantes  
A fazer que em socorro os Deoses levem  
De todo o Ceo, por rostos de alabastro,  
Se vão todas ao duque de Alencaastro.

Era este Ingres potente e militara  
Cos Portugueses ja contra Castella,  
Onde as forças magnanimas provara  
Dos companheiros e benigna estrella ;  
Não menos nesta terra esprimentara  
Namorados affeitos, quando nella  
A filha vio, que tanto o peito doma,  
Do forte Rey, que por molher a toma.

Este, que socorrer-lhe não queria  
Por não causar discordias intestinas,  
Lhe diz : «Quando o direito pretendia  
Do reino la das terras Iberinas,  
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
Tanto primor e partes tão divinas  
Que elles sos poderião, se não erro,  
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E se, agravadas damas, sois servidas,  
Por vós lhe mandarei embaixadores,  
Que por cartas discretas e polidas  
De vosso agravo os fação sabedores ;  
Tambem por vossa parte encarecidas,  
Com palavras dafagos e damores,  
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo  
Que ali terees socorro e forte esteyo.»

Destarte as aconselha o Duque experto  
E logo lhe nomea doze fortes  
E, porque cada dama hum tenha certo,  
Lhe manda que sobrelles lancem sortes,



Que ellas so doze sam ; e, descuberto  
Qual a qual tem caído das consortes,  
Cadhũa escreve ao seu por varios modos,  
E todas a seu Rey, e o Duque a todos.

Ja chega a Portugal o mensageiro ;  
Toda a corte alvoroga a novidade ;  
Quisera o Rey sublime ser primeiro,  
Mas não lho soffre a Regia Magestade.  
Qualquer dos cortesãos aventureiro  
Deseja ser, com fervida vontade ;  
E so fica por bemaventurado  
Quem ja vem pelo Duque nomeado.

La na leal cidade, donde teve  
Origem (como he fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leve  
Manda o que tem o leme do governo.  
Apercebem-se os doze em tempo breve  
Darmas e roupas, de uso mais moderno,  
De elmos, cimeiras, letras e primores,  
Cavalos e Concertos de mil cores.

Ja do seu Rey tomado tem licença  
Pera partir do Douro celebrado  
Aquelles que escolhidos por sentença  
Forão do Duque Ingles esprimentado.  
Não ha na companhia differença  
De cavaleiro destro ou esforçado ;  
Mas hum so, que Magriço se dizia,  
Destarte fala á forte companhia :

Fortissimos consocios, eu desejo  
Ha muito ja de andar terras estranhas,  
Por ver mais agoas que as do Douro e Tejo,  
Varias gentes e leis e varias manhas :  
Agora que aparelho certo vejo  
(Pois que do mundo as cousas sam tamanhas),  
Quero, se me deixais, ir so por terra,  
Porque eu serey convosco em Inglaterra.

E, quando caso for que eu impedido  
 Por quem das cousas he ultima linha,  
 Não for comvosco ao prazo instituido,  
 Pouca falta vos faz a falta minha :  
 Todos por mi fareis o que he dividido ;  
 Mas, se a verdade o sprito me adivinha,  
 Rios montes fortuna ou sua enveja  
 Não farão que eu comvosco la não seja.

Assi diz : e, abraçados os amigos  
 E tomada licença, em fim se parte.  
 Passa Lião, Castella, vendo antigos  
 Lugares, que ganhara o patrio Marte,  
 Navarra cos altissimos perigos  
 Do Perineo, que Espanha e Galia parte ;  
 Vistas em fim de França as cousas grandes,  
 No grande emporio foy parar de Frandes.

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,  
 Sem passar se deteve muitos dias ;  
 Mas dos onze a illustrissima companha  
 Cortão do mar do Norte as ondas frias.  
 Chegados de Inglaterra á costa estranha,  
 Pera Londres ja fazem todos vias ;  
 Do Duque sam com festa agasalhados  
 E das damas servidos e amimados.

Chega-se o prazo e dia assinalado  
 De entrar em campo ja cos doze Ingleses,  
 Que pello Rey ja tinhamo securado ;  
 Arman-se delmos, grevas e de arneses ;  
 Ja as damas tem por si fulgente e armado  
 O Mavorte feroz dos Portugueses ;  
 Vestem-se ellas de cores e de sedas,  
 De ouro e de joyas mil, ricas e ledas.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado  
 Magriço, que não vinha, com tristeza  
 Se veste, por não ter quem nomeado  
 Seja seu cavaleiro nesta empresa ;

Bem que os onze apregoão que acabado  
Será o negocio assi na corte Inglesa  
Que as damas vencedoras se conheção,  
Posto que dous e tres dos seus falleção.

Ja num sublime e pubrico theatro  
Se assenta o Rey Ingles com toda a corte.  
Estavão tres e tres e quatro e quatro,  
Bem como a cada qual coubera em sorte.  
Não sam vistos do Sol, do Tejo ao Batro,  
De força, esforço e danimo mais forte,  
Outros doze sayr como os Ingleses  
No campo, contra os onze Portugueses.

Mastigão os cavalos escumando  
Os aureos freos com feroz sembrante !  
Estava o Sol nas armas rutilando,  
Como em cristal ou rigido diamante ;  
Mas enxerga-se num e noutro bando  
Partido desigoal e dissonante,  
Dos onze contra os doze, quando a gente  
Começa a alvoraçar-se geralmente.

Virão todos o rosto aonde avia  
A causa principal do reboliço :  
Eis entra hum cavaleiro, que trazia  
Armas, cavallo, ao bellico serviço ;  
Ao Rey e ás damas fala, e logo se hia  
Pera os onze, que este era o gram Magriço ;  
Abraça os companheiros como amigos,  
A quem não falta, certo nos perigos.

A dama, como ovio que este era aquelle  
Que vinha a defender seu nome e fama,  
Se alegre e veste ali do animal de Hele,  
Que a gente bruta mais que vertude ama.  
Ja dão sinal e o som da tuba impelle  
Os bellicosos animos que inflama ;  
Picão desporas, largão redeas logo,  
Abaxão lança, fere a terra fogo.

N'este quadro primoroso, que se dizia fazer parte de um poema de cavallaria, tal é em Camões o poder de evocação historica, já a lealdade e a bravura portugueza apparecem, mas não se caracterizam ainda com as feições que a distinguiram depois. Magriço não se levanta acima do typo da cavallaria namorada, e a sua lealdade tem um objecto sem alcance moral. Nunalvares, porém, o precursor do patriotismo portuguez, o candido heroe da revolução de 1383, levanta-se entre Affonso Henriques e Albuquerque, entre a Edade-média e a Renascença, entre o velho povo guerreiro e rural e a nação maritima e conquistadora em que elle se tornou, abrindo a passagem com a sua espada de cavalleiro e com a sua palma de santo. Nunalvares dá á sua lealdade e á sua força um objecto condigno. Em vez de se votar ao serviço dos despeitos caprichosos de umas cortezans galantes, vota-se á defeza de uma nova amante, a patria, a que o castelhano pretende roubar a pureza virginal da sua independencia. Acceso em paixão, com os ardores da mocidade de um povo a borbulharem-lhe no peito, e com o entusiasmo proprio de sentimentos ainda não completamente definidos, a incendiarem-lhe a mente, Nunalvares exclama arrebatado,

Com palavras mais duras que elegantes,  
A mão na espada, irado e não facundo,  
Ameaçando a terra, o mar e o mundo :

«Como da gente illustre Portuguesa  
Ha de aver quem refuse o patrio Marte?  
Como desta provincia, que princesa  
Foy das gentes na guerra em toda parte,

Ha de sair quem negue ter defesa,  
Quem negue a Fé, o amor, o esforço e arte  
De Portugues e por nenhum respeito  
O proprio Reino queira ver sogeito?

Como? não sois vos inda os descendentes  
Daquelles que debaixo da bandeira  
Do grande Enriquez, feros e valentes,  
Venceram esta gente tam guerreira?  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
Poseram em fugida, de maneira  
Que sete illustres Condes lhe trouxerão  
Presos, afora a presa que tiverão?

Com quem forão contino sopeados  
Estes, de quem o estais agora vós,  
Por Dinis e seu filho, sublimados,  
Senão cos vossos fortes pais e avós?  
Pois se com seus descuidos ou peccados  
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,  
Torne-vos vossas forças o Rei novo,  
Se he certo que co Rei se muda o povo.

Rei tendes tal que se o valor tiverdes  
Igual ao Rei, que agora alevantastes,  
Desbaratareis tudo o que quiserdes,  
Quanto mais a quem ja desbaratastes;  
E se com isto em fim vos não moverdes  
Do penetrante medo que tomastes,  
Atay as mãos a vosso vão receio,  
Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassalos e com esta  
(E, dizendo isto, arranca mea espada)  
Defenderey da força dura e infesta  
A terra nunca de outrem sojugada;  
Em virtude do Rei, da patria mesta,  
Da lealdade, ja por vós negada,  
Vencerey não so estes adversarios,  
Mas quantos a meu Rei forem contrarios». <sup>1</sup>

<sup>1</sup> C. IV, 14-19.

Eis-ahi como o patriotismo portuguez se elabora, definindo-se progressivamente no sentido da abstracção. Funda-se no sentimento ingenuo da lealdade que em Portugal nasce, como nascêra em Roma, das condições hostis em que a nação se formára, por um acto de vontade contra os preceitos espontaneos da natureza ambiente. Affirma-se primeiro na esphera pessoal da fidelidade á amante e ao principe; depois levanta-se para se tornar um voto quasi religioso a esse sêr incorporeo que avassalla todos os corações com uma paixão tão viva como as paixões naturaes. A Patria é a amante e o principe!

E este desdobramento do amor e da lealdade, pela abstracção, corresponde ao progresso da sociedade no seu organismo. E' a propria alma d'esse organismo vivo, que agora canta unisono acclamando o Mestre d'Aviz victorioso em Aljubarrota. Rasgam-se os horisontes de edades novas a um povo que apparece consciente da sua força, vibrante no seu enthusiasmo, emergindo do passado obscuro em que o patriotismo se elaborava ainda indefinido nos nimbos de um instincto de independencia pessoal: sentimento negativo apenas, sem o valor de uma affirmacção categorica do pensamento, embora sempre tivesse sido, desde o dia de Guimarães, um protesto energico da vontade.

Da mesma fórma, em Roma, as condições do estabelecimento primitivo da cidade crearam logo a energia activa para a conservacção; e essa energia, expandindo-se, desdobrando-se, emergindo da confusão obscura do naturalismo para a atmosphera luminosa das idéas, produziu pela primeira vez no mundo o phenomeno moral do patriotismo, que a analogia das condições e uma semelhança de histo-

ria produziam em Portugal. Assim os portuguezes se acreditavam, e com razão, novos romanos.

Porque não era só na definição psychologica do caracter que reproduziam Roma: era tambem nos traços geraes da historia social. Tambem Roma fôra primitivamente um povo de lavradores-soldados; tambem depois trocou o arado pelo remo, a terra pelo mar, sacrificando o desenvolvimento social e economico da metropole, á embriaguez das conquistas, á fascinação e á dilatação do imperio por mundos tão desconhecidos para elles, como eram para nós os ultramarinos.

## II

São exactamente, em geral, as nações pequenas, construidas como Portugal em hostilidade com as condições naturaes de formação e expansão politica, aquellas que mais acceso mostram o patriotismo, nervo intimo da sua existencia e penhor da sua duração. A' irmandade nascida de um sangue commum, ou de interesses identicos determinados pela geographia, substituem taes povos a irmandade fundada no sentimento quasi religioso de amor por uma abstracção, synthese das vontades communs que os romanos denominaram Patria.

A Patria não é o chão onde nascemos, porque o romano, inventando a ficção juridica, alargou o principio da adopção da familia á sociedade, e o estrangeiro era tão romano como aquelle que nasceu em Roma. Pois não é toda a Italia uma Roma, desde que o *fôro romano* se estendeu a toda a penin-

sula? Pois não é toda a Europa, o mundo inteiro, uma Roma, depois de Caracalla ter generalizado (212) esse fôro ao imperio? Que melhores e mais genuinos romanos ha na Europa, do que esses hespanhoes cuja falla já Cicero sómente achava *pingue quippe atque peregrinum*, de sabor forte e um tanto estrangeirado?

Este processo de assimilação, ou adopção politica, praticado em Roma, e origem da extraordinaria expansão do seu imperio, é o que se observa, em menores proporções sim, e de outra forma, mas essencialmente identico, em Portugal. O principe que tornou de facto independente o condado portuguez, permittindo a seu filho a fundação do reino (se porventura esse reino não existia já quando D. Thereza se chamava a si propria *regina* de Portugal): esse principe era francez ou burgundio. Com elle vieram para a sua côrte e para os seus exercitos numerosos aventureiros de além dos Pyreneus. O primeiro rei portuguez, para effectuar a conquista de Lisboa, e os successores para ganharem aos mouros o sul do reino, assoldadaram repetidamente o serviço dos Cruzados; e os foraes registram a impotencia das doações feitas principalmente aos frankos, de que o nome se conserva ainda em mais de uma villa portugueza. E todos esses elementos estrangeiros que cooperavam para a defeza e sustentação do baluarte portuguez foram assimilados ou aportuguezados por completo, embora a genealogia e a onomastica provem hoje ainda a verdade da historia.

Na crise de 1383 Portugal apparece outro. Fundidos e assimilados, os elementos constitutivos da nação tinham adquirido já o poder de organização bastante para ganhar uma consciencia; e é por isso



que o movimento fundador da segunda dynastia se nos apresenta como um acto popular ou colectivo, uma expressão positiva de vontade nacional, emquanto as agitações anteriores não passavam de actos pessoais ou de classe, revoltas de individuos, insurreições de cidades, luctas com o clero, ou protestos da nobreza. Vontade e pensamento que enfeixasse todas as forças e todas as vibrações do povo, de um modo summario e synthetico, não havia, antes de 1383, senão nos actos dos principes que obedeciam aos impulsos da propria ambição. Inconsciente, essa ambição continha o pensamento nacional que, desabrochando no fim do seculo XIV, daria alma, vontade e força a um povo inteiro para vencer em Aljubarrota, repellido o dominio de Castilla.

Desde então Portugal existiu como pensamento e como vontade. Viu-se uma alma animar este ser colectivo que se chamou a nação portugueza. Mas n'esse proprio momento se viu tambem dar-se uma outra invasão e começar outro periodo assimilador. E' do tempo de D. João I, que casou com uma princeza ingleza, a introdução dos elementos saxonios e das idéas cavalheirescas; e a importancia d'esta nova assimilação vê-se nas chronicas e nos nomes pessoais novos, em muitos casos, porém, com effeito, adoptados por imitação dos heroes da Tavola-redonda.

Na era gloriosa que se abre a Portugal com a dynastia de Aviz, idade da nossa grandeza, periodo aureo da nossa força e gloria, não ha patria mais aberta, nem sociedade mais cosmopolita do que esta. Quando o infante D. Henrique institue a escola de Sagres, ninho d'onde partem, no seu vôo atravez dos mares, as armadas portuguezas, as

praias d'esse promontorio que outra vez merece o nome de sagrado, porque outra vez é sacrario da nossa alma celtica, abrem-se a todas as nações, e de toda a parte accorrem ahi os geographos e os mareantes. Outra camada de gente estranha se nacionalisava embarcando, e voltava das regiões ultramarinas convertida á fé portugueza, e tão lusitana de alma como aquelles a que o tempo dava já fóros de lusitanos pelo sangue.

E' que o fôro portuguez, á semilhança do romano, não era o attestado de uma ascendencia consanguinea, mas sim o baptismo em uma fé que não distinguia nacionalidades, nem origens naturaes de raça, ou de região. Portuguez era todo aquelle que ardia na chamma crepitante do enthusiasmo descobridor, propagandista. Ha portuguez mais portuguez do que S. Francisco Xavier, esse Albuquerque da Cruz? Todavia nasceu na Navarra; do mesmo modo que Colombo foi hespanhol, apesar de nascido em Genova. Tambem a Hespanha, apesar da consistencia geographica e ethnogenica da sua nacionalidade, apresentava n'esse momento de enthusiasmo o character cosmopolita; mas isso que n'ella era fortuito, foi em nós constitucional e organico.

Tão permanente, tão intimo, tão constante apparece em Portugal, como em Roma, consideradas as differenças dos tempos. Porque, para o romano, o seu fôro era uma lei secca, feita só de direito, inspirada apenas pelo civismo; ao passo que para o portuguez, homem moderno que atravessára as formalhas esbrazeadas da trãscendencia medieval, o seu fôro, se era uma lei e um patriotismo civico, era tambem uma fé, em que, sob uma inspiração prophetica, as almas não distinguiam, nos vãos da sua ambição ideal, entre a Patria e o Céu.

No momento culminante do enthusiasmo heroico portuguez, na efflorescencia plena da força nacional, durante a época de D. João III, quando se pensa em restaurar os estudos, não se encontra escola nem tradição indigena sobre que construir; e o quadro da nova Universidade abre-se, como se abrisse a escola de Sagres, a professores de toda a parte, que vêem classicamente educar esta nação sempre cosmopolita. O genio portuguez abraça com orgulho e consciencia a tradição classica, e, coroado por Camões, proclama o patriotismo ideal, ou *romano*, como a chave da abobada levantada, segundo se vê nos *Lusiadas*, com os segmentos verdadeiramente historicos. O classicismo não cáe como uma mortalha sobre a espontaneidade nacional defunta: pelo contrario, põe-se como remate natural ao desenvolvimento da consciencia de um povo formado pela vontade estoica.

Significará tudo isto que ás nacionalidades, isto é, áquellas nações construidas natural e espontaneamente, como a planta que sáe da semente, ou o fructo que sáe da flôr, seja desconhecido e impossivel o patriotismo? Não, até certo ponto. Mas esse sentimento ideal, que é mister não confundir jámais com o amor naturalista da terra e do sangue; esse sentimento cuja definição póde dar-se n'uma nacionalidade, não é todavia constitucional da existencia d'ella, como o é das nações que só vivem por um acto de fé e de vontade.

O amor da patria e o amor da terra são tão diversos como a natureza o é da idéa que a espiritualisa. A patria é uma abstracção moral, adorada com a piedade que nos inspiram os deuses; a terra é um facto natural, amado com a paixão que nos inspiram as creaturas. Todos os italianos dos nossos

tempos, fossem austriacos, hespanhoes, ou francezes de nação; todos os allemães, fossem dinamarquezes, russos, francezes ou hollandezes, amavam a sua *terra*, como o camponez ama a aldeia onde tem a família; como o provinciano ama a provincia onde tem a *gens*; como o portuguez ama o torrão que fica entre o Minho e o Guadiana. Mas não deve nem ha de confundir-se este sentimento natural com o orgulho ideal pela grandeza, pela missão, pelo caracter, pelo destino da patria: orgulho que ainda tinham os romanos da éra de Augusto e já desapparecêra no Baixo-Imperio; orgulho que nós ainda tivemos no seculo XVI, e que posteriormente perdemos; orgulho que tanto se sente em Virgilio como em Camões, e tão pouco em Suetonio como nos escriptores criticos de hoje, salvo quando os inspira um patriotismo retrospectivo, como o de Plutarcho.

Mas o orgulho patriotico de Camões é ainda mais apaixonado e quente do que o de Virgilio: nem admira, pois todas as comparações que se fizerem entre a época de Augusto e a da Renascença hão de encontrar sempre n'esta, de mistura com o idealismo antigo, o quer que é mais penetrante e vivo, mais animado, mais vehemente. Na Renascença, as idéas são vividas com intensidade, por isso mesmo que acima das idéas a imaginação põe uma fé transcendente; ao passo que na edade de Augusto até os espiritos piedosos como Virgilio eram constitucionalmente scepticos.

A fé, essa alavanca de montanhas, é a chamma que illumina e aquece almas como as de Camões, e, ao mesmo tempo que vivifica as abstracções duras da razão, introduz nos sentimentos naturaes, ainda os mais obscuros, uma unção que os ennobrece. E' esse balsamo piedoso que nos *Lusiadas*

penetra e illumina o amor do torrão portuguez, vi-  
vissimo em Camões. A volta a casa é uma alegria  
que inunda o coração:

O prazer de chegar á patria cara  
A seus penates caros e parentes,  
Pera contar a peregrina e rara  
Navegaçam, os varios ceos e gentes,  
Vir a lograr o premio que ganhara  
Por tão longos trabalhos e accidentes,  
Cada hum tem por gosto tam perfeito  
Que o coração para elle he vaso estreito. <sup>1</sup>

E a terra, quando se avista do largo mar, sau-  
dada pelo grito dos marinheiros nas amuras dos  
castellos á prôa, é essa encantadora paisagem do  
Tejo, nobre, grandiosa e meiga a um tempo, que  
pouco a pouco fôra passando em frente dos olhos  
para encher a alma de alegrias doces, nos melancolicos  
momentos da partida:

Ja a vista pouco e pouco se desterra  
Daquelles patrios montes, que ficavão ;  
Ficava o charo Tejo e a fresca serra  
De Sintra, e nella os olhos se alongavão ;  
Ficava-nos tambem na amada terra  
O coração, que as magoas la deyxavão ;  
E ja, depois que toda se escondeo,  
Não vimos mais em fim que mar e ceo. <sup>2</sup>

No fundo do golpho, aninhada como uma perola,  
está Lisboa, a cidade de Ulysses, revendo-se nas  
aguas crystallinas do Tejo, vestida de branco, com a  
sua casaria encimada pelas torres e coruchéos das  
egrejas, cingida de verde pelas suas collinas viço-

<sup>1</sup> C. v, 3. — <sup>2</sup> C. ix, 17.

sas. Lisboa é saudada por Camões n'estas palavras:

E tu, nobre Lisboa, que no Mundo  
Facilmente das outras es princesa,  
Que edificada foste do facundo,  
Por cujo engano foy Dardania acesa;  
Tu, a quem obedece o Mar profundo,  
Obedeceste á força Portuguesa... <sup>1</sup>

quando conta como Affonso Henriques a conquistou.

O primeiro momento, o momento naturalista de definição do patriotismo, encontramol-o pois em Camões expresso de um modo vivo e quente; mas o que arrebatava a sua alma e incendeia o seu estro, é o patriotismo ideal e abstracto, a religião nova que lhe dirige a penna:

... Eu canto o peito illustre luzitano  
A quem Neptuno e Marte obedeceram:  
Cesse tudo o que a musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta. <sup>2</sup>

Essa gloria, essa fama, essa nobreza, que distingue o peito lusitano, é o que leva os portuguezes a consummarem a façanha epica e lhes dá a physionomia serena dos heroes:

Vereis amor da patria não movido  
De premio vil, mas alto e quasi eterno;  
Que nam he premio vil ser conhecido  
Por hum pregão do ninho meu paterno.  
Ouvi: vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem sois senhor superno,  
E julgareis qual he mais excelente  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente. <sup>3</sup>

<sup>1</sup> C. III, 42. — <sup>2</sup> C. I, 5. — <sup>3</sup> 10.

Tal é a patria ideal de Camões, que se distingue da outra como uma flôr se distingue de um astro :

Esta he a ditosa patria minha amada,  
A' qual se o Ceo me da que eu sem perigo  
Torne com esta empresa ja acabada,  
Acabe-se esta luz ali comigo. <sup>1</sup>

E essa patria existe debaixo de todos os meridianos, em todas as latitudes e partes do mundo, tanto na Europa, como na Africa e na Asia, como na America e nos confins remotos do mundo perdido para além das Molucas. Essa patria está onde estiver um peito portuguez : está em terra e está nos mares fluctuante á sombra da bandeira das quinas, dentro das naus que de azas abertas a levam de um extremo a outro do mundo.

Tanta é a differença que distingue o amor patrio natural da abstracção ideal sobre que os portuguezes construíram o templo sagrado do seu imperio. Dos laços de cohesão capazes de agremiar os homens, dando-lhes uma vontade collectiva, o mais alto e sublime que até hoje a historia descobre é este, por ser o que realisa de um modo mais completo essa liberdade para que nós aspiramos, como as aves quando tentam as azas nos ensaios do vôo á borda dos ninhos.

Todos os amores que florescem enraizados na terra teem o travo proprio das cousas que vêem do solo : um egoismo exclusivo inherente á sua affirmacção. Esta aldeia, esta provincia, este povo, teem a sua excellencia que provoca o nosso amor, fundada em quê? Na superioridade supposta ou

<sup>1</sup> C. III, 21.

verdadeira, sobre todos os outros. O sentimento d'essa superioridade sanciona o egoismo, que é sem duvida uma expressão rudimentar da liberdade. Por isso, na serie historica dos momentos de agregação social, os periodos apparecem tanto mais comprehensivos e nítidos e os pensamentos tanto mais emergem d'esse egoismo primitivo ou inicial, quanto mais a sociedade caminha pela abstracção no sentido de supprimir os exclusivismos locais, generalizando o amor natural a uma região ou a um sangue, fundando o amor patrio na geographia ou na communitade de ascendencia.

Esta idéa que, debaixo do nome moderno de nacionalidade, teve um papel tão predominante no nosso tempo, reconstruindo o mappa da Europa, não é, porém, mais do que a generalisação amplificada do instincto naturalista primitivo, e não contém em si maior somma de liberdade do que elle. A differença é apenas arithmetica. Hoje, vêmos povos que contam milhões de homens, movidos pelo egoismo, animados pela crença na propria superioridade, separados pelo sangue e pela lingua, oppõem-se entre si, ferozmente hostis; da mesma fórma que vimos, alongando os olhos para o passado, as luctas antigas dos clans e *gentes*, nas suas cidades em opposição organica, ou as guerras posteriores das regiões ou provincias, quaes se deram na França ou em Hespanha, e que em ambos esses paizes foram resolvidas no seio de monarchias inspiradas pelo racionalismo cesarista romano.

A força que provém do gremio encerrado pelo sangue nos limites da ascendencia commum, é resistente como talvez nenhuma outra; mas ninguem dirá que seja a mais alta expressão civilisada, se por civilisação entendemos, como entendemos de-



certo, o progresso no sentido da liberdade que, dando azas ao pensamento, lhe permite elevar-se nos céos, independente de todas as escravidões naturaes, de todas as ficções que nos encadeiam como grilhetas da fatalidade cega.

Outra, maior, mais abstracta e por isso mais elevada e mais livre, é a idéa que funda a patria, á maneira romana e portugueza, na nobreza de alma de um povo e na fortaleza do seu peito, rasgando-o de par em par, para deixar entrar n'elle quem quer que se sinta incendiado na mesma fé, votado á mesma missão, sem olhar ao sangue de que descende, nem á terra d'onde procede. Só n'esse instante em que o amor primitivo se transforma na paixão ideal a que se chamou patriotismo: só então é que desaparece o egoismo particularista local ou nacional, e que um povo movido pela abnegação attinge o heroismo de que nós demos um exemplo lançando-nos á descoberta, embora a isso nos impellisse a fatalidade geographica e o instincto ethnico; aventurando-nos á conquista, embora a ella nos levasse tambem a ambição e a cobiça; votando-nos á propagação da fé christan que tinhamos como revelação da verdade absoluta, embora n'essa propria crença mostrassemos quanto é impraticavel ao espirito humano alliar o heroismo com a lucidez do pensamento, pairando olympicamente livre no ether puro que domina o mundo.

### III

A conquista arabe consummou na Hespanha, conforme já dissemos, a ruina da sociedade antiga,

e a reconquista é o berço de onde saem as nações modernas da Peninsula. O fóco de resistencia conservado nas Asturias, durante os proprios dias da plena expansão do imperio islamita, é como o iman que attrae tudo quanto na Hespanha christian se revolta contra o dominio dos agarenos. A conquista, submettendo os restos deprimidos da sociedade antiga, fórça os elementos ainda robustos a avigorarem-se n'uma vida rude de combates quasi barbaros. O cultismo desaparece d'essa côrte asturo-leoneza, que a guerra, o isolamento no meio de um paiz inimigo, e a universal ruina do mundo antigo, fazem regressar aos typos archaicos da vida simples e energica dos tempos heroicos. Foragidos nas serras, forçados a uma vida permanente de combates, e a trocar os palacios requintadamente opulentos de que a lembrança se vae adelgaçando no tempo á medida que as gerações se succedem, pelas grutas asperrimas do monte e pelas picadas das brenhas serranas, os descendentes dos companheiros de Pelagio parecem-se tanto com os de Merowig, como os godos de Toledo se pareciam com os Cesares da decadencia. A ruina da civilização determinava o regresso aos instinctos primitivos.

Mas, parallelamente, no proprio seio da sociedade arabisada com maior ou menor intensidade, a conservação das instituições municipaes da Antiguidade, defendidas pelo clero que a tolerancia dos conquistadores protege, é outro fóco de resistencia embora passiva. No decorrer dos tempos, com a gradual constituição das sociedades neo-godas, os municipios serão o ponto de apoio do cesarismo monarchico e o elemento mais vigoroso de restauração das idéas antigas, nunca esquecidas de todo.

O povo, que os arabes, em vez de exterminarem, protegeram com a sua indifferença desdenhosa, encontrou-se reunido nos municipios e entregue a si, quando posteriormente a intolerancia almoravide baniu esse clero que se substituiu aos agentes da administração romana. Então, o municipio antigo, que era uma instituição administrativa e social, ganhou fóros de communa, tornando-se em molecula politica. Com as suas tradições, com os seus usos e costumes, o povo lavrou os codigos d'essas pequenas republicas nas cartas dos seus foraes, *fueros* ou fóros — de *forum* ou direito. O direito barbarisa-se tambem, descendo a ser a expressão simples do uso.

A barbarisação da sociedade aristocratica e a transformação parallela do municipio em communa, agremiando a sociedade popular, são os dous factos basilares, determinados pela conquista arabe, e sobre que assenta a construcção da Hespanha moderna.

E d'estes factos provém a singularidade da historia peninsular no systema das historias das nações modernas da Europa. Como regra, póde dizer-se que por toda a parte se observa o estabelecimento de tribus vencedoras sobre as populações romanisadas. A tentativa de restauração imperial que produz Carlos-Magno mallogra-se, e os estados, pulverisando-se, entram n'esse molde proprio da sociedade aristocratica: o feudalismo. Tal é o ponto de partida da historia moderna da França, da Inglaterra, da Italia do norte, de todo o mundo latino, emfim, salvo a Hespanha, onde os wisigodos tinham conseguido manter de pé o systema da sociedade antiga.

Os seus destruidores foram, na Hespanha, os ara-

bes, que n'este ponto de vista unicamente estão nas condições dos burgundios e dos frankos, dos saxões e dos lombardos de além dos Pyrenéos. Mas, ao passo que estes povos conseguiram firmar o seu dominio sobre as regiões invadidas e consolidar-se formando as nações modernas, na Hespanha os arabes são repellidos, e essas nações formam-se com os elementos victoriosos na campanha da reconquista, isto é, com a aristocracia militar já n'essas edades remotas servida pela peonagem dos concelhos, que que é o rudimento da futura infantaria hespanhola, com que se ganhará Aljubarrota e mais tarde Carlos v conquistará a Europa.

Ha, pois, dous elementos em campo. Não ha apenas a aristocracia dominadora, como nos paizes feudaes de além do Pyrenéo: ha dous elementos, e por isso, desde todo o principio, a Hespanha moderna apresenta esse aspecto democratico, a que o caracter individual dos seus habitantes dá uma affirmação indestructivel. Faltaria, portanto, o termo synthetico a este dualismo, e seria consequentemente impossivel a restauração da independencia, se a tradição antiga não estivesse transformando a espada dos chefes militares n'um sceptro, e o elmo em corôa, deitando-lhes sobre os hombros victoriosos o manto dos cesares romanos.

Por isso, os reis são na Hespanha cesares e o seu poder se define de um modo superior e philosophico, em tempos, durante os quaes, para além dos Pyrenéos, a sociedade é ainda completamente aristocratica. Só mais tarde, quando a evolução organica dos elementos sociaes, traz as nações a um periodo correspondente: só no seculo xvii, póde dizer-se que a França chega ao momento em que a Hespanha se achou logo ao sair da reconquista,

isto é, no seculo XIV ou no seculo XIII. Os reis dos estados peninsulares são verdadeiramente soberanos; e esta precedencia é o motivo capital da hegemonia da Hespanha na Europa durante a Renascença.

Portugal apparece no meio do tumulto das guerras de reconquista, e a sua historia particular é porventura o exemplo mais caracteristico e typico d'este movimento determinado em geral para todos os estados peninsulares. Se, no conde D. Henrique e em seu filho, a physionomia guerreira predomina; e se os municipios burguezes exigem que o rei, confirmando-lhes as cartas dos seus usos, dê um attestado da sua dependencia; se, portanto, o dualismo social apparece profundamente accentuado ainda: Sancho I é já verdadeiramente um cesar ou um soberano, que, estabelecendo a sua força de um modo sobranceiro ao dualismo constitucional, coalha o territorio portuguez de instituições municipaes, promove o desenvolvimento da povoação e da riqueza, rege o reino como cousa propriamente sua, deixando ao filho o encargo de cortar pela raiz os rebentos da vegetação feudal, impedindo o desenvolvimento absorvente da sociedade aristocratica.

Taes factos, porém, apesar de serem precursores da nossa fama, não nos davam ainda celebridade no gremio das nações. Portugal

..... no mundo  
Então não era illustre nem prezado. <sup>1</sup>

O condado portucalense, senhorio do monarcha

<sup>1</sup> Lus., c. III, 23.

leonez, quasi imperador da Hespanha e que chegou a tomar para si esse titulo, proclama-se independente em obediencia ao movimento de fragmentação politica geral a toda a Europa, depois do mallogro da tentativa imperial de Carlos Magno. A' maneira dos estados da Europa central e da propria Peninsula no seculo XII, estados englobados hoje em nações maiores ou menores, Portugal devia a sua existencia particular a esse movimento, com que o mundo latino mostrava a verdade do aphorismo chimico *corpora non agunt nisi soluta*, applicado ás sociedades. Não correspondendo a nenhuma circumscripção politica anterior, não representando grupo nem raça alguma, não coincidindo com demarcações naturaes de territorio, Portugal nunca teve fronteiras terminantemente definidas: da antiga divisão da Hespanha abrangia parte da Gallicia e parte da Lusitania; e se o nucleo ethnico do condado, cuja capital estava em Guimarães, era gallego, a expansão sobre o sul em breve deslocou a capital para Lisboa, desequilibrando o principio de unidade ethnica.

A's causas iniciaes, portanto, que filiam o apparcimento de Portugal n'um acto de vontade principesca, vem o tempo juntar novos motivos para caracterisar do mesmo modo a existencia posterior da nação. Conquistando o sul aos mouros, perde a feição que, de outra fórma, provavelmente teria ganho, de autonomia da nacionalidade gallega; e perde-a, porque a ponderação das raças do sul do Mondego é decisiva; porque a despovoação das regiões do Tejo e de além d'elle exige um ingresso de estrangeiros que principiam a dar a Portugal um character cosmopolita; e porque, finalmente, a localisação á beira do Oceano, com Lisboa por capital,

vota necessariamente a nação aos destinos marítimos.

No seculo xvi, já as causas efficientes do movimento de desagregação politica posterior a Carlos Magno na Europa transpyrenaica, e aos arabes na Hespanha, estavam dissipadas; e já o agrupamento das nacionalidades estava adiantado, embora só viesse a consummar-se no seculo xix. Dos pedaços retalhados do manto de Carlos Magno tinha-se formado completamente a França dos gaulezes, incompletamente a Allemanha; e a Italia, se de facto era o pomo de discordia d'esses dous povos, cada-  
ver decapitado do velho imperio dissolvido, vivia já como nação moderna no espirito de todos os seus grandes homens com Machiavel á frente. Os saxões nas suas ilhas tinham conquistado a unidade, e os hespanhoes, sob Fernando e Isabel, appareciam tambem unidos, com a excepção singular de Portugal. Porque foi que este pequeno povo resistiu á attracção?

A Hespanha representa sobre o mappa uma figura quasi quadrangular: duas das suas faces banha-as o Mediterraneo, duas o Atlantico. As primeiras são as de sul e de leste, as segundas as do norte e de oeste: ao longo d'esta ultima faixa, estendido sobre a praia, é que assentou Portugal. Uma tal situação geographica impunha desde logo a um povo, como condição de independencia, o caracter maritimo; e maritimo, não á maneira da Grecia, em que o mar, insinuando-se por entre as ilhas, bahias, golphos e canaes, produz a cabotagem: mas sim maritimo de um modo largamente aventureoso, maritimo da grande navegação, porque a vastidão immensa do Oceano desenrolava-se, tentadora e enigmatica, deante da estreita faixa de terra em que

os portuguezes se achavam comprimidos pela Hespanha.

Esta circumstancia que em todo o caso teria feito dos hespanhoes occidentaes, ainda quando se não chamassem portuguezes, os descobridores do seculo XVI, veio, porém, substituir para a nossa autonomia nacional o motivo que primeiro estivera na idéa particularista e separatista da Galliza, sobre a qual os Affonsos procuraram assentar a hegemonia, quando a expansão austral do reino e o seu destino marítimo se não tinham definido ainda de um modo absoluto. Consummado este destino durante a segunda dynastia, a nação portugueza, elaborada como pensamento na consciencia dos seus homens, affirmava-se como acto na politica ultramarina. N'um sentido deixava de ser hespanhola, porque o seu pensamento era *romano* ou cosmopolita; e por outro lado a terra que tinha na Hespanha, sacrificada ao imperio alongado pelos mares, não era mais do que a *caput* ou capitolio de um povo, cujo dominio abrangia o mundo, e cujo pensamento abstracto dominava a esphera natural das cousas.

O momento culminante, como revelação, é quando D. João I crava o pendão das quinas nas muralhas de Ceuta — essa Carthago portugueza! O mouro foi para nós como o punico para o romano. As guerras da Barberia são tambem as nossas guerras d'Africa, e Nunalvares o Scipião da nova Roma. Depois de Zama, depois de Ceuta, o portuguez e o romano, com a consciencia completa da sua missão, attingem a plenitude do genio e do imperio e encontram, ainda paralelamente, um Virgilio e um Camões para cantar a magestade do povo e a grandeza da idéa, quando ambos, percorrido o cyclo da existencia, vão declinando para o occaso,



afogados na sombra crepuscular da tristeza fatal das cousas, essa irremediavel lei da morte inherente a tudo.

Desde que Portugal venceu a crise de 1383, impondo o seu querer opposto aos elementos naturaes da historia; desde que as guerras do tempo de D. Fernando, tiveram Aljubarrota como epilogo, e Ceuta por inicio de uma era nova, o periodo antigo da tendencia absorvente da Hespanha concluia, porque deixavamos de girar na orbita do systema politico peninsular. O caracter proprio da nação portugueza estava definido.

Esse caracter, reproduzindo o romano, e semelhante ao de Tyro e Carthago, de que Roma tambem herdára a navegação e o commercio maritimo, define-se como um imperio, dominador de povos estranhos. Principiando por avassallar Marrocos, descendo pela Africa inhospita e quasi selvagem, quando chegámos á India, fizemos o que os romanos fizeram no Oriente europeu. Se D. Francisco d'Almeida se satisfazia com o plano phenicio ou carthaginez da occupação dos pontos estrategicos littoraes e com o dominio nos mares, Affonso d'Albuquerque, o homem que encarnou a energia e o pensamento portuguez, tinha o plano romano da positiva constituição de *provincias*, subjugando os indigenas com o terror, sim, mas tambem com a assimilação protectora.

Portugal, porém, cujo instincto descobridor e cujo tacto colonizador ficaram demonstrados nas ilhas Atlanticas e no Brazil, provou não ter no seu temperamento recursos para exercer cabalmente o imperio, a que o levava a deducção logica da sua historia e o pensamento claro dos seus homens. A missão e o officio do romano, *regere populos*, parece

que não se coadunavam com o temperamento ingenuo do portuguez, em que a curiosidade celtica, o illuminismo semita e a cobiça carthagineza, abafaram a efflorescencia ideal da abstracção politica. O imperio nunca passou de um esboço. O plano nunca chegou a ter execução firme. Em via de construcção ainda, principiou logo a derrocar-se. Descobriu-se a India em 1498 e já no tempo de Camões, com menos de um seculo! em 1570, era uma Baby-lonia. Já no seu tempo as esperanças da patria se volviam de novo para Africa, desenganadas das illusões orientaes. O imperio esvaía-se nos fumos de que Albuquerque fallava.

Dissipados esses fumos, que se viu? A cruel miseria em que tudo se perdêra — até a propria independencia, que durante seis seculos fôra o trabalho por vezes quasi milagroso d'este pequeno Hercules occidental. E' por isto que os *Lusiadas*, escriptos em letras de ouro, sobre a candura de um marmore, são o epitaphio de Portugal e o Testamento de um povo. Como Israel, nos seus captiveiros successivos, o portuguez, abraçado á sua biblia e enlevado no sonho messianico do sebastianismo, amassado com lagrimas, balbuciará as estrophes de Camões sempre que vir apontar no céu uma aurora fugaz de renascimento, e sempre que contemple melancolicamente o crepusculo saudoso do seu passado perdido.

---

## INDICE

---

|   |   |
|---|---|
| PROLOGO . . . . .   | v |
| Cap. I — As EPOEIAS . . . . .   | 1 |
| I. A intuição symbolica, faculdade creadora da arte. A arte e o instincto. Artistas e heroes. Explosão da Renascença depois da phantasmagoria medieval. O homem moderno. Evolução do instincto artistico: sua constitucionalidade no espirito humano (1-7).   |   |
| O amor revelando a verdade natural. A poesia prophetica. Espiritualisação primitiva das forças naturaes: a Antiguidade pagan. Reacção da Edade-média. Novas fórmulas de arte: a pintura, a musica. Caracteres da Renascença. Synthese da sciencia e da arte, ou da philosophia e da piedade (7-17). |   |
| II. Preeminencia da poesia como arte. Successão das fórmulas artisticas: a esculptura, a pintura, a musica. Constancia da poesia. A arte contemporanea (17-23).   |   |
| A esperança e a fé, na Renascença, são a causa das epopeias. Caracteres da poesia epica. Filiação dos povos europeus. Logar de Portugal. Caracteres da epopeia portugueza (23-33).  |   |
| III. A sensibilidade, estado particular do poeta. Infelicidade constitucional dos poetas e dos heroes. A sensibilidade aferida em Camões pela sua concepção da mulher. Momentos successivos da definição: Venus, a rainha Maria e Ignez de Castro; a amante, a esposa, e a martyr (34-46).          |   |
| Meiguice e caridade portugueza, em Camões. Melancolia e Terror. Transfiguração da natureza. Elementos   |   |

naturalistas e tradicionaes da poesia camoneana. Sua espiritalisação pela verdade patriótica. Primeiro relance sobre o heroismo portuguez (46-56).

Cap. II — LUIZ DE CAMÕES . . . . . 57

I. (1524-1553). Filiação. Reforma da Universidade: educação de Camões. Vinda para a côrte: a mocidade e as aventuras (57-65).

Um amor. O degredo em Constancia: primeira revelação poetica. Parallelismo da ambição epica, no poeta e em Portugal. — Volta a Lisboa: segundo degredo para Ceuta: iniciação. Regresso á côrte: decisão da viagem á India (65-73).

II. (1553-1570). A partida, a viagem. Primeira impressão da India. Expedição de Cochim. Expedição da Arabia. Desolação do seu espirito: saudades da patria. Estada em Goa: revelação da satyra (73-84).

Viagem ao Extremo-Oriente. Os portuguezes na China. A thebaida de Macau. Composição dos *Lusiadas*. Sentimentos dominantes: amor e condemnação do mundo. Volta de Macau: naufragio na Indo-China. Definição cabal do pensamento nihilista: apothese da morte (84-94).

Volta a Goa. Expedição de Damão. Vida na côrte. Viagem a Calecut. Viagem a Malaca e porventura ao Japão e ás Molucas. Saudades da patria. Partida para Moçambique. Remate dos *Lusiadas*: o messianismo. Viagem para o reino (94-105).

III. (1570-1580). Lisboa á chegada de Camões: a peste-grande. Camões, D. Sebastião e a empreza d'África. Crise do fim do seculo xvi. Partida da expedição de 1578. A *Sebastianeida*. Impressão do desastre de Alcacerquibir em Lisboa. Desespero: synthese da biographia de Camões; oração á Morte (105-115).

Camões, symbolo nacional. Os *Lusiadas* e o sebastianismo. A alma e a vida do poeta, syntheses portuguezas (115-119).

Cap. III — A ÉPOCA DAS CONQUISTAS . . . . . 120

I. Definição do heroismo nos povos. Distincção entre os temperamentos subjectivos e objectivos, nos povos do norte e do meio-dia da Europa. Momento em que appareceu Camões. Caracteres do heroismo portuguez: a falta de disciplina, o illimitado da ambição. Approximação dos povos heroicos e dos povos egoistas (120-128).

